

John Dunning

A PROMESSA
DO LIVREIRO



COMPANHIA DAS LETRAS

John Dunning

A PROMESSA DO LIVREIRO

Tradução

ÁLVARO HATTNER



Companhia das Letras
Título original:
The bookman's promise: a Cliff Janeway novel

Projeto gráfico da capa
João Baptista da Costa Aguiar

Foto da capa
Bel Pedrosa

Preparação
Vanessa Barbara

Revisão
Ana Maria Barbosa
Isabel Jorge Cury

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)
Dunning, John
A promessa do livreiro / John Dunning; tradução Álvaro Hattner. – São Paulo : Companhia das Letras, 2005.
Título original: *The bookman's promise*
ISBN 85-359-0764-5
1. Ficção policial e de mistério (Literatura norte-americana) 2. Romance norte-americano I Título
2005

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ LTDA.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 – São Paulo – Sp
Telefone: (11) 3707-3500
Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

Contracapa

John Dunning ganhou o prêmio Nero Wolfe de literatura policial com o romance *Edições perigosas*, primeira aventura do detetive Cliff Janeway. *Impressões e provas*, o segundo da série, foi considerado um dos melhores livros de 1995 pelo *New York Times*. Dunning nasceu em Nova York em 1942, cresceu na Carolina do Sul e hoje vive em Denver, Colorado.

É especialista em livros raros e possui uma livraria virtual chamada Old Algonquin Books.

O detetive Cliff Janeway deixou a polícia e entrou para o ramo de livros raros com a ideia de levar uma vida pacata. E uma vida pacata, para ele, não envolvia chateações como enfrentar assassinos, sobreviver a um incêndio criminoso e ser carinhosamente enfiado em um saco de batatas, coisas que aconteceram depois que uma certa velhinha entrou na livraria com um volume de capa roxa e letras vermelhas.

Josephine Gallant, uma senhora de noventa anos de idade, pediu a Janeway que recuperasse o restante de uma valiosa coleção de livros de Richard Burton que havia pertencido ao avô dela, amigo íntimo do explorador inglês. Os livros tinham sumido há mais de oitenta anos. Como dizer não a uma senhora cega que costuma cochilar de repente?

A investigação leva Janeway a dois livreiros vigaristas, a uma grande surra em Baltimore e à cidade de Charleston, onde ele se depara com um mistério ainda maior, que pode mudar a história americana.

JOHN DUNNING

A PROMESSA DO LIVREIRO

Tradução: ÁLVARO HATTNER

*Para Pat McGuire,
pela velha amizade, ideias oportunas
e outras razões misteriosas*

O homem disse: “Bem-vindo ao nosso programa, Sr. Janeway”, e foi assim que tudo começou.

Estávamos sentados num estúdio em Boston diante de toda a audiência invisível da Rádio Pública Nacional. O bom senso me dizia que eu não deveria estar lá, e minhas primeiras palavras ao microfone, “Só não me chame de especialista em nada”, estipulavam as circunstâncias sob as quais eu me tornara um convidado muito pouco promissor.

Dizer aquilo ao microfone tivera um efeito tranquilizador para mim, mas o riso bem-educado do homem mais uma vez me deixou desprotegido em ambos os flancos. A risada sugeria que não só eu era um especialista como também era modesto. Suas primeiras observações aprofundaram meu desconforto.

“Esta noite vamos nos afastar um pouco de nossa conversa habitual sobre os lançamentos de livros. Como muitos de vocês sabem, nosso convidado de hoje seria Allen Gleason, autor do surpreendente best-seller *Roses for Adessa*. Infelizmente, o Sr. Gleason sofreu um ataque cardíaco na semana passada em Nova York, e eu sei que todos vocês se unem a mim nos votos de rápida recuperação.

“Diante dessa ausência, temos a sorte de receber o Sr. Cliff Janeway, que veio a Boston esta semana para comprar um livro muito especial. E devo acrescentar que, apesar de ter sido agendado um tanto de improviso, este é um programa que eu queria fazer há muito tempo. Tão fascinante quanto o mundo dos livros novos, o mundo de obras mais antigas, de valiosas primeiras edições e de tesouros que se esgotaram recentemente encanta cada vez mais muitos de nossos ouvintes. Sr. Janeway, gostaria de saber se o senhor pode responder a uma pergunta básica antes de mergulharmos mais fundo nesse mundo. O que torna um livro valioso?”

Foi assim que começou: com uma pergunta simples e inocente e algumas respostas rápidas. Conversamos um pouco sobre as coisas de que eu mais gostava, e o homem era tão bom que logo parecíamos dois velhos exploradores de livros sentados no chão, trocando impressões após uma

caçada. Falei de oferta e procura, de clássicos e gêneros, e de primeiras edições modernas: os motivos pelos quais algumas primeiras edições de Edgar Rice Burroughs valiam mais do que a maioria dos Mark Twain, e de como a caçada aos livros pode atingir certo grau de loucura. Conte-lhe sobre o mundo no qual eu vivia, e era fácil evitar o mundo de onde tinha vindo. Aquele era um programa sobre livros, não uma identificação policial, e eu era um livreiro que trabalhava com livros antigos, e não um policial.

“Pelo que sei, o senhor mora em Denver, Colorado.”

“Quando estou fugindo da polícia, é lá que me escondo.”

Mais uma vez o riso bem-educado. “O senhor disse que não é especialista, mas apareceu esta semana em um artigo sobre livros no Boston Globe.”

“Bem, aquele jornalista não tinha nada melhor para fazer. Ele é louco por livros, e o jornal estava num dia meio devagar de notícias.”

“Vocês se encontraram em um leilão, não é? Conte-nos como foi.”

“Eu vim aqui para comprar um livro. Começamos a conversar e quando dei por mim estava sendo entrevistado.”

“Que livro o senhor veio comprar?”

Pilgrimage to Medina and Mecca, de Richard Burton.” O explorador, não o ator.”

Rimos de nossa esperteza, e ele disse: O que há em relação a esse livro que o fez vir de Denver para comprá-lo? E pagando... “Quanto? Se não se importa que eu pergunte...”

Os preços nos leilões eram de conhecimento público, portanto não havia motivo para constrangimento. “Vinte e nove mil e quinhentos”, respondi, desistindo de qualquer modéstia que tivesse aparentado. Apenas um especialista paga tanto dinheiro por um livro. Ou um trouxa.

Eu poderia ter dito que provavelmente havia uma dúzia de livreiros nos Estados Unidos cujo conhecimento sobre Burton era muito maior do que o meu. Poderia ter confessado que estudei Burton intensamente durante dois meses, mas dois meses no ramo de livros ou em qualquer pesquisa acadêmica não quer dizer absolutamente nada. Eu devia ter explicado que comprara o livro com dinheiro índio, mas então teria que explicar o conceito, e o resto do tempo do programa seria usado para falar de mim.

Em vez disso, falei sobre Burton, mestre linguista, soldado, figura eminente de aventuras e cartas do século XIX. Fiquei de olho no relógio enquanto falava e apresentei-lhe a versão mais resumida possível da incrível

vida de Burton. Não podia sequer tocar nos pontos mais importantes, com o tempo que nos restava.

“O senhor trouxe o livro esta noite.”

Deixamos que os ouvintes usassem a imaginação enquanto eu desembulhava ruidosamente os três volumes na frente do microfone. Meu anfitrião saiu de seu lado da mesa e deu a volta para olhar, enquanto eu fornecia aos ouvintes uma rápida descrição dos livros, destacando a encadernação original em tecido azul com letras douradas brilhantes e o perfeito estado de conservação.

O homem disse: “Parecem quase novos”.

“É mesmo”, eu disse, enternecido.

“Além da excelente aparência, existe algo de especial neles, não é?”

Abri o primeiro volume e ele suspirou. “Aaah, está assinado pelo autor. O senhor poderia ler para nós?”

“Para Charles Warren, um grande companheiro e o melhor dos amigos. Nossos mundos estão muito distantes e talvez nunca mais nos vejamos novamente, mas tenho em alta estima o tempo em que estivemos juntos. Richard F. Burton.’ Está datado de 15 de janeiro de 1861.”

“Alguma ideia de quem foi esse tal de Warren?”

“Nenhuma. Ele não é mencionado nas biografias de Burton.”

“No entanto, o senhor há de concordar que é uma dedicatória que revela muita intimidade.”

Eu concordei, mas não era especialista. O homem disse: “Então, além de um livro muito valioso, também temos aqui um mistério”, e foi quando tudo começou. As origens remontam a uma outra época, em que Richard Burton encontrou seu maior admirador e então partiu em uma jornada secreta ao interior do agitado Sul dos Estados Unidos.

Por causa dessa viagem, um de meus amigos morreu. Uma senhora idosa encontrou a paz, um bom homem perdeu tudo e eu redescobri a mim mesmo em minha contínua jornada pelo atemporal e infinito mundo dos livros.

Livro um

DENVER

1

Se quisesse ser arbitrário, eu poderia dizer que começou em qualquer lugar. Aquele programa de rádio tirou tudo do passado nebuloso e trouxe para o presente, mas a história de Burton esteve lá o tempo todo, esperando que eu a encontrasse.

Eu a encontrei em 1987, no final do meu trigésimo sétimo ano de vida. Acabara de chegar de Seattle com uma enorme quantia em dinheiro do caso Grayson. Minha comissão de dez por cento chegara a quase cinquenta mil dólares, o equivalente ao lucro de toda uma carreira para a maioria dos livreiros — e, até agora, com certeza para mim. Tudo o que sabia naquele momento é que ia comprar um livro com aquele dinheiro. Não seria meio milhão de livros repletos de enormes cavidades cheias de bolor.

Nem um milhão de livros ruins ou mil livros bons, nem mesmo cem livros excelentes. Apenas um livro. Um livro fenomenal, fantástico, matador só para descobrir qual era a sensação de possuir um objeto desses.

Foi isso que pensei, mas havia mais. Eu queria mudar a direção da minha vida de livreiro. Estava farto de críticos e mercenários alardeando a genialidade de cada novo autor maravilhoso que tinha um único livro escrito. Eu estava pronto para menos badalação e mais tradição, e tão logo entrei no modo “busca e encontrarás”, encontrei Richard Burton.

Eu tinha ido a um jantar na zona leste de Denver, uma casa em Park Hill onde morava o juiz Leighton Huxley.

Lee e eu nos conhecíamos havia anos, cautelosamente no começo, depois em um nível mais caloroso de interesse mútuo até nos tornarmos amigos. A primeira vez que apareci em uma sessão presidida por ele foi em 1978, quando eu era um policial muito jovem testemunhando em um caso de assassinato absolutamente comum, e ele era relativamente novo nos tribunais de Denver. Aquele abismo de distância profissional entre nós era natural na época: Lee estava muito longe de meu pequeno círculo de colegas da polícia, e eu nunca teria me imaginado fazendo amizade com sua turma de ases do direito. A idade era um dos motivos, embora não tão importante. Eu estava perto dos trinta; Lee estava com quarenta e poucos, já grisalho nas têmporas e começando a parecer o distinto cidadão do mundo que eu nunca seria. Ele era, indiscutivelmente, um excelente juiz. Era muito justo e bastante seguro de suas decisões, que nunca foram reformadas.

Eu o vi apenas duas vezes nos primeiros anos depois de comparecer à sessão que ele presidia: uma vez na cantina do tribunal, quando nos cumprimentamos com um movimento de cabeça, indicando que lembrávamos um do outro, e um ano mais tarde, quando fui convidado para uma festa de Natal na casa de campo de um amigo comum. Naquela noite nós conversamos pela primeira vez fora das dependências do tribunal. “Fiquei sabendo que você é colecionador de livros”, ele disse com aquela profunda voz de barítono.

Confessei que sim e ele continuou: “Eu também: qualquer dia desses precisamos conversar sobre isso”. Mas nada aconteceu a partir daí pelas mesmas razões óbvias: eu ainda era um policial, sempre havia a possibilidade de eu me sentar no banco de testemunhas de uma das sessões dele, e ele preferia evitar potenciais conflitos de interesse antes que surgissem. Eu não dava muita importância àquilo: imaginei que falara comigo só para passar o tempo, que estava apenas sendo educado. Isso era certo em relação a Lee Huxley: tinha fama de ser muito educado, dentro e fora do tribunal.

Um ano depois ele foi nomeado para o Tribunal da Comarca, e foi nessa ocasião que, afastada da possibilidade de conflito profissional, nossa amizade teve seu início cauteloso e incerto. Um dia, recebi inesperadamente um telefonema de Miranda, a mulher dele, convidando-me, nas palavras dela, para “um jantarzinho informal com algumas pessoas que adoram livros”. Na verdade, havia uma dúzia de pessoas lá naquela primeira noite, e eu me sentei ao lado de Hope, a irmã mais jovem de Miranda, que viera de algum lugar na Costa Leste para visitá-la.

A casa, uma construção do fim do século XIX, de três andares e tijolos vermelhos, ficava perto da avenida 17 Leste, com lustres e madeira de lei envernizada por toda parte. Quando cheguei, todas as luzes estavam acesas, o som das risadas chegava até a rua e Miranda, com um vestido azul, era uma visão loura deslumbrante na porta de entrada. Ela não parecia ter mais de trinta, mas era elegante e interessante, não um mero rostinho bonito ao lado de Lee. Os amigos do juiz também eram muito corteses e refinados, e eu contive meus instintos naturais de rejeitar esnobismo e gostei de todos eles. Eram ricos colecionadores de livros, e eu ainda vivia do salário de policial, mas não houve um único sinal de condescendência da parte de qualquer um deles. Se vissem um livro de cinco mil dólares que queriam, eles simplesmente compravam o desgraçado e pagavam o preço, e o tipo de caçada a pechinchas que eu fazia era fascinante para eles, algo que nunca

teriam imaginado até que lhes contei os detalhes.

Miranda foi uma anfitriã excepcional. No dia seguinte, enquanto eu redigia um bilhete de agradecimento, recebi um telefonema dela agradecendo a minha presença. “Você realmente animou as coisas por aqui, Cliff”, disse ela. “Espero que nos encontremos mais vezes.”

E foi o que aconteceu. Na primeira noite não bisbilhotei muito, mas a biblioteca do juiz acabou sendo tudo o que eu esperava que fosse. Era uma sala ampla com prateleiras nas quatro paredes, cheias de livros maravilhosos, todas as grandes edições americanas em magníficas sobrecapas. Em um momento, Lee disse: “Tenho algumas outras coisas mais antigas lá embaixo”, mas passaram-se anos antes que eu as visse.



Desde o princípio houve algumas diferenças em relação aos jantares anteriores. Um dos motivos é que eu não era mais policial, e a maneira como saí do Departamento de Polícia de Denver poderia ter esfriado meu relacionamento com qualquer juiz. Eu havia arrebatado um bandido desumano, e a imprensa trouxe à tona meu passado distante, uma infância cheia de brigas de rua violentas e ligações com pessoas como Vince Marranzino, que mais tarde viria a se tornar um dos mafiosos mais temidos de Denver. Não importava que Vince e eu tivéssemos nos encontrado apenas uma vez em vinte anos; não importava que, apesar de ter passado por tudo o que passei, eu houvesse me tornado, se é que posso dizer isso, um excelente policial da Homicídios — se você teve algum tipo de problema no passado, ele sempre pode aparecer de novo para importuná-lo. Na ocasião, havia rumores de que Lee estava em uma lista reduzida de possíveis indicados para a Suprema Corte, e, embora fosse difícil imaginá-lo cooperando com Ronald Reagan, eu não tinha uma noção exata de sua postura política. Tudo o que sabia era: se ele tivesse uma chance, por menor que fosse, de sentar-se ao lado dos grandões, a última coisa que eu queria era atrapalhar. Eu estivera nas primeiras páginas durante quase uma semana, sempre associado a más notícias, mas se Lee estava preocupado com a própria imagem e as amizades que cultivava, nunca vi nenhuma demonstração disso. Ele me telefonou e quis saber minha versão do que havia acontecido, eu lhe contei a verdade e

ele a aceitou. “Não foi a melhor decisão que você já tomou, Cliff, mas isso também vai passar”, disse ele. “Tenho certeza de que agora você está ocupado mantendo os lobos afastados. Assim que as coisas se acalmarem, vamos nos encontrar.”

Mas então fui para Seattle, e passaram-se muitos meses até que os visse novamente. Voltei para casa com muito dinheiro, meu dinheiro índio; cacei livros pelo Meio-Oeste com alguns amigos de Seattle, e, quando voltei a Denver, um dos primeiros telefonemas que recebi foi de Miranda.

“Sr. Janeway.” O tom de voz frio parecia ser fingimento, mas não muito. “O senhor está nos evitando por algum motivo? Será que o ofendemos de alguma maneira?”

Fiquei envergonhado no mesmo instante. “De maneira *alguma*”, disse eu, respondendo à segunda pergunta e evitando a primeira. “Puxa, você não pode acreditar nisso.”

“Então faça o favor de tirar o traseiro da cadeira e vir até aqui”, disse ela. “Sexta à noite, sete horas, sem gravata, por favor, e sem desculpas. Venha preparado para animar o que promete ser uma ocasião bastante monótona.”

“Você não saberia organizar uma reunião monótona.”

“Veremos. Essa vai ser um desafio até mesmo para uma mulher com os meus lendários talentos sociais. Um dos colegas de infância de Lee está vindo para cá. Não conte para ninguém, mas ele não é exatamente alguém que eu admire. Então, você vai vir me ajudar a aguentar?”

“Sim, senhora, será uma honra.”

“Faz tanto tempo que não nos vemos que até já me esqueci de seu rosto. Já casou?”

Respondi com uma risada.

“Tem namorada firme?”

“Não no momento.”

Eu sabia o porquê daquela pergunta. Miranda adorava informalidade, mas à mesa do jantar ela gostava do número certo de pessoas. “Pois eu tenho a mulher perfeita para você na sexta”, disse ela.

Fiz uma pausa e então disse: “Obrigado pelo convite”.

“Não, Cliff, *nós* é que agradecemos. Sei por que você sumiu e quero que saiba que apreciamos a sua preocupação, mas ela não é necessária nem nunca foi. Passamos na sua livraria algumas vezes, mas nunca o encontramos lá.”

É claro que eu sabia disso: havia visto os cheques deles na gaveta. “Eu

estou sempre atrás de livros”, eu disse.

“Parece que sim. Mas Lee e eu seríamos pessoas bem levianas se nos afastássemos de nossos amigos ao primeiro sinal de problemas, não é?”

“O problema foi bem grande.”

“É, foi mesmo, mas ele fez com que você deixasse de ser policial e entrasse no ramo de livros. Então não foi de todo mau, não é mesmo?”



O grupo dessa vez era menor do que antes, apenas oito pessoas à mesa, incluindo os Huxley. O colega de infância de Lee era Hal Archer, o escritor e historiador que ganhara o prêmio Pulitzer seis anos atrás, correndo por fora para arrancá-lo das mãos de diversos candidatos que, além de favoritos, possuíam melhor qualificação acadêmica. Na época fiquei contente por ele ter ganhado: sempre torço pelos oprimidos e havia realmente admirado o livro dele. Era um relato denso de duas famílias comuns em Charleston, Carolina do Sul, durante os quatro anos de nossa guerra civil. Usando documentos, cartas e diários recém-descobertos, Archer havia conseguido dar-lhes vida apesar de ter de lidar com uma montanha de detalhes. Com palavras de leigo e o olhar experiente de um artista, contou como as famílias sobreviveram e interagiram, entre si e com outras pessoas, na cidade arrasada. Era uma história épica sobre coragem e privações diante do bloqueio da União, do interminável bombardeio, durante três anos de cerco, e ele a contou de uma bela maneira.

Archer havia publicado apenas ficção histórica antes de produzir esse relato verdadeiro e cativante, mas eu já o considerava um grande talento. Havia lido seus textos anos antes e o coloquei na estante de minha memória junto a outros escritores que nunca me fariam perder tempo. Ele possuía uma enorme capacidade de tornar cada palavra importante, e a narrativa nunca era pomposa. Ele fez com que eu vivesse aquela história; sua obra tinha tudo aquilo que eu sempre amei nos livros. Com tudo isso a nosso favor, por que eu o detestei desde o primeiro momento em que o vi?

Uma reação negativa tão forte assim com frequência começa nos olhos. Os de Archer expressavam desprezo, como se sua superioridade tivesse sido reconhecida tarde demais por tolos como eu e ele tivesse pagado um preço

muito alto por minha ignorância. Ele estava certo em relação a uma coisa: nada estava mais na moda do que adorar um ícone depois que ele havia alcançado essa condição, mas também é fácil para um escritor tornar-se um idiota quando a fama e a riqueza caem repentinamente sobre ele. Era absurdo pensar que Archer me transformara no principal responsável por todos os anos em que ele havia trabalhado em obscuridade, e eu queria que essa impressão estivesse errada porque sempre gostei do que ele escreveu. Mas a impressão se manteve e se aprofundou durante a noite.

Ele foi o último a chegar, com quarenta e cinco minutos de atraso. Miranda o trouxe para a sala onde estávamos às quinze para as oito, acompanhado de uma bela jovem que foi apresentada como Erin d'Angelo. Vi a srta. d'Angelo fazer um gesto de desculpas a Lee quando Archer não estava olhando, mas foi algo rápido e a reação dele mais ainda. Miranda não se abalou com o atraso: eu sabia que o jantar seria perfeito, porque sempre era assim na casa dos Huxley. Ela conhecia os convidados e cuidava das pequenas manias de cada um, e isso me dizia ainda mais sobre o Sr. Archer e sua maneira de ser. Um homem que faz um grupo inteiro esperar quase uma hora para jantar deve se ter em alta conta.

Archer assumiu o centro das atenções imediatamente ao chegar; até mesmo Lee cedeu-lhe espaço com um olhar de discreto divertimento enquanto seu velho amigo se encarregava dos trabalhos da noite. Começaram a falar sobre um novo livro que ele estaria escrevendo, mas Archer descartou o assunto rapidamente, dando a entender que, seja lá quando saísse, seria algo importante, mas do qual ele não podia falar naquele momento. Uma associação nacional de livreiros realizava sua reunião anual em Denver naquele ano, e o figurão estava na cidade para fazer uma palestra, receber um prêmio e cumprir o ritual das aparições na mídia. A srta. d'Angelo era sua acompanhante, uma daquelas pessoas supercompetentes oferecidas pelos editores aos escritores que percorriam o país, e às vezes para escritores que estavam entre um livro e outro, se fossem suficientemente importantes e tivessem uma carreira. O Pulitzer havia determinado a importância de Archer para o resto da vida, e assim ele conseguiu a Srta. d'Angelo para levá-lo para cima e para baixo — para o bem dela, eu esperava que não fosse para sempre.

O nome da moça sugeria um embate entre as culturas italiana e irlandesa, mas para mim ela simplesmente parecia ser o melhor que os Estados Unidos tinham para oferecer.

Ela poderia ser uma caloura de faculdade vinda diretamente do interior

do país, uma virgem profissional com cabelos castanhos, um rosto oval encantador e olhos grandes que irradiavam malícia. “Na verdade ela é advogada e tem trinta anos”, foi o que Miranda me contou em um momento sossegado na cozinha. “Ela é muito inteligente e tão durona quanto necessário.”

“O que isso quer dizer?”

“Ela pode ir longe no direito, é isso o que quero dizer. O céu seria o limite, se ela quisesse”

“Parece que há uma certa irritação na sua voz.”

“E há mesmo. Não tenho nada a ver com isso, mas Erin é como a irmã caçula que nunca tive, e ela tem sido como uma filha para Lee. Morou conosco depois que o pai morreu, e nós a amamos como se fosse da família. Queremos o melhor para Erin, e ela poderia ter muito sucesso. Ela tem bastante talento para o direito; poderia chegar muito longe e ganhar rios de dinheiro durante o trajeto.”

“Vai ver que ela quer apenas uma vida mais sossegada, sem agitação.”

“Eu já devia saber que não ia contar com o seu apoio. Você não dá a mínima importância para o dinheiro.”

“Contanto que eu tenha o suficiente para me manter.”

“O pai de Erin era assim. Até o dia em que ele realmente precisou de dinheiro e não tinha. Bate na madeira: espero que isso nunca aconteça com você.”

“Espera que o quê não aconteça?”

“Ah, nem pergunte. É uma história com um final infeliz, e eu nem deveria ter tocado no assunto.”

Fiquei em silêncio. Ela me lançou um olhar triste, como eu nunca vira em seu rosto. “D’Angelo e Lee foram sócios no começo da carreira, Uma dupla de jovens advogados idealistas que haviam acabado de sair da faculdade de direito. A sra D. tinha morrido Eu era uma adolescente bobinha que idolatrava Lee de longe, e Erin era apenas uma criança.”

Fez um gesto com a mão, como se estivesse em dúvida se iria me contar ou não “Eu realmente não devia ter tocado nesse assunto”, disse, por fim. “Me faça um favor, esqueça que eu disse qualquer coisa a respeito.”

“Claro.”

“Promete?”

“Prometo, Miranda. Nunca vou dizer nada a ninguém — mesmo porque não tenho a menor ideia do que você está falando.”

“Agora não tem mais tanta importância. Se a Erin tocar no assunto, tudo bem. Só prefiro que você não fique sabendo por mim. Ela é uma garota sensacional e temos muito orgulho dela. E não poderia ser diferente. Ela tirou ótimas notas durante todo o curso e olhe para ela agora: já está trabalhando em um grande escritório de advocacia.”

“E por que está paparicando escritores por aí? Isso não deve dar muito dinheiro.”

A irritação voltou num segundo. “Tá vendo, é disso que estou falando. Ela tem feito isso desde que estava na faculdade, e não larga. De repente se cansou do direito. Agora o que a deixa encantada é li-te-ra-tu-ra. Ela até anda escrevendo um romance nas horas vagas, que Deus a ajude.”

“Não consigo imaginar que ela tenha horas vagas.”

“Ela fica no escritório de advocacia durante o dia e faz esses outros trabalhos à noite, escreve quando dá. Você está interessado, Cliff?”

“Não sei... você quer que eu esteja?”

Miranda olhou para mim durante um bom tempo, o rosto pensativo. “Você é um bom sujeito, Janeway, e estou sendo sincera. Mas receio que você só reforçaria as ideias ruins dela.”

A mulher que ela havia convidado para se sentar à minha frente era sem dúvida boa gente — uma ruiva encantadora chamada Bonnie Conrad — e passamos boa parte da noite, quando não estávamos ouvindo Archer falar, envolvidos em uma agradável troca de opiniões sobre acontecimentos mundiais. Mas meus olhos continuavam escapando na direção de Erin d'Angelo, que tinha uma imagem tão tranquila ao lado de Archer. Em alguns momentos me pegou olhando para ela, e seus olhos se estreitaram de leve, como se tivessem captado meu pensamento e o tivessem considerado tão bem-vindo quanto uma erupção de herpes. Em seguida, deve ter percebido minha beleza interior, porque sorriu, e no calor daquele momento tudo em que pude pensar foi: Ah, meu Deus, que rosto maravilhoso.

Completando nosso grupo estavam a juíza Arlene Weston e o marido, Phil, um cirurgião plástico que esculpiu alguns narizes famosos em Hollywood antes de se mudar para Denver na década de 60. Foi Phil quem tocou no assunto da Suprema Corte. “Arlene disse que você chegou a fazer uma entrevista com Reagan.”

“Você não deve ficar falando sobre isso, querido”, disse Arlene. “Dá azar falar antes de o fato acontecer.”

“Acho que não tem muita importância”, disse Lee. “Foi só uma visita,

com certeza não foi o que eu chamaria de entrevista. Para falar a verdade, eu ainda não sei como isso tudo começou.”

“Alguém deu seu nome para ele, isso é evidente. Deve ter sido uma tremenda recomendação de uma pessoa bem íntima dele.”

“Talvez ele esteja procurando alguém para visitá-lo nas tardes de tédio, para fazer companhia enquanto assiste aos antigos filmes em que trabalhou”, zombou Phil.

“Todas as tardes dele são de tédio”, disse Archer.

“Seja como for, a esta altura é muito difícil para mim levar isso a sério”, disse Lee.

“Não sei por que”, disse Bonnie. “Você seria um grande juiz lá.”

“Não é assim que eles são escolhidos”, comentou Archer. “O que conta nesse jogo é a política, e não o discernimento legal.”

“Hal tem razão”, disse Lee. “Imagino que seja igual na academia. Os bons professores se perdem no meio do baralho, enquanto aqueles que participam do jogo vão para a frente.”

“E a mesma coisa acontece no mundo dos livros”, disse Archer. “Aqueles que ficam em cima e latem bastante é que conseguem os prêmios.”

“Eu nunca vi você latindo para ninguém.”

“Talvez o comitê do Pulitzer esteja acima dessas coisas”, disse Archer. “Ou talvez eu apenas tenha tido sorte.”

“Quem sabe os dois vão ter sorte”, disse Arlene. “Isso não seria o máximo? Um ganhador do prêmio Pulitzer e um juiz da Suprema Corte que vieram da mesma faculdade?”

“Na verdade, da mesma escola”, disse Archer. “Lee e eu nos conhecemos há milênios.”

“Nós nos formamos em uma escolinha de ensino médio na Virginia”, disse Lee. “No último ano eram vinte e dois rapazes e vinte e duas moças na classe.”

“Que romântico, não?”, disse Miranda. “Adoro essa parte da história.”

“Isso porque você acabou ficando com o namorado de outra garota”, disse Arlene. “Você é tão má, Miranda.”

“É mesmo. Adoro pensar naquela pobre e chorosa rapariga, condenada a passar a vida sem Lee.”

Permaneci em silêncio durante toda essa conversa amena, que se prolongou por mais um tempo até que a inevitável mudança de assunto para os livros aconteceu, por volta das dez e meia. “Então”, Miranda me

perguntou em particular em determinado momento, “que tal o Sr. Archer?” Respondi que eu sempre admirara os livros dele e me preparei para não dizer mais nada. Os Weston foram embora uma hora depois, e assim ficamos nós seis. Miranda havia percebido a hostilidade espontânea entre Archer e mim, e então fez um gesto heroico para superá-la. “Faz muito tempo que o Cliff é um grande, *grande* admirador de seus livros, Hal”, disse ela, mas isso só piorou as coisas. O comentário de Archer, “Que gentilíssimo da parte dele”, foi uma surpreendente quebra de etiqueta, mordaz e cáustico demais até mesmo para ele. Mal consegui se salvar com um esperto sorrisinho do tipo “é claro que estou brincando”, mas o olhar que trocamos dizia o que realmente estava acontecendo. Como eu ousava fazer algum tipo de julgamento, bom, ruim ou indiferente, e quem é que precisava da porcaria da minha aprovação?

Normalmente nesse ponto eu tiraria as luvas de pelica e usaria meu próprio soco-ínglês verbal. Eu quase disse: *E veja, Hal, isso já acontecia antes de eu descobrir que você é um grande babaca... agora eu tenho dois motivos para te admirar.* Eu teria dito isso usando meu mais agradável sorriso de cobra naja, e então, no meio do silêncio causado pelo choque das palavras, eu ainda diria: *É isso mesmo, Hal, você esta no topo da minha lista de favoritos, bem ali entre Danielle Steel e Robin Cook.* Droga, eu queria dizer isso. Eu queria tanto dizer isso que por muito pouco, mas muito pouco mesmo, eu não disse. Se fosse mais jovem, teria dito sem hesitar um segundo, em qualquer lugar em que estivesse. Meus olhos cruzaram com os de Erin d'Angelo, que ainda parecia ler de longe meus pensamentos com um olhar bem maldoso no rosto. *Vai, fala, duvido que você fale*, era o que o olhar dela dizia. Mas eu tinha que pensar no meu anfitrião. Balancei de leve a cabeça, e Erin recompensou-me com uma risada suave que ninguém conseguiu ouvir e que só eu percebi.

Então ela murmurou uma única palavra e me arrastou para a réplica mais extensa e disparatada que já dei a uma pessoa estranha. Eu não tive certeza, mas me pareceu que a palavra era covarde.

Lancei sobre ela o meu olhar de Tarzan, aquele que dizia *Pra teu governo, garota, eu janto sujeitos como esse aí todos os dias.*

Ela transformou sua indiferença em um espetáculo de gestos. Examinou as unhas. Desviou o olhar para lugar nenhum.

Mantive a cabeça erguida, o rosto sisudo exibindo toda a minha masculinidade de homem das cavernas.

Tive a impressão de que ela estava rindo disso, mas eu não tinha certeza.

Mais um segundo e as pessoas começariam a reparar como estávamos sendo idiotas, e eu desviei o olhar, praguejando para a escuridão.

O primeiro *round* foi dela, por pontos.



Estávamos na biblioteca nesse momento, e Bonnie comia os livros com os olhos. De repente, Archer disse: “Puxa vida, Lee, você nunca mostra para ninguém os seus verdadeiros livros?” Lee pareceu relutante, como se aquilo fosse muita ostentação para uma só noite, mas o segredo já fora revelado, e todos nós descemos um lance de escada.

Entramos em uma sala menor que também tinha estantes em toda a volta, mas as estantes eram envidraçadas e continham livros que claramente pertenciam a outra época.

Archer recuou enquanto nos assombrávamos diante de primeiras edições intactas de Dickens, Twain, Kipling, Harte, Hawthorne, Melville, tantos escritores vitorianos eminentes que minha cabeça começou a girar enquanto eu as olhava. Não havia naquela sala uma única encadernação de couro artificial, e a visão de tantas capas originais em pano não desbotado era maravilhosa, inspiradora e verdadeiramente sensual.

“Foi assim que começou o meu fetiche por livros”, disse Lee. “Estes aqui eu herdei.”

“Da velha e boa vovó Betts”, disse Archer. “É, eu me lembro muito bem dela, como era querida. Lee, mostre a eles os Burton.”

E lá estavam eles, as maiores obras da época. Com a permissão de Lee, tirei cada um dos livros das prateleiras e os folheei com muito cuidado. Archer falou sobre Burton enquanto olhávamos, e seu próprio entusiasmo acendeu um fogo que se espalhou entre nós. Ele parecia saber tudo a respeito da vida de Burton, e em algum momento imaginei ter descoberto, pelo menos em termos gerais, sobre o que ia ser o novo livro de Archer. Sempre se pode fazer isso com um escritor: ele mostra aquela loucura nos olhos toda vez que seu assunto vem à tona.

A sala havia ficado em silêncio. Então ouvi a voz macia de Erin.

“Não existem mais homens como esse em lugar nenhum do mundo hoje em dia.”

Lancei-lhe um olhar de contestação. Ela revirou os olhos. Eu disse: “Ele ficaria louco hoje em dia”, e ela empertigou-se toda: “Você acha?”. Respondi: “Ah, claro.”

Dez minutos neste mundo maluco e ele estaria pronto a se jogar na frente do primeiro ônibus que passasse”. Ela disse: “Em compensação, como é que um homem de hoje, digamos, você, por exemplo, se sairia no mundo de Burton — Índia, Arábia ou África tropical no final dos anos 1850?”. Eu disse: “Com certeza seria divertido descobrir”, e ela pareceu incrédula. Alguns minutos depois, no entanto, ela me passou um pedaço de papel com um número de telefone e um recadinho em código: *Ligue para mim se você descobrir.*

O segundo *round* foi meu, por excelente jogo de cintura.

Era uma da manhã quando saí da casa do juiz. Todo o meu aborrecimento com a arrogância de Archer havia se dissolvido e fiquei feliz por não ter revidado diante do estúpido insulto dele. Senti-me renovado, como se a questão primordial da minha vida — o que fazer agora? — tivesse acabado de ser respondida. Às vezes é preciso apenas tocar um livro, ou olhar para o rosto de uma mulher, para fazer o coração de um homem disparar novamente.



Abri os olhos na manhã seguinte pensando em Erin e Burton juntos. Em cada um igualmente; ambos cresceram em importância ao longo do dia.

Liguei para o número que ela me deu. Secretária eletrônica. A voz dela prometia retornar a minha ligação.

Deixei Burton de molho.

Ela me ligou no dia seguinte e falou com a minha secretária eletrônica. “Se essa ligação é para pedir donativos, eu já colaborei no escritório. Mas sou uma democrata com título de eleitor, posso falar com qualquer um.”

“Bela frase”, disse eu para a secretária eletrônica dela. “Gostei. Quase tanto quanto a que Jim Cain usou naquela história que escreveu trinta anos atrás.”

“Muito bom”, disse ela na minha secretária eletrônica mais tarde naquele mesmo dia. “Fiquei me perguntando se você perceberia o plágio de Cain.”

Puxa vida, você não para em casa?”

“Estou em casa agora”, disse a minha máquina para a dela. “Cadê você?”

“Estou de partida para Wyoming, querido”, foi a tentativa final dela, horas depois. “Estamos indo para o que provavelmente será um julgamento bem longo. O meio ambiente do planeta está em jogo, e meus colegas precisam da minha mente jovem e fértil muito mais que você, aparentemente. Adeus para sempre, eu acho.”

Minha secretária eletrônica disse, com voz incrédula: “*Wyoming* tem meio ambiente?”.

E aí ela desapareceu, uma perda que eu esperava que fosse temporária. Mas Burton continuava a borbulhar como um cozido num bom vinho. Na manhã do quinto dia comecei um reconhecimento estratégico. No jargão militar, isso significava uma busca por amplas áreas para obter informações antes de tomar decisões em grande escala. Na caça aos livros era exatamente a mesma coisa: fui para o telefone. Solicitei algumas obras de referência. Procurei alguns exemplares legíveis e baratos de Burton. Reconhecimento estratégico de fato: era a loucura do livreiro, e eu fora fígado novamente.

2

Em uma semana eu havia lido a biografia de Burton por Fawn Brodie e passara os olhos em outras três grandes obras sobre Burton. Comecei a lê-lo lentamente, na ordem cronológica adequada. Li a bibliografia de Burton elaborada por Norman Penzer de ponta a ponta e abri um arquivo de dados e preços de leilão das primeiras edições de Burton.

Para um livreiro, uma boa bibliografia é muito melhor do que qualquer “vida de”, mesmo que reunida por uma pesquisadora dedicada como Brodie — o autor se revela por meio de seus livros, e não pelos olhos de terceiros. Burton não tivera sorte com seus primeiros biógrafos. Muito antes de Brodie torná-lo respeitável, em 1967, ele havia sido apresentado como um salafrário e, às vezes, devido a sua franqueza na tradução de clássicos sexuais do Oriente, como pornógrafo. Teve mais sorte com seu bibliógrafo. Penzer era um fervoroso defensor de Burton. Sua bibliografia de 1923 contém uma excelente pesquisa sobre os livros do autor, e Penzer acrescentou algum colorido à figura daquele homem, algo incomum nesse tipo de obra. Ele considerava Burton o homem do século, mas um homem trágico, que não tinha paciência com gente tola e que foi amaldiçoado por tudo, menos por suas maiores realizações. Em um gesto fútil, foi sagrado cavaleiro perto do final da vida, e tratado de maneira indigna pelo governo. Ele viveu na época errada, disse Penzer: “A rainha dele deveria ter sido Elizabeth, e não Vitória”.

A história de Burton é grandiosa na mais arrebatadora tradição do mundo dos livros. Ele era um homem da Renascença, antes que a expressão caísse no uso popular dominava vinte e nove línguas, conhecia dialetos, era um grande explorador, estudioso de antropologia, botânico, autor de trinta livros e, em seus últimos anos, tradutor dos dezesseis volumes das *Mil e uma noites*, do *Kama Sutra* e de outros clássicos orientais proibidos. Era um excelente espadachim, um homem de grande força física e mental. E precisou de toda ela para as adversidades que enfrentaria nos desertos e florestas

desconhecidos pelo mundo todo. Seu conhecimento da natureza humana era vasto, seus poderes de observação eram panorâmicos e minuciosos, sua memória, enciclopédica. Aonde quer que fosse, observava e anotava tudo, de forma que foi capaz de produzir, quase imediatamente após uma rápida viagem ao deserto americano até Utah e a Califórnia em 1860, uma obra densa, de setecentas páginas, descrevendo a fauna e a flora, o povo, os costumes e a terra. E dois anos depois produziu um manual de aconselhamento ao viajante das pradarias. Suas observações sobre o índio americano, dotadas de uma longa descrição da prática do escalpo, são passagens clássicas da literatura de viagens. Penzer acreditava que Burton estava entre os grandes exploradores de todos os tempos: comparado a Burton, disse ele, Stanley viajara como um rei. As expedições de Burton à África desconhecida pareceriam um mito, não fosse a prodigiosa massa de detalhes que ele registrou sobre tudo o que viu por lá.

Só essas realizações teriam feito dele um gigante do folclore inglês, mas Burton era também “um dos dois ou três mais proficientes linguistas sobre quem possuímos registros históricos autênticos”. Ele era autodidata e fluente em árabe, hindustani, suaíli e somali; falava persa e turco, espanhol, português e grego. É óbvio que sabia latim. Para qualquer lugar que fosse ele absorvia as línguas como uma esponja, muitas vezes aprendendo os dialetos em poucas semanas. Além disso, lembrava Penzer, era um mestre do disfarce étnico. Foi assim que conseguiu andar entre os nativos como se fosse um deles, arriscando a vida para entrar às escondidas nas antigas cidades sagradas de Meca, Medina e Harar.

Relatou suas viagens ao Congo, a Zanzibar, Síria, Islândia, Índia e ao Brasil. Escreveu livros sobre baionetas, espadas e falcoaria. Foi um daqueles brilhantes bruxos fanfarrões que aparecem raramente, que entendem a vida e registram exatamente o que veem, sem se prostituir para as regras de conveniência nem se dobrar diante da tirania religiosa. Gente como ele não tem uma vida fácil. São rejeitados e escorraçados pelas igrejas e pela sociedade; se tiverem sorte, podem escapar de ir para a fogueira. No caso de Burton, ele foi vitimado depois de morto por sua devota e tacanha esposa católica. Dona Isabel tocou fogo na obra do marido, queimando quarenta anos de manuscritos inéditos, diários e anotações, em sua determinação obtusa de purificar-lhe a imagem.

É por isso que não sou religioso. Se um dia descobirmos o verdadeiro segredo do universo, haverá algum tipo de religião para ocultá-lo. Para

encobri-lo. Para perseguir e retaliar, para queimar e destruir. Não acabou, continuamos na Idade das Trevas.

Escuridão é o que se vende.



Lá pela metade da segunda semana, eu já havia me inteirado bem sobre a vida e a época de Burton; na metade da terceira, sabia o que queria fazer com meus cinquenta mil. Só precisava encontrar o exemplar certo do livro certo.

Despachei alguns batedores. Livreiros por todo o país começaram a me telefonar com dicas. No meio da quarta semana, minhas fontes me indicaram as galerias de livros em Boston e um Burton promissor que, segundo os rumores, era tudo o que eu queria. Comecei a fazer planos para voar para a Costa Leste.

Como descrever a alegria de arrebatar aqueles lindos livros por vinte e nove mil e pouco? Eu sabia que provavelmente teria que pagar o que no ramo se chama bonificação.

A maioria dos livreiros saiu logo no começo do leilão e a disputa ficou reduzida a dois colecionadores além de mim. Quando o valor passou dos vinte, pensei “que se dane”, pois eu não ia comprar aqueles livros para revender, eles eram alimento para a alma e eu não dava a mínima se tivesse que gastar todos os cinquenta mil.

Para mim, o dinheiro de Seattle era como se tivesse sido achado em algum lugar. As pessoas que jogam nos cassinos das reservas indígenas às vezes chamam o que ganham de “dinheiro índio”. Elas o guardam em um pote e se permitem perdê-lo todo novamente. Mas um conjunto de livros como aqueles de Burton não tinha nada de jogo de azar. Eu nunca jogaria todo aquele dinheiro na roleta, mas pensar nele como dinheiro índio tornou-me instantaneamente mais competitivo, e por fim acabei dando o lance mais alto. Houve uma época em que teria sido impensável gastar tanto dinheiro em uma única primeira edição. Eu morro de rir desse tempo.



Ri muito depois do que aconteceu em Boston. Fiquei surpreso com a amplitude que a minha história ganhou. Ela superou até mesmo a regra mortífera de Janeway, que diz o seguinte: atrair o interesse da mídia pode ser muito mais difícil do que mantê-lo. Repórteres e editores são uns idiotas pessimistas — todo mundo quer alguns centímetros do espaço deles ou um minuto de seu tempo, e eles erguem muros que podem ser qualquer coisa, menos inexpugnáveis. Os editores enviam um repórter resmungão a muitos quilômetros de distância para fazer uma matéria sobre um sujeito e sua coleção de borboletas, mas ignoram alguma injustiça vergonhosa que esteja acontecendo há anos bem debaixo de seu nariz. Um especialista que venha de fora os deixa entusiasmados, mas qualquer um que abertamente tente atraí-los será escorraçado mais rápido do que um leproso em um campo de nudismo. A chave para os portais deles é sua própria indiferença.

Seja tímido o bastante e a mídia vai fervilhar à sua volta. A essa altura, tudo pode acontecer.

Eu fui indiferente, fui quase recatado, e da noite para o dia tornei-me o mais preeminente especialista em Richard Burton dos Estados Unidos. Eu não disse que era o melhor nem o mais inteligente: provavelmente não era o mais sábio, o mais branco, o mais moreno, o mais esperto e, veja bem, o que vem agora é difícil de acreditar, nem mesmo era o mais bonito. Os acontecimentos que me colocaram em evidência foram arbitrários e embaraçosamente injustificáveis. Um único texto publicado no *Boston Globe*, escrito apaixonadamente por um admirador fanático de Burton em seu dia de folga, levou à minha aparição na NPR e a uma exposição muito maior quando o chefe de uma agência de notícias de Boston ordenou que o artigo do *Globe* fosse ligeiramente reescrito e o publicou em jornais por todo o país. Eu não me iludi com aquilo — todos estavam me usando como um gancho moderno para aquilo que realmente interessava a eles, pois a história de Burton havia sido História, e não simples notícias, durante mais de um século. Mas foi assim que consegui meus quinze minutos de fama: fui levado até lá montado nos ombros largos de um homem que havia morrido sessenta anos antes de eu ter nascido.

Em casa havia vinte recados na minha secretária eletrônica, inclusive um de Miranda. Os dois jornais locais haviam trazido a minha história de Boston para Denver.

Lee ficou sabendo, e é claro que queria ver os livros. Miranda convidou-me para a “ceia” naquela noite, deixando bastante claro que não seria um jantar, mas uma reunião em família na qual estaríamos apenas nós três. Aconteceria em uma noite no meio da semana; e para o nosso bem era melhor que não se prolongasse demais. Lee estava no meio de um julgamento complicado e eu tinha um monte de trabalho me esperando. Até Miranda tinha um compromisso bem cedo no dia seguinte, em um asilo de velinhos na vizinhança onde ela trabalhava como voluntária.

Comemos no pátio, rindo da minha situação na última vez em que estivera com eles e quase brigara com Archer. “Eu até parei de respirar”, disse Miranda. “Por um minuto pensei que você fosse acabar com ele ali na frente de todo mundo.” Ela olhou de relance para Lee e disse: “E olha que o Cliff teria motivo, querido. Sei que o sujeito é seu amigo mais antigo, e com certeza não tenho o costume de me desculpar por meus convidados. Mas aquele sujeito é um grande idiota, e eu realmente não gosto dele”.

Lee sorriu com seu jeito tranquilo. “Hal teve uma vida dura. É isso que você precisa entender antes de julgá-lo com tanta severidade.”

“Por que sou *eu* quem tem que entendê-lo? Gosto das pessoas que eu *já* entendo.”

“Dá um desconto para ele, Miranda. A família foi contra a carreira de escritor desde o começo, e ele teve que lutar durante a vida inteira. Os primeiros livros — todos aqueles que as pessoas hoje estão chamando de clássicos modernos — foram rejeitados durante anos. Ele sofreu a tortura dos condenados ao inferno — o homem verdadeiramente talentoso cujo talento foi ignorado por décadas. Se ele é mordaz, isso se deve à mentalidade de best-seller e àquilo que ele vê como o emburrecimento de nossa literatura.”

“Eu sei de tudo isso, mas essa é uma história muito antiga e chata. Ele dificilmente é o primeiro escritor a se sentir rejeitado. Quantas pessoas talentosas nunca têm o devido reconhecimento? Você não os vê por aí se lamentando, ou fazendo um rebuliço quando tudo o que uma pessoa quer é admirá-las. Simplesmente não há desculpas para gente grosseira. Ele deveria cortar a orelha fora e desfrutar de um pouco de dor verdadeira.”

Pedi uma trégua. “Tenho certeza de que ele não quis dizer nada com aquilo. Sério, eu mal reparei.”

Lee, agradecido, mudou de assunto abruptamente. “Vamos dar uma olhada nos seus livros”, disse ele, e voltamos para a casa. Examinou os três volumes com admiração e espanto, como se não pudesse acreditar no que estava vendo. “Meu Deus”, disse ele. “De onde será que estes vieram?” Na verdade, eu não sabia: a casa de leilões não revelava nomes de consignadores. Miranda se perguntou quem teria sido Charles Warren, e como alguém que tinha recebido uma dedicatória tão calorosa podia permanecer desconhecido dos biógrafos de Burton. Por fim, Lee quis comparar meus livros com os dele. Não havia comparação. Os exemplares de Lee estavam bons, suficientemente bons para a maioria dos colecionadores de livros centenários. Os meus estavam bem acima: imaculados, fantásticos, novinhos em folha. Os dois conjuntos colocados lado a lado davam um novo significado à expressão livros raros.

“Eu diria que você se saiu muito bem, mesmo pagando trinta mil”, disse ele. “Na verdade, se você quiser vendê-los e ganhar algum dinheiro rápido...”

“Vou ficar com eles, Lee. Vão entrar para o meu fundo de aposentadoria.”

Naquela noite encontrei uma mensagem de Erin na minha secretária eletrônica. “Estou enlouquecendo em algum planeta chamado Rock Springs. Agora sei o que acontece quando toda esperança se acaba — porque ela deve acabar em um lugar como este. Meu desespero simplesmente não tem descrição! A situação está tão ruim que acabei telefonando para você em uma esperança capenga de alívio. É claro que você não está em casa, mas isso é o meu alívio.”

Deixei uma resposta na secretária eletrônica dela — “Eu lhe avisei sobre Wyoming, menina” — e de manhã, quando liguei a minha, ela já havia respondido: “Desculpe, mas *você* certamente não disse que estavam me mandando para *Marte* . Parece que vamos acabar as coisas por aqui dentro de umas duas semanas, mas para mim isso parece uma eternidade. Quero ser bastante mimada quando voltar para casa”.

Naquele dia pensei muito nela. Estávamos desenvolvendo uma conversa mole bastante íntima para duas pessoas que ainda não haviam se tocado, sentido, sondado, ou mesmo dito mais do que algumas palavras diretas um para o outro. Antes de dormir lancei um novo ataque contra a odiosa secretária eletrônica dela. “Olha, vamos marcar um encontro. Você. Eu. E não essa tranqueira com a qual você me obriga a falar. Nós dois... você

sabe... cara a cara. Não disse isso em tom de malícia, foi algo espontâneo. Bom, também não é verdade. Prometo ser civilizado. Juro. Blazer branco. Cravo vermelho na lapela. Na noite do dia trinta. Passe na minha livraria se você chegar antes. Telefone se não der para vir.”

Ela não telefonou. Mas logo começaram os telefonemas esquisitos.



Quatro dias depois de Boston, malucos estavam me ligando a qualquer hora: pessoas que afirmavam ter livros verdadeiros de Burton e não tinham, tontos que queriam que eu fosse até Miami, Portland ou Timbuktu às minhas custas para ver livros, pessoas muito doidas, com vozes trêmulas e que precisavam de uma dose de bebida ou de droga, e que tinham exemplares gastos da biografia de Brodie ou reimpressões baratas de Burton que ainda podiam ser encontradas em encadernações vagabundas na cesta de saldos de qualquer supermercado. Um homem, certo de que era descendente direto de Burton, falava havia anos com o autor em seus sonhos e havia escrito um texto de mil e duzentas páginas, ditado pelo próprio Burton, com mapas de um fabuloso reino africano que permanecia até hoje sem ser descoberto. Uma mulher ligou a cobrar da Flórida com um exemplar da autobiografia de Richard Burton, com sobrecapa, assinada por Burton, Elizabeth Taylor e uma fulana de nome Virginia Woolf.

Tudo que ela pedia eram mil e quinhentos dólares, mas eu tinha que comprá-lo naquele instante, sem ver, ou ela ligaria para alguém e depois disso o livro seria de quem desse mais. Houve telefonemas de Chicago, Phoenix e Grand Rapids, Michigan. Uma senhora de Baltimore disse que meus livros haviam sido roubados da família dela. Ela falava sussurrando, com medo de que “eles” pudessem ouvi-la, e quando insistiu que o homem na dedicatória havia sido seu avô e que ele estava junto de Richard Burton quando este ajudou a começar a Guerra Civil Americana, librei-me dela da maneira mais rápida que consegui sem ser rude. De uma coisa eu tinha certeza — ainda haveria outro item “quente” na próxima leva do correio, e mais outro na próxima vez que o telefone tocasse.

Pacotes chegavam inesperadamente à minha livraria em Denver. A maioria deles continha livros sem valor que eu tinha que devolver. Um

homem de Detroit mandou uma linda caixa com reimpressões antigas de Burton, que eu acabei comprando. Mas a coisa mais estranha foi a chegada de uma primeira edição verdadeira, *City of the saints*, de Burton, em um pacote que trazia apenas o carimbo postal da cidade de St. Louis — não havia nome nem endereço do remetente em nenhum lugar da caixa. Esperei que alguém ligasse ou que enviasse uma carta em separado, mas isso não aconteceu.

Lá pelo final do mês o tumulto começou a arrefecer. Veio o dia 30: os malucos haviam desaparecido e minha nova amiga em Rock Springs ainda não tinha ligado. A expectativa era deliciosa. Eu estava pensando em todos os lugares aonde poderia levá-la, mas então a senhora de Baltimore chegou e o mistério daquela maravilhosa dedicatória ganhou vida.

3

Ela não era apenas velha, era uma sequoia humana. Tive uma noção da idade dela quando o motorista, um negro enorme vestindo um colete tipo militar, desceu de um Ford Fairlane de meados da década de 60 e assumiu uma atitude protetora perto da porta de trás. Um bando de moleques arruaceiros passou a toda por nós com seus skates: eram seis, de dezessete ou dezoito anos, com idade demais para serem tão inquietos e idade de menos para terem algum bom senso.

A East Colfax é esse tipo de rua: comum, agitada, imprevisível. Ouvi um dos garotos gritar-. “Se liga, urubu!”, e me encolhi diante do insulto e fiquei envergonhado pela estupidez insensível da minha própria raça. Dava para ouvir toda a gozação deles na frente da livraria, mas o motorista continuou onde estava e, com uma dignidade paciente, os ignorou. Ele tinha um rosto quase liso, com bigode curto e bem aparado, e eu gostei do jeito e da postura dele. Às vezes a gente consegue adivinhar como a pessoa é só de olhar para ela.

Os garotos se afastaram em algazarra e o motorista abriu a porta do carro. Uma cabeça grisalha apareceu seguida pelo resto do corpo: uma mulher de aparência frágil em um vestido antigo e desbotado. Ela se apoiou no braço dele e se levantou: ficou parada um instante como se não conseguisse se equilibrar, então acenou com a cabeça e, ainda segurando no braço dele, iniciou a longa viagem passo a passo para atravessar a calçada da livraria.

Ela teve que parar e se firmar de novo, e naquele momento vi o motorista levantar a cabeça com um olhar de alerta. Um outro bando de moleques descuidados se aproximava, e naquele meio segundo o primeiro deles passou rapidamente a menos de um metro da minha vitrine. O motorista ergueu a mão e gritou: “Para!”, e eu vi a velhinha se encolher quando um borrão passou a centímetros dela. Caminhei em direção à porta, e antes que

eu chegasse o homenzarrão já havia feito uma barreira com o braço para o próximo garoto que estava vindo, fazendo-o virar de ponta-cabeça e cair na calçada.

Abri a porta e várias coisas aconteceram ao mesmo tempo. Um outro idiota desviou-se rapidamente, mas eu meti o pé no skate dele, derrubando-o, e a prancha deslizou veloz para a rua, onde foi esmagada por um carro que passava. O primeiro garoto estava de quatro no chão, com os cotovelos sangrando e tocando devagar o nariz cheio de sangue. Ouvi o insulto, “preto filho da puta”, e mais dois colegas dele chegaram, ameaçando-nos na calçada. O carro havia estacionado e agora um sujeito gorducho se juntara à briga, gritando alguma coisa sobre um arranhão em seu para-choque. Em meio a todo esse caos, o grandalhão conseguiu levar a velhinha para dentro da livraria, deixando-me sozinho para lidar com a bagunça.

O de nariz sangrando se aproximou acompanhado dos colegas. “Eu devia bater na sua cara.”

Ri daquela ideia. “Você não conseguiria nem bater uma punheta sem a ajuda desses outros idiotas. Talvez seja melhor vocês se mandarem daqui antes que se metam numa encrenca de verdade.”

Ameacei partir para cima deles e quase caíram uns em cima dos outros ao se afastarem. Era difícil não rir de novo, eles eram tão imbecis, mas deixei que mantivessem um pouco da dignidade, fazendo um showzinho em que diversos dedos médios foram mostrados, e eles acabaram se retirando.

Agora eu tinha que dançar uma nova música, dessa vez com o gorducho. Ele disse: “E o meu carro, espertinho, você vai pagar o meu para-choque?”. Perguntei se ele sabia ler, e apontei para a minha placa, onde estava escrito *livros*, e não companhia de seguros. Ele sugeriu jogar um tijolo na minha vitrine, para ver se aquilo era engraçado. Olhei ostensivamente para o número da placa do carro dele e disse que ia lá dentro ligar para a polícia enquanto ele procurava o tijolo. Ouvi quando foi embora, deixando boa parte do pneu no asfalto.

Abri a porta e entrei.

A velhinha estava sentada em uma cadeira com os olhos fechados. Falei com o motorista, que tinha o nome bordado na jaqueta. “Sr. Ralston, eu imagino.”

“Pode me chamar de Mike.”

Apertei-lhe a mão, disse: “Cliff Janeway”, e fiz uma leve reverência em direção a ela. “Bem-vindos a East Colfax.”



O telefone tocou e tive que cuidar rapidamente de um assunto. A velhinha continuou sentada imóvel o tempo todo, seu equilíbrio misteriosamente estável no que parecia ser uma soneca. De vez em quando eu cruzava o olhar com Ralston, arqueando as sobrancelhas e acenando com a cabeça na direção dela, mas ele deu de ombros e esperou que eu terminasse a ligação. Quando tudo se acalmou novamente, eu o chamei para uma das extremidades do balcão. “Então... Mike... do que se trata?”

“Não faço a mínima ideia. Acho que ela chegou a Denver ontem à noite.”

“Chegou de onde?”

“De algum lugar lá na Costa Leste. Não sei como ela conseguiu chegar aqui sozinha. Deu para ver como é trêmula, e ela está quase sem dinheiro. Deve ter sido uma viagem do cão.”

“E o que você tem a ver com isso?”

“Vamos dizer que é a minha boa ação do mês.” Ele sorriu, um homem humilde envergonhado de sua própria bondade. “Veja, eu não sou nenhum bom samaritano, mas essa senhora está no fim da linha. Está hospedada em um hotel ruinzinho não muito longe daqui. Minha mulher trabalha lá e, vou te dizer uma coisa, você não gostaria de ver a sua avó hospedada naquele tipo de lugar. Nem a sua mulher trabalhando ali... pelo menos não por muito tempo.”

“E?”

“E aí que a Denise me telefona e diz que tem uma senhora que precisa de ajuda. Denise é a minha mulher.” Ele disse o nome dela com tanto carinho que eu quase senti um pouco de afeto por uma mulher que nunca tinha visto. “É casado, Janeway?”

Balancei a cabeça.

“Bom, essa é uma daquelas coisas que você faz quando é casado. Como se diz, para garantir a tranquilidade doméstica. Um dia você vai entender.”

Eu dei risada e passei a gostar mais ainda dele.

“Tudo o que posso te dizer agora é: essa senhora viajou muito para falar com você e quase conseguiu vir sozinha. O mínimo que eu podia fazer era

trazê-la até aqui.”

Eu gostei do Sr. Ralston, mas certamente não gostei do que ouvi. A chegada de uma mulher idosa e sem um tostão à minha livraria me imputava a responsabilidade por seu bem-estar. Talvez eu não devesse nada a ela — isso era a voz do cético falando, e eu sou o maior cético do meu tempo. Posso ser uma fonte de atitude negativa, mas a partir daquele momento eu é que tinha que lidar com ela.

“Será que eu deveria acordá-la?”

“Isso é com você, meu amigo. Eu sou apenas o entregador.”

Era improvável, mas ela deu a impressão de ter nos ouvido. Seus olhinhos se abriram trêmulos e encontraram meu rosto, e tive uma poderosa e imediata sensação de que havia alguma coisa muito forte entre nós. Eu sabia que em algum passado longínquo ela fora uma parte importante da minha vida, mas no mesmo instante tive certeza de que nunca a vira antes. O rosto dela era quase mumificado, os olhos fundos e lacrimejantes. O cabelo ainda era viçoso e vistoso: agora eu conseguia ver que era todo branco, e não grisalho, caindo pela testa em uma onda macia que fazia o rosto ter o formato de um delicado coração, apesar da pele profundamente enrugada. Sentei-me em um banquinho e disse: “Como posso ajudar a senhora?”, e seus olhos cinzentos e pálidos, que não desviaram do meu rosto nem por um segundo, esforçaram-se para se acostumar à luz do sol de fim de tarde que vinha da rua.

De repente, percebi que ela não conseguia me ver direito: vi suas pupilas contraindo e expandindo quando ela levantou e abaixou a cabeça. Vi os óculos de lentes grossas que ela segurava no colo com dedos flácidos, sem fazer o menor esforço para colocá-los. Os óculos eram inúteis; ela era cega. Era impossível, mas ela viera de tão longe sozinha, tremendo e sem equilíbrio... praticamente sem visão.

Eu ainda estava com aquela sensação indefinida de que havia uma ligação entre nós, e não conseguia me livrar disso. Provavelmente era simples química, uma daquelas reações fortes e instantâneas que algumas pessoas têm quando se encontram, mas isso era tão raro em minha vida que o efeito era muito assustador. E era duplamente estranho, porque comecei a sentir que ela reagia a mim quase da mesma maneira. Seu rosto estava profundamente apreensivo, como se eu possuísse algum poder absoluto sobre seu destino, e ela enfim se encontrasse no momento de sua longa vida em que o balanço precisava ser feito.

“Sr. Janeway.”

Outra surpresa: a voz dela era firme e forte. Colocou os óculos e apertou os olhos atrás das lentes grossas, confirmando meu primeiro palpite. Ela distinguia cores, nuances de claridade e escuridão, formas que se moviam na rua; podia perceber o bastante da minha aparência para ver um encenqueiro de cabelos escuros e cara de mau sentado em um banquinho à sua frente. Ela conseguiria andar em uma calçada se não tropeçasse e caísse. Mas por qualquer definição, inclusive a legal, era cega.

“Meu nome é Josephine Gallant. O senhor tem um livro que me pertence.”

Pensei no mesmo instante naquele misterioso *City of the saints*, que caíra nas minhas mãos vindo de St. Louis. Se fosse isso, seria uma ótima notícia: eu pagaria a ela mil dólares pelo exemplar; caramba, eu poderia lhe dar *dois* mil dólares e vender o livro pelo preço de custo. Talvez aquilo fizesse alguma diferença na vida dela e eu poderia retomar minha própria vida sabendo que havia feito o melhor que podia para ela. Então ela disse, “Charles Warren era meu avô”, e imediatamente me lembrei daquele telefonema da mulher maluca, cercada de fantasmas em Baltimore. No ramo dos livros, esse é um típico exemplo de como boas notícias podem se transformar em *puta merda*.

Antes que eu pudesse organizar minhas ideias, ela disse: “O que quero dizer é que esse livro *um dia* me pertenceu. Mesmo depois de todos esses anos ainda penso neles como meus livros”.

“Neles?”

“Havia outros de onde veio o exemplar que o senhor comprou.”

Senti novamente a química dela em ação. Ela também sentiu a minha, e estremeceu de repente. “O senhor é um homem maravilhoso”, disse ela; então, em um tom muito mais baixo: “Não é, Sr. Janeway?”.

Logo fiquei perplexo, sem ter o que falar. Ela repetiu, com mais convicção agora — “O senhor é um homem maravilhoso” — quase como se estivesse esperando que eu me afastasse inesperadamente e a derrubasse da cadeira. Em voz baixa eu disse: “Madame, eu não sou uma ameaça para senhoras”. Depois de uma pausa desagradável, continuei na linha do besteiro, tentando animá-la ao máximo. “Não roubei nenhum banco esta semana. Não uso drogas. Não chuto cachorros... tudo bem, chuto os pequenos, mas nunca devoro criancinhas. Pelo menos isso eu tenho de bom.”

O olhar dela estava fixo. Eu disse: “É verdade”. Ela ergueu uma das

mãos, trêmula, até os olhos, e eu desisti com uma última piada. “Todas essas coisas são boatos inventados por um concorrente furioso.”

Tive um rápido momento de insanidade quando quase contei para ela a verdade absoluta. Por natureza, sou um cavalheiro com as mulheres, mas tive medo de dizer isso e conquistá-la para toda a vida.

Então ela falou. “Quando telefonei naquele dia, o senhor estava ocupado. Eu devia ter levado isso em conta. Só mais tarde é que percebi que devo ter parecido uma doida.”

“Acho que foi só aquela história de não deixar que *eles* ouvissem o que a senhora dizia.”

Percebi um rubor de vergonha, mas minha observação não pareceu ofendê-la.

“Eu moro em um lar de velhos em Baltimore. Dependo do serviço de saúde pública e não posso ter dinheiro próprio que não seja declarado. É por isso que não queria que ouvissem o que eu estava dizendo. Precisei usar tudo o que tinha guardado escondido para chegar até aqui.”

Aquilo não ia bem. A explicação que ela deu para “eles” era irritantemente plausível, então fiz outro comentário. “Também fiquei um pouco intrigado quando a senhora disse que Burton havia dado início a nossa guerra civil.”

“O senhor pensou que eu era louca.”

Dei de ombros. “Não tive a intenção de ofendê-la, senhora. Eu estava recebendo muitos telefonemas de gente louca naquela ocasião.”

“Bom, é claro que ele não começou *aquela* guerra. Se eu disse isso não foi em sentido literal.” Agora ela estava agitada, e eu não sabia se era por minha causa ou por ela mesma, mas o tremor de suas mãos havia se espalhado para o rosto. Por um instante pensei que ela ia desmaiar.

“A senhora está bem? Tenho uma caminha lá atrás, se a senhora quiser se deitar.”

Ela respirou fundo, ainda tremendo. “Não, eu estou bem.”

Ela não parecia bem — parecia um espectro da morte. E disse: “Sei que não vai adiantar nada tentar convencê-lo do que Burton fez ou não fez”, e em seguida, quase no mesmo fôlego, perguntou: “O que o senhor sabe sobre o tempo em que ele ficou nos Estados Unidos?”

“Sei que ele foi a Utah em 1860 para encontrar Brigham Young. Estava interessado por poligamia e queria ver com seus próprios olhos como funcionava uma sociedade polígama.”

“Isso é o que dizem os livros escolares.”

Era o que o próprio Burton havia dito nos livros, mas concordei com a cabeça. “Ele teve que fugir da Inglaterra por uns tempos. Tinha sido traído por Speke, que ficou com toda a glória da descoberta dos lagos africanos. Não sei, talvez haja alguma verdade na história de que ele apenas queria vir para cá para brigar com uns índios.”

“O senhor sabe, é claro, que ele era um mestre da espionagem.”

“Sei que quando estava na Índia ele muitas vezes trabalhava como espião da Coroa.”

“E quando veio para os Estados Unidos, desapareceu durante três meses. O que acha que ele estava fazendo aqui então?”

“Ninguém sabe. Sempre se supôs que ele estivesse metido em uma farra regada a bebida no Sul do país com um velho amigo dos tempos da Índia. Mas não existe documentação dessa época: a única evidência é o comentário de Burton de que *pretendia* fazer isso. Tudo o que Burton disse foi que havia viajado por todos os estados antes de chegar repentinamente a St. Louis para sua longa viagem de diligência até Utah.”

“Isso já não é mais inteiramente verdadeiro. Ouvei dizer que algumas páginas de um diário foram encontradas na Inglaterra, corroborando a ideia de que Burton e seu velho amigo Steinhauser estavam juntos. De acordo com esse relato, eles passaram mais tempo no Canadá do que no Sul dos Estados Unidos.”

“Muito bem, é isso aí.”

“E se eu lhe dissesse que havia um *outro* diário daquele período, contando uma história completamente diferente?”

“Eu provavelmente duvidaria disso. Uma dúzia de biógrafos nunca o descobriu.”

“Talvez não soubessem onde procurar.”

Mais uma vez, aquilo era possível. Um homem trilha muitos caminhos — até uma biógrafa dedicada como Fawn Brodie nunca descobre tudo —, mas eu ainda não acreditava.

“Pensei que a Sra. Burton havia destruído os diários.”

Ela chiou por trás do rosto de velhinha. “Bem, este é um em que ela nunca pôs aquelas malditas mãozinhas.”

“Se esse livro existe, eu adoraria vê-lo.”

“Ele existe, sim. Não se preocupe.”

Ela teve outro ataque de tremedeira. “Ele existe”, repetiu ela.

“A senhora parece bem certa disso... como se o tivesse visto pessoalmente.”

Ela concordou com a cabeça, e eu senti um arrepio nos cabelinhos da nuca. “Muito tempo atrás”, disse ela. “O tempo de uma vida toda, lá atrás. Não espero que o senhor acredite em mim. Só pensei que gostaria de saber que os seus livros vieram de uma coleção roubada da minha família. Mas acho que isso também não importa.”

“É claro que importa. Mas a senhora tem que ter uma prova.”

Lá fora uma ambulância passou berrando. Naqueles poucos segundos decidi assumir um interesse objetivo e acadêmico pelo que ela estava dizendo. A idade daquela mulher exigia, no mínimo, muito respeito, então eu disse a mim mesmo para ser gentil e guardar a estupidez para quem merecesse.

Peguei um bloco de anotações e quase me senti um policial novamente. “Qual era o tamanho dessa coleção?”

“Era grande”, disse, e eu quase senti o seu batimento cardíaco disparar diante do meu interesse repentino. Ela havia conseguido minha atenção: era por isso que estava ali, era isso que queria.

“Era bem grande”, respondeu. “O senhor provavelmente a consideraria o início de uma biblioteca. Uma estante de bom tamanho cheia de livros. Um armário cheio de cartas e outros documentos.”

“Uma biblioteca como essa não é fácil de roubar”, eu disse. “Um homem não consegue sair andando por aí com tantos livros assim no bolso.”

“Não foi um ladrão durante a noite. Tudo foi feito por meio de mentiras e logros.”

No mesmo instante fiz a pergunta mais importante do ponto de vista legal: “Algum dinheiro mudou de mãos?”

Ela disse: “Não sei, não tenho certeza”, mas a resposta foi rápida demais e ela desviou os olhos dos meus. Percebi que estava mentindo, e ela sabia que eu sabia.

Mas o que disse em seguida só piorou a situação. “Que diferença isso faz, se o negócio foi todo desonesto?”

Esse é o problema com a mentira, ela geralmente conduz direto a outra mentira. Uma pergunta que se fundamenta em uma mentira é, em si, uma mentira. Imaginei que sabia muito bem a diferença que aquilo poderia fazer, e uma mentira é uma mentira e é uma mentira, como diria Gertrude Stein, que era um modelo de profundidade lúcida.

A Sra. Josephine Gallant esquivou-se da situação retirando-se para seu próprio passado obscuro, e lá, de maneira tão inesperada que surpreendeu a nós dois, ela conseguiu se redimir.

“Aquela coleção foi reunida por meu avô há mais de cem anos. Minhas primeiras lembranças são de meu avô e seus livros. Lembro-me das cores deles... das texturas. Lembro-me daquela sala, em uma casa que existe apenas na minha memória. As paredes em azul claro. O gesso começando a rachar em um dos cantos, em cima da cozinha. O assoalho encerado, feito de tábuas de carvalho. Eu, sentada no colo de meu avô enquanto ele lia, e lá fora, os sons dos cavalos na rua. O lixeiro, com seu bigode de leão-marinho, começando a ficar grisalho... o simpático Sr. Dillard, que guiava uma carroça com um cavalo que se chamava Robert. Nossas janelas ficavam sempre abertas no verão e havia barulhos — todos os sons da rua, mas eles nunca perturbavam meu avô quando ele estava lendo. Ele conseguia se perder no livro. Se eu pedisse, leria para mim em voz alta até que eu adormecesse. E se eu acordasse — e se o cutucasse — ele começaria a ler de novo.”

Ela respirou longamente. “Se o senhor lê os livros de Burton, sabe como eles podem ser difíceis. Mas há passagens que parecem ter vida, até mesmo para uma criança. Meu avô o admirava tremendamente. O armário estava cheio de cartas de Burton, escritas ao longo de vinte e cinco anos. Todos os nossos livros tinham dedicatórias de Burton para ele, e muitos outros que Burton não escrevera, mas que enviara a meu avô ao longo dos anos, sobre assuntos exóticos que ele considerava interessantes. Sempre havia algum bilhete dentro dos exemplares, com uma menção à época que passaram juntos, e muitos dos livros tinham anotações feitas pelo próprio Burton nas margens das páginas.”

Ela sorriu. “Meu avô sempre me perguntava se eu gostava dos livros de Burton, e eu sempre respondia que sim, que eu os adorava, e ele dizia que seriam meus quando eu crescesse.”

Ela ergueu a cabeça como se estivesse dizendo: *Isso é tudo o que tenho. Lamento se não é o bastante.*

“Essas são minhas lembranças mais queridas, ouvir meu avô ler, nas palavras do próprio Burton, sobre suas aventuras na Índia, na África, na Arábia e no Oeste dos Estados Unidos.”

O sorriso dela era tênue fugaz e melancólico, encantador como uma paisagem desértica deve ser nos limites do espaço. Naquele momento, a pequena mentira que ela havia dito parecia trivial, e o desconforto

generalizado que eu vinha sentindo aguçou-se, tornando-se específico.

Ela não estava falando como uma maluca agora.

De jeito nenhum.

De repente, eu acreditava nela.

Passei muitos anos interrogando pessoas, e na maioria dos casos eu conseguia sentir o cheiro de uma mentira assim que era dita. Os bons policiais são aqueles que sabem a verdade quando a ouvem.

Foram as pequenas coisas que me ganharam. Os detalhes, como o gesso azul... O *gesso azul-claro*. A rachadura no teto, *bem em cima da cozinha*. O lixeiro de bigode grisalho e com um cavalo chamado Robert, ora essa! Quem é que tem a ideia de colocar *Robert* como nome de um cavalo? A menos que seja real.

De repente ela estava conseguindo todo o benefício da minha dúvida.

De repente tive que ser justo com ela.

De repente as escolhas não eram mais minhas. De repente eu tinha que ouvir o que ela realmente sabia: tinha que separar o que ela *achava* que sabia daquilo em que ela queria acreditar, e afastar aquilo em que eu queria acreditar.

De repente tinha que descobrir o que seria a verdade, porque, de uma hora para a outra, eu talvez precisasse pedir às pessoas da casa de leilões que a descobrissem para nós.

Eu podia até imaginar o que iriam dizer. Raramente há garantias em um leilão de livros, e antes de tudo haveria um desdém indiferente, aquele esnobismo besta de torre de marfim que o pessoal que vive de livros sabe destilar melhor do que ninguém. Se eu fizesse um estardalhaço, talvez prestassem atenção. A Boston Book Galleries era uma prestigiosa casa de leilões com uma excelente reputação, e eles haviam vendido o livro sem apontar nada de errado na procedência. Mas, nos últimos anos, até mesmo as mais prestigiosas casas de leilão haviam sido enganadas. Algumas delas haviam vendido a própria alma e participado das enganações, então ninguém estava seguro se o livro tinha que ser investigado. A investigação teria que remontar ao dia em que Richard Francis Burton havia escrito e assinado uma dedicatória para um homem chamado Charles Warren. A velha senhora olhou para mim fixamente, tentando me ver através da névoa que lhe cobria os olhos, e mais uma vez foi como se ela soubesse de coisas que não havia dito. Ela sabia o quanto estivera próxima de me perder. Havia penetrado por uma brecha em minhas defesas e sabia disso também, mesmo que não soubesse

como acontecera.

Ela embarcara com poucas esperanças em uma viagem que deve ter parecido interminável, e nos últimos poucos minutos havíamos atingido um ponto decisivo. Ela respirou fundo e voltamos ao momento da verdade do qual ela havia se desviado alguns instantes atrás. Ela tentou sorrir, mas não conseguiu, e por fim não havia mais nada a fazer a não ser dizer o motivo daquela presença ali.

“Meu avô morreu em 1906. A biblioteca foi saqueada imediatamente após a morte dele, o acervo todo levado em uma única noite. Os livros nunca mais foram vistos desde aquele dia.”

Tossi, educadamente, espero. Mas a química entre nós estava a toda agora, e eu sabia exatamente o que ela queria. Não procurava apenas o livro que estava comigo, ela queria todos eles. A biblioteca do avô havia desaparecido fazia mais de oitenta anos, e a Sra. Josephine Gallant, no fim da vida, queria que eu a encontrasse.

O único som que se ouviu no meio minuto seguinte foi o tiquetaque do relógio. Ela continuou sentada enquanto minha mente levantava as piores implicações possíveis daquilo que acabara de dizer.

Eu conhecia o suficiente da legislação sobre o assunto para saber como a situação poderia ficar feia. O direito consuetudinário diz que não se pode comprar um título, mesmo que a venda seja de boa-fé, se houver furto em algum ponto da história da propriedade. A expressão *caveat emptor*, “que o comprador se acautele”, pode fazer parte de uma língua morta, mas existem excelentes motivos pelos quais ainda é universalmente conhecida. Richard Burton em sua primeira infância deve tê-la compreendido muito bem.

As coisas raramente são tão simples assim no direito americano moderno. As leis estaduais podem diferir muito em relação ao mesmo conjunto de circunstâncias, e o tempo pode desgastar os direitos originais em oposição à vontade da lei. As pessoas morrem, as décadas passam, e aquilo que em determinado momento elas claramente possuíam pode adquirir uma nova história de propriedade muito válida.

Oitenta anos era um tempo bastante longo, mas aquela senhora não tinha morrido. Lá estava ela, sentada à minha frente, uma relíquia humana, aguardando ansiosa por alguma indicação do que eu iria fazer. Tudo o que havia a favor dela era uma débil esperança e uma brecha na minha consciência. Se por acaso eu optasse por me incluir na enorme lista dos sacanas mais famosos do mundo, o que ela poderia fazer? Eu tinha comprado aquele livro de maneira perfeitamente legal; caramba, eu poderia enrolar a velhinha a vida toda. Mesmo se tivesse dinheiro, e a lei, no final, ao seu lado, ela ainda teria que enfrentar o andamento do processo. Tendo em vista a idade e a maneira pela qual os advogados ficam se lambendo, ela não viveria tempo suficiente para ver o livro de novo.

Eu tinha a impressão de que ela sabia de tudo isso tão bem quanto eu.

Até mesmo Ralston sabia: eu conseguia vê-lo em minha visão periférica, no final da seção de livros de arte, bastante interessado em nós agora, sem fazer nenhum esforço para disfarçar isso. Será que havia algo como uma química a três? Talvez sim, mas não explicaria tudo. Nós sabíamos o que eu poderia ter feito. Porém só eu sabia o que tinha a fazer.

“Em que está pensando, Sr. Janeway?”

“Apenas tateando as margens de um dilema moral, Sra. Gallant.”

Quase dava para ver a mente se agitando, caçando qualquer pequeno detalhe que pudesse tornar meu dilema menos palpável e minha escolha mais moral. Mas ela não sabia como chegar a isso, e tudo o que conseguiu foi fazer uma pergunta às cegas: “O que você quer saber?”

Apanhei meu bloco de anotações que havia caído no chão ao meu lado. “O sobrenome dele era Warren, o seu é Gallant. Pode começar por aí.”

“Warren era o nome de minha mãe. Gallant era o nome do tolo com quem me casei há mais de setenta anos. Eu o mantive porque sempre adorei o som régio que possui.”

Isso também soava verdadeiro, mas ela ainda estava lendo dúvida em minhas perguntas. “Parece-lhe estranho que eu pudesse ter encontrado alguém que se casasse comigo, Sr. Janeway?”

“De maneira alguma.”

“Nem sempre fui uma ameixa seca e velha. Houve uma época em que até mesmo um jovem como o senhor poderia ter me achado atraente. Mas isso foi há tanto tempo que poderia ter sido em outro universo.” Ela tocou o rosto como se procurasse uma lágrima. “A primeira vez em que ouvi o nome Gallant achei que tinha um som encantador. Tucker Gallant. Meu Deus, faz quase sessenta anos que ele morreu. Às vezes me pergunto se não me casei com ele apenas pelo nome.”

“Você não me parece o tipo de pessoa que faria isso, Sra. Gallant.”

“Quem se lembra do tipo de pessoa que eu era? Quando o conheci, eu mal havia saído da adolescência.”

As mãos dela começaram a tremer e ela desviou os olhos, apertando-os contra a luz que vinha da rua. A esperança era inconstante e desaparecia à medida que a realidade se estabelecia. “Eu sabia que vir até aqui seria inútil. O senhor está sendo bastante gentil, Sr. Janeway, mas não tenho nenhuma ilusão em relação a nada. Mesmo que eu pudesse provar tudo o que disse, aonde isso me levaria?”

“Em um mundo ideal, eu devolveria o livro e reaveria meu dinheiro.

Então a casa de leilões o daria para a senhora como legítima proprietária.”

“O seu tom de voz me diz que é improvável que isso aconteça.”

“Eles não fariam isso. A posição que assumem é a de que todas as vendas são definitivas. Naquele mundo ideal, talvez a senhora pudesse descobrir quem os consignou.

Mas então a senhora teria que brigar com a pessoa.”

“E como eles acham que eu poderia fazer isso?”

Dei de ombros. “Não é problema deles.”

“Chega de mundo ideal. E agora?”

Fiquei em silêncio. Droga, eu não era advogado: não era minha atribuição dizer a ela o que fazer. Se eu fizesse algum esforço de boa-fé para descobrir algo sobre o livro, ninguém poderia pedir nada além disso.

“Que situação”, disse ela.

É mesmo, mas eu não ia aconselhá-la.

“Se o senhor ficar com o livro, eu perco. Se o senhor o devolver, mesmo assim eu perco.”

Até aqui ela estava entendendo muito bem a situação.

“Acho que meu único recurso é *convencê-lo* a dar o livro para mim.”

Havia certa autoironia em sua voz, algo como Está para chegar o dia em que as vacas vão voar e o fantasma de Richard Burton virá para arrancá-lo de você na ponta de uma espada.

“Só um tolo faria isso”, disse ela.

Era verdade. No mundo cão em que vivíamos, ela não significava nada para mim. Ela representava problemas e incômodos, a encarnação de más notícias. Mas meu coração a acompanhou.

“Eu não deveria ficar fazendo brincadeira com isso”, disse ela. “É muito dinheiro envolvido para ficar brincando.”

“Eu sei bem.”

Eu não tinha percebido que ela estava brincando — como poderia? —, mas agora, com sua risada autodepreciativa, tive uma ideia da garota que fora: uma destruidora de corações, aposte, na primavera dos buliçosos anos 20, com a vida apenas começando e o mundo abrindo-se para ela. Naquele instante o dinheiro parecia absurdamente irrelevante. Continuava sendo apenas dinheiro índio: se eu tivesse que abrir mão do livro, sentiria falta dele como de um fígado arrancado, mas quanta falta iria realmente sentir daquela droga de dinheiro? Mudei de posição no banquinho e disse: “Não sei o que fazer”, e ela inspirou, segurando a respiração por um momento.

“Eu simplesmente não sei, é só isso que estou dizendo. Se pudéssemos comprovar tudo — se não houvesse dúvidas —, então acho que essa seria uma opção, não é?”

Ela balançou a cabeça. “O senhor deve estar louco.”

“Isso não é nenhuma novidade, Sra. Gallant.”

Ela apertou os olhos, perscrutando meu rosto, e disse: “Gostaria de poder vê-lo melhor”, mas não se mostrava mais apreensiva. Ela não estava mais com medo, e o que havia restado entre nós era uma estranha e crescente harmonia. Será que eu estava vendo confiança no rosto dela?

“Eu não tinha a menor ideia do que iria encontrar quando vim para cá. Sem dúvida não esperava encontrar um homem honrado. Pensei que criaturas assim estivessem extintas hoje em dia.”

“Não se entusiasme demais, senhora. Ainda não fiz nada.”

Mas já não havia como evitar: naqueles poucos minutos, algo fundamental havia mudado entre nós. Ela teve um leve estremecimento e levantou a mão para fechar a gola do vestido. Perguntei se estava com frio — eu tinha um xale de lã no escritório —, e ela fez que não com a cabeça.

“Sr. Ralston?”

“Sim, senhora?” Ele se aproximou.

“Por favor, pode pegar minha bolsa no carro?”

Foi a minha vez de estremecer quando Ralston trouxe a bolsa, e ela mandou que ele tirasse de lá o que obviamente era um livro embrulhado em um pedaço de pano. O que mais poderia ser, senão um Burton? Passei os dedos pela capa em pano roxo, o abri na página de rosto e minha última dúvida sobre ela desapareceu. Lá estava, em magníficas letras vermelhas: *First footsteps in East Africa*, Londres, 1856. Toquei a dedicatória:

*Para Charles Warren, meu melhor amigo americano,
Charlie, na esperança de que nossos caminhos possam vir a se
cruzar novamente,
Richard F. Burton.*

A data era 1860.

“Este é um exemplar extraordinariamente raro nos dias de hoje”, disse ela. “Estava escondido comigo, eu o protegi por anos. Pelo que sei, nunca se

ouviu falar em um exemplar que tivesse o apêndice proibido intacto.”

O famoso texto chamado de *apêndice da infibulação*. Fui para a página 591 e o encontrei encartado, quatro páginas em latim. Lembrei de ter lido na biografia de Brodie que o trecho continha material considerado tão lascivo para a época que os editores se recusaram a incluí-lo no livro.

“As práticas sexuais dos somalis”, disse ela. “Explicadas nos mínimos detalhes para o horror público e a excitação secreta da velha Inglaterra hipócrita. Anéis penianos, circuncisão feminina — coisas sobre as quais não se podia falar naquela época e que hoje as pessoas estão cansadas de ver.”

“Burton nunca teve nenhuma inibição quando se tratava de descrever o que havia visto.”

“Apesar de tudo o que isso representou para ele. Pelo que sei, apenas poucos exemplares sobreviveram.”

“Como conseguiu salvar este aqui?”

“Tive sorte. Charlie havia tirado este volume da biblioteca para procurar alguma coisa nele. Estava no andar de cima da casa, onde não deveria, na noite em que ele morreu. Mais tarde minha mãe encontrou o livro e o escondeu. Ela o manteve em segredo até a morte, e foi encontrado entre suas coisas. Algumas relíquias sem valor, algumas roupas velhas, e isto — o resumo de sua existência, mas para mim era um símbolo do que havíamos sido, de quem éramos.”

Virei a página do bloco. “Então me conte quem vocês eram.”

“Nunca fomos ricos, isso eu posso lhe dizer. Sempre tivemos uma vida confortável de classe média enquanto Charles era vivo, mas naquela época as pessoas eram ricas ou pobres, e a classe média era uma parte muito menor da população. Podia-se viver muito bem na classe média naqueles tempos.”

Seu semblante recuperou a aparência sonhadora. “Tudo o que fomos nos bons tempos começou e terminou com o meu avô. Ele era uma adorável figura de autoridade quando eu era criança. Seus amigos o chamavam de Charlie, mas para mim, é claro, ele sempre foi o vovô; teria sido um sacrilégio pensar nele de outra maneira. Porém, quando fiz oitenta anos, percebi de repente que estava mais velha do que ele — do que quando ele morreu, você entende, parando eternamente nos setenta e nove anos. Foi então que ele passou a ser mais um amigo querido e comecei a pensar nele como Charlie.”

“E o seu pai?”

“Meu pai...” Ela se esforçou, mas não conseguiu encontrar uma palavra.

O silêncio se prolongou e tornou-se constrangimento. “O que quer saber? Eu tentei amar meu pai... só que ele nunca deixou. Não era uma pessoa ruim... apenas fraco.”

“Ele bebia?”

A surpresa fez com que ela recuasse.

“Eu não sei ler a mente, senhora, é apenas algo que faria sentido.”

Ela ficou incomodada. Podia sentir que eu a estava cercando, levando-a a lugares a que evitava ir havia muito tempo. Por fim, respondeu à pergunta. “A bebedeira dele colocou minha mãe em um albergue depois que meu avô morreu. Foi lá que *ela* morreu, em uma ala para tuberculosos. Todos morreram com poucos anos de diferença um do outro — Charlie... Mamãe... ele.”

Decidi deixar a bebida do pai de lado naquele momento, mas sabia que voltaríamos a ela. “Então a senhora ficou sozinha no mundo com que idade?”

“Treze anos.”

“Isso foi em Baltimore.”

“Sim, mas quando mamãe ficou doente fui morar com o irmão dela em Boise, Idaho.”

“E como foi?”

“Horrível. Ele era um trabalhador braçal; ganhava muito pouco, e a mulher dele lavava roupas para ajudar. Eles já tinham cinco filhos, a última coisa de que precisavam era mais um. Nenhum deles gostava de mim; nunca disseram isso claramente, mas eu sabia. Eles me aturavam porque eu era parente, e era isso que as pessoas de bem faziam na época. Eu odiava ser um fardo, então fugi, dois anos depois, e nunca mais os vi novamente. Tenho certeza de que todos disseram ‘já vai tarde’ quando desapareci.”

Os olhos dela desviaram para a rua, como se imagens daquele tempo antigo tivessem começado a aparecer na rainha vitrine. “Todos eles já devem ter morrido, não é mesmo?”

“Difícil dizer. A senhora ainda está aqui.”

Uma pausa repleta de significados: virei a página do bloco. “O que aconteceu então?”

“Um monte de coisas sobre as quais o senhor não Precisa saber. Digamos apenas que em pouco tempo aprendi como cuidar de mim mesma e ficamos assim. Voltei para Baltimore e casei-me com Gallant em 1916. Durante toda a vida tive uma capacidade surpreendente de ir de mal a Pior, e essa era apenas mais uma das circunstâncias. Isso não importa agora; tudo

aconteceu muito tempo atrás. Vamos apenas dizer que Gallant não fez jus à promessa do nome.

Ela fez um gesto nervoso. “Vamos falar sobre outra coisa. Aquela época foi difícil e eu preferia não pensar muito nela. De toda forma, Gallant não tem nada a ver com isso. Duvido que eu sequer tenha dito a palavra *livros* durante todo o tempo em que ficamos casados. Mas nunca deixei de pensar neles. Eles estavam no meu pensamento durante todos aqueles anos difíceis.”

“Parece que a senhora realmente passou por isso. Anos difíceis, quero dizer.”

Ela deu uma risadinha. “Ah, querido, eu poderia lhe contar histórias que iriam deixar seus cabelos arrepiados. Cs anos 20 não foram tão ruins; tivemos alguns bons momentos e um pouco de dinheiro também. Mas Tucker perdeu tudo em 1929, como todo mundo. Então ele... morreu... e eu morei em uma caixa de papelão em um depósito de lixo durante todo o inverno de 1931. O depósito era o único lugar em que os policiais me deixavam em paz. Eu ia dormir toda noite com o cheiro de carne podre no nariz e ouvindo ratos por toda parte. Tudo o que eu tinha era uma pequena chave prateada da caixa de depósito de Tucker onde eu guardava o livro. Mas o que importa isso agora? Passei por tudo e ainda estou aqui, cinquenta e oito anos depois que Tucker Gallant foi enterrado por dois sujeitos que jogaram terra na cara dele.”

Ela engoliu em seco e seu olhar vagou pelas áreas escuras da livraria. “O duro é pensar como minha vida teria sido diferente se eu não tivesse perdido aqueles livros. Sabendo o tempo todo que era para eles serem meus.”

“O que a senhora teria feito com eles, vendido?”

“Difícilmente. Eram uma parte tão importante da minha vida...”

Ela deu de ombros. “Quando a fome é forte o bastante, você vende qualquer coisa. Com certeza não valiam tanto naquela época quanto valem agora, mas aposto que eu teria obtido uns bons trocados por eles mesmo naquela época. Talvez tivesse conseguido fazer uma faculdade. Eu sempre quis isso. Sempre quis estudar...”

“Estudar o quê?”

“O senhor vai rir.”

“Não, não vou. Claro que não vou.”

“Parece uma tolice agora, mas sempre quis estudar alguma coisa que fosse grandiosa. Como filosofia.”

Ela revirou os olhos diante do que julgava um desatino. “Puxa vida, filosofia. Que enorme tolice.”

Eu não ri: ela riu.

“Agora eu é que lhe pergunto, Sr. Janeway, já ouviu uma tolice tão grande quanto essa?”

Dois fregueses entraram, perdulários do Texas que passavam uma vez por ano em Denver, e durante algum tempo fiquei ocupado mostrando-lhes alguns livros modernos e sofisticados. Compraram um monte de coisas das quais adorei me livrar, e passaram batido por dois Mark Twain perfeitos para pagar quase a mesma quantia em livros de Larry McMurtry, Hunter S. Thompson e alguns outros cujos nomes estarão esquecidos enquanto o do velho Clemens ainda será conhecido. Ralston os observou retirar oito notas novinhas de um maço cheio de notas de cem, e eles saíram felizes com a sacolinha de livros.

“Cara, estou no ramo de trabalho errado.”

“Bom, nem sempre é assim.”

“Nem precisa ser.”

Quase uma hora havia se passado desde que eu interrompera minha conversa com a Sra. Gallant. Ela parecia exausta, os olhos bem abertos, olhando fixamente para nada.

Pensei, *meu Deus, como eu adoraria passear pela mente dela; mas, se eu tivesse um último desejo, gostaria de ter estado com ela quando o avô morreu*. Eu tinha a ideia meio piegas e cavalheiresca de que poderia ter salvado tudo: que, de uma maneira ou de outra, eu teria impedido o pai de vender os livros.

“Sra. Gallant.” Aproximei meu banquinho. “Sei que a senhora está cansada, mas podemos falar um pouquinho sobre seu pai?”

De repente, ela levou as mãos ao rosto e chorou. Coloquei a mão em seu ombro e ficamos um tempo assim, até que, quando estava pronta, ela me contou o que havia acontecido.

É claro que o velho desgraçado vendera os livros: não significavam nada para ele. “Ele nunca leu um livro na vida”, ela disse. “Ele não dava a mínima. Pegou trinta dólares por todos eles e bebeu esse dinheiro em uma semana.”

“Foi feito algum recibo, algum tipo de documento legal?”

“Nenhum que eu tenha visto.”

Claro que não — quem é que faz um documento de um negócio de trinta dólares? Mas, se houve dinheiro mudando de mãos, então era legal, e quem, depois de oitenta anos, poderia provar que não era?

“Disseram-lhe que os livros não valiam nada — que eram apenas lixo.

Isso não é desonestidade? E com que *direito* ele os vendeu? Os livros não pertenciam a ele para que pudesse vendê-los.”

Essa era ainda outra complicação legal. O que dizia a lei em 1906, quando as mulheres ainda não podiam votar, sobre o direito de um homem aos bens de sua esposa? Especificamente, o que dizia a lei em *Maryland* naquela época tão esclarecida?

Senti o começo de uma dor de cabeça. Ainda havia perguntas a fazer. Nenhuma delas levaria a lugar nenhum, eu sabia, mas tinha que perguntar. Fiz algumas anotações e, quando ergui os olhos, a Sra. Gallant havia começado a oscilar na cadeira. Coloquei a mão em um de seus braços e então Ralston apareceu, segurando-a firmemente.

“Acho que chega por hoje, Janeway”, ele disse, e não estava brincando: a conversa tinha acabado.

Discutimos por um momento sobre o que fazer. “Ela vai para a minha casa”, disse Ralston. “Não é nenhum Brown Palace, mas ela pode descansar bem até Denise chegar.”

Nós a ajudamos a entrar no carro. Ralston me deu seu número de telefone e me disse para ligar mais tarde. Eu me inclinei e falei com ela através da janela aberta.

“Uma última pergunta. A senhora tem alguma ideia de quem comprou aqueles livros?”

“Sim, é claro. Ele queria dinheiro rápido, então os vendeu para uma livraria.”

Ótimo, o único raio de luz no que até agora tinha sido uma história desesperada. Se um livreiro havia comprado a biblioteca inteira por trinta dólares, mesmo levando em consideração os valores muito menores da época, aquilo sem dúvida tinha sido uma tremenda desonestidade. Mas o que isso importava agora? Assim como Richard Burton e Charlie Warren, como os pais dela, o lixeiro e o cavalo, Gallant, os parentes de Boise e todos os outros, aquele livreiro já devia ter morrido havia muito tempo.

Então ela disse uma coisa que me atingiu tal qual um tapa. “Quando penso naqueles livreiros horrorosos — os Treadwell —, como podem viver com uma coisa dessas?”

Foi o verbo no tempo presente que revirou minha cabeça.

“Sra. Gallant... está me dizendo que esse lugar ainda existe?”

“Claro que sim, existe desde sempre. O senhor nunca ouviu falar de Treadwell? É um antro de ladrões, passado de geração em geração na mesma

família desgraçada há mais de cem anos.”

Se eu tivesse mais tempo de estrada, talvez conhecesse Treadwell. Um livreiro que viaja costuma estar por dentro dos boatos locais, e quem viaja constantemente acaba sabendo tudo de todo mundo. Os famigerados acabam se tornando famosos, e os livreiros adoram conversar francamente com um colega em quem podem confiar.

Em uma hora eu fizera seis telefonemas para livreiros que conhecia no país, e juntara muitas anotações sobre a Livros Treadwell. Tinha o endereço, o telefone e uma boa descrição de como era a livraria, em termos gerais. O anúncio deles nas Páginas Amarelas alardeava um acervo de dois milhões de livros em três grandes andares de um velho prédio de tijolos na Eastern Avenue, perto de South Broadway, em uma área no centro de Baltimore não muito longe do Hospital Johns Hopkins. Ao longo dos anos eu havia estado em tantas livrarias assim que quase podia vê-la. Poços de escada sombrios, assoalhos rangendo, corredores estreitos, prateleiras profundas e cheias de pó. Livros alinhados em fila dupla ou às vezes tripla, livros empilhados nos cantos, sobre as estantes já abarrotadas, e mais deles empilhados no chão no final de cada seção. Livros sobre todos os assuntos imagináveis e alguns a respeito de temas que ninguém acreditaria existir. Em uma loja dessas, era possível que alguns dos títulos que ficassem nas fileiras do fundo não tivessem sido tocados por décadas.

A história da loja era pitoresca e longa. Estendia-se pela maior parte do século e havia dado origem a gerações de livreiros começando pelo velho Dedrick Treadwell, o rei dos patifes no mundo dos livros da passagem do século para o XX. Os Treadwell sempre tiveram uma reputação dúbia no mundo dos livros. “Eles pagariam mais que qualquer um se estivessem concorrendo com outros livreiros e os livros fossem bons”, disse um livreiro de Washington, D C., que os conhecia muito bem. “Mas se o negócio estivesse apenas nas mãos deles com algum leigo que acabou de herdar um

monte de livros... Bom, eu não gosto de chamar ninguém de trapaceiro... vamos dizer que ouvi umas histórias por aí e deixar por isso mesmo.”

No começo das atividades, o velho Treadwell havia controlado diversas lojinhas que mais pareciam um buraco na parede. No início dos anos 30 ele alugou o prédio na Eastern Avenue com a opção de comprá-lo. Era evidente que estava de olho em algo muito maior, e em pouco tempo ele e o filho já absorviam dezenas de milhares de livros por toda a Costa Leste. Eram compradores vorazes, predadores insaciáveis do comércio de livros. “Só Deus sabe quantos livros que hoje consideramos clássicos e que vendemos por valores de quatro dígitos sumiram de lá por umas moedinhas”, disse um livreiro. Pertenciam à escola do jogo rápido: compravam barato, vendiam barato, arrumavam dinheiro e seguiam em frente, comprando mais ainda.

Adoro livrarias assim: posso gastar horas e milhares de dólares nessas masmorras de livros, mal iluminadas e cheias de pó. Mas elas estão seriamente ameaçadas de extinção à medida que os aluguéis sobem ainda mais e o espaço no centro da cidade é consumido por empreendimentos de grande rotatividade e lucro. Em pouco tempo seriam como as pessoas do velho Sul de Margaret Mitchell, nada mais do que um sonho mal lembrado.

O primeiro Treadwell deve ter previsto essa tendência décadas atrás. Ele comprou o prédio e seu filho teve filhas e ali prosperou. Sobreviveram à Grande Depressão, os anos de guerra foram bons e o pós-guerra foi ainda melhor. A segunda geração morreu e surgiu uma terceira. Poucos ficaram no ramo; a maioria partiu para encontrar, assim esperavam, um futuro melhor em outros lugares. Hoje os sócios-proprietários eram irmãos da quarta geração, Dean e Carl Treadwell. Consegui uma boa descrição de ambos com um livreiro de Chicago. “Dean é um sujeito grandalhão e rude, barbado”, disse o meu amigo. “Carl é menor, mais sossegado, mas a gente tem a impressão de que existe um monte de coisa passando na cabeça dele — uma raiva, quem sabe até um pensamento original de vez em quando. Carl dá a impressão de água parada e funda, e Dean faz mais o tipo amigável, comum. Dean gosta de fingir que são apenas uns jecas, mas não se engane, debaixo de toda a baboseira que falam há duas mentes extremamente astutas. E eles conhecem de fato os livros que têm.”

Talvez sim, mas nessa geração a Treadwell já havia passado por maus bocados. “Carl é o culpado”, disse o sujeito de Washington. “Não fui eu quem disse, mas ele se meteu com más companhias — jogadores, bandidos, a máfia de Baltimore. É possível que uma parte da loja pertença a gângsteres.

Ouvi dizer que Carl perdeu as calças em um jogo de pôquer no ano passado.”

“Você deveria sair mais”, disse o meu amigo de Chicago. “Todo mundo sabe sobre os Treadwell.”

Durante mais uma hora meditei sobre o que descobri. Sempre houve alguns escroques no ramo de livros. Como disse um velho livreiro, existe uma maçã podre em todas as cidades. Às vezes é um vigarista óbvio, cheio de charme. Pode ser o ladrão frio que sai despreocupadamente de uma livraria com uma coleção de dez volumes de Conan Doyle enfiada em cada centímetro da calça, do paletó e da camisa, com o exemplar autografado metido em alguma cavidade corporal úmida, e imediatamente encontra um outro livreiro ansioso para prender a respiração e comprar tudo, cinquenta por cento mais caro, sem fazer perguntas. É também o livreiro rival que sabe conhecer um livro importante quando o vê. Tem mais caras do que Lon Chaney em suas melhores atuações. É o sujeito de boa aparência que coloca sobrecapas em edições sem valor do clube do livro e as vende para o colecionador ingênuo como se fossem primeiras edições. Às vezes ele se torna um renegado, prosperando por meio de intimidação e com o estoque no porta-malas de um carro. Ele pode ter qualquer tipo de personalidade, mas aquele brilho em seu caráter faz com que fique trabalhando para sempre no lado sombrio da rua. Suas marcas nunca mudam.

À medida que fui crescendo no ramo aprendi como tudo era cinzento. No comércio de livros é tão forte a mentalidade do tipo “o olho do dono engorda o gado” que isso se torna um jogo perfeito nas mãos do inimigo. O que *precisa* ser pago como valor mínimo para mantê-lo um ponto acima da fraude? Faz diferença se um livro de duzentos dólares tem pouca procura em comparação com um livro que é vendido facilmente pelo mesmo valor? Quanto pode ser deduzido pelo estado do livro e por quais padrões esse estado é avaliado? Não gostamos de admitir, mas todos temos um pouco de embusteiro. O grau de desonestidade varia demais, e nossa própria generosidade pode igualmente variar muito.

Não é de admirar que o ramo dos livros seja um lugar quente e fértil para pessoas desprezíveis; o surpreendente é como, na verdade, não se encontram muitas delas. A maioria dos livreiros paga trinta a quarenta por cento do valor real, sem pestanejar, o que sem dúvida é razoável, considerando-se as despesas gerais. Muitos de fato reduzem o valor, porque podem ficar com os livros por muitos anos. Talvez alguns nunca sejam vendidos. E existe uma coisa que sempre vai nos distinguir de um pilantra

enganador: nunca mentimos, em nenhuma das pontas, na venda ou na compra, e ele *sempre* mente — em qualquer uma das pontas, nas duas e também no meio.

Como minha vida poderia ter sido diferente! Apenas alguma peculiaridade em meu caráter evitou que eu me tornasse aquilo que desprezo. Eu podia estar rico agora, às custas de desonestidade. Eu vira Vince Marranzino poucas vezes desde os velhos tempos, mas aquela possibilidade nunca deixara de existir entre nós. Certa noite ele saiu de um carrão com um assistente mal-encarado Abri a porta, escondendo a apreensão que sentia, e Vince abraçou-me como se fosse algum chefão de um livro de Mario Puzo. Dei um tapinha em suas costas. Ele ainda era durão, e a cicatriz no rosto parecia mais acentuada, presente antigo de um jovem bandido com uma garrafa de cerveja quebrada. Pensando nele agora, acho que as cicatrizes me lembravam Richard Burton.

O capanga ficou esperando na calçada enquanto Vince e eu conversávamos. Agora ele era chamado de Vinnie, mas eu ainda podia chamá-lo de Vince. Ele se lembrava de suas antigas dívidas, e eu poderia chamá-lo do que quisesse. *Só você pode me chamar pelo nome antigo, Cliffie.*

Ele sabia que sua presença me deixava pouco à vontade. Mas teve que vir mesmo assim: havia visto nos jornais as histórias sobre meu lapso de boa conduta e queria me ajudar a ajustar as contas.

Olhou ao redor e perguntou: *Você gosta desse negócio de livros?*

Gosto, sim.

Quer comprar uns livros de verdade?

Não sei, Vince. O que eu precisaria fazer para tê-los?

É só deixar que eu arrume uma coisa para você. Tenho um trabalho agora, você poderia fazê-lo em uma semana. Ia ganhar cinquenta, setenta e cinco mil. Com isso daria pra comprar toda a porra de livros que quisesse.

Ora, disse eu sorrindo. Isso seria um começo, não tenha dúvida.

Mas recusei sem nem sequer ouvir qual era o trabalho.

Vince pareceu ficar ofendido. *Ora, seu bestão, quando é que vai deixar que eu fique quite com você?*

Já estamos quites, Vince. Você não me deve nada.

Mas eu havia salvado a vida dele certa vez, e ele balançou a cabeça desconsolado. Para um homem como Vince, era impossível ficar quite apenas com palavras.

Ele apertou meu braço. *Forte como sempre, né, Cliff? Aposto que eu*

conseguiria te dar um pau.
Eu ri. *Aposto que sim.*



Quando levantei os olhos novamente, a tarde havia passado. Eram cinco e quinze, sem notícias de Erin. Enfrentei o fato de que ela não ia aparecer.

Eram sete da noite em Baltimore, provavelmente tarde demais para ligar para a Treadwell's — supondo que eu tivesse alguma desculpa válida, ou pudesse pensar em alguma, ou pudesse dizer qualquer coisa que soasse real. Fui levado por um antigo impulso de policial: ouvir a voz do sujeito; então peguei o telefone e tecliei o número.

O telefone tocou cinco vezes... seis. Não tinha mais ninguém lá, como eu pensara, e tudo bem. Então ouvi um clique do outro lado e uma voz de mulher. “Alô, Livraria Treadwell.”

“O Treadwell está?”

“Qual deles?”

“O que estiver mais fácil.”

Ela respondeu: “Espere um segundo, meu bem”, e me colocou na espera. Bom, eu tinha começado aquilo: nada a fazer, a não ser desligar ou seguir em frente. O telefone estava completamente mudo, sem nem mesmo aquela musiquinha para me ajudar a passar o tempo de forma agradável. Quantas vezes eu havia feito aquilo quando era policial, um telefonema no escuro sem nenhum plano de ação e apenas um pressentimento? Às vezes dava certo, e eu não via nenhuma razão muito forte para ser discreto com aqueles sujeitos.

Longos minutos depois ouvi novamente um clique e, de repente, um leve zumbido na linha. Quase ao mesmo tempo o homem falou: “Dean”.

“Oi, Dean”, eu disse, com a minha melhor voz de bom rapaz. “Alguém me indicou vocês como uma possível fonte para uns livros que estou querendo encontrar.”

“Bom, seja lá quem indicou, acertou em uma coisa — eu tenho livros. Você quer comprar livros no varejo ou em grandes quantidades? Ou está interessado em algo especial?”

Ri com educação. “Os últimos livros que comprei em grandes

quantidades foram manuais sobre disfunção erétil.”

Ele urrou no telefone, uma risada áspera, seguida de uma tosse seca e intermitente de fumante. “Meu chapa, se você tem esse problema, não tem livro que cure. Pode cortar a mandioca velha e doar para alguma escola de medicina.”

“Porra, Dean, não é nada disso. Os livros eram para um amigo meu.”

Ele riu de novo. “Sei, tá bom. Então, o que você está procurando?”

“Ouvi por aí que vocês talvez tivessem alguns livros de Richard Burton. Estou me referindo ao troço verdadeiro, se é que você me entende.”

Achei que a pausa foi longa o suficiente para ser significativa. Ele tossiu de novo e disse: “Onde você ouviu isso?”

“Ah, sabe como é... aqui e ali. Mas a pergunta mais importante é se isso é verdade ou não.”

Dessa vez a pausa foi tão longa que pareceu o intervalo de uma partida de futebol. Depois de algum tempo eu disse: “Dean? Você ainda está aí?”

“Estou aqui, sim. Só estou pensando no que podemos ter. São muitos livros, colega. Já desisti há muito tempo de saber tudo o que temos no estoque.”

“Acho que você não teria muita dificuldade para achar o que eu quero. Se vocês têm uma sala de livros raros, imagino que saibam o que há nela, certo? O que estou dizendo é que os livros que procuro não têm nada a ver com os dois milhões de livros que vocês deixam nas prateleiras abertas.”

“Para você, é fácil falar. Você tem dois milhões de livros?”

“De jeito nenhum, ainda bem.”

Esperei. Ouvi o som de um cigarro sendo aceso. Ouvi quando Dean soltou a fumaça. “De onde você está ligando?”

“Estou na estrada. Tentando decidir se uma viagem até a costa valeria o meu tempo e a minha energia.”

“E você é um comprador sério, certo?”

“Sério o bastante para fazer você ganhar o seu dia.” Decidi mentir um pouquinho em prol da causa. “Quem sabe até o seu mês, se tiver o que quero.”

“Talvez ainda tenhamos alguma coisa, mas não tenho certeza.”

Ainda? Aquela palavra era muito significativa, pensei. Ele disse: “Vou ter que dar uma olhada e retornar sua ligação depois. Qual é o seu nome?”

Dane-se, pensei: *vamos ver até onde isso vai*. “Cliff Janeway.”

“O cara de Denver?”

“Não acredito como aquela história rendeu.”

“É mesmo. Você precisa me dizer quem é o seu assessor de imprensa.”

“O sobrenome dele é sorte. O primeiro nome, absurda.”

“Eu não iria reclamar de um pouco dessa sorte.”

“Talvez você esteja falando com ela agora mesmo, Dean”, eu disse, com um leve tom de arrogância.

“É, vamos ver. Tenho certeza de que você sabe que, se eu tiver alguma coisa do que está procurando, o preço não vai ser de revenda. Não gostaria que você viesse até aqui pensando em conseguir muito lucro em cima de um livro desses.”

“Estou acostumado com isso. Também não paguei preço de revenda em Boston.”

“Certo, então como ficamos? Quer me ligar mais tarde?”

“Claro. Diga quando.”

“Que tal amanhã, nesta mesma hora?”

“Feito. Foi bom falar com você, Dean.”

Desliguei e fiquei sentado, quietinho, pensando na conversa.

Uns dez minutos depois o telefone tocou. Quando atendi, não havia ninguém do outro lado.

Na verdade, *havia* alguém do outro lado. Por um instante consegui ouvi-lo respirando, então ele cobriu o telefone para tossir. E havia aquele zumbido leve na linha.

Dean.

Meu novo colega, Dean Treadwell. O último dos garotões dos bons tempos estava me testando.

Agora ele sabia que eu havia mentido. Afinal, eu não estava na estrada, estava?

Ouvi o clique quando ele desligou o telefone. O zumbido desapareceu e a linha ficou muda.



Agora era a hora do crepúsculo, o início de uma longa jornada noturna através da escuridão. Por enquanto o negócio com Treadwell havia terminado. Eu não queria que ficasse assim, mas ficou, o que aumentava a

inquietação. Eu não queria ir para casa. Não queria telefonar para algum amigo, nem ir ao cinema, nem fazer palavras cruzadas. Com toda a certeza, não queria me sentar em um bar repleto de estranhos como alternativa à luminosa presença de Erin d'Angelo. Quando não restam opções, geralmente trabalho com os meus livros, mas naquela noite também não queria fazer isso.

Na verdade, não sabia o que queria. Parecia que eu havia atingido um ponto decisivo em minha vida de livreiro. Agora vejo aquela época como meu verdadeiro divisor de águas, mais importante até que o salto meio cego que me levou direto da Homicídios para o ramo dos livros. Hoje acredito que fui moldado por todo aquele semestre.

Mesmo na ocasião eu sentia que estava mudando de minha base varejista comum para algo novo, embora na maior parte do tempo em que estava acordado tivesse dúvidas se aquilo iria me levar a algum lugar. Devia ser essa a sensação que um escritor experimentava quando estava tateando os caminhos que um texto deveria tomar. Acho que foi Doctorow quem disse isto sobre o processo de escrita — é como dirigir um carro à noite pelo campo: você só consegue ver aquilo que está imediatamente na frente dos faróis, mas consegue fazer toda a viagem desse jeito.

Talvez o negócio de livros fosse assim. Sempre fui lento para aprender, porém já tivera momentos prodigiosos nos quais eu de repente *entendia*, depois de meses de labuta, algum pedacinho do enorme universo em que havia entrado. Aha! Um pouco de conhecimento! Um ato de fé tão surpreendente que às vezes me deixava sem fôlego.

E nunca isso foi tão grande quanto naquelas duas semanas em 1987. Eu havia comprado o Burton, e agora sei que ele foi um catalisador. Millie, minha fiel escudeira, estava em férias, o que havia me forçado a encarar o aborrecido encargo de cuidar da loja. Richard Burton havia me animado, e a Sra. Gallant havia me incentivado, mas em um nível consciente tudo o que eu tinha era o irritante pressentimento de que teria que trabalhar até o dia amanhecer; isso e o fato de não saber como iria explicar a Dean o motivo de ter mentido para ele, quando ligasse no dia seguinte. Meu local de trabalho normalmente era a sala dos fundos, mas em minha solidão preferi ficar onde pelo menos poderia ver as luzes da rua. Trouxe todas as minhas coisas e sentei-me junto ao balcão, entretanto não consegui me concentrar. Fixei o olhar em meus livros de referência e durante muito tempo simplesmente fiquei sentado ali, esperando que meu estado de espírito mudasse.



O mundo dos livros era muito diferente naquela época. Em 1987 era realmente trabalhoso pesquisar até mesmo os mais simples problemas do ramo. Ainda estávamos nos primeiros dias da internet: as enormes e avassaladoras mudanças que nos atingiram mal haviam começado, e nenhum de nós sabia a loucura que iria ser. Características e valores de livros pouco conhecidos tinham que ser pesquisados à moda antiga, nas bibliografias e catálogos especializados, e para alguns a coisa era na base da intuição. O conhecimento era recompensado pelo sistema: você expunha os seus livros, arriscava-se e, se um outro livreiro soubesse mais do que você, ele ganhava em cima de seu erro. Hoje em dia qualquer leigo bobão pode olhar em um computador e conseguir um preço. Se o preço é adequado, se é a mesma edição — essas questões que já foram fundamentais começaram a perder a importância, à medida que alfarrábios e mercados de tranqueiras, e até mesmos as lojas de quinquilharias, correm para a internet para brincar de livreiros. Eles adoram dizer coisas do tipo: “A internet nivelou o jogo”, mas tudo o que fazem é canibalizar os preços birutas de algum outro sujeito para livros de linhagem e valor duvidosos. Eles querem participar do jogo, mas sem nenhum tipo de ônus, nem agora, nem nunca. Não possuem livros de referência para sustentar suas afirmações e nunca pagam mais do que uns trocados por qualquer coisa. Pintam e bordam, mas não se importam com nada além do preço. O computador pode ter nivelado o jogo em um sentido — é um grande recurso para revelar o quanto as pessoas pelo mundo estão pedindo e pagando por determinados livros —, mas até agora ele não consegue dizer, de maneira confiável, como identificar uma verdadeira primeira edição americana de *Cem anos de solidão*.

Naqueles primeiros dias da internet grudei em minha mesa de trabalho um papelzinho com um epigrama que dizia: *Um livro é um espelho. Se um asno olha dentro dele, não se pode esperar que um apóstolo olhe de volta*. Isso foi escrito dois séculos atrás por um espirituoso alemão de nome Lichtenberg, mas acho que o mesmo se aplica hoje à tela do computador.

Eu havia acabado de pedir meu jantar no Pizza Hut quando ouvi uma batida em minha vitrine. Virei-me e lá estava ela, a própria Garota Gibson¹.

Aqueles olhos incríveis. Aquele rosto sorridente e encantador, tão cheio de malícia. Pulei do banquinho onde estava, derrubando-o. Meu coração louco caiu junto com ele, um tombo doido que havia acontecido com apenas uma outra mulher. A grande aventura do amor, mais emocionante e arriscada do que um homem com uma arma: eu havia desistido da ideia de jamais voltar a sentir isso novamente.

¹ Personagem criada pelo ilustrador americano Charles Dana Gibson. Desenhada a lápis e nanquim, a Garota Gibson representou a mulher moderna, de 1890 a 1910. (N. E.)

6

Atrapalhei-me com as chaves e deixei-as escapar da mão. Joguei-me para a frente para pegá-las, não as encontrei no escuro e quase caí sentado. Tive que voltar tateando pelo chão. Até então meu desempenho estava deixando muito a desejar em relação àquela imagem *cool* que eu sempre projetava para o sexo oposto. Ela continuava em pé do lado de fora, com uma pose de enorme impaciência. Olhava para o relógio. Batia o pé no momento em que coloquei a chave na fechadura e abri a porta.

“Desculpe, já fechei”, eu disse, recuperando a compostura.

“Tudo bem, eu sou a garota do gás, vim fazer a leitura.”

Quase ri daquilo, mas me recuperei a tempo de transformar o riso em uma tosse falsa. “Por favor, não demore, estou esperando alguém.”

“Pelo jeito, ninguém especial, a julgar por sua aparência.”

“Faça suas leituras, senhorita, e deixe a crítica de moda para outra ocasião. O dia hoje foi duro.”

“Óbvio que sim. Paletó esporte branco, sei...”

“Fiquei com ele até que o cravo vermelho começou a pedir ar e ficou com as pétalas verdes. Chegou um ponto em que pensei que a garota dos meus sonhos não ia mais aparecer.”

“Você não tem fé. Eu já sabia como você era. Muita fumaça e pouco fogo.”

“Minha fé estava inabalada até uma hora atrás.”

“Isso não é nem a metade do que eu esperava de você. Percebo pelo seu modelito que vamos a algum lugar muito chique. Burger King ou Taco Bell? Posso escolher?”

“Na verdade, eu acabei... bom... é... acabei de pedir uma pizza.”

Ela riu muito daquilo.

“Acho que consigo cancelar”, eu disse. “Acabei de fazer o pedido.”

“Uma *pizza*! E aposto que é *pizza* para uma pessoa.”

“Posso pedir que façam outra”, eu disse, com a voz mais inocente que consegui.

Ela suspirou profundamente. “Acho que pode pedir. Ah, cavalheirismo, onde estás? Vou lhe dizer o seguinte, meu senhor, Sir Richard Burton descansa esta noite em sua tumba, sem que ninguém sequer chegue a seus pés.”

Ela deu uma olhada em minhas prateleiras enquanto eu fazia o pedido.

“Sem atum”, gritou ela da prateleira de recém-adquiridos.

Apareci de repente ao lado dela. “Como foram as coisas por lá?”

“Perdemos, mas sabíamos que isso ia acontecer. Qualquer outro desfecho teria mandado todos nós para o hospital em estado de choque. Agora temos algo de que recorrer, alguma coisa para deixar os caubóis exaustos.”

“Quer falar sobre isso?”

“Talvez outra hora. Neste exato momento estou tão feliz por ter saído de lá que não quero nem pensar no assunto. Dirigi direto de Rock Springs até aqui. Desde ontem a esta mesma hora estou em férias... três gloriosas semanas para escrever, meditar e me recuperar.”

Depois de um momento ela disse “Pensei em telefonar lá pelas três horas, para o caso de você realmente estar vestido com algum paletó esporte branco. Então pensei, não, isso ia ser mais divertido. Chegar quando toda a esperança estivesse perdida. Ver se você ainda estava aqui. Zombar um pouco de você. Como estou indo até agora?”

“Estou ficando bem aborrecido, se quer saber a verdade.”

“Miranda deveria ter lhe contado. Eu sou membro de carteirinha dos Lunáticos Anônimos. Nós, os lunáticos, vemos o mundo como um grande e insano hospício. Nosso objetivo é rir de tudo. Se eu não encontrar algum tipo de humor em todo este caos, vou ter que chorar, e odeio isso. Então ridicularizo os deficientes. Conto piadas racistas.

Acabo com aqueles que já são oprimidos.”

Um instante depois, ela disse: “É brincadeira”.

“Eu sabia que sim.”

“Achei que você sabia. Desde o começo você pareceu ser tão louco quanto eu.”

“Em comparação ao metido que você estava acompanhando naquela noite, devo ter me saído maravilhosamente bem.”

Uma vez que ela não disse nada a esse respeito, perguntei: “Pisei em

algum calo profissional?”.

“Isso teria importância?”

“Claro que sim. O Sr. Archer pode ser um idiota em escala mundial, mas não sinto mais uma necessidade incontrolável de dizer isso.”

“Não precisa se reprimir por minha causa. Lembre-se apenas de que uma acompanhante que fala mal de seu cliente logo não vai mais ter clientes de quem falar. Então acho que não vou participar da aniquilação verbal.”

“Como quiser, meus lábios estão selados.”

“Nesse caso, sim, Archer está entre os babacas mais presunçosos que os maus ventos de Nova York já trouxeram à minha presença.”

“Por mais que me incomode dizer isso, ele realmente é um bom escritor. Ele era um dos autores modernos de quem eu mais gostava...”

“Até conhecê-lo.”

“Isso tirou um pouco do *sex appeal* dele. Por que você virou motorista de escritores?”

“Miranda não lhe contou? Ela me disse que você perguntou isso a ela.”

“Miranda está se revelando uma confidente pouco confiável.”

“Ah, não importa. Eu comecei a fazer esse trabalho muito antes, para ganhar uns trocados no tempo da faculdade. Agora que não preciso mais dos trocados, o motivo deve ser estímulo intelectual.”

“Então se você estiver acompanhando o autor de *Livro de dieta para quem tem muita fome*, ou o cara que escreveu *Seis maneiras de ganhar dinheiro com a guerra nuclear*, que tipo de estímulo vai tirar disso?”

“Eu não dirijo para esses escritores.”

“Deve ser legal escolher quem quiser.”

“A mulher que é dona da agência tornou-se uma das minhas melhores amigas. Quando vejo quem está vindo, posso pedir a ela se for alguém que me interesse.”

“Mas dessa vez você ficou empatada com o Archer.”

“Não, eu é que pedi para ficar com ele.”

“Com certeza não foi pela personalidade dele. Deve ter sido pelo fato de ele ser um velho amigo do juiz.”

“Não me lembro de ter dito isso. Você com certeza já tirou um monte de conclusões.”

“Estou tentando determinar sua posição exata no cosmos e você não está me ajudando nem um pouco. Está me dizendo que sabia que Archer era um babaca presunçoso e ainda assim quis acompanhá-lo?”

“A vida é mesmo estranha, não?”

Ela encontrou uma camada de pó, limpou-a com a mão e disse “Você precisa de um toque feminino aqui”.

Antes que eu pudesse responder, ela continuou: “Se não era o Archer quem eu queria encontrar naquela noite, quem poderia ser? Deus sabe que não poderia ser você”.

Fiz um gesto que imitava meu coração batendo, e ela sorriu.

E disse: “Eu já havia encontrado o Sr. Archer em algumas ocasiões. Morei com Lee e Miranda por muitos anos, então já o conhecia bem. Miranda não lhe contou isso?”.

Fiz um gesto de *Eu não me lembro*.

“Ah, você é impossível.”

“Depende do que você tem em mente.” Limpei a garganta. “Então o que acontece quando você acha que vai gostar de um autor e, quando ele chega, é insuportável?”

“Procuro ter alguma classe. Às vezes é difícil, mas tento me lembrar para quem estou trabalhando, da mesma forma que você pensou em Lee e Miranda naquela noite, quando ficou tão tentado a chamar Archer de todos os nomes feios imagináveis. Nunca coloco a agência em uma posição constrangedora.”

“Quer dizer que você tem a oportunidade de escolher, e ainda assim escolheu o Archer.”

“Seja bonzinho comigo e quem sabe, um dia, eu lhe diga por quê.”

“Então vamos em frente, como vocês, advogados, gostam de dizer. Você olha os meus livros enquanto vou até ali comprar uma garrafa bem barata de vinho para acompanhar o grandioso banquete que estamos prestes a ter.”

Comprei uma garrafa de vinho excelente, mas a loja de bebidas, que sempre tinha saca-rolhas em estoque, me deixou na mão e tive que mudar para uma garrafa barata com tampa de rosca. Levei o vinho bom também para provar as minhas intenções, mas eu sabia que a gozação viria na certa. Até agora eu estava me saindo muito bem.



Jantamos na sala da frente, apenas com uma luz distante acesa, um par

de sombras para qualquer um que passasse na rua. A atitude excêntrica havia sumido por enquanto, e agora estávamos passando por um período de sondagem cautelosa. Ela realmente estava escrevendo um romance? Sim, estava levando a sério, tinha cinquenta mil palavras até o dia anterior. Não precisava dormir muito e teve bastante tempo para trabalhar nele nas noites frias em Rock Springs. Durante o dia era advogada e acompanhava pessoas para uma mulher chamada Lisa Beaumont, que em geral tinha outros acompanhantes que poderia chamar rapidamente.

Ela sempre amou livros — novos, antigos, não fazia a menor diferença. Mesmo quando adolescente sonhou em fazer o que fiz “Conheci um sujeito há muito tempo que me mostrou o encanto dos livros antigos. Ele queria vender livros raros, como você.” Mas e quanto a mim? Como era realmente trabalhar com livros? Sem dúvida podia ser tedioso, mas a gente nunca sabia o que poderia entrar na loja de uma hora para outra e transformar o dia em algo extraordinário. Ela ergueu a cabeça, claramente interessada — *Como o que, por exemplo?* — e em seguida me vi contando sobre a Sra. Gallant, toda a história, começando por minha viagem a Boston.

“Uau”, disse ela no final. “Então o que você vai fazer por ela?”

“Tudo o que eu puder, o que não vai ser muito. Oitenta anos é muito tempo.”

“Muito tempo”, repetiu ela. “Mas não seria ótimo se você conseguisse encontrar os livros?”

“Claro que sim. Seria ótimo ganhar o prêmio Nobel da Paz ao mesmo tempo.”

“Não faça pouco caso. Você sabe que conseguiria, se os livros ainda estiverem juntos. Aí você poderia se aposentar em glória absoluta. O que mais precisaria fazer em sua carreira depois disso?”

“Ah, só as coisas menos importantes, como ganhar a vida.”

“Esse é o problema do mundo de hoje: dão importância demais ao dinheiro.”

“Como se você tivesse dinheiro para queimar.”

“Não me amole, Janeway. Estou escrevendo o texto da sua missão.”

Voltamos para a sondagem cautelosa. Sim, disse ela com nítido incômodo, tinha algum dinheiro guardado. Eles a pagavam bem na Waterford, Brownwell, Taylor e Waterford, onde ela trabalhava em uma sala de frente para as montanhas no vigésimo terceiro andar. Achavam que ela se tornaria sócia em muito pouco tempo. Gostavam dela, faziam tudo o que

podiam para mantê-la satisfeita, mas seu coração já não estava mais naquilo. “Fico me perguntando se eu gostaria de fazer o que você faz.”

Quem sabe? Algumas das pessoas mais inteligentes do mundo não entendem — não têm a menor ideia sobre a intriga que pode estar escondida na linhagem de um livro, ou o drama que pode surgir entre duas pessoas quando um livro realmente raro se coloca entre elas. Citei Rosenbach — *A emoção de derrotar um homem em um ringue não é nada comparada à emoção de derrotá-lo por um livro* — e ela sorriu. Mas existem muitas outras emoções mais tranquilas no mundo dos livros. Sua natureza insondável.

A garantia da surpresa, mesmo para um especialista. A iluminação repentina, os bolsões da história que podem se abrir sem aviso e virar a atenção de um livreiro para novos campos de interesse apaixonado. Não fora isso que acabara de acontecer comigo e Richard Burton?

“Acho que eu iria adorar”, disse ela. “Quer uma sócia?”

“Claro. Acho que valeria a pena para você ficar com cinquenta por cento da sociedade, o que representa uns trinta ou quarenta dólares. Mas não posso lhe dar uma sala no vigésimo terceiro andar.”

Ela pediu que fizéssemos um *tour* como se a proposta fosse a sério, e andei com ela pela loja. Mostrei as qualidades e os defeitos, e levamos vinte minutos para ver cada cantinho. Terminamos no canto escuro da sala da frente, onde estavam meus melhores livros.

Ela olhou para mim. “Acho que antes de firmarmos esta sociedade deveríamos saber mais um sobre o outro. Eu começo. Quanto Miranda já lhe contou?”

“Nada.”

“Mentir não é uma boa maneira de começar, Janeway. E você não sabe mentir muito bem.”

“Na verdade, sou um ótimo mentiroso quando é preciso ser.”

“Você é bom em enrolar também.”

“Aposto que seu cruzado de direita é excelente.”

“E é mesmo, então não mude de assunto o que Miranda lhe contou e por quê?”

“Ela não me contou nada. *Nada*, coisa nenhuma, *caput*.”

“Por que tenho a impressão de que ela lhe contou sobre o meu pai?”

“Não sei, talvez você seja uma criatura desconfiada cujos instintos dizem para não confiar em ninguém. Tudo o que ela disse foi que Lee e seu pai eram sócios e que você foi morar com eles depois que ele morreu.”

Ela se inclinou para a luz. “Meu pai foi um trapaceiro.” Voltou para o escuro, a voz saindo do nada. “Meu pai era um escroque.”

“Essas palavras são bem rancorosas, Erin.”

“Não há perdão para o que ele fez. Ele roubou um cliente.”

Ela respirou fundo e disse: “Quando eu era pequena, meu pai era meu herói. Era engraçado e esperto, com ele não tinha erro. Tudo o que eu queria era ser advogada, como ele.”

Eu disse a ela que lamentava. Às vezes as pessoas não correspondem àquilo que esperamos que sejam.

“Eu tinha treze anos quando tudo aconteceu. A pior idade possível. Na escola eu ouvia conversas todos os dias. A humilhação foi brutal. Eu quis fugir e mudar de nome, mas Lee me convenceu a não fazer isso.”

“Lee é um sujeito inteligente.”

“Lee é um grande sujeito. Ele sabia que eu precisava restaurar o meu nome, e não negá-lo. Não sei o que teria feito se não fosse por ele. Você sabia que foi com a ajuda deles que terminei a faculdade de direito?”

Balancei a cabeça. “Miranda disse que tinham muito orgulho de tudo o que você havia feito.”

“É, e agora eu acabei. Fui aprovada com todas as honras, consegui um excelente emprego, devolvi o dinheiro para eles. Meu pai não está apenas morto, ele está realmente enterrado, e não tenho que fazer mais nada a respeito.”

Ela mudou de assunto de maneira abrupta. “Sua vez. Aposto que está feliz por não ser mais policial.”

“Não há nada errado em ser policial. Há algumas pessoas excelentes que são policiais.”

“Eu sei disso.”

Após uma pausa embaraçosa, ela disse: “Olha, sei o que aconteceu com você naquela época. Leio todas as histórias, e se qualquer uma delas tivesse alguma importância para mim, eu não estaria aqui agora. Gosto de você. Você me faz rir. E só para constar, também gosto da polícia. Na maior parte do tempo”.

“Então estamos numa boa.”

Aquele sorriso encantador brilhou em seu rosto. “Estamos numa boa, cara.”

Fiquei me perguntando o quanto numa boa estávamos, mas naquele instante o telefone tocou.

Era Ralston, contando que eu ainda estivesse na livraria. “Você pode vir até minha casa? A Sra. Gallant quer vê-lo.”

“Claro. Que tal bem cedinho amanhã?”

Tive um pressentimento ruim sobre o que ele iria dizer, pouco antes de ele dizer: “É melhor você vir agora. Acho que ela está morrendo”.

O endereço que ele me deu ficava em Globeville, um bairro racialmente misto na zona norte de Denver, a maioria chicanos e negros que haviam escapado por pouco do estigma da pobreza, se é que realmente haviam escapado. Globeville não tinha nem um pouco o encanto de bairro integrado que havia em Park Hill, mas pelo menos escapara da violência étnica que fervia lentamente em Five Points poucos anos atrás. A área tinha sua personalidade própria: margeada pelas interestaduais 25 e 70, habitada por pessoas batalhadoras, definida por um estilo arquitetônico que seria mais bem descrito como proletário provincial moderno, tinha uma dúzia de quarteirões quadrados com casas simples e cercas de arame retorcido, encostadas umas nas outras para máxima funcionalidade.

Erin conhecia bem Globeville. “Tive uma cliente que morava naquela casa”, disse ela, apontando no momento em que entramos na rua Washington em direção ao norte.

“Caso clássico de uma mulher que precisava desesperadamente que um homem saísse de sua vida. Mas ninguém ia dizer *a ele* o que fazer com a mulher *dele*.”

“Até que você apareceu”, disse eu com admiração sincera.

“Eu e o delegado do condado de Denver. Ela já tinha um mandado liminar, só que ninguém queria se dar ao trabalho de ter de cumpri-lo. Porque ela era negra, porque era pobre, porque, porque, porque. Eu apenas fui o instrumento dela para que as coisas começassem a andar.”

“Isso não me parece um caso típico da Waterford, Brownwell.”

“Foi para o bem público. Ninguém gostou muito quando assumi o caso, mas faço isso de vez em quando. Mantém minha cabeça no lugar, me faz lembrar o principal motivo de eu ser advogada e faz com que saibam que não podem ficar me mandando para lugares como Rock Springs sem que haja consequências.”

Ela havia se oferecido para vir junto porque achava fascinante a história da Sra. Gallant, e também, disse, “para ver aonde sua ideia de um encontro nos leva”. A casa de Ralston ficava na rua Pensilvânia, a meio quarteirão da avenida 47. Quando chegamos, não havia mais um só resto de luz no céu. Estacionei atrás do carro dele e vi sua silhueta, parecida com a de um urso, esperando na entrada. Ele abriu uma porta com tela quando nos aproximamos.

Apresentei Erin como minha amiga e a mão dela desapareceu na dele. Atravessamos uma pequena sala de estar parcamente mobiliada — reparei que não havia televisão — e seguimos para a cozinha. Havia uma mesa de aparência frágil, quatro cadeiras comuns, um armário e, mais à frente, a porta para o quintal. À direita havia uma pequena passagem que levava ao banheiro e ao único outro aposento da casa, o quarto do casal.

“Ela está aí?”

Ele assentiu com a cabeça. “Denise está lá dentro com ela. Sente-se, ela sabe que você está aqui.”

Sentamos à mesa, e Ralston ofereceu café. Ele me pegou olhando para suas instalações precárias. “Eu falei que não era o Brown Palace.”

“É ótimo”, disse eu. “Eu só estava me perguntando onde vocês dois planejam dormir esta noite.”

“A gente se arranja. Não vai ser a primeira vez que a gente dorme no chão.”

Fiz um gesto em direção à porta. “O que aconteceu?”

“De repente as forças dela se esgotaram. O coração velho decidiu que já é hora.”

“Você chamou um médico?”

Ele balançou a cabeça. “Ela não quis.”

Um momento longo se passou.

“Sei o que está pensando”, disse ele. “Parece um despropósito deixá-la morrer quando a ajuda viria com um telefonema. Mas a gente precisa se perguntar por que diabos a estaríamos salvando — para mandá-la de volta, para que ela pudesse morrer no mês que vem, e não agora? Sabe, ela odiava aquele lugar.”

“Não é bem isso em que eu estava pensando. Na verdade, concordo com tudo o que você está dizendo. Mas eu era policial e em situações como esta ainda penso como policial.”

“Você está dizendo que poderíamos ser processados Cara, é o que

faltava, não é?”

“Nunca tive que lidar com um homicídio por negligência.” Olhei para Erin. “Não é isso o que seria?”

Ela confirmou com um movimento da cabeça. “A designação provavelmente seria homicídio criminalmente negligente.”

“Porra.” Ralston olhou para Erin e disse “Você é advogada?”.

Ela confirmou e eu disse: “Ela é uma advogada de verdade, Mike. Fique feliz por ela estar aqui”.

“É uma lei bem objetiva”, disse ela. “Se você causa uma morte por omissão, seria concebível um processo por crime sério, quinto grau. É pouco provável que aconteça, mas você deve estar ciente das possibilidades.” Ela deu de ombros. “Se encontrar um promotor agressivo...”

“Porra”, disse ele novamente. “Pelo amor de Deus, a mulher só quer ter uma morte natural, sem ter que ficar com tubos pendurados no nariz durante três meses. O que a lei tem a ver com isso?”

“Você é como eu”, eu disse a ele “esquentado, não consegue ficar indiferente. Age antes de ver as coisas. Você até consegue conter o fogo, mas ele fica lá dentro, cozinhando devagar, não é?”

Ele foi até a janela e olhou para o quintal.

“Senta e conversa comigo”, eu disse. “Está me deixando nervoso, andando de um lado para o outro.”

Ele se sentou, e fez o gesto universal de *Vá em frente, fale*. Mas quando ele falou não foi sobre a vida da velha senhora, e sim sobre o que ela procurava. “Você já se perguntou o que ela realmente quer? Quero dizer, o que ela pode esperar conseguir com essa busca em que se meteu? Mesmo se ela encontrasse todos os livros esta noite e pudesse vendê-los legalmente, de que isso adiantaria?”

“É difícil dizer o que ela está pensando. Talvez tenha alguém para quem deixar.”

“Mas no final não importa, não é? O que ela está pedindo para você é impossível.”

Suspirei. “É, é, sim.”

Coloquei-o rapidamente a par de minha conversa com Dean Treadwell, mas nós dois sabíamos que as chances de alguma coisa sair daquela livraria eram menores do que as de existir uma bola de neve no inferno. Ainda era pura especulação, estávamos perdendo tempo, porém naquele momento não havia nada mais a fazer. Ainda não havia nenhuma indicação de que a Sra.

Ralston estivesse pronta para me deixar entrar no quarto.

“Este café está excelente”, disse Erin. “O que você colocou nele?”

Ralston sorriu. “Segredo meu, senhorita. Sou cozinheiro profissional.”

“Estou descobrindo um monte de coisas sobre você esta noite, Mike”, eu disse. “E qual é a história entre vocês? Você e a patroa.”

Mais uma vez ele deu uma risada desanimada. “De quanto tempo você dispõe?”

A pergunta parecia não ter respostas simples, mas ele tinha uma. “A resposta simples é que eu ferrei com tudo em que me envolvi. Eu bebia, jogava, perdi tudo. Droga, olhe à sua volta. Estamos começando do zero. Eu não tenho nada além daquela mulher que está sentada lá dentro fazendo companhia para a velhinha, mas é o que me basta. E essa é a nossa história. Já que você perguntou.”

Ouvi um barulho e Denise apareceu na porta. Devia estar perto dos cinquenta anos, uns dez a mais do que Ralston: alta, esguia, negra como a noite, bastante simples e, no entanto, encantadora de uma maneira que nada tinha a ver com o que o mundo pensa sobre beleza. Tinha uma boca cheia, de fazer inveja ao Louis Armstrong, e quando sorria, iluminava todo o ambiente.

“Sr. Janeway, que bom que está aqui.”

Levantei-me. “Sra. Ralston.”

Apresentei Erin e as duas cumprimentaram-se com simpatia recíproca. Ela insistiu em ser chamada de Denise. A mão dela era quente e gostei de seus olhos. Gostei de seu rosto, que refletia um coração do qual eu sabia que também iria gostar. Ela disse: “Acho melhor entrarmos agora”, e a voz dela conseguiu perguntar e responder ao mesmo tempo, sejam firmes, rapazes, com uma pontinha de sotaque francês. “Não creio que tenhamos muito tempo”, disse ela.

Erin afastou-se da porta. “Vou ficar sentada aqui.”

O quarto era fresco, banhado em uma luz alaranjada de uma luminária ao lado da cama. A Sra. Gallant estava deitada, os olhos semicerrados, mas de novo aquele segundo sentido, seu instinto, alguma coisa lhe disse que eu estava lá. Suas pálpebras tremeram levemente. Senti a presença de Denise ao meu lado e por um momento louco tive a sensação de que havia me unido a essas notáveis mulheres, todos em um único espírito fora de nós mesmos. Denise tocou o meu braço, levando-me para a beira da cama. A Sra. Gallant disse: “Sr. Janeway”, e eu me sentei na cadeira ao lado dela.

“Oi, Sra. G. A senhora não está muito boa, né?”

“Não muito boa. Eu realmente atrapalhei as coisas por aqui, não é mesmo?”

“A senhora tornou a vida de todos nós mais interessante. Estamos felizes que tenha aparecido.”

“Não sei como. Mas de alguma forma acredito em você.” Ela virou a cabeça. “Denise está aqui?”

“Ela está bem aqui atrás de mim.”

“Eu não consigo ver. E o Sr. Ralston?”

Ralston apareceu das sombras. “Sim, senhora?”

“Quero que me prometa uma coisa. Não é da minha conta, mas essa é uma das prerrogativas da idade muito avançada — você pode se intrometer na vida de outras pessoas.”

“Pode se intrometer o quanto quiser, senhora.”

“Apenas... cuide bem dessa moça maravilhosa. Ela é muito especial.”

“Eu sei bem disso, senhora.”

“Denise?”

Ela se aproximou e pegou na mão da velha senhora.

“Você contou ao Sr. Janeway sobre a fotografia?”

“Ainda não.”

“Costumava haver uma foto guardada dentro do meu livro. Uma fotografia que prova o que estou dizendo. Ela mostra Charlie e Richard juntos, em Charleston.”

“O que aconteceu com a foto?”

Ela pareceu angustiada. “Não sei. Desapareceu muito tempo atrás, como todas as outras coisas. Mas eu me lembro dela. Koko sabe.”

“Koko?”

“Sim. Koko pode lhe contar.”

Ela virou o rosto na direção de Denise. “Você é uma moça tão formidável. Eu queria que fosse minha filha.”

Denise sorriu. “Talvez eu seja.”

A Sra. Gallant emitiu um som que parecia uma risadinha triste. “E isso não teria chocado horrores a minha velha família em Baltimore?”

Um momento se passou. A velhinha disse “Além do mais, você não é velha o suficiente”.

Mais um momento. “Onde está meu livro?”

“Está bem aqui.” Denise pegou-o de cima do criado-mudo.

“Entregue-o ao Sr. Janeway.”

Peguei o livro e coloquei-o no colo.

“Agora ele é seu.”

Comecei a protestar, mas Denise apertou meu braço e balançou a cabeça. A Sra. Gallant disse: “Quero que fique com ele, mas não é um presente completo. Quero que tente encontrar os outros.”

“Tudo bem”, disse eu, cautelosamente.

“Sempre pensei que eles deviam ficar juntos, em alguma biblioteca com o nome de meu avô. Se fizer isso — esgotar todas as possibilidades em que puder pensar — pode ficar com o livro. Mas quero que reparta o que conseguir com Denise.”

“Tudo bem”, falei novamente.

“É só isso”, disse ela.

Mas não era só isso. Um enorme peso havia se abatido sobre mim, e não era o bastante ficar ali sentado como um estúpido, dizendo tudo bem, tudo bem, tudo bem. Eu tinha a oportunidade de tornar muito mais plácida a morte de uma mulher agonizante, se eu tivesse coragem para isso. Reuni toda a minha coragem e disse “Vou encontrar aqueles livros, Sra. Gallant, prometo. Vou encontrá-los”.

Ela sorriu. “Eu sabia que faria isso.”

De repente, ela disse “Estou muito cansada, Denise”.

Ela estendeu a mão para segurar a minha. “Foi bom conhecer você, meu filho.”

Essas foram suas últimas palavras. Ela pegou no sono e morreu três horas depois.

8

Sempre há burocracia quando alguém morre. Em primeiro lugar, um médico precisa ser chamado: alguém que possa atestar que a pessoa, de fato, está morta e que morreu de causas naturais. O legista precisa ser chamado e, se tudo der certo, o corpo é liberado para uma casa funerária. Fiquei impressionado com o médico dos Ralston, em primeiro lugar porque ele estava acessível, e depois por estar disposto a fazer uma visita profissional àquela hora da noite. Ele chegou à meia-noite, um jovem negro que irradiava competência. Ele e Ralston eram velhos amigos: como Lee Huxley e Hal Archer, haviam crescido juntos e talvez isso explicasse a disposição dele.

Denise levou-o ao quarto, enquanto Ralston, Erin e eu voltamos para a mesa da cozinha e atacamos um segundo bule de café. Perguntei a Erin se queria que eu chamasse um táxi para levá-la, mas ela não parecia nem um pouco cansada e quis ficar. Quando reapareceram, era óbvio que Denise e o médico haviam conversado, e ele compreendia o motivo de a velha senhora estar lá e tudo o que tinha acontecido. Havia algumas perguntas para mim, e eu lhe contei sobre o Burton, que ficou à vista sobre a mesa durante toda a conversa.

“Este livro é valioso?”

“Bastante”, respondi. “Meu melhor palpite é que deve valer uns vinte, vinte e cinco mil dólares.”

“E ela o deu para vocês — para vocês dividirem igualmente? Mas não têm nenhum papel assinado.”

“George”, disse Denise em tom de resignação, “você realmente consegue me imaginar fazendo isso: pedindo uma assinatura para aquela mulher agonizante?”

“Não”, disse o médico, sorrindo. “Só estou tentando afastar os problemas. Se houver perguntas sobre por que vocês fizeram o que fizeram...”

“Eu sou testemunha”, disse Erin. “Ouvi tudo o que ela disse.”

O médico fez algumas anotações e pareceu satisfeito. Em seguida telefonou para o legista, em um serviço de atendimento 24 horas, e bastou apenas a palavra do médico para que o corpo fosse liberado. Ninguém ia questionar a morte de uma mulher em seus noventa anos, a menos que houvesse alguma coisa muito suspeita a esse respeito.

O médico deu outro telefonema e em pouco tempo chegou um homem com um carro funerário. Perguntei se precisava de ajuda e ele disse: “Já peguei, chefe”. Ele tomou a velha senhora nos braços, tão carinhosamente quanto se ela fosse uma tia-avó favorita, e levou-a para o carro funerário.

Em seguida veio a papelada. Quem seria responsável pelas despesas? “Eu serei”, disse. “O senhor provavelmente terá que entrar em contato com o asilo onde ela estava morando. Eles talvez tenham feito algum tipo de acerto para essa situação. Mas eu garanto o pagamento.”

Conversamos sobre o tipo de funeral que ela teria se Denver viesse a ser sua última morada. Ela poderia ter ido para uma vala comum com um caixão de compensado, mas eu queria que ela tivesse uma placa e um lugar só dela. Isso era estranho, porque eu nunca havia me importado muito com funerais. Não importa onde vão me colocar; em termos de eternidade, não faz muita diferença, mas de repente a taxa havia saltado para os quatro dígitos e eu aceitei sem problemas. O homem anotou o número de meu cartão de crédito, o médico foi para casa e, por ora, isso era tudo. Erin e eu ficamos na rua com os Ralston no começo da madrugada, olhando o carro funerário se afastar.

Nenhum de nós queria ir embora: não naquele momento, não daquela forma. Ralston sugeriu um funeral simples. “Não quero ser desrespeitoso com a falecida”, disse ele, “mas estou com uma fome dos diabos.”

Todos estávamos. De fato, a pizza que eu havia dividido com Erin parecia uma refeição feita havia muito tempo, e sugeri que todos fôssemos para a Colfax, onde os restaurantes ficavam abertos até tarde. Denise não aceitou. “Vamos preparar alguma coisa. Você sabia que Michael é cozinheiro profissional?”

“Eu contei a eles”, disse Ralston. “Vai ser difícil fazer alguma coisa decente com o que temos em casa. Ovos e leite. Posso fazer uma omelete simples, e nada mais que isso. Se vocês não se importarem de esperar, posso sair e comprar algo melhor.”

“Eu faço as compras”, me ofereci. “Vai acendendo o fogão, me dá uma lista do que precisa e volto logo.”

Ele me mostrou como chegar à loja de conveniência mais próxima. “Você não vai encontrar nada muito sofisticado lá, mas traga o melhor que puder.”

Quarenta minutos depois nos despedimos da Sra. Gallant. Nós a conhecíamos havia apenas algumas horas, mas de alguma forma ela tocou cada um de nós. Até mesmo Erin, que não a conheceu pessoalmente, ficou comovida com a história.

“Eu deveria pedir desculpas por ficar ouvindo na porta”, ela disse. “Mas tive a intuição de que aquelas perguntas poderiam aparecer. Nunca é demais ter uma testemunha imparcial para coisas que são ditas.”

Ela recebeu olhares de gratidão do casal. Então, na melhor tradição dos verdadeiros funerais festivos, comemos uma incrível omelete.

“Caramba, você é mesmo um *chef* de primeira”, eu disse. “Devia ganhar a vida fazendo isso.”

“É o que faço, quando encontro emprego. Ou melhor, quando consigo manter o emprego.”

“Michael tem problemas com autoridade arrogante”, disse Denise.

“Não diga? Eu também”, falei. “Mais uma coisa que nos torna parecidos.”

“A diferença é que você não tem que se preocupar com a demissão. Foi isso que me aconteceu esta semana. Eu já estava pensando em mudar de emprego, mas preferia ter feito isso no meu tempo, depois de pagar algumas contas.”

“Bom”, disse eu, despreocupadamente, “agora você vai ter o dinheiro para pagar suas contas.”

Apontei para o Burton, que ainda estava na mesa onde eu o havia colocado horas atrás.

“Isso quando você o vender”, disse Ralston.

“Pode ser que eu nunca o venda. Mas estou disposto a pagar a vocês a metade do que acredito ser o valor do livro no varejo. Podemos fazer isso hoje à noite mesmo, se quiserem. É como eu disse ao seu amigo médico, acho que vale uns vinte, vinte e cinco mil dólares. Digamos, doze mil e quinhentos para vocês.”

“Putá merda, Batman”, disse Ralston, mas Denise balançou a cabeça de leve.

“Eu acabei de comprar o *Pilgrimage* em um leilão por vinte e nove mil e uns quebrados. É considerado, de longe, o maior livro de Burton. É um

exemplar muito importante, e este aqui também. O estado de ambos é excepcional, e dizer isso é subestimá-los. Alfarrabistas experientes gostam de afirmar que todo livro é o melhor exemplar do mundo. A dedicatória é intrigante, e acho que o fato de estarem juntos os valoriza.”

Eles se entreolharam.

“Escutem”, eu disse, “não há pressa em fazer isso. Façam o que acharem melhor para vocês. Chamem outro livreiro para avaliar e dar uma opinião, eu pago a metade de qualquer valor que ele lhes der. Se eu conseguir vender, e o preço for além de trinta mil, dividiremos a diferença também. Quando quer que isso aconteça.”

“Não dá para ser mais justo do que isso”, disse Ralston, olhando esperançosamente para a mulher.

Denise estava olhando para mim. “Eu confio no senhor. Não é isso que está me preocupando.”

Eu sabia o que a preocupava. A promessa que eu fizera no leito de morte da Sra. Gallant pairava no ar. “Ninguém espera que você encontre aqueles livros”, disse Ralston.

Denise balançou a cabeça. “Ah, querido, é aí que você se engana.”

Depois de um longo silêncio, eu disse: “Eu não fiz aquela promessa da boca para fora. Se aqueles livros ainda puderem ser encontrados, vou encontrá-los. Só estou pensando o quanto seria mais fácil se só tivesse restado este livro. Podemos deixar as coisas acontecerem, se é isso o que vocês querem. Mas tenho a palavra final sobre até onde a busca pelos livros vai e a maneira de conduzi-la”.

“Ele foi policial”, contou Ralston à esposa.

“É mesmo? Que surpresa. O senhor parece ser uma alma tão gentil, sr Janeway... é difícil acreditar que fez parte de qualquer mundo violento.”

“Já me chamaram de muitas coisas, mas alma gentil, nem de longe. Talvez eu esteja melhorando.”

“Por que saiu da polícia?”

“É uma longa história. Tem a ver com a minha postura em relação às coisas, que nem sempre é gentil. Vamos dizer que prefiro o mundo dos livros.”

“Você precisava vê-lo fechando negócios com dois sujeitos do Texas”, disse Ralston. “Dois texanos gorduchos entraram na livraria, e ele tirou oitocentos deles na maior.”

“Eles sabiam o que queriam”, disse eu. “Levaram o que pagaram.”

Perguntei se algum dos dois sabia quem era Koko.

“Não tenho ideia”, disse Denise. “Provavelmente alguma amiga de infância.”

“Que morreu há mil anos”, disse Ralston.

Denise tocou o livro, abriu-o cuidadosamente. “Isto está tão distante de minha própria vida, tão longe de qualquer tipo de experiência que já tive. Até hoje não conseguiria imaginar que algo assim existisse.” Um segundo depois, ela disse: “O senhor se incomodaria se eu ficasse com ele até amanhã? Ou talvez por uns dois dias? É que eu gostaria de... não sei... ter a sensação de... se o senhor não se incomodar”.

Aquilo ia me incomodar, e muito, mas o que eu ia dizer? O que eu disse foi: “A senhora vai ter que ter muito cuidado”.

“Sei disso.”

“Estou falando sério, *muito* cuidado, Denise. Uma manchinha na capa e lá se vão quinhentos dólares.”

“Entendi.”

Dessa vez o silêncio entre nós foi mais longo. Denise foi até a janela e olhou para o quintal. Ralston levantou a cabeça e sorriu para mim, com uma expressão cômica que dizia, você vai ter que esperar por ela, cara, é o único jeito.

Mas foi ele quem se impacientou à medida que os minutos se arrastavam. “É um monte de dinheiro, meu bem”, disse ele para alguma fenda no assoalho. “Nós poderíamos começar de novo com isso.”

Levantou a cabeça, olhou para mim e encontrou um outro motivo para ficar com o dinheiro. “As respostas que você quer não vão estar em Denver, não é? Vai haver gastos, e eles vão ser deduzidos do valor do livro, não há dúvida. E isso é justo.”

Denise respirou fundo, como se a mesma ideia tivesse lhe passado pela cabeça. Eu poderia facilmente gastar todo o dinheiro do valor do livro viajando, e para quê?

Erin me observava atentamente. Sorri para ela, e em seguida para Denise, que voltava da janela. “A escolha é sua”, disse eu. “Vocês poderiam pegar o dinheiro e colocar um ponto final na história. Falando apenas por mim mesmo, eu tenho que tentar.”

“Aonde quer que isso leve”, disse Ralston. “Seja lá qual for o custo.”

Denise olhou para mim e seu rosto estava preocupado. Ela disse: “Não é

fácil, né?”. Um instante depois completou: “Desculpe, Sr. Janeway... será que Michael e eu podemos conversar um minutinho a sós?”.

Erin e eu fomos para a varanda e ficamos em silêncio, à margem dos acontecimentos. “Muito bem, velho”, disse ela. “Você realmente conseguiu arranjar um primeiro encontro bem interessante.”

“Na próxima vez, vou levar você para dar uma volta pelas melhores casas de penhores de Denver.”

“Isso seria ótimo. Tenho me perguntado onde eu poderia colocar minha virtude no prego.”

O meu senso de humor elaborou uma dúzia de respostas malucas, mas o momento acabou passando: o estado de espírito era diferente agora. Olhei para a porta e perguntei: “O que será que eles vão fazer?”, e Erin disse: “Pode acreditar, eles vão atrás de você. Se eu conheço alguma coisa sobre as pessoas, eles vão até o fim. Aquela mulher lá dentro tem mais coração e alma do que já vi em uma estranha”.

Tentei parecer magoado sob a luz do luar. “Ei, eu tenho um coração, e tenho uma alma também.”

“É”, disse ela, “mas você não é um estranho. Eu já tinha ouvido Miranda falar tanto em você que já o conhecia muito antes de nos encontrarmos”. E eu pensei, uau\

Terceiro assalto para mim por ter coração. E pontos extras pela alma.

“Denise é especial”, disse Erin. “Não sei como descrever isso, é apenas uma coisa que sei. Vai muito além de classe. Ela já decidiu o que precisa ser feito e agora tem que dar a má notícia para ele. Mas ele fará qualquer coisa que ela disser. Ele morreria por ela.”

“Ele é esperto.”

“É. E os dois têm muita sorte.”

Um momento depois eu disse: “E o que você vai fazer agora que voltou do meio do mato?”.

“Amanhã vou desaparecer por uma semana no meio do mato de verdade. Tenho uma cabana nas montanhas, onde posso escrever, comer muito pouco, beber líquido aos litros, meditar e comungar com a natureza. É uma caminhada e tanto para chegar lá em cima. Não tem estrada, não tem eletricidade e, o melhor de tudo, não tem telefone. Se eu chegar a tomar um banho, será com água bem fria.”

“Posso ir junto?”

“Isso cancelaria meu propósito, não é? E você tem um monte de coisas

para fazer aqui.”

“Vou passar a semana inteira pensando que você virou comida de urso.”

“Ah, eu sei me cuidar. Faço isso todo ano.”

Fingi ficar amuado e ela disse. “Eu ligo quando voltar”.

“Isso é o que todas dizem.”

Andei até o quintal e olhei para o céu. A velha senhora ainda estava na minha cabeça. Ela me assombrava e eu me amaldiçoei por não ter ouvido melhor o que ela disse.

Acreditava que ela estivera tentando me contar alguma coisa importante, mas eu só ouvira a metade e agora nada fazia sentido. Como Burton poderia ter tido algo a ver com a nossa guerra civil? Ele viera para os Estados Unidos em 1860, um ano antes do começo da guerra. O que ele poderia ter dito ou feito que pudesse explodir como uma bomba-relógio um ano mais tarde?

Era uma loucura, quase impossível de acreditar.

Mas que história, se fosse verdade.

Imaginei Burton caminhando pelo quintal. Eu o via como um homem jovem, recém-chegado do outro tempo, direto das selvas da África desconhecida. Será que iríamos gostar um do outro? Os primeiros minutos definiriam isso, como deve ter acontecido com Charlie Warren. Burton formava suas opiniões rapidamente, e eu também.

Erin aproximou-se e ficou ao meu lado. Por muito tempo ficamos olhando o céu. Era uma noite como eu não via em Denver desde minha infância no final da década de 50, muito antes de surgirem os grandes prédios com as grandes luzes, antes que as multidões inundassem o estado, vindas da Califórnia, do México e da Costa Leste, emporcalhando a paisagem e envenenando o ar. Naquele tempo eu podia ficar em City Park e olhar para dentro do universo. Da montanha Lookout, eu podia ver o que o grande Deus viu antes de quebrar tudo em pedaços e arremessar na interminável vastidão do espaço vazio. Acho que naquele tempo eu tinha fé. Com certeza tinha alguma coisa. Como será que perdi? Quando é que eu havia parado de acreditar nessas coisas de Deus? Não precisava morrer de preocupação por isso, eu sabia a resposta: foi naquela noite em que vi o rosto lívido da garotinha que foi estuprada e estrangulada pelo próprio pai.

Eu me tornara incrédulo e confortável com minha descrença. Mas naquele momento pensei na Sra. Gallant e, juro, um meteoro riscou o céu no oeste. Vi quando desapareceu além das montanhas e estremeci no ar morno da manhã.

9

Erin e eu nos despedimos na livraria, onde ela havia deixado o carro. Foi para casa. Fiquei sentado por um tempo, olhando para a rua vazia e pensando em moderação.

Aquela palavra tornara-se quase extinta nos sexuais anos 60, quando eu estava virando adulto e todos se agarravam a primeira vista. Também tive minha cota disso, mas o tempo e a idade ofuscaram um pouco o atrativo dessa postura. Quando jovem eu teria levado a sério demais as brincadeiras verbais de Erin e me dado mal. Eu sabia que alguma coisa forte estava se formando entre nós e naquela noite isso era o bastante.

Fui para casa com o dia amanhecendo, apenas quatro horas antes de ter que começar a trabalhar na livraria, e fiz o que sempre faço depois de uma noite em claro: coloquei uma calça de moletom e saí para uma torturante corrida no parque. Fiz meus cinco quilômetros em mais de vinte minutos, depois mais três em ritmo lento e andei no final para relaxar. Durante todo o tempo pensei em Denise e sobre como ela havia se sentido pessoalmente comprometida pela promessa que eu havia feito em sua casa. Eu sabia que ela ia continuar me impelindo até o limite de nós dois, e não me importava com isso.

Havíamos combinado de nos encontrarmos novamente a noite, para formular algum plano de ação. Denise esperava que eu tivesse algumas ideias, mas tudo em que eu pensava era imediatamente engolido pelas águas da grande barreira temporal. Oitenta anos! Porra, por onde eu ia começar? Podia entrar em um avião e voar como um alucinado para Baltimore. Podia entrar na livraria de Treadwell e fazer algumas perguntas idiotas, e o que mais? Assim que percebessem o quão pouco eu sabia e o que realmente queria, ririam da minha cara e me jogariam pela rua até eu chegar ao cais.

Mas até mesmo um tolo tem que começar por algum lugar. Às onze horas, depois de me livrar de alguns fregueses e de fechar algumas vendas,

decidi desafiar as probabilidades e telefonar para o asilo em Baltimore onde a Sra. Gallant havia morado. Talvez alguma coisa que ela tivesse deixado lá pudesse levar a outra. Nenhum dos Ralston sabia ou se lembrava do nome do lugar, e quando liguei para o serviço de informações de Baltimore, disseram-me o que eu já sabia. Não dá para simplesmente pedir o número do Recanto das Flores: existem dúzias de registros em “Casas de Repouso”. Seria um empreendimento de tentativa e erro que levaria dias para produzir algum resultado.

Fui em outra direção que poderia se mostrar igualmente inútil. Do serviço de informações cheguei a Serviços Sociais e daí fui pulando de extensão em extensão até que cheguei à assistente social que cuidava da velha senhora. Minha suposição e esperança eram de que ela estivesse no sistema, e lá estava ela.

Eu sabia que a assistente social não iria dizer nada sobre uma pensionista para uma voz ao telefone, mas eu tinha que tentar. Falei com uma mulher de nome Roberta Brewer e contei-lhe a história toda, começando pela notícia da morte da Sra. Gallant em Denver. Ninguém havia lhe telefonado ainda para comunicar o ocorrido, e ela lamentava, mas agradecia a informação. Então eu lhe disse o que queria e por quê: expliquei sobre o livro e por que eu estava procurando os outros, e ela entendeu da primeira vez e pareceu acreditar em tudo. “Vou dar alguns telefonemas e verificar algumas coisas sobre o senhor”, disse ela. “Então vou ligar para o asilo onde Jo estava morando e eles podem ligar para o senhor, se quiserem.”

Isso era o melhor que eu ia conseguir; então agradei, desliguei e cruzei os dedos.



Duas horas depois recebi um telefonema a cobrar de uma mulher chamada Gwen Perkins de um lugar chamado Perkins Manor em Catonsville, Maryland. A Sra. Perkins estava na defensiva, incomodada com o fato de a Sra. Gallant simplesmente ter ido embora. É claro que eles tinham ficado doentes de preocupação por ela e, sim, é claro que estavam desolados com sua morte. A Sra. Perkins estava obviamente preocupada com sua responsabilidade no caso: ela me garantiu que ninguém era prisioneiro em

Perkins Manor, as pessoas geralmente saíam de lá para serem cuidadas por parentes ou amigos, e eu disse que entendia, e o fiz na minha melhor voz de acolhimento, cheia de compreensão. Por fim consegui fazer uma pergunta.

“A Sra. Gallant deixou algum diário ou cartas entre seus objetos pessoais?”

“Não havia objetos pessoais, a não ser pelas roupas que tinha. Geralmente quando chegam até nós eles não têm muita coisa.”

Falou aquilo num tom que dava a impressão de que ela administrava uma instituição particular de caridade, como se o Estado não estivesse lhe pagando o suficiente.

Fiz minha próxima pergunta, rápido e esperançoso. “Existe algum funcionário daí que tenha cuidado dela regularmente? Alguém a quem ela pudesse ter contado sobre sua família?”

“Temos voluntários que vêm da comunidade. Alguns deles se tornam amigos íntimos dos residentes.” Ela fez uma pausa embaraçosa, como se tivesse falado demais, e por fim terminou de expressar seu pensamento. “No caso de Josephine, essa pessoa seria a Sra. Bujak.”

“Ah. Seria possível eu falar com a Sra. Bujak?” Ela pensou sobre a pergunta. Percebi que não gostou, mas não havia motivo para me impedir.

“Espere um segundo, vou pegar o número dela para o senhor.”

Esperei ouvindo música de elevador. Tive a impressão de que muito tempo se passou e imaginei que ela estava ligando para a voluntária e se protegendo.

“Voltei”, disse ela de repente. “Desculpe a demora.” Ela leu um número de telefone. “O nome dela é Bujak. *B-u-j-a-k.*”

A senhora tem o primeiro nome?”

“Sim, é Koko.”



Ela atendeu ao primeiro toque, como se estivesse sentada ao lado do telefone, esperando a minha ligação. Disse “Oi”, e não “Alô”, e sua voz era gentil e suave. Poderia tanto ter vinte anos quanto cinquenta.

“Koko?”

“Sr. Janeway.”

“Suponho que a Sra. Perkins tenha lhe contado o que aconteceu.”

“Sim, contou. Não é a melhor notícia que recebi este ano. Jo era uma boa pessoa.”

“Eu não a conheci muito bem, mas certamente gostava da vivacidade dela. Foi uma viagem e tanto que ela fez sozinha. Parece que ninguém em Perkins Manor tinha a menor ideia sobre isso.”

“Eles estão todos bastante nervosos esta manhã. Acho que estão preocupados em perder a verba do Estado.”

“Por um incidente?”

“Ah, sempre acontece alguma coisa. Todos esses lugares têm falta de pessoal. É por isso que sou voluntária. Vou lá duas vezes por semana. Não é culpa deles quando algo assim acontece — pelo menos a culpa não é toda deles. Na verdade, gosto da Sra. Perkins. Ela tenta, o que é mais do que posso dizer por alguns deles.”

“Mas ocorreram outros incidentes?”

“Sr. Janeway.” Certa aspereza tomou conta da voz dela. “O senhor está cavando informações para alguém, talvez para a abertura de um processo? Pois é isso que está parecendo, e quero que nós dois estejamos cientes do porquê de estarmos conversando.”

“Vamos começar de novo. Esqueça as perguntas sobre o asilo. Não pretendo sacanear ninguém. O que quero é falar sobre a Sra. Gallant. E sobre o avô dela.”

“Charlie”, disse ela, e eu me endireitei em minha cadeira com o tom de afeto real em sua voz.

“O tom de sua voz é como se a senhora o conhecesse. Como era o tom de voz dela quando falava sobre ele.”

“Mas eu o conheço.”

“A senhora fala como se ele estivesse vivo.”

“Pois é assim que parece. Passei um bom tempo revirando as lembranças dela sobre ele. Tenho montes de fitas — com nós duas conversando.”

“Fitas”, repeti, como se não estivesse entendendo.

“Estou escrevendo a história dela”, ela disse, e eu senti meu coração virar de ponta-cabeça.

Ela disse: “Eu gravei tudo”, e meu velho e exausto coração voltou ao normal.

Então ela completou: “Eu usava hipnose extensiva para chegar àquilo

que ela sabia”.

“Hipnose”, disse eu no mesmo tom de voz vazio. “A senhora a hipnotizou?”

“Isso o incomoda?”

“Não, apenas me surpreende. E funcionou?”

“Acho que isso depende de como o senhor definiria funcionar. Se está perguntando se deu certo, então a resposta é sim, funcionou maravilhosamente. Na verdade, a hipnose é uma técnica antiga, tem uns duzentos anos. Eu a usei em toda a minha vida adulta: auto-hipnose, regressão, autossugestão. Usei-a para parar de fumar anos atrás. Parei de uma vez, e era viciada de fumar três maços por dia. Agora a uso para registrar as histórias dos idosos.”

“A senhora faz isso por passatempo?”

“Se quiser chamar assim. Eu me aposentei dois anos atrás e isso me pareceu um bom emprego para o meu tempo livre.”

“A senhora não parece ter idade para se aposentar.”

“Não adianta me elogiar. Eu provavelmente tenho idade para ser sua mãe.”

“Duvido. E o que a senhora fazia? Qual era sua profissão?”

“Eu era bibliotecária. Em meus últimos dez anos fui bibliotecária-chefe em uma unidade pequena de subúrbio. Mudei para cá depois da aposentadoria.”

“E onde a senhora está?”

“Moro em Ellicott City agora. Fica do outro lado do rio, a poucos quilômetros da casa da Sra. Perkins.”

“E a senhora hipnotiza os idosos e grava as histórias deles. Sabe, isso é fascinante. Pode me dar mais detalhes?”

“Nós teríamos que conversar o dia inteiro. Mas vou lhe dizer o seguinte: uma pessoa com boa disposição pode ser mandada para qualquer parte de sua vida. Ela pode revivê-la e descrever tudo o que aconteceu. Sabe-se de pessoas que lembram cartas com detalhes, mesmo de sua infância. Não há nada de sobrenatural nisso, está tudo armazenado no cérebro. Isso está tudo muito bem documentado e não há por que eu ficar na defensiva em relação a essas coisas. Acredite ou não.”

“Eu não estou duvidando, apenas aprendendo. Então Josephine era uma dessas pessoas com boa disposição?”

“Ela era ótima. Chegou a um ponto em que mergulhava no passado

praticamente logo depois de ter sentado em minha poltrona.”

“A senhora fazia essas sessões em sua casa?”

“Ah, claro. Seria impossível fazê-las no asilo, então uma ou duas vezes por semana eu ia até lá e a trazia. Ela adorava o passeio e passou a adorar as nossas sessões.

Mais tarde ela escutava as fitas e ria, dizendo: ‘Meu Deus, eu tinha me esquecido disso’. Então, desse ponto de vista, tudo funcionou muito bem. Agora o que estou tentando fazer é conseguir evidências mais concretas de que tudo o que ela me falou é verdade.”

“E como ela se saiu?”

“Muitíssimo bem. Fizemos a mesma sessão diversas vezes e ainda não consegui perceber nenhuma discrepância. E não estamos falando de algo que se poderia escrever e memorizar. As sessões eram compridas, uma hora ou mais por vez. Era de esperar que ela caísse em alguma contradição se estivesse tentando me enganar, não é, Sr. Janeway?”

Respirei profundamente. Minha sorte era inacreditável.

“Além das lembranças dela”, prosseguiu, “tenho diversas páginas de registros contando quem eram as pessoas em sua família. E como elas viviam.”

“Sra. Bujak...”

“Pode me chamar de Koko.”

Que nome incrível, pensei. Koko Bujak. Incrível e elegante.

Contei-lhe a versão longa da história que eu havia passado para a assistente social, começando pela chegada de Josephine à minha livraria, no dia anterior. Ela não disse nada enquanto discorri sobre minha paixão por Richard Burton, o leilão e como a Sra. Gallant havia me descoberto. Então ela me disse: “Eu sabia que alguma coisa estava acontecendo com ela. Pena que ela não me contou a respeito; eu mesma a teria levado até o Colorado”.

“Por que ela não contaria para a senhora?”

“Quem sabe? Talvez tivesse medo de que eu a impedisse. Nós tínhamos um bom relacionamento, mas acho que eu ainda representava o Estado para ela.”

“Se serve de consolo, acho que ela teria morrido de qualquer maneira. Quer a senhora tivesse vindo ou não.”

“É, ela percebeu que o fim estava próximo, e eu também. Ela havia piorado muito nos últimos seis meses. Eu estava dando duro para conseguir transcrever as lembranças dela, para que ela pudesse ver o que eu tinha.”

“O que vai fazer com esse material agora?”

“Terminá-lo, é claro. Não entrei nisso apenas para ser condescendente com ela.”

“E o que vai acontecer quando terminar?”

“Vai depender do que eu tiver e da qualidade do material. Se for bom o suficiente, posso tentar encontrar um escritor e colocar tudo em um livro. Caso contrário, vou deixar o que tiver com a sociedade histórica estadual. Eles estão sempre interessados em registros que falem sobre pessoas da região.”

“Como vai decidir... se vai ou não entregar para um escritor?”

“O padrão óbvio seria o de saber se há interesse nacional ou se é algo estritamente regional. Se o que ela pensava era verdadeiro, mesmo que parcialmente, acho que seria um livro significativo. Você não acha?”

“Com certeza. E se me permite o comentário, acho que ela deixou tudo em boas mãos.”

Houve uma pausa, como se ela não confiasse na sinceridade do elogio. Então ela disse: “Tenho uma intuição sobre esse material. Vai muito além do que fiz com outras histórias de vida. Neste momento não consigo pensar em melhor uso para o meu tempo. Porém há algumas coisas que não posso fazer daqui. Talvez eu tenha que ir a Charleston para verificar alguns fatos. Estive evitando isso, mas...”

“Posso perguntar o quanto você já apurou até agora?”

“Na verdade, já tenho boa parte confirmada”, disse ela, e senti meu coração acelerar de novo.

“Você tem noção de quanto envolve realmente Burton?”

“Bem, esse é o mistério, não é? Saber o quanto do que ela pensava ser real de fato era real, e quanto pode ser confirmado tanto tempo depois.”

Estávamos em um ponto sensível e eu sabia disso. “O seu nome apareceu ontem à noite, pouco antes de ela morrer. Ela estava falando sobre uma fotografia de Charlie e Burton que fora tirada havia muito tempo em Charleston. Segundo ela, você saberia a respeito.” Sofri durante uma pausa terrível, e então disse: “Acho que vou ter que pedir sua ajuda, Koko. Sei que é pedir muito — você trabalhou tanto com a história dela, e tudo o que posso fazer é prometer-lhe que nada que você partilhar comigo será revelado antes que você decida como quer fazer”.

“Mas no final das contas eu teria que confiar na sua palavra.”

“Exatamente.”

“Isso não poderia ser feito por telefone. Você terá que vir até aqui. Quero ver o seu rosto antes de seguirmos adiante com isso.”

“Tudo bem. Será um prazer fazer isso.”

“Entenda apenas que isto ainda é um trabalho em andamento. Vou conversar com você, mas é tudo o que posso prometer no momento.”

“Vale o risco. Poderei ir até aí na semana que vem.”

“Estarei aqui. Moro na rua Hill, quinta casa à direita. Meu nome está na caixa de correio.”

De maneira relutante, quase dolorosa, me despedi dela.



A essa altura, passava das seis horas. Eu estava atrasado para meu telefonema à livraria Treadwell, então digitei o número e esperei. A mesma mulher de voz distraída atendeu. Dessa vez ela perguntou quem estava falando. Quando dei meu nome, ela disse: “Um instante, meu bem”, e me colocou na espera.

Decidi deixar o barco correr: eu não mencionaria meu pequeno engodo se ele não falasse nada, e aí veríamos o que aconteceria. Fiquei sentado ouvindo o zumbido na linha.

Ouvi o clique do telefone no outro lado. Mas a voz que atendeu não era a de Dean Treadwell. Era uma voz grossa e profunda, a voz mais fria que eu já tinha ouvido.

“Alô?”

“Queria falar com Dean.”

“Dean não está.”

“Eu ligo mais tarde.”

“Quem é?”, disse ele ríspidamente.

“Quem é você?”, disse eu com um sorriso na voz. Alguns segundos se passaram. “É o Carl?”, mas ele havia desligado.

Um rapaz bastante amigável. Até agora os Treadwell estava fazendo jus a sua reputação.

Naquela noite jantei com os Ralston e contei tudo o que havia acontecido. Denise ficou felicíssima por eu ter achado Koko tão rapidamente e tinha esperança de que isso pudesse ser um bom começo. “E agora?”

“Vou até lá na semana que vem, falar com Koko, atormentar os Treadwell. Ver aonde isso nos leva.”

Ela assumiu o rosto de súplica. “Mas a semana que vem está tão longe...”

“A moça que cuida da minha livraria já vai ter voltado na semana que vem. Vou estar no voo da próxima segunda-feira.”

Conversamos durante mais um tempo. Denise havia trazido o livro da Sra. Gallant e o devolveu a mim com um gesto imponente. “Vai reparar que não há manchas na capa, e que eu não o deixei na chuva, nem fiz orelhas nas páginas, nem escrevi meu nome nele com lápis de cor, por mais que quisesse fazer isso.”

“Muito obrigado, senhora”, eu disse, encabulado. “Mas eu tinha que alertá-la.”

“Ah, fez bem, Cliff. Eu queria ficar com ele mais um dia, mas Michael está uma pilha de nervos com o livro aqui em casa.”

Nenhum de nós teve mais nenhuma ideia brilhante e eu me despedi lá pelas oito. Fui para cama cedo, certo de que havia feito algum progresso, mesmo não sabendo em que direção estava indo e o quanto teria que andar para chegar lá.

Pouco antes do meio-dia, Ralston apareceu na livraria e perguntou se eu me incomodaria se ele ficasse em uma das mesas examinando algumas de minhas primeiras edições modernas. Quando o movimento da manhã diminuiu, me juntei a ele na mesa.

“Está pensando em se tornar caçador de livros?”

“Estou pensando em arrumar um trabalho, cara. Mas entre uma coisa e outra, sei lá... isto me pareceu divertido.”

“Posso ajudar você a descobrir?”

“O que quer dizer esse negócio de primeira edição? Estou vendo que você marcou todos estes livros a lápis com ‘primeira edição’, mas os editores nem sempre fazem isso.”

“Alguns fazem, outros não. A maioria deles está começando a colocar a sequência de números nas páginas de *copyright*. Mas mesmo assim existem algumas armadilhas, e nos velhos tempos cada editor fazia da maneira que queria. De forma geral, eram razoavelmente coerentes com os procedimentos adotados em suas editoras, pelo menos durante alguns anos, mas com alguns deles isso podia variar de um livro para o outro.”

Perguntei se ele queria uma explicação e durante a hora seguinte eu o conduzi de editor a editor com detalhes. Mostrei-lhe as excentricidades da Harcourt-Brace e seu sistema com letras, como as palavras primeira edição eram quase sempre impressas acompanhadas de uma fileira de letras começando por um B até 1982 quando, por alguma razão excêntrica, eles começaram a acrescentar um A. “Alguns livros importantes, como *A cor púrpura*, saíram durante esse ano de transição”, disse eu. “Ainda começa com B e tem uma lacuna, como se talvez pudesse ter havido um A em uma impressão anterior, só que nunca houve um. É algo importante, porque até mesmo alguns livreiros não sabem disso. Eles acabam supondo coisas, tornam-se descuidados, e é aí que você consegue, por seis dólares, um livro

que vale trezentos.”

Contei-lhe sobre a costumeira confiabilidade nos livros da Doubleday, da Little Brown e da Knopf, e como a Random House imprimia “primeira edição” ou “primeira impressão” e tinha uma sequência de números começando por 2 — a não ser por algumas obras notáveis, como *As pontes do Toko-Ri*, de Michener, e *Requiem for a nun*, de Faulkner, que não tinham indicação alguma. Olhamos todos os livros de minha seção e discorri sobre as excentricidades de cada editor. Quando terminamos, ele disse: “O.k., agora acho que entendi. Vou sair e caçar uns livros para você. Diga onde estão os melhores lugares para ir”.

Passei a ele um itinerário de lojas de tranqueiras e um aviso. “Vai com calma, Mike. Lembre-se, há dias em que não há nada lá fora. Pode-se gastar muito dinheiro neste negócio, e vai levar certo tempo até que você se lembre de todos esses editores.”

“Ah, mas eu vou me lembrar”, disse ele com enorme confiança.

Cinco horas depois ele reapareceu e descarregou duas caixas de livros. Eu não esperava muita coisa de sua primeira tentativa, e a visão de Sidney Sheldon e John Jakes no topo da pilha não era nada promissora. Ele havia comprado vinte livros. Dez deles não tinham valor algum, mas oito eram aproveitáveis, e dois em especial — ótimas primeiras edições de *The Aristos*, de John Fowles, e *O mundo segundo Garp*, de John Irving — fizeram o dia valer a pena. Paguei-lhe cento e trinta dólares e ele fez as contas. Havia gastado vinte e dois dólares e cinquenta centavos mais impostos e combustível, o suficiente para que ele pagasse uma conta com menos de um dia inteiro de trabalho.

“E você não errou com os editores”, disse eu. “Muito bom.”

“Se eu tenho algum dom na vida, é uma supermemória. Posso ler uma receita e prepará-la na semana seguinte sem nem sequer dar uma espiada de novo.”

“Esse é um ótimo dom para um livreiro.”

Já passava das cinco, mas ele quis sair de novo. “Se Denise telefonar, diga-lhe que vou demorar um pouco para chegar em casa, mas não conte o que estou fazendo.”

Ele balançou no ar o cheque que eu lhe dera. “Quero fazer uma surpresa para ela.”

Passei-lhe uma nova rota, dessa vez pelo lado sul da cidade, onde havia alguns lugares conhecidos que ficavam abertos até as nove, e ele saiu

entusiasmado.

Muito tempo depois entendi o que houve em seguida.



A caçada não foi tão boa na segunda vez. Por algum motivo, isso acontece com frequência: uma quebra na continuidade de um bom dia espanta a Sra. Sorte, deixando o livreiro enalhado até que ela volte novamente. Não há uma razão lógica para isso, mas sei por experiência própria que isso ocorre. A sorte de um caçador de livros tem altos e baixos, como a de um jogador em um salão, e o jogador astuto nunca abandona o jogo quando está se dando bem.

Ele percorreu toda a zona sul pela Broadway, depois a oeste pela Alameda, onde há duas lojas de usados uma de frente para a outra na rua. Certa vez consegui dois exemplares de *The last picture show* nessas lojas com cinco minutos de diferença, uma coincidência que chega a ser assustadora, mas nunca mais encontrei algo tão bom novamente por lá. Ralston não estava com muita sorte naquela noite, e decidiu ir para a zona oeste.

Vagou até os limites do bairro Golden, onde alguns mercados de quinilharias haviam se instalado em antigos prédios de supermercados. Logo aprenderia sozinho que lugares como esses eram sempre fracos para a caçada.

Dê a um livreiro um lugar próprio e um pequeno aluguel para pagar e de repente ele começa a se ver como um revendedor, com preços de acordo. Ralston revirou diversos lugares assim. Ele me telefonou em casa e perguntou sobre um livro, um exemplar excelente de *Wind from the Carolinas*, de Robert Wilder, que iria lhe custar dez dólares, e eu lhe disse para não pegar. Ele havia encontrado apenas um livro desde as seis horas, um bom exemplar de *Two weeks in another town*. Não era grande coisa, mas por vinte e cinco centavos valia a pena.

Ele tentou falar com Denise pelo telefone público na frente da loja, mas a linha estava ocupada.

A essa altura, as ruas estavam escuras. Ralston havia percorrido um longo trajeto circular e estava voltando para Globeville com quase nada para

mostrar. Havia ainda umas duas lojas na lista que eu lhe dera; ele foi atraído a elas pelo sucesso da tarde. A maldição do livreiro.

As lojas fechavam às nove, e ele pegou a Interestadual 70 e foi para casa.

Sentia-se bem pelo que havia acontecido no dia, apesar da noite fraca. Talvez isso pudesse vir a ser um novo ramo de trabalho, uma ocupação que poderia saciar a fome de liberdade que ele tinha acima de tudo. Se ficasse bom naquilo, poderia tirar Denise daquele trabalho no hotel vagabundo, sem precisar lambe as botas de ninguém.

Saiu da estrada na Washington e poucos minutos depois entrou em seu quarteirão. As luzes da casa estavam acesas, dando-lhe um sentimento agradável de expectativa.

Passou pelo portão e subiu os degraus para a varanda pisando forte.

Abriu a porta e ouviu a canção favorita de Denise tocando na estação de música clássica. O telefone estava fora do gancho, mas isso não era incomum: com frequência ela o deixava assim quando estava com dor de cabeça. Naquele momento, porém, ele sentiu uma sombra pesada atravessar seu caminho: o mesmo mensageiro da morte que a Sra. Gallant havia visto ainda estava na sala, e ele teve um arrepio, e depois estremeceu, e experimentou sua primeira sensação vivida do impensável.

“Oi, querida”, disse ele para a sala vazia, e sua voz ficou parada na garganta.

Atravessou o corredor rapidamente. Olhou no quarto e sentiu sua vida se esvaír diante do que viu.

11

Eu estava prestes a desligar o telefone para dormir quando o aparelho tocou debaixo de minha mão. “Oi, Cliff.”

“Quem é?”, perguntei, agressivo.

Eu sabia muito bem quem era: eu poderia identificar sua voz tranquila no meio de uma multidão, mas àquela hora da noite só poderia ser algum problema. Neal Hennessey fora meu parceiro na Homicídios. Tínhamos sido amigos de verdade alguns anos atrás, e durante algum tempo depois de minha saída abrupta da polícia de Denver tentamos fingir que nada havia mudado entre nós. De vez em quando eu o convidava para almoçar por conta dos velhos tempos; às vezes tomávamos uma cerveja em um bar de que gostávamos no lado oeste da Colfax, perto da sede do *Rocky Mountain News*. Mas essas ocasiões foram se tornando cada vez mais escassas e irregulares. Já fazia meses desde a última vez em que vira seu rosto carnudo, mas agora eu estava do lado de fora, e é assim que são os policiais.

“Estamos com um problema na zona norte”, disse Hennessey. “O caso não é meu, mas o seu nome apareceu, e o investigador principal lembrou que costumávamos ser a dupla dinâmica. Então me pediram que eu ligasse.”

Eu ainda não estava entendendo. Quem será que eu conhecia na zona norte? Alguns anos antes a área era um viveiro de criminosos, e eu havia ajudado a prender um deles, mas por que isso viria me assombrar depois de tantos anos?

Então Hennessey disse: “Você conhece um sujeito chamado Ralston?”, e eu comecei a me sentir mal.

“O que aconteceu?”

“A mulher dele morreu.”

Fiquei estarecido, mudo, e Hennessey entendeu o meu silêncio.

“Estou entendendo que você realmente conhecia essas pessoas.”

“Claro que conheço. Puta merda, isso é horrível.”

Em seguida veio uma segunda reação, de descrença, e pouco a pouco me senti diminuído pelo que Hennessey havia dito. Ele ainda era um policial da Homicídios; eu sabia que ele não estaria telefonando se a morte tivesse sido natural.

“O que aconteceu?”, repeti.

“Bom, o pessoal está tentando descobrir. O marido não tem a menor condição de ajudar. Parece que não disse mais do que dez palavras até agora.”

“É porque está em *choque*, Neal. Porra, se eu estou em choque, nem consigo imaginar como ele está se sentindo.”

Ouvi Hennessey respirando do outro lado. Depois de um tempo ele disse: “Tem alguma ideia de quem poderia ter feito isso?”.

Pensei em Denise, em seu rosto sorridente, e minha voz tremeu. “Não”, respondi.

“Se você souber de alguma coisa que possa ajudar, eles vão querer falar com você na central.”

Olhei fixamente para as sombras do quarto.

“Mesmo esta noite, se lembrar de alguma coisa. Eles mandam um carro te pegar. Caso contrário, querem que você apareça amanhã.”

“Quem é o investigador principal?”

“Randy Whiteside. Seu favorito.”

Que maravilha, pensei. *O Sr. Metido*.

Olhei para o relógio. “Onde está Mike agora?”

“Quem é Mike?”

“O marido dela, Neal. Porra, de quem mais a gente está falando?”

“Ei, não precisa arrancar a *minha* cabeça. Eu só estou telefonando.”

Eu me ouvi dizendo: “Desculpe”, e um instante depois: “Merda, isso dói”.

“Você conhecia bem essas pessoas?”

“Não.”

Senti que ele esperava uma explicação.

Por fim, falei: “Não sei como explicar. Denise era...”. Desisti de completar a ideia depois de algum tempo e disse: “Eu os conheci há pouco tempo”.

“Bom, para responder à sua pergunta, não sei onde o marido está. Provavelmente ainda estão tentando falar com ele na cena.”

Senti uma onda de raiva súbita. “Porra, Hennessey, espero que vocês

não estejam tratando esse homem como suspeito.”

Senti que ele ficou indignado. “É claro que ele é suspeito. O que você pensaria se chegasse à cena de um crime e não houvesse mais ninguém lá além do marido, e ele não quisesse falar?”

“Eu já lhe disse o porquê.”

“É, bom, talvez para você isso seja uma certeza, mas quanto a mim, nunca vi o sujeito. Talvez ele esteja transtornado pela tristeza, e talvez essa tristeza seja cem por cento real, e ainda assim ele foi o culpado. Vamos, Cliff, você já viu dessas coisas o suficiente para saber. Perdi a conta de quantas vezes o marido triste era o culpado, e nós dois prendemos o desgraçado e você arrancou uma confissão do mentiroso sacana.”

Eu me lembrei daqueles tempos: todos os rostos dos culpados e dos desgraçados passaram na minha frente num momento febril, e agora senti um arrepio ao pensar em alguém como eu, o policial que eu havia sido, rasgando ainda mais a ferida aberta de Ralston. Lembrei-me de um outro caso: Harold Waters, que havia assinado uma confissão para mim e estava prestes a passar o resto da vida atrás das grades, até que o verdadeiro assassino cometeu um erro. Harold Waters assinaria qualquer coisa que puséssemos à sua frente. Por quê? Ele simplesmente não se importava com o que pudesse acontecer a ele depois que sua esposa fora assassinada.

Hennessey sabia o quanto a lembrança desse caso sempre me perseguia. “Faça-me um favor, Cliff”, disse ele. “Não me venha com aquela bobagem de Harold Waters. Quantas vezes uma coisa como aquela aconteceu?”

“Mas pode acontecer, não é?”

“Aconteceu *uma vez*.”

“Tudo bem, agora estou interessado em saber sobre Ralston. E não quero que ele seja intimidado.”

Eu o ouvi tossindo baixo, afastando a boca do aparelho. “É sério. É impossível que ele tenha feito isso.” Hennessey não comentou. É exatamente o que eu teria feito nas circunstâncias. “Dá uma força”, disse eu.

Isso era uma coisa ofensiva para se dizer a um policial, e Hennessey ficou devidamente ofendido. “Você sabe muito bem que não devia me pedir uma coisa dessas. Já disse que o caso não é meu. Não tenho nada a dizer sobre como ele vai ser conduzido. Estou dando um telefonema de cortesia para um velho companheiro de armas e mais nada. Eu poderia muito bem ter ficado fora disso e deixar que eles o arrastassem para fora da cama à meia-noite.”

“Tudo bem”, disse eu com a voz mais mansa. “Você está interessado na minha opinião?”

“Tenho certeza de que o investigador Whiteside vai estar, no momento certo.”

Havia um abismo entre nós agora, e Hennessey estava tão incomodado com ele quanto eu. Fungou, e então disse: “O que posso dizer, Cliff, é que você sempre teve uma opinião. E como opiniões, elas eram muito boas. Mas o homem não disse nada para nós, só que chegou e a encontrou estendida na cama. A única outra palavra que alguém conseguiu entender foi o seu nome”.

“Falei com ele por telefone menos de trinta minutos antes de ele ir para casa. Ele estava bem longe naquele momento, em Golden. Eu não sei quando ela...” Respirei fundo. “Não sei quando ela morreu, mas ele não teria conseguido chegar em casa em menos de meia hora.”

“Supondo que esse seja o lugar onde ele realmente estava quando ligou para você.”

O silêncio se prolongou de novo. Hennessey estava dizendo o que eu teria dito em seu lugar.

“Lamento pela má notícia”, disse ele.

“Não dava para ser diferente, não é? Mas obrigado por ter telefonado.”

“Claro. Precisamos tomar umas cervejas qualquer dia desses.” Eu estava pensando em Denise e mal ouvi o que ele disse.

Eu sabia que ele não ia me dizer, mas tentei mesmo assim. “Alguma ideia sobre a hora da morte?”

“Isso vai levar algum tempo. O pessoal ainda está lá e vai ficar mais um pouco.”

“Eles já sabem qual foi a causa da morte?”

“Nada muito certo ainda.”

Então, em consideração pelos velhos tempos, acrescentou: “Parece que ela foi asfixiada”.

12

O quarteirão de Ralston estava cheio de carros, a cena de costume quando alguma coisa ruim acontece. Havia duas radiopatrulhas e alguns veículos de chapa fria, um Chevy verde que eu sabia pertencer a um assistente do legista chamado Willie Paxton, e o velho Ford Fairlane de Ralston. Não havia nenhum sinal óbvio da presença da imprensa. Os idiotas da TV desprezaram aquele acontecimento: não tinha fios, nem câmeras, nem penteados feitos com secador de cabelos tumultuando o quarteirão.

Se fosse um assassinato em Cherry Hills, eles teriam saído da cama à meia-noite, mas este aqui simplesmente não era importante. Havia dois sujeitos desanimados usando jeans, caras que eu conhecia do *Denver Post* e do *Rocky Mountain News* e muitos civis amontoados. Mesmo àquela hora a notícia se espalhara pela vizinhança: duas dúzias de vizinhos observavam de longe e uma fileira de moleques olhavam espantados de cima do telhado de uma casa do outro lado da rua.

Um policial jovem de uniforme me parou na calçada. “Não pode entrar, senhor.”

“Whiteside está aqui?”

“Ele está ocupado no momento. O senhor precisa falar com ele?”

“Talvez sim. Meu nome é Janeway.”

O policial chamou um outro colega, um sujeito que eu conhecia. “Entra lá e diz para o investigador Whiteside que o Sr. Janeway está aqui para falar com ele, assim que ele tiver uma folga.”

Esperei.

Minutos depois o policial saiu e da varanda fez um gesto em minha direção. O primeiro policial balançou a cabeça afirmativamente e abriu o portão. Na varanda, o segundo policial disse: “Sei que você sabe a rotina, mas é meu dever lhe dizer mesmo assim — não toque em nada”. Um momento depois, para minha própria surpresa, eu estava na sala de estar,

sentado em uma cadeira sem atrapalhar ninguém.

Estava tudo diferente. Não se parecia nada com o lugar onde eu havia me encontrado com Mike e Denise Ralston no começo da amizade, havia poucos dias. Naquele momento o ambiente estava frio sob as luzes brancas e barulhento com as vozes impessoais dos homens que sondavam os quatro cantos da casa. Pela porta aberta vi Whiteside passar, e o olhar dele cruzou com o meu antes que ele desaparecesse na multidão de pessoas reunidas em volta da cama. Tentei afastar meus preconceitos e esperar pelo melhor. Whiteside sempre parecera ser um bom policial; a lista de casos resolvidos dele era, no mínimo, tão boa quanto a minha, e talvez aí estivesse a causa de nunca termos gostado um do outro. Ele havia chegado havia uns cinco anos montado na reputação que havia construído em alguma delegacia na Costa Leste, mas para mim desde o primeiro dia sempre foi um tonto. Em certo sentido, era como Archer. O distintivo era seu Pulitzer e de alguma forma isso o colocava acima dos pobres mortais da raça humana. Eu ainda conseguia ouvir o que dissera para Hennessey anos atrás: “Aposto que ele dorme com aquele distintivo preso no pijama”.

Depois de algum tempo, ele saiu do quarto. “Ora, ora, Janeway, quem iria imaginar você por aqui?” Ele veio para cima da cadeira onde eu estava, mas eu conhecia essa técnica e não me deixei abalar. Olhei para ele de dentro da parte mais escura de sua sombra, o rosto formando uma silhueta contra as luzes atrás e acima dele. “E então, o que você tem pra me contar?”, disse ele, e eu lhe contei o que sabia sobre Ralston caçando livros durante o dia todo. Contei-lhe de maneira direta e concisa, sem nenhum rodeio. “Ele me telefonou às nove”, concluí. “Ainda estava em Golden e tinha acabado de encontrar um livro.” Eu sabia qual seria a próxima pergunta que ele faria e ele a fez. “Que livro ele encontrou?” Respondi e ele disse o que eu sabia que ia dizer “Então esse livro ainda deve estar no carro dele”. Ele chamou o policial uniformizado e mandou-o ir até o carro e ver se dentro havia um livro de alguém chamado Irwin Shaw.

Eu estava me arriscando, convencido até demais de que o livro estaria lá e seria identificado como proveniente daquela loja em Golden. Se tivéssemos sorte haveria um recibo com uma data e, quem sabe, o horário impressos, e haveria uma etiqueta na lombada, com determinada cor que diria aproximadamente a data em que ele fora colocado à venda. Toda semana, em lojas como aquela, os livros eram remarcados usando-se as etiquetas coloridas. Não seria nada irrefutável: apenas mais um pedacinho de evidência

de que o homem estava falando a verdade.

Até agora eu havia feito o jogo de Whiteside à maneira dele. Então eu disse “Onde está o Sr. Ralston?”, e Whiteside saiu da luz e olhou para o meu rosto, mantendo o dele nas sombras.

“Está onde quero que ele esteja.”

“Tudo bem”, disse eu, em tom agradável. “Qual a sua ligação com Ralston? Além dessa caçada a livros para a qual você o enviou, o que ele é para você?”

“Sou amigo dele.”

“Acho que isso é ótimo. Ele vai precisar de um amigo.”

Senti minha raiva fervendo, mas mantive-a sob controle. Ouvi um movimento, e o policial uniformizado entrou carregando o livro, suspenso por um lápis sob a lombada, como calças colocadas sobre um varal. Vi o adesivo azul da loja na sobrecapa e o recibo quase caindo de entre as primeiras páginas, e agradei aos deuses dos livros por ele não ter caído no chão quando o policial o pegou daquele jeito.

Eu não disse nada por um tempo: seria muito melhor deixar Whiteside descobrir as coisas por si próprio. Mas quando o policial continuou segurando o livro daquela maneira, falei: “Imagino que esse papel que está quase caindo de dentro seja o recibo”. Whiteside disse, “Pode guardar”, e o policial colocou o livro e o recibo em um saco plástico.

“Bom, Sr. Janeway, foi gentileza sua vir até aqui. Se tivermos mais alguma pergunta, entraremos em contato.” Eu sabia que estava sendo dispensado com rancor, mas balancei a cabeça, ainda no controle das minhas emoções, e disse: “Eu gostaria de ver o Sr. Ralston, se não houver problema”.

Whiteside deu uma risadinha de desprezo, e foi aí que eu soube que a coisa ia ficar feia.

“Você o está acusando de alguma coisa?”

“Isso ainda vamos ver, não é?”

“Bem, até que decida, você não tem o direito de detê-lo.”

“Eu não preciso acusá-lo de nada para poder interrogá-lo.”

“Você tem que informá-lo de seus direitos se pretende detê-lo. E ele não tem que responder coisa nenhuma se você for para cima dele com os dois pés. Vamos, Randy, nós dois conhecemos as regras.”

Eu nunca o chamara de Randy antes. Ergui as mãos em um gesto de paz. “Escute, tenho certeza de que ele falará com você, sei que sim. Mas o cara acabou de perder a esposa, porra. Dê a ele um tempo para que recupere o

fôlego. Posso ver Mike?”

“Não até que tenhamos falado com ele.”

“Então por que não fazemos o seguinte: você fala com ele na minha presença. Você vai ser educado e eu prometo ficar quieto.”

“De jeito nenhum. Nem consigo acreditar que você chegou a me pedir uma coisa dessas. Durante quanto tempo você foi policial, Janeway?”

O bastante para reconhecer um babaca com um distintivo quando vejo um, pensei. Mas disse “Escute, garanto que esse homem não fez isso. O coração dele acabou de ser arrancado e eu não posso ficar aqui sentado enquanto você o tortura ainda mais”.

“Você não pode dizer porra nenhuma sobre o que eu faço ou deixo de fazer.”

“Talvez não, mas posso fazer com que um advogado esteja esperando na central. Aí você vai se ferrar e não vai falar com ninguém.”

“Que merda”, disse ele. Mas refletiu por um momento. “Você fica sentado aí, com a porra da sua boca fechada. Estamos entendidos?”

“Sem dúvida”, eu disse com uma enorme cara de pau.



Mudei-me para a mesa da cozinha e fiquei olhando enquanto eles terminavam o serviço. A casa parecia incrivelmente pequena para a quantidade de pessoas que estavam trabalhando lá dentro de maneira frenética. Olhei para o interior do quarto e senti uma onda de tristeza quase esmagadora. Podia ver Willie Paxton conversando com uma mulher que eu conhecia, Joanne Martinson, que também trabalhava com o legista. Consegui ver o braço de Denise, caído sobre a beirada da cama, e aquela visão me encheu de desgosto. *Filho da puta*, pensei. Algum filho da puta miserável tinha feito aquilo, provavelmente algum ladrãozinho vagabundo das redondezas procurando uns trocados. Quantas vezes isso acontece? Alguém volta para casa, topa com um ladrão e pronto. Em um segundo, em minha mente, eu voltara a ser policial.

Paxton saiu do quarto, e Martinson estava bem atrás dele.

“Oi, Cliff, como vai?”, os dois disseram quase juntos.

“Ah, ganhando umas, perdendo outras.” Aquela eu tinha perdido de

lavada, mas não comentei isso. Fiquei na conversa fiada até Whiteside entrar no quarto. Então, em voz baixa, perguntei: “Então, pessoal, qual é a história?”

“Asfixiada com o travesseiro”, disse Paxton. “Vamos saber os detalhes mais tarde, mas é isso o que parece.”

“Há quanto tempo?”

“Não sei. Meu palpite é entre seis e sete da noite.”

“Então não passaria das sete, né?”

“Pouca chance de passar desse horário. O corpo já estava ficando rígido quando chegamos aqui.”

Joanne olhou para Paxton e disse: “Escuta aqui, sei que vocês se conhecem há um tempão, e eu também te adoro, Cliff, mas, porra, Willie, isso é irregular pra cacete”.

“Tudo isso vai estar no relatório.”

“Então deixa ele ler o relatório como qualquer um.”

Balancei a cabeça afirmativamente. “É, Willie, não quero que vocês tenham problemas por minha causa. Mas obrigado mesmo assim.”

Ainda era claro na rua às sete horas. As pessoas voltavam do trabalho. Isso significava que havia uma chance de o meliante ter sido visto, e talvez Whiteside já tivesse alguma testemunha escondida.

Agora não havia mais nada a fazer, a não ser esperar. Policiais podem levar horas em uma cena de crime, e os que estavam lá não tinham pressa. Pensei em Ralston, sozinho e na pior, trancado em seu inferno particular. Essa era a primeira de muitas horas infernais, e tudo o que eu podia fazer por ele era tentar tornar a situação menos desagradável do que poderia ser.

Depois de algum tempo, dois homens trouxeram uma maca até o quarto e tiraram o corpo da cama. Eu não quis olhar essa parte — a gente nunca quer olhar quando se trata de algum amigo —, mas fiquei em pé e, sem me mover de onde estava, olhei para o interior do quarto. Eu não pensava mais nela como Denise agora: Denise havia partido, deixando aquela casca para trás. Paxton orientou a retirada do corpo, tomando o cuidado de deixar o braço pendente na mesma posição em que estava quando a encontraram.

Joanne disse alguma coisa e ele olhou para a cama. Pegou um instrumento comprido, parecido com um fórceps, e puxou a colcha da cama para trás. Então disse. “Ei, Whiteside, veja em cima do quê ela estava deitada”, e ainda usando o fórceps, fispou o que parecia ser uma nota de um dólar das dobras dos lençóis amarrotados. Mas meus olhos eram muito bons,

e de onde eu estava pude ver claramente o retrato de Benjamin Franklin.

Era uma nota de cem dólares.

Whiteside apareceu imediatamente com um saco plástico. Paxton colocou a nota dentro dele. Joanne disse: “Aqui tem outra”, e Paxton tirou-a animadamente das cobertas.

“Aqui tem mais algumas”, disse Joanne.

“Pensei que essas pessoas eram pobres”, disse Whiteside. “Parece que ela andava ganhando um por fora.”

Tive que me segurar na cadeira. Odiei Whiteside naquele momento, mas observei em silêncio enquanto ensacavam as outras cédulas. Agora que o corpo não estava mais lá, passaram um pente fino no quarto. Usaram um aspirador na cama para coletar fibras e cabelos, examinaram o assoalho em volta da cama e até o tapetinho foi aspirado.

Em determinado momento, Whiteside olhou para o relógio e disse: “Vou para a central, ver o que o homem tem a dizer”.

Eu o segui até o quintal.

“Vejo você lá”, disse Whiteside, sem muito entusiasmo. “Sabe o caminho?”

“Se me perder, eu pergunto para alguém.”

“Lembre-se, você só vai para lá porque eu permiti. Fique com a boca fechada, como combinamos.”



Eu nunca vira Whiteside trabalhar, mas até agora não achava que fosse grande coisa. Se ele estivesse no meu lugar, e eu no dele, eu nunca o teria deixado participar.

Em primeiro lugar, não teria permitido que entrasse na cena do crime. Não teria desmoronado diante de qualquer ameaça da presença de um advogado. Eles teriam falado comigo nos meus termos, ou eu teria descoberto o motivo. Era óbvio que Whiteside tinha alguma coisa na manga: ele estava confiante de que poderia lidar comigo, ou até mesmo me desmascarar, e a chance de conseguir uma confissão rápida e resolver o caso em horas era demais para resistir. Alguns policiais são assim. Certa vez um repórter me disse que esse tipo de coisa acontecia no ramo dele também. Os dois figurões

mais importantes ficavam disputando quem ia escrever na primeira página, da mesma forma que alguns policiais sempre queriam ser os primeiros na resolução de seus casos. Fiquei pensando quem seria o outro figurão, agora que eu havia saído da polícia.

Na central Whiteside nos levou para uma sala que sugeria a atmosfera de uma entrevista, e não de um interrogatório. Sentei-me em um canto enquanto ele e Ralston ficavam de frente, em lados opostos de uma escrivaninha. Whiteside ofereceu café, mas Ralston não esboçou nenhuma reação. Pensei no caso Harold Waters, e as coincidências eram aterradoras. Waters era um homem negro grandalhão. A mulher dele era completamente articulada, a alegria de sua vida. Olhei para Whiteside e naquele meio segundo ele me pareceu quase predatório.

Um estenógrafo entrou e sentou-se logo atrás de Ralston em um canto da sala. “Vamos gravar e transcrever esta conversa”, disse Whiteside, olhando para mim com o canto do olho. “O rapaz que acabou de entrar é Jay Holt, e ele vai escrever tudo o que dissermos. É a rotina.”

Os olhos úmidos de Ralston percorreram a sala e encontraram os meus. Fiz um gesto com a cabeça que eu esperava ser de incentivo. Ralston disse o meu nome, na primeira vez apenas “Janeway”, e em seguida: “Porra, Janeway”, e as lágrimas começaram novamente. Whiteside disse: “Fale comigo, por favor, e não com o Sr. Janeway”, e o interrogatório, que supostamente deveria ser apenas uma entrevista, começou.

As primeiras perguntas foram de rotina. Diga seu nome e endereço, por favor. Onde o senhor esteve na noite de hoje? Quando foi a última vez em que teve notícias da Sra. Ralston? A que horas chegou em casa? Houve alguma coisa incomum antes da noite de hoje? O senhor chegou a ver se havia algum estranho que parecesse ter interesse especial em sua casa? Isso continuou por algum tempo, e Ralston respondia em monossílabos. Duas vezes ele não aguentou e começou a chorar, e Whiteside pediu a uma policial que lhe trouxesse água.

Whiteside perguntou sobre as finanças deles. Ralston, com a mesma voz de choro, contou o que ele queria saber em poucas palavras. Eles eram paupérrimos. Não tinham quase nada.

Então Whiteside disse: “Sr. Ralston, foram encontrados onze mil dólares na cena do crime. O senhor pode explicar isso?”.

“Isso é impossível.”

“Sei. O senhor sabia que sua esposa mantinha um diário?”

Ralston balançou a cabeça de maneira afirmativa.

“por favor, responda verbalmente.”

“Sim.”

“O senhor tem ciência do que está escrito no diário?”

Mais uma vez Whiteside teve que repetir a pergunta. Ralston respondeu que não, nunca havia lido o diário.

“Estava aberto sobre a cômoda”, disse Whiteside. “Esse é o lugar onde ela costumava deixá-lo?”

Ralston balançou a cabeça afirmativamente e depois disse: “Sim”.

“Estava lá o tempo todo, à vista, um caderninho comum”, continuou Whiteside. “Não estava trancado em uma gaveta, o caderno não estava sequer fechado, e mesmo assim o senhor nunca ficou tentado a dar uma olhada nele.”

Ralston pareceu um tanto confuso, como se a pergunta não fizesse o menor sentido para ele.

“O senhor está dizendo que nunca leu o diário? Nem Uma única vez durante todo o tempo em que ficaram juntos?”

Ralston balançou a cabeça. “Isso seria...”

“Seria o quê, Sr. Ralston?”

“Errado.”

“Errado”, repetiu Whiteside. “Ora, quer saber? Eu acredito no senhor. Acredito exatamente no que está me contando quando diz que nunca leu o diário. Acredito que tanto era um hábito não ler o diário que não teria lhe ocorrido fazer isso, não importa o que mais estivesse acontecendo na vida de vocês. O senhor simplesmente não faria isso, não é, Sr. Ralston?”

“Não.”

“Não.” Whiteside balançou a cabeça. “É por isso que o senhor não sabia o que ela escreveu lá.”

Ele se levantou e deu a volta pela escrivaninha, pegou uma cadeira e encarou Ralston de uma distância de menos de um metro. “O que ela escreveu no diário, há apenas dois dias, foi como uma senhora havia acabado de morrer naquela sua cama, e como ela, antes de morrer, deu a vocês um presente fantástico, um livro raro que o Sr.

Janeway diz que vale muito dinheiro. Será que eu entendi direito até aqui?”

“Denise queria...”

Whiteside esperou. Ralston gaguejou novamente e esfregou os olhos.

“O que ia dizer, Sr. Ralston? Denise queria alguma coisa. O que ela queria?”

“Ela queria fazer o que a senhora havia pedido.”

“Que era encontrar os outros livros, certo?”

“Certo.”

“Mas o senhor não queria fazer isso, queria? O senhor queria o dinheiro. E vocês dois discutiram por isso, não é?”

“Nós nunca discutimos por nada. Nunca.”

“E como o senhor chamaria, então, o que ela escreveu?” Ele tirou um caderno do bolso. “Michael quer muito ficar com o dinheiro. Por isso tivemos nosso primeiro grande desentendimento, mas ele vai entender que essa era a coisa certa a fazer.’ Como o senhor interpretaria isso, Sr. Ralston?”

Ralston balançou a cabeça. “Aquilo não foi uma discussão.”

“Talvez não tenha começado assim. Talvez no começo tenha sido apenas um desentendimento, e depois ficou um pouco mais do que isso. Olha, sei como é: tenho desentendimentos com a minha mulher o tempo todo. Às vezes fico com tanta vontade de calar a boca dela que tenho vontade de apertar um travesseiro na cara dela.”

“Ei, Whiteside”, eu disse. “Para com essa merda.”

Ele virou-se na cadeira. “Mais uma palavra sua e você sai daqui.” Ele se voltou para Ralston. “Foi isso o que aconteceu, não é?”

“Não responda isso, Mike.”

O olhar de Ralston estava confuso, horrorizado. “Porra, se você não queria que a situação chegasse aonde chegou, posso entender”, disse Whiteside. “Você é um sujeito grandão, forte... às vezes quando certas coisas começam, é difícil parar.”

“Não diga mais nenhuma palavra, Mike. Esse sujeito não tem honra, ele está tentando intimidar você e vai distorcer qualquer coisa que você diga. Ele é um babaca e além de tudo é um péssimo policial.”

Whiteside pulou da cadeira e agarrou meu braço. “Eu avisei. Agora você pode se mandar daqui ou passar a noite em uma cela. Vamos lá, pode chamar um advogado se quiser.”

Eu o afastei com um empurrão. “Se puser a mão em mim de novo, vou varrer o chão com o seu rabo.”

“Quem disse que você consegue?”

“Paga pra ver.”

Olhei para o estenógrafo. “Você está registrando tudo isso, Jay? Quero

que o relato mostre que o Sr. Whiteside está fazendo acusações, sem nem sequer ter lido os direitos do Sr. Ralston.”

“Que droga, sai daqui”, disse Whiteside.

“Quando você fizer a transcrição disso, quero ver todas as palavras aparecerem no relato.”

“Você está obstruindo a justiça, Janeway. Vou te dar cinco segundos para sair daqui.”

“Você não saberia o que é justiça nem se eu a talhasse no seu pau.”

“Jay, diga a Matthews para vir até aqui.”

“O que é isso agora, vai chamar os reforços? Escuta aqui, vou facilitar o seu lado. Vou embora, mas não vai ser de boca fechada, meu chapa, e vou voltar com um advogado tubarão de Nova York que vai fazer picadinho de você e da sua estratégia. Você ouviu, Mike? Não diga uma só palavra para esse puto. Escreva isso, Jay. Janeway quer isso no relato: esse homem não teve lidos os seus direitos, e é bom fazer constar isso. E o Randy *Imbecil* Whiteside pode dizer adeus ao diário da Sra. Ralston.”

Chutei uma cadeira e apontei para o estenógrafo. “Você sabe como escreve imbecil, Jay? Porque se não estiver tudo lá, vai sobrar é para você.” Fiquei bem na frente do rosto alarmado de Whiteside. “E você sabe por que, seu imbecil?” Dei um tapinha no bolso do casaco. “Eu gravei em fita toda essa entrevista lamentável.”

Empurrei-o de lado para passar. Ralston continuou sentado, os olhos arregalados, sem acreditar no que via e ouvia. Finalmente eu conseguira chamar sua atenção. Olhei para ele quando passei rumo à porta. “Não esqueça, Mike, não assine nada, não diga nada.”

Saí e bati a porta, e o espírito de Harold Waters saiu junto comigo.

Lá fora, respirei fundo e passei a mão no bolso vazio, como se realmente houvesse uma fita nele.

Meu amigo Robert Moses vinha de uma antiga família de advogados de Nova York. Batizado com o nome de um funcionário público que havia transformado os parques de Nova York durante a administração La Guardia, ele havia se mudado para Denver anos atrás, e eu o conhecera quando eu ainda dirigia uma moto na polícia. Ele sempre parecia estar bastante lúcido e pronto para a luta, mesmo quando o acordei no meio da noite.

“Você devia ter me chamado na hora. No minuto em que ouviu que eles iam interrogá-lo, você deveria ter me chamado.”

“E desde quando eu faço o que devo fazer?”

“Isso não tem graça, Cliff. Faça um favor para nós dois e não tente bancar o advogado, por favor; você não é bom nisso. Sabe como teve sorte por não estar na cadeia agora?”

Respondi que sabia. Eu sabia dessa possibilidade mesmo antes de as coisas começarem a acontecer. Mas eu havia sido policial por tempo suficiente para saber que Whiteside estava atrás de mais coisas além de informações de apoio, e alguém tinha que estar lá para garantir que não abusassem de Ralston.

“Você fez uma promessa para Whiteside e não a cumpriu. Disse que ia ficar quieto. Chama o que aconteceu de ‘ficar quieto?’”

“Eu disse que ficaria quieto se ele fosse educado. Você chama aquilo de ‘ser educado?’”

Ele suspirou alto no telefone. “Tudo bem, vou até lá ver o que eles acham que têm contra o seu amigo. Com sorte sairemos ambos de lá.”

Uma hora depois ele me telefonou da central. Os policiais haviam liberado Ralston antes mesmo de Moses chegar. Não ficaram acusações pendentes; a evidência consistia apenas em motivo, que a polícia ainda considerava forte. Doze mil e quinhentos dólares era muito dinheiro para um homem com o passado irregular de Ralston.

“Eles chegaram a perguntar no quarteirão se alguém viu alguma pessoa estranha por lá?”

“Não iam me dizer isso. Você tem que supor que sim, e que eles não descobriram nada.”

“O que só pode significar que ninguém estava olhando, ninguém reparou ou que ninguém vai dizer nada. Ou que eles não encontraram quem foi, quem fez ou quem vai fazer.

Mas isso lhes dá uma desculpa para parar de procurar, não é?”

“Eles acham que Ralston queria o dinheiro para poder voltar para as jogatinas e farras com mulheres. A patroa não recuou na questão e a situação teria ficado fora de controle. Para ser franco, Whiteside está com dificuldade para acreditar que um sujeito jovem, forte e sadio como Ralston, com o passado que tem, criaria um vínculo pessoal com uma mulher muito mais velha. A palavra que ele usou, se não me engano, foi *feia*.”

“É bom que aquele filho da puta não diga isso perto de mim.”

“Se ele disser, você sorri, olha para a carinha linda dele e diz: ‘Obrigado, seu guarda’, seguindo o conselho de seu advogado.”

Um policial levava Ralston de volta para casa, disse Moses, e era onde se supunha que ele estivesse agora. Agradei e disse-lhe para me mandar a conta.

Então peguei o carro e voltei a Globeville. O carro de Ralston não estava mais estacionado no lugar onde eu o vira antes, e agora a rua estava silenciosa e escura. Fui até a varanda e bati com força na porta. Nada. Desci até o quintal e fiquei ali parado por um instante, pensando onde ele poderia estar. Por fim percebi que não o conhecia tão bem a ponto de começar uma busca.

Eu estava quase indo embora quando vi uma sombra se mover na varanda da casa ao lado. Então vi a ponta de um cigarro aceso. Fui até a cerca e disse “Oi”.

“Oi”, respondeu a voz ríspida. Um homem negro: não um jovem, mas um sujeito mais velho. “Você conhece o Mike?”

“É, conheço.”

“Sabe para onde ele foi?”

“Talvez. Quem é você e o que quer?”

“Sou Janeway, amigo dele. Queria ajudá-lo.”

“Acho que ninguém conseguiria fazer isso.”

Antes que eu pudesse reagir, ele disse: “Aquele homem está sangrando.

Está sangrando por todos os poros. Que coisa horrível o que aconteceu”.

“É mesmo. Denise era uma grande figura. Eu não a conhecia muito bem, mas sem dúvida gostei do que conheci.”

Ele não disse nada.

“Você os conhece bem?”

“Mais ou menos como você. Há não muito tempo, mas o suficiente. Eles não moravam aqui fazia muito tempo, e as pessoas por aqui tendem a não se meter na vida dos outros”.

“Os policiais falaram com você?”

“Falaram, sim. Falaram com todo mundo.”

“Você conseguiu dizer alguma coisa a eles?”

“Coisa nenhuma. Eu dormi a tarde toda. A banda do Exército da Salvação em marcha poderia ter passado por aqui e eu não teria visto.”

Houve uma pausa.

“Eu trabalho durante a noite, durmo durante o dia”, disse ele. “Hoje foi minha noite de folga.”

“Bom”, disse eu. “Você está querendo me dizer aonde ele foi? Quero ajudá-lo, se eu puder.”

“Então é melhor que você tenha um carro rápido pra diabo, meu amigo. Mike disse que estava saindo da cidade, indo para Vegas.”

Livro dois

BALTIMORE

A Eastern Avenue tinha a cor de um uniforme confederado e estava igualmente vazia sob a pálida luz do crepúsculo. O prédio dos Treadwell espalhava-se no quarteirão como uma fortaleza de tijolos. Deve ter sido respeitável no passado, com seu pórtico de ladrilhos e o vidro espelhado na porta da frente. Agora os ladrilhos estavam rachados e gastos, os pedacinhos de vidro da porta tinham sido substituídos por vidro de tipo e cor diferentes. A placa que dizia livros, e logo depois do pórtico outra placa, igualmente descascada e desbotada, estavam presas na porta. DAS 10 ÀS 18, sete dias por semana. Eu tinha mais de quatro horas pela frente.

Coloquei as mãos em concha sobre uma das vitrines mais limpas, mas pude ver pouco mais do que o contorno impreciso do balcão principal, uma estante de aparência frágil com uma placa divulgando saldos de livros a um dólar cada, e pouco depois da porta um pôster que anunciava feiras de livros em Wilmington na semana seguinte, em Washington no próximo mês e em Baltimore mais no fim do verão. Silhuetas sombrias de estantes maiores apareciam na escuridão ao fundo.

Caminhei de volta à South Broadway e desci em direção ao cais. Procurei um café que pudesse estar aberto àquela hora da manhã e o que encontrei foi um lugarzinho esquisito na frente do mercado, que ainda estava começando a despertar. Pedi um prato de uma porcaria qualquer e me sentei para tomar café com meu *Baltimore Sun* ainda dobrado em uma cadeira vaga ao meu lado. Eu podia sentir o cansaço gritando em meus ossos: o pagamento pela falta geral de sono, piorada pelo voo noturno de Denver, cheio de turbulências, e a perda de duas horas com o fuso horário da Costa Leste. Passava da meia-noite quando me registrei em um hotel que não ficava longe da livraria. Os acontecimentos dos últimos dias ainda estavam girando na minha cabeça, mas dormi quase quatro horas, acordando pouco antes do amanhecer.

Eu ouvia a voz de Willie Paxton como se fosse um disco com defeito: *asfixiada com o travesseiro... asfixiada com o travesseiro... asfixiada com o travesseiro...*

Lembrei-me do desespero de Ralston e senti o meu próprio.

Nunca sei bem o que fazer nessas ocasiões. Eu sabia que poderia encontrar Ralston se ele realmente tivesse ido para Vegas. Um homem como ele se destaca facilmente.

Era só dar tempo para que se acomodasse e ele não seria problema.

Já Denise era outra questão. Se Whiteside não encontrasse o assassino, e não acredito que ele conseguisse, eu teria que fazer uma tentativa. Aqueles eram pensamentos corajosos para um ex-policial que havia acabado de romper todos os laços com a central. Pensamentos corajosos quando era totalmente provável que minha primeira intuição estivesse correta, que algum assaltante pé de chinelo a havia matado quando ela entrou na casa e o surpreendeu. Algum ladrãozinho talvez apenas de passagem: de toda forma, um estranho. Pode ser muito difícil prender esse tipo de bandido, mesmo contando com os recursos da polícia de uma grande cidade. Ainda que se consigam impressões digitais, com quem seria feita a comparação?

O sujeito pula para dentro de um vagão de carga vazio em um trem e amanhã está em Pittsburgh. Ou ele fica quieto no lugar, bem debaixo de seu nariz, e ainda assim você não consegue encontrá-lo.

Eu sabia que não podia esperar nenhuma ajuda da polícia. Os policiais costumam ficar juntos, e eu seria um proscrito depois que a notícia de minha discussão com Whiteside se espalhasse pelo departamento.

Mas, dois dias depois da morte de Denise, andei pelo quarteirão de Ralston, bati em todas as portas e falei com todo mundo que vi. Em minha própria carreira de policial eu, às vezes, achava que uma espera de uns dois dias era produtiva. É o tempo necessário para as conversas se soltarem pela vizinhança, e isso pode fazer com que apareça uma testemunha relutante que forneça fatos novos. Conheço a teoria da trilha que esfria, e na maioria das vezes ela é correta. Mas mais de uma vez descobri alguma coisa quarenta e oito horas depois, andando pelo local e falando com as mesmas pessoas. Do outro lado da rua, umas três casas abaixo da de Ralston, encontrei um garoto, de uns doze anos, que havia visto um homem sair da casa pouco antes de escurecer. Ele não se lembrava de muito, mas tinha certeza de duas coisas: o homem estava com pressa e era branco.

Na noite do sábado, depois de pensar a respeito durante mais dois dias,

telefonei para Whiteside e deixei o nome e o endereço do garoto em uma secretária eletrônica.



Assim se passou a semana. Na segunda-feira eu tinha aquela passagem para Baltimore, comprada e paga, então peguei o voo.

Andei durante algum tempo, encontrei um pequeno parque e me acomodei em um banco, onde recuperei uma hora de sono. Às dez horas caminhei de volta até a Treadwell, programando minha chegada para um pouco depois da hora em que eles abriam, e assim, eu esperava, iria passar despercebido. Mas a placa de fechado ainda se encontrava do lado de fora e o lugar ainda estava escuro. Xinguei a ética de trabalho dos Treadwell e esperei mais um pouco.

Por fim, da janela de um outro café perto da esquina, vi uma mulher jovem entrar no quarteirão andando rapidamente. Ela era a pura e viva manifestação daquela voz ao telefone, uma loura tingida com menos de trinta anos, em calças de couro justíssimas e uma camiseta escandalosamente transparente que glorificava os Orioles, o time de beisebol local, em letras vermelhas Sem sutiã, os seios balançavam soltos quando ela andava, dando a impressão de um placar onde estava marcado um enorme resultado de zero a zero.

Tomei mais um café, dando-lhe tempo para abrir a loja e começar a fazer suas coisas, fossem lá o que fossem. Em seguida caminhei até a livraria e entrei.

“Oi, meu bem”, ela disse. “Precisa de ajuda?”



Eu encarei os seios dela e resisti bravamente à tentação de responder Agora eu preciso. Balancei a cabeça e disse: “Obrigado, só vou dar uma olhada por aí”, e ela imediatamente voltou para o que estava fazendo e esqueceu que eu existia. Fui mais para o fundo da loja. Era empoeirada, desarrumada e imensa, tudo o que eu havia imaginado quando ouvi falar nela

pela primeira vez naquele dia ao telefone. No salão da frente alguém, muito tempo antes, havia feito uma tentativa de classificar os livros, com seções assinaladas com possíveis campos de interesse. Seja lá quem tivesse feito isso, provavelmente estava morto havia pelo menos duas gerações, enterrado no cemitério dos Treadwell com todos os velhos livreiros. Havia uma placa que dizia PRIMEIRAS EDIÇÕES, mas se era destinada a literatura, a seção havia desaparecido ou mudado para outro local muitos anos atrás. Realmente encontrei primeiras edições da biografia de Mozart por Marcia Davenport e a edição nova-iorquina de *Zorba, o grego* misturadas com um monte de livros de ciência e tecnologia da década de 30, mas seu estado era péssimo, e as sobrecapas estavam piores ainda. Fui para o andar de cima, e depois mais para cima ainda, movendo-me de uma fileira escura para outra, folheando livros ostensivamente, mas, na verdade, avaliando o lugar. Lâmpadas esporádicas pairavam sobre cada fileira, porém a maior parte da luz vinha das enormes janelas dos dois lados do prédio em cada um dos andares. O assoalho rangia quando eu caminhava. O lugar cheirava a mofo e pó de cima a baixo.

A passos lentos, voltei para o primeiro andar e para o salão onde a Loirinha estava tomando conta de tudo. Fiquei atrás das estantes, observando-a através das prateleiras enquanto ela continuava seu trabalho, que consistia na maior parte em separar e marcar os livros em liquidação, colocando-os para serem vendidos, e separando outros para o chefe dar uma olhada, se e quando ele decidisse aparecer. Ainda não havia movimento: nenhum cliente, nenhum telefonema, nenhuma fila de pessoas interessadas em vender seus tesouros. Mas era a manhã de uma terça-feira, e isso significava loja vazia para qualquer livraria em qualquer cidade. Andei pelas prateleiras, principalmente para manter meus pés em movimento e o sangue circulando. Tentei ficar longe das tábuas que rangiam no assoalho: se a loura havia me esquecido, eu queria que a situação continuasse assim.

Por fim, alguns fregueses apareceram. Dois livros foram comprados. Um foi vendido. Sempre entravam mais do que saíam, mas era assim que o negócio funcionava, essa era a natureza das coisas.

Dean chegou pouco antes do meio-dia.

Era um sujeito grandalhão, parecido com um urso por trás de sua barba vermelha e espessa, impossível de ser interpretado à primeira vista: o tipo de pessoa que podia ser apática, intimidadora, ou qualquer coisa entre esses dois extremos. Algo ficou faltando nas descrições que me fizeram sobre Dean

Treadwell, alguma coisa que também não percebi em sua voz ao telefone. Olhando de novo para ele tive um palpite: Dean era um ator, um camaleão que nunca mostrava a ninguém sua verdadeira natureza.

Ele não cumprimentou a loura, e ela continuou arrumando os livros atrás do balcão como se ele não estivesse lá. Ele vasculhou as estantes, olhando criticamente para fileiras empoeiradas de livros que se estendiam até o fim do salão. De maneira abrupta, ele disse: “Você já pensou alguma vez em arrumar a porra deste lugar, Paula? Quem sabe se você fizesse isso, nós conseguiríamos vender um livro de vez em quando”.

“E por onde é que começo?”

“Um bom começo seria jogar toda essa merda na rua.” Ele foi para trás do balcão e examinou o único recibo e, em seguida, os livros que ela havia comprado. *O livro de vibradores para escoteiras*, leu ele. “Que porra é essa? Uma piada?”

“Pensei que você ia gostar”, disse ela, radiante.

Ele folheou o livro, parando no que parecia ser uma ilustração encartada em três páginas dobradas. “Quanto você pagou por esta porra?”

“Um dólar e meio. Fico com ele se você não estiver interessado.”

Mas ele pegou o livro e saiu, desaparecendo em uma sala que parecia um escritório particular, bem no fundo da loja.



Carl apareceu uns quarenta minutos depois, e o comportamento da loura mudou no mesmo instante. Eu a vi endireitar o corpo e a cabeça, rígida, quando ele apareceu na porta. De onde eu estava pude vê-lo parado do lado de fora com um homem com quem estava andando. Eles se detiveram no pórtico, conversando em voz baixa aparentemente apressados, como se tivessem que terminar a conversa naquele instante e o que estavam discutindo precisasse ser mantido apenas entre eles. Carl era mais ou menos o que eu esperava: uma raposa. O homem que estava com ele tinha a aparência durona de um verdadeiro criminoso e era ele quem mais falava. Meu radar percebeu o trabuco que ele carregava sob o casaco, e constatei que ali estava um sujeito realmente mau. Não um pretendente a bandido, alguém que poderia ser ameaçado, mesmo que ameaça fosse um blefe. Com a minha experiência de

policial percebi isso no mesmo instante. A Loirinha estava certa ao adotar uma atitude de cautela.

Eles terminaram a conversa e entraram na loja. Carl foi direto para o escritório nos fundos, e o Capone foi até o balcão, onde poderia cobiçar os peitos da loura.

Ela ergueu os olhos para ele e sorriu. “Precisa de alguma coisa, meu bem?”

Ele inclinou-se sobre o balcão e o paletó se abriu. “Não sei, meu bem”, disse ele. “De que tipo de coisa você está falando?”

Ela viu a arma e ficou imóvel.

“Acho que eu fiz uma pergunta”, disse o bandido.

Ela empalideceu de tal forma que pude perceber mesmo do outro lado do salão. “O senhor sabe”, disse ela. “Livros e coisas assim.”

“Ah, livros e coisas assim”, disse ele. “E eu tenho cara de quem precisa de livros e coisas assim?”

“Não, senhor.”

“Por que não? Você acha que não sei ler?”

“Não, senhor. Quero dizer, sim, senhor. Tenho certeza de que o senhor sabe ler.”

“Você não sabe porra nenhuma, né?”

“Não, senhor.”

Então ela olhou por cima do ombro dele. Isso o assustou, e ele virou o corpo e afastou-se do balcão rapidamente. Nossos olhos se encontraram através das estantes.

Desviei o olhar, tarde demais. Ouvi os passos dele se aproximando. Respirei fundo.

“Ei, você.”

Virei-me e olhei para ele no fim da fileira de livros.

“É, você. Tá olhando o quê?”

“Nada.”

“É mesmo? Eu sou nada?”

“Eu não estava olhando para você.”

Ele deu alguns passos na minha direção e senti meu estômago contrair.
Lá vamos nós.

“Quer dizer que eu estou mentindo?”

“Eu estava olhando para os livros. Aconteceu de eu olhar para cima.”

“Eu acho que não”, disse ele em uma voz cantada.

“Bom”, disse eu, “desculpe, não quis ofendê-lo.”

“Acho bom mesmo. E vê se não fica me olhando, a menos que queira andar por aí com uma bengala e um cachorro de cego. Entendeu?”

“Entendi.”

Ele deu outro passo para a frente como se não tivesse gostado do tom de minha voz.

“Acho que você não entendeu direito.”

“Ah, entendi, sim.” Fiz com que o tom da minha voz, entremeado por um leve som de risada, expressasse uma preocupação respeitosa. “Entendi mesmo.”

Olhamos um para o outro. Poderia ter acontecido qualquer coisa naqueles poucos segundos, mas Carl saiu do escritório. “Dante?”

Ele virou a cabeça de leve. “Estou indo.”

Apontou o dedo para o meu rosto, virou-se, e os dois saíram da loja.

Eu saí do corredor de estantes. A loura havia se afundado em uma poltrona e apertava com força os braços, como se temesse cair no chão. Ela olhou para mim e, com a voz trêmula, disse: “Vou largar este emprego desgraçado”.

“Você está bem?”

“Porra, não, não estou bem. Você viu aquele cara? Viu os olhos dele? Viu aquela maldita arma?” Ela piscou. “Puta merda, qual é o problema dele?”

“Ele gosta de assustar as pessoas. Gosta de vê-las encolher-se de medo, é assim que se diverte. O show dele é sempre se fazer de ofendido com qualquer coisa que as pessoas digam.”

“Não estou falando daquele cara. Quis dizer qual é o problema de Carl, por que ele traz gente assim para cá?”

“Acho que isso você tem que perguntar para o Carl”, respondi. Então eu desejei boa tarde com um movimento de cabeça e saí da loja antes que Dean saísse do escritório e me encontrasse lá.



Na rua tive que parar por um instante para avaliar o que tinha acontecido. Uma sensação sombria me acompanhou enquanto eu percorria o quarteirão, rumo ao mesmo café onde eu estivera e onde sentei à mesma

janela para que pudesse olhar o movimento no quarteirão e na livraria. Pedi um prato leve e avaliei a situação mais uma vez. A última vez em que eu havia recuado diante de um brigão como aquele fora na escola primária, quando aprendi uma das grandes e duradouras lições de minha vida *nunca hesite, nunca deixe os desgraçados intimidarem você*. Mas eu não tinha percorrido todo o trajeto de Denver a Baltimore para me meter em uma briga mortífera na livraria dos Treadwell logo no primeiro dia na cidade.

Mortífera parecia ser a palavra certa. Você não encara um sujeito desses, a não ser que seja para ir até o fim. E depois que começa, tem que estar disposto a fazer qualquer coisa.

Dante.

Ainda vamos nos ver de novo, Dante.

Eu esperava que não. Mas tinha um pressentimento.

Comi meu sanduíche e fui até a cabine telefônica para tentar falar com Koko Bujak. Ninguém atendeu. Voltei para minha mesa e tomei um café de verdade, escuro e preto, nada daquela porcaria descafeinada depois da noite que tive. Tomei três xícaras devagar, avaliei a situação pela terceira vez e declarei que eu estava bem.

Os negócios na livraria Treadwell melhoraram no começo da tarde e agora eles tinham um fluxo constante de livros entrando e saindo. Um alfarrabista com uma mochila pesada nas costas saiu de lá sem que o peso que carregava se alterasse. As coisas eram iguais em toda parte.

Dean apareceu às duas horas. Ficou parado na rua e coçou o saco por um instante. Então desceu a rua, passou pela janela onde eu estava e atravessou apressado a Broadway. Deixei três dólares na mesa e também saí apressado atrás dele.

Ele andou alguns quarteirões na direção norte, depois virou à esquerda na Gough e foi até uma área de bastante movimento, cheia de restaurantes italianos e bares.

Entrou em um dos bares. Esperei do lado de fora, mas logo a espera perdeu o charme, e entrei, parando na área escura perto da porta. O salão estava cheio de bêbados vespertinos, e não vi Dean em parte alguma. Comecei a entrar um pouco mais no salão, mas de repente parei, jogando o corpo de volta para a parede. Eu havia visto alguém a uma mesa a poucos metros, alguém que não podia estar ali, mas estava, alguém que me conhecia. Recuei devagar e olhei de novo rapidamente.

Era Hal Archer.

Tive que me afastar da porta. As pessoas agora estavam entrando em um fluxo constante, então passei por trás de Archer até o final do bar, onde eu esperava me misturar à multidão que estava lá naquela tarde. Eu tinha acabado de me sentar no último banquinho vazio quando Dean saiu do banheiro, andou até a mesa de Archer e se sentou.

Eles tiveram uma longa conversa que se estendeu até o fim da tarde, regada a meia dúzia de cervejas para Dean e dois coquetéis para Archer, tomados a goles bem curtos.

Fiquei sentado, observando, e esticando minha própria cerveja, pensando naqueles estranhos aliados e em como o mundo era pequeno. Mundo pequeno, o cacete. Vê-los juntos tornava tudo mais obscuro, mas não deixava nenhum espaço para coincidência.

Archer foi embora primeiro. Levantou-se, disse alguma coisa para Dean, passou pelo banheiro e saiu do bar pouco depois. Dean havia pedido outra cerveja e parecia que ia ficar por lá a noite toda. Decidi que teria mais a ganhar seguindo Archer na rua do que observando Dean ficar bêbado, e foi o que fiz. Agora eu tinha que ser cuidadoso: um só erro e ele me descobriria. Mas, pensando bem, o quanto isso realmente importava? Meu tempo aqui era curto: eu teria que me confrontar com todos eles em algum momento.

Eu estava esperando que Archer entrasse em um táxi e me deixasse de mãos abanando no meio da rua, mas Pelo menos dessa vez tive sorte. Ele continuou andando, sem olhar para trás. Cinco minutos depois entrou em um hotel. Segui-o no saguão, bem a tempo de vê-lo entrar no elevador e ir até o décimo andar.

E agora?

Eu ia esperar, pelo menos por algum tempo: ia me sentar no saguão com um jornal, e se minha sorte continuasse, ninguém iria me incomodar até que Archer descesse novamente. E minha sorte continuou. O recepcionista havia

começado a me olhar com desconfiança quando, depois de uma hora, as portas do elevador se abriram e Archer apareceu.

Ele havia mudado de roupa e agora vestia um paletó escuro e uma blusa de gola olímpica de cor viva. Por cima do jornal, observei-o entrar no restaurante. Uma das derivadas da velha Lei de Murphy passou pela minha cabeça. *Se alguma coisa emperra, force. Se quebrar, é porque precisava ser trocada.* Um plano, completo e tortuoso, delineou-se em minha mente. *Acerte-o onde mais lhe importa — no livro que ele está escrevendo. Não deixe esfriar. Vai lá e manda ver.*

Fui atrás dele. O hotel oferecia um bufê além do menu convencional, e Archer havia optado por ele. Entrei na fila, com algumas pessoas à minha frente.

Eu estava perto o bastante para ouvi-lo dizer o número de seu quarto ao caixa. Ele escolheu uma mesa em um canto afastado do restaurante, uma figura solitária, com toda a sua glória sem o devido reconhecimento. O prêmio Pulitzer pode ter seus encantos, mas é péssima companhia de cama e mesa.

Paguei com uma nota de vinte e atravessei o salão indo na direção dele.

“Ora, Hal Archer, quem pensaria em encontrá-lo aqui?”

Ele ergueu os olhos. “Eu o conheço?”

É claro que me conhecia: eu podia ver isso em seu rosto. Mas eu disse: “Cliff Janeway. Nós nos conhecemos na casa de Lee Huxley”. O tom foi caloroso, como se tivéssemos imediatamente nos tornado colegas naquela noite. Com ousadia, coloquei minha bandeja na mesa dele e sentei-me. “Você se importa?”

“Para falar a verdade, estou esperando uma pessoa.

“Ah, veja, eu saio daqui assim que ela chegar. Só tenho que lhe dizer uma coisa que está na minha cabeça desde a festa na casa de Miranda. Eu nunca deveria tê-lo bajulado do jeito que fiz naquela noite; deve ser um saco ficar esbarrando em estranhos a toda hora. Aposto que deve ser muito cansativo ficar escutando o quanto você é ótimo a cada minuto de sua vida.”

“Sem dúvida”, disse ele friamente.

“Que generosidade a sua dizer isso. Mas eu fui um chato e precisava dizer isso.”

“Bem, agora já disse.” Seu rosto continuava passivo, indiferente, distante e, por fim, marcado pelo aborrecimento. “Agora, se me der licença.”

Mas eu já havia começado a comer. “Realmente fui sincero quando

disse que gostava de seus livros. Eu já era um grande fã seu, muito antes de você ganhar qualquer coisa.”

“Escute”, ele disse. “Se escrevi alguma coisa de que você gostou, fico feliz por nós dois. Mas no momento...”

“Na verdade, eu lhe devo um grande favor.”

Ele me encarou com olhos aflitos, como um homem com receio de perguntar.

“Você foi a pessoa que me apresentou a Richard Burton.”

Ele não disse nada, mas seus olhos se perguntaram onde aquela conversa ia parar.

“Sabe, eu sou livreiro.”

“Eu me lembro.”

“Por sua causa, Burton tornou-se uma daquelas paixões incendiárias que aparecem poucas vezes na vida de um livreiro.”

Ele olhou para mim, impassível.

“Depois daquela noite, fiz muitas pesquisas sobre o homem, e sobre a vida e a época dele, e aposto que consigo lhe contar uma ou duas coisas a respeito. Sei que você tem pesquisado há anos e que está preparando um livro, mas eu encontrei material que ninguém mais conhece.”

De repente o plano estava em execução: eu conseguira confundi-lo. Por um instante ele continuou me encarando e então disse: “Quem lhe contou isso?”

“O quê? Que você está escrevendo um livro? Ora, vamos, ficou tão óbvio naquela noite que até um cego conseguiria ter percebido. Mas o seu segredo está a salvo comigo.

Sei como são os escritores. É só ficarem sabendo que Hal Archer está fazendo alguma coisa com Sir Richard Burton e meia dúzia de pretensos imitadores vão sair correndo para imprimir textos requentados. E, é claro, isso prejudica o seu mercado, mesmo que os livros deles sejam ruins. Que é o que vai acontecer, não?”

“Escute... Janeway...”

Tudo bem”, disse eu calorosamente. “Não vou contar a ninguém.”

“Tudo o que eu disse sobre Burton é que ele foi uma grande figura. Nunca disse que estava escrevendo sobre ele.”

“Eu entendo completamente. Meus lábios estão selados.”

“Você não está entendendo nada. Não há nada a selar. Entendeu? Nada.”

“Claro.” Coloquei minha melhor cara de camaradagem falsa, que

garantia que ele soubesse que eu reconhecia um papo furado quando ouvia um. Só faltou piscar para ele.

Então eu disse, em uma obra-prima entre todos os meus próprios papos furados, “Escute, eu já tomei muito o seu tempo”.

Comecei a me levantar. Mas ele disse, como eu sabia que faria: “Só por curiosidade... sobre o que você está falando?”.

“Você quer dizer, sobre o Burton?”

Ele olhou para mim como um cientista que estuda uma forma de vida inferior. *Não, sobre a vida sexual da rainha, seu maldito ignorante!*

Inclinei-me para a frente, como se houvesse espiões em toda parte. “Encontrei uma grande fonte de material de Burton guardado. De alguém com uma ligação direta com o período em que ele esteve nos Estados Unidos.”

“E quem seria essa pessoa?”

“A Sra. Josephine Gallant. Já ouviu falar?”

“De jeito nenhum”, disse ele.

“Bom, uma vez que seu interesse por Burton é apenas acadêmico, isso não importa.”

O silêncio se prolongou. Mordisquei meu pão de milho e então disse, com uma leve malícia: “Parece que sua amiga vai se atrasar. Talvez tenha ficado presa no trânsito”.

Mais uma vez fiz menção de me levantar. Ele perguntou: “Mas quem é essa mulher?”.

“Josephine? Ah, ela morreu na semana passada em Denver.”

“Ah bom...”

“Hummm, eu não diria isso. Ela deixou umas coisas bem interessantes.”

“Como o quê?”

“Muito mais do que podemos discutir aqui e agora. Mas, olhe, se você vier a escrever o livro que não está escrevendo, é melhor conversar comigo antes de mandá-lo para a editora.”

Ele me deu um meio sorriso mordaz. “E por isso você iria querer... o quê? Supondo que eu tivesse qualquer interesse nisso, o que não tenho.”

“Ora, Hal, fico *magado* com a insinuação de que eu faria isso por dinheiro. Sou um livreiro! Tudo o que quero é ver um grande livro ser publicado. Não posso escrevê-lo, mas alguém com certeza precisa fazê-lo. Se realmente não vai ser você, talvez eu devesse falar com outra pessoa.”

“Outra pessoa... quem?”

“Ah, o número de escritores por aí não tem fim. Conheço um monte deles. Alguns realmente feras. Essa é uma das boas coisas do ramo, a gente conhece os escritores.”

Vi a expressão em seu rosto murchar um pouco e só isso valeu o preço da passagem até Baltimore.

“Tenho que ir”, eu disse abruptamente.

Custou-lhe muito de sua arrogância forjada, porém ele disse: “Você ainda não acabou de comer”.

“É, mas agora vou para outra mesa.” Desviei o olhar na direção de uma morena absolutamente estonteante que acabara de entrar sozinha. “Acho que a pessoa que você estava esperando chegou.”

“Não é ela que estou esperando.”

“Puxa, isso é uma pena. Porra, que gostosa. De qualquer forma, tenho certeza de que sua amiga vai chegar a qualquer minuto, e eu já tomei muito mais do seu tempo do que pretendia.”

Antes que ele pudesse dizer *Pare, Espere um minuto ou Levante dessa cadeira e eu te mato*, eu já tinha ido embora. Atravessei o salão do restaurante até uma mesa perto da janela, mas não tão longe que não pudessemos nos ver. Comi com avidez, enquanto Archer cutucava seu prato, e com frequência nossos olhares se encontravam, e eu sorria para ele e acenava com a cabeça. Um garçom apareceu e perguntou se eu queria café e respondi que sim, obrigado, muito embora tivesse consumido três vezes mais do que a minha cota diária de cafeína. Voltei para o bufê em busca de sobremesa, outra coisa da qual eu não precisava, mas pelo menos consegui ficar longe do *cheesecake*. As maçãs em compota estavam sensacionais.

Archer não parecia estar comendo muito. Depois de um tempo, levantou-se. O momento da verdade tinha chegado. Ele estava vindo na minha direção.

Estava sentando à minha mesa.

“Devia experimentar estas maçãs”, eu disse. “Quer um pedaço?”

Quando ele falou de novo, todo o papo furado entre nós desapareceu de repente.

“Janeway, você realmente é um puto irritante. Tem ideia de como você é irritante?”

“Tenho, sim. É o meu único talento verdadeiro, então eu o pratico bastante.”

Ele ficou agitado enquanto eu comia a última de minhas maçãs.

“Então, Hal... o que é isso? Você quer conversar de verdade agora?”

“Venha ao meu quarto. O número é 1015.”

“Eu sei o número.”

“Preciso dar um telefonema. Preciso de quinze minutos.”

“O.k. Mas escute bem o que vou dizer. Não tente nenhuma gracinha comigo, Hal. Se o irmão de Dean aparecer com seu guarda-costas gângster, prometo — você está me ouvindo, Hal? — prometo Hal, que a primeira baixa da noite vai ser você.”



Quinze minutos depois desci no décimo andar. Archer abriu a porta de um quarto de hotel comum, indistinguível de qualquer quarto de um Holiday Inn ou Ramada no mundo todo. Olhei no banheiro e no *closet*, abri a porta da sacada e olhei lá fora; mal resisti à vontade de olhar embaixo da cama. Verifiquei a tranca da porta, fechei o pega-ladrão e sentei-me na cama. Archer observou tudo isso irritado, mas havia também um traço de temor em sua expressão. “Qual é o seu problema? Você age como se estivesse fugindo de alguém.”

“Vamos dizer que vivi até hoje em parte porque cometo a maioria dos meus erros do lado direito da cautela. Tive o prazer de conhecer Dante hoje à tarde.”

“Quem é Dante?”

“Isso não ajuda nada, Hal. Espero que eu não tenha que reinventar a roda com cada uma de suas perguntas.”

“Não sei sobre o que você está falando.”

“Então só desta vez eu vou lhe dar a informação. Um tremendo assassino que anda com Carl Treadwell. Um intimidador. Um verdadeiro brucutu. Átila, o Huno, teria muito respeito por ele.”

“Não sei nada sobre os amigos de Carl.”

Fiz cara de quem duvidava daquilo.

“Acredite se quiser, mas fico longe de Carl.”

“E quanto a Dean?”

Ele foi até a cômoda, pegou uma garrafa pequena de uísque e serviu uma dose. Estava guardando a garrafa quando eu disse “O meu sem gelo, por

favor”, e ele olhou para mim novamente com uma mistura de desprezo e diversão. Mas me serviu a bebida.

Tomei um gole “Creio que estávamos falando sobre Dean.”

“Por que você não refresca minha memória em relação aos motivos de eu estar falando com você?”

Suspirei. “Esta vai ser uma conversa trabalhosa, não é? Você vai me fazer suar por tudo o que eu quiser saber, não?”

Por fim ele disse “Dean Treadwell me ajuda a encontrar os livros de que preciso para o meu trabalho”.

“Você ainda mora em Charleston?”

“O que isso tem a ver?”

“Parece uma distância bastante longa, só para encontrar um livreiro.”

“Isso é problema meu.”

Beberiquei meu uísque.

“Tente encontrar livros em Charleston”, disse ele. “Veja quanto tempo leva para aparecer um exemplar de qualquer coisa realmente rara.”

“Então você está dizendo que trombou com Dean, aqui em Baltimore, e de mostrou para você do que é capaz. Encontrou os livros que você queria e é só isso.”

“Se estou dizendo alguma coisa, então isso é o que provavelmente estou dizendo.”

“Para quem você acabou de ligar?”

Por que seria da sua conta para quem eu...”

“Talvez eu esteja tornando isso tudo algo da minha conta. Talvez de repente eu esteja começando a ver um plano se revelar e isso está me deixando nervoso pra cacete.”

“Que plano? Eu não sei do que...”

“Há quanto tempo você realmente sabe sobre a Sra. Gallant e seus livros?”

“Eu nunca ouvi esse nome na minha vida antes desta noite.”

“Escute aqui, Hal, isso é mentira. Se você tem que mentir, pelo menos tente desenvolver algum estilo para fazer isso. As pessoas apreciam enroladores honestos como Dean e eu, mas ninguém gosta de um mentiroso frio como você, Archer. Ninguém.”

“Como se atreve?”, disse ele, agitado.

“Sei, tá bom. Talvez você possa vender essa indignação nas altas-rodas da sociedade, mas para mim você parece só um rato assustado.”

“Como você se *atreve*?”, gritou ele.

“Puxa, Hal, parece que ofendi você, e bem quando você estava começando a gostar tanto de mim. Será que foi alguma coisa que eu disse?”

“Está desperdiçando o meu tempo. Acho que você não sabe de nada.”

“Sobre o quê? Foi por isso que me convidou para vir até aqui, para descobrir o que sei? Pois tenho uma notícia surpreendente para você, Hal. Eu vim até aqui para descobrir o que você sabe.”

Ele bebericou o uísque, ganhando tempo para pensar. Com a voz mais calma, disse: “Vamos deixar clara uma coisa. Eu não dou a mínima para a sua velhinha ou para...”.

Ele piscou, como se tivesse acabado de evitar um erro estúpido.

Eu sorri para ele. “Ou para o quê?”

“Ou para os livros *dela*. Não é sobre isso que estamos falando?”

“Boa tentativa, mas acho que você ia dizer uma outra coisa?”

“Não posso ser responsabilizado pelas suas impressões bobocas.”

“Hal, por favor. Sei muito bem que você é o ser superior por aqui, mas por acaso eu pareço tão estúpido?” Limpei a garganta. “É óbvio que sim. É surpreendente, sendo tão obtuso como sou, como consegui acertar exatamente na falha de sua história.”

“Que falha? Você está falando por charadas.”

“Ainda está tentando me dizer que aquilo que você ia dizer era que não tem interesse pela minha velhinha ou pelos livros dela? Mas você não me fez vir até aqui por causa de Josephine e seus livros?”

Nós nos encaramos.

“Ops”, eu disse.

Ele continuou, tentando ganhar tempo. “Não tenho ideia do que você está falando.”

“Será que você ia dizer que não dava a mínima para a minha velhinha ou para o *avô* dela? Ou para a minha velhinha e para a *mãe* dela, que foi extorquida do que deveria pertencer a sua filha por um livreiro de ética duvidosa e por seu marido bêbado?”

“Você é quem devia estar escrevendo ficção, Janeway O meu interesse é puramente acadêmico. Se existe material de Burton que nunca foi visto, e se você tem algum tipo de acesso a ele, o que, com base nesta conversa, até agora parece algo muito duvidoso, então sim, eu estaria interessado em saber a respeito.”

“Apesar de você não estar trabalhando com Burton.”

“Sim! Porra, será que vamos ter que refazer *toda* esta conversa estúpida? É claro que estou interessado. Qual historiador não estaria interessado em ver um material desses?”

“Então talvez possamos fazer um trato.”

“Eu nem mesmo sei o que você tem para fazer um trato comigo. Por que eu deveria fazer um *trato* quando provavelmente tudo o que você está fazendo é desperdiçar o meu tempo?”

“Pode rosar o quanto quiser, Hal, mas estas perguntas não vão desaparecer. O que você está fazendo com os Treadwell? Você não sabe o quanto isso é suspeito, tendo em vista a história daquela livraria e a trapaça que fizeram com os livros da Sra. Gallant? Não percebe como não pode ser apenas uma coincidência o fato de ter saído para procurar um livreiro e por acaso ter tropeçado em Dean Treadwell, a quase mil quilômetros de distância, neste exato momento?”

“Que trapaça? Que coincidência?”

“Você realmente está tentando me dizer que não sabe nada sobre os Treadwell? Você não sabe como Josephine teve os livros roubados oitenta anos atrás?”

Ele tentou uma risada forçada, mas o som que saiu foi estridente, como o latido de uma hiena. “Oitenta anos atrás? Porra, você está completamente maluco.”

“Você acha que está mesmo enganando alguém com esse blefe? Eu não chutei a sua porta, foi você quem me trouxe aqui. Se quer conversar, vamos conversar, mas não me venha mais com essa conversa fiada sobre Dean estar procurando livros raros para você. Será que pareço um livreiro principiante? Quais livros raros? De quais livros você precisa que apenas Dean Treadwell pode encontrar para você? O velho Dean deve ser um livreiro excepcional. Eu o vi em ação esta manhã e acho que ele não conseguiria encontrar nem o próprio pau em um concurso de mijo à distância, mas, ora, talvez eu esteja errado. Diga-me os títulos de alguns livros que ele está procurando para você. Estou preparado para ser nocauteado pelo brilhantismo de Dean; então vamos lá, mostre-me do que ele é capaz.”

“Eu não tenho que mostrar nada a você.”

“Diga apenas dois títulos que você andou procurando e que apenas Dean pode encontrar.”

“Quem diabos você pensa que é?”

“Apenas um título, Hal. Apenas uma droga de título, e acreditarei em

qualquer coisa que você disser.”

“Esta conversa está terminada.”

“Nós estávamos tendo uma conversa? Eu não sabia.”

“Sai daqui, porra! Sai daqui ou eu chamo a segurança do hotel.”

“Tenho que melhorar os meus modos; hoje em dia todo mundo me manda embora dos lugares.” Tentei fazer um olhar de arrependimento. “Posso terminar meu uísque primeiro?”

O quarto ficou silencioso de repente, e apenas naquele vácuo percebi como eu estivera agindo e pensando de novo totalmente como um policial. Começara na semana passada com Whiteside, com Denise, e não era apenas a natureza das minhas perguntas ou a postura investigativa; fazia parte do meu ritmo pessoal. Um bom policial desconfia que todo mundo pode fazer qualquer coisa.

Naquele minuto o caso girou como um redemoinho em minha mente, e vi todos eles: Josephine, Ralston, os Treadwell, e Denise, sendo carregada para fora de seu quarto em uma maca de legista. O pensamento que eu acabara de ter era tão despropositado que me ocorreu apenas como uma impressão, sem mesmo ter palavras que lhe dessem substância, mas quase que imediatamente se tornou específico. Pensei no garoto que vira um homem branco saindo correndo da casa dos Ralston. Archer era um homem branco. E os Treadwell também. E Dante também. E Denise havia ficado com o Burton de Josephine: só por uma noite, mas quem teria sabido disso?

E se esses filhos da puta tivessem seguido Josephine? E se soubessem que ela havia morrido na casa dos Ralston? E se foram eles que mataram Denise?

Denver fica a três horas de distância. Eles tomam um avião e pronto!

Inclinei-me para a frente na cama e interroguei Archer com os olhos. “Onde você estava na semana passada a esta hora?”

“Isso também não é da sua conta, mas eu estava na Carolina do Sul, trabalhando.”

“Alguém pode confirmar isso?”

“Que tipo de pergunta é essa?”

“É uma pergunta muito, muito simples, Hal. Ela quer dizer o seguinte: alguém viu você lá?”

“Eu sei o que quer dizer. Por que está perguntando isso? Por que eu teria que confirmar qualquer coisa?”

“É claro que você não precisa confirmar nada... ainda. Mesmo assim eu

queria uma resposta.”

“A resposta é não. Quando estou trabalhando não falo com ninguém nem atendo o telefone. Isso é o bastante?”

“Claro. Admiro essa intensidade, é por isso que você é tão bom. Mas não pude deixar de me perguntar se você estava em Denver na noite da última quarta-feira.”

“Por que você se perguntaria isso?”

“Não sei, apenas um palpite à-toa. Tem certeza de que não estava lá?”

“Claro que tenho certeza. Você acha que eu não saberia se estivesse estado a meio país de distância?”

“Você saberia, sim.”

“Por que eu esconderia isso? Alguém roubou um banco na última quarta-feira?”

“É, foi isso o que aconteceu, Hal, estou tentando acusar você de roubo a banco.”

Ele foi até a janela e olhou para a noite. “Acho que quero que você vá embora agora”, disse ele em voz baixa. “Esta reunião não foi exatamente produtiva.”

“Eu estava pensando a mesma coisa.” Levantei-me e fui para a porta, apostando que ele ia dizer algo.

“O que você vai fazer agora?”, perguntou.

Olhei para trás. “Ah, não sei, acho que vou ferrar a sua vida o máximo que der. Tenho uma amiga na *Publishers Weekly* que vai se interessar pelo fato de você estar trabalhando com Burton. Ela vai telefonar para verificar. É claro que você vai mentir, mas vou dizer a ela para esperar esse tipo de atitude. Não vai ser uma grande história, apenas uma notinha sensacionalista. ‘Será que ele está ou não está?’ Só para o mundo ficar sabendo.”

“Que droga, Janeway, você não ouviu o que eu disse? Eu não estou trabalhando com Richard Burton.”

“Então qualquer coisa que eu diga não vai fazer a menor diferença, não é? Estendi os braços da minha memória e puxei do passado distante um nome, uma garota sardenta com tranças por quem eu fora loucamente apaixonado na terceira série. “O nome da minha amiga é Janie Mornson. Se você lê a *Publishers Weekly*, provavelmente já viu alguma matéria assinada por ela. Ela vai adorar você, Hal; você é um péssimo mentiroso. Janie cresceu no *New York Post*, então ela conhece um mentiroso ruim quando encontra um.”

Soltei a corrente do pega-ladrão e espiei através do olho mágico o corredor vazio. Eu podia sentir os olhos dele nas minhas costas, e quando me virei para um contato final, ele havia se afastado da janela e estava olhando para mim com uma expressão lamentável de cachorro triste. “Sinto muito, Hal”, eu disse. Sinto muito que você seja um puta idiota, porque eu realmente adorei os seus livros. Você tem o mais raro de todos os dons raros, e tem isso aos montes. Se pelo menos conseguisse parar de se importar só com o próprio rabo, quem sabe talvez você até pudesse ser feliz.”

“O que você sabe sobre ser feliz? Você é feliz?”

“Ora, estou fazendo o que gosto, por que não seria feliz? E daí que não é perfeito, eu não acredito em perfeição.

Talvez feliz seja o máximo que se possa conseguir.” Ele ficou em silêncio.

“Vamos, meu querido, fale comigo. Não é tarde, ainda podemos ser amigos.”

Ele ergueu a cabeça e olhou para mim. Vai esperando.”

“Não vou, não. Mas se mudar de ideia, estou no Bozeman Inn.”



Observei os andares passando enquanto o elevador descia. Ele parou no terceiro e encostei na parede, esperando... o quê?

Um casal de idosos entrou, olhando com desconfiança para mim.

Eu não estava apenas nervoso, de repente eu estava muito nervoso. O que parecia ser uma boa ideia havia se tornado, no silêncio contínuo de Archer, pesado e tenso, carregado de perigo. Eu havia tido aquela intuição repentina, e uma vez que estava lá não conseguia me livrar dela.

Deixe a poeira baixar. Veja se faz sentido.

Quantos casos de assassinato eu havia resolvido dessa maneira? Eu tinha uma ideia, alguma noção impulsiva sem fatos ou lógica que pudessem corroborá-la, e eu começava a construir a investigação ao redor dela. Quantas vezes eu tinha ido atrás de um assassino sem nada além de um pressentimento maluco, e de repente tudo aparecia à minha frente?

Havia muito tempo eu tinha aprendido que assassinato não é algo lógico. Às vezes é, mas esses são os casos fáceis: o velho mata a velha, o garoto abre

um novo orifício no pai, a prostituta dá um tiro no cafetão Os casos difíceis quase sempre vão contra a natureza do senso comum.

Saí do hotel e entrei no ar fresco da noite. O mundo parecia pacífico, sereno — todos os sinônimos da tranquilidade. Caminhei para o oeste e depois para o sul, dei a volta por Inner Harbour e fui em direção a Federal Hill Finalmente encontrei um banco com vista para o cais.

O pensamento apareceu de novo: *e se esses filhos da puta mataram Denise?*

Como poderiam saber sobre ela? O livro era o único motivo possível, e ninguém sabia que Denise estava com ele. Apenas a própria Denise, Ralston e seu médico, Erin e eu.

Tive uma outra intuição, sombria e cheia de desgraça. De repente temi por Koko. Koko sabia coisas das quais ninguém mais tinha conhecimento.

Minha energia de policial estava finalmente voltando. E se o assassino de Denise não fosse um rato comum de Denver à procura de uns trocados? Se o livro de Burton fora o motivo, o assassino se tornara um rato muito maior. E se tudo tivesse começado aqui, e não em Denver?

Então era quase certeza que Archer estaria envolvido. E os Treadwell também. Dante era o executor deles, e eu havia acabado de colocar grandes pedaços de mim mesmo como isca.

E quanto a Koko?

A noite já não era mais uma criança, mas naquelas circunstâncias não me importei muito com boas maneiras. Parei na primeira cabine telefônica que vi e digitei o número.

“Vamos, Koko, atenda essa droga.”

Deixei tocar vinte vezes antes de desistir, xingando a escuridão.

16

Quarenta minutos depois, o motorista de táxi olhou por cima do ombro e disse, “Qual parte de Ellicott City você quer?”.

“Não sei. É muito grande?”

“Não muito — umas três mil pessoas, uma rua principal, um monte de ruazinhas cheias de curvas. Mas ajuda se você souber aonde está indo. Alguns lugares são bem escuros por lá.”

Ergui o pedaço de papel na mão e li minha própria letra sob o brilho das luzes dos carros que passavam. “Onde fica Hill Street?”

“Posso levá-lo até lá.”

“Será que do centro posso ir até lá a pé?”

“Se você gosta de andar... Mas é subida dos dois lados, como meu moleque costuma dizer.”

Atravessamos um rio e de repente estávamos no condado Howard. Passamos ruidosamente sobre uma ferrovia, passamos por um enorme prédio de pedra, e começamos a subir.

“Minha mulher era daqui”, disse o motorista. “O pai dela tinha um posto de gasolina.”

Se eu esperava mais um subúrbio em expansão, o que encontrei foi uma surpresa. Tudo parecia ser estreito, cheio de curvas, entalhado em pedra e com pelo menos um século de idade. A Frederick Road havia se tornado a Main Street, com prédios de pedra dos dois lados. O que eu conseguia ver à noite me lembrava o Colorado. A cidadezinha me fez pensar em Central City.

A rua fez uma curva, e um momento depois o motorista disse: “Aqui é o centro. A Hill fica bem lá na frente, à sua esquerda, talvez a uns quinhentos metros. Não me custa nada levá-lo até lá”.

“Obrigado.” Pensei a respeito e disse: “Vou descer aqui e andar o resto a pé”.

Fiquei nas sombras da Main Street enquanto o táxi desaparecia descendo

a rua. Devia ser umas onze horas: bem tarde para andar tateando no escuro em uma área estranha.

Eu ainda estava nervoso e não conseguia me livrar da sensação de que estava sendo seguido. Caminhei pela rua ladeada por bares, lanchonetes e diversas lojas que já tinham fechado havia horas. Luzes noturnas fracas brilhavam através de vitrines escuras, e para além da rua eu podia ver uma ou outra luz mais alta, como se estivessem na colina. A imagem de Central City ficou mais forte quando passei por um lugar chamado Church Road e continuei subindo a ladeira.

Passei por um posto de bombeiros e um bar. Parei por um instante e olhei para trás. Vi que havia poucos carros na rua, poucas pessoas na calçada. Ninguém parecia dar a mínima para mim, ninguém me observava, ninguém estava me seguindo.

Perto da parte mais alta da rua havia uma velha igreja. A Hill Street saía à esquerda, parecendo uma litogravura, como uma estradinha no campo sob o luar.

A subida continuou apenas com a lua de guia. De vez em quando eu via luzes em alguma casa, mas a maioria estava às escuras, com os moradores já dormindo. Eu não tinha uma lanterna, mas lembrei-me do que Koko havia dito: a quinta casa a direita, o nome escrito na caixa de correio.

Então encontrei o lugar, uma casa térrea em um terreno grande, cercada de árvores. Para minha surpresa, havia uma luz acesa, um brilho fraco que poderia ser de uma lanterna ou de um lampião. Entrei no terreno e fui até a varanda. Bati na porta.

Ouvi o som de uma pancada. A casa ficou em silêncio pelo que pareceu um longo tempo.

Uma sombra passou pela janela lateral. Vi uma mão e depois a silhueta de um rosto.

A luz da varanda se acendeu. Vi uma figura escura olhando para mim através de um postigo. Parecia ser uma mulher, mas eu não conseguia ter certeza.

“Koko? É o Janeway, de Denver.”

A sombra afastou-se da janela e um momento depois a porta abriu em uma fresta. Não consegui ver-lhe o rosto, apenas a armação de seus óculos refletida pela luz da varanda. Mas quando ela falou, reconheci sua voz.

“Sr. Janeway?”

“Sei que é tarde. Desculpe. Eu tentei telefonar antes.”

“Eu estava meditando. Não consigo ouvir o telefone quando estou naquele quarto.”

“Eu deveria ter vindo amanhã.”

Esperei que me contrariasse, mas ela não disse nada.

Um momento se passou. Arrisquei. “Escute, Koko, o que eu realmente preciso é falar com você agora, esta noite. Algumas coisas aconteceram desde que nos falamos por telefone.”

Eu a ouvi respirar fundo “Não deve ser nada bom para trazê-lo aqui a esta hora da noite.”

“Uma amiga minha foi assassinada.”

Ela se aproximou da porta e disse: “Sinto muito”. Vi a sombra de seu rosto passar pela fresta da porta e ela me olhou com o olho direito.

“Como foi que aconteceu?”

“A polícia acha que foi algum ladrão da vizinhança.”

“Parece que você não acredita nisso.”

“Não sei em que acreditar. Não sou de inventar fantasmas, mas tenho pensado todos os tipos de coisas estranhas desde que cheguei a Baltimore.”

“Coisas que têm a ver com Josephine.”

Antes que eu pudesse confirmar aquilo, ela disse: “Meus modos são terríveis. Entre”.

Entrei em um corredor escuro. A casa estava toda escura, a não ser por um abajur de luz fraca na sala à minha direita, e Koko não passava de uma sombra. Ela me levou ao que aparentemente era uma sala de estar, e tive a visão de uma garota esbelta com um xale sobre os ombros, rodeada de livros. Com a luz da entrada pude ver que o xale era escuro; a garota, por sua própria descrição no telefone, seria uma mulher um pouco mais velha do que eu, mas a imagem de moça persistiu quando ela atravessou a sala e ficou perto da luz.

Havia um toque de incenso no ar. A sala estava ligeiramente enevoada, como uma cena em um filme de arte. Ela se virou e apontou para uma poltrona. Era realmente magra. O rosto era jovem e sem rugas, os indícios da idade apenas nos óculos e nos cabelos, que agora, sob a luz alaranjada, pareciam ser negros com traços brancos ou cinzentos. Mesmo com os cabelos meio grisalhos, ela parecia não ter mais do que trinta e cinco anos. O rosto, assim como o corpo dela, era magro, mas caloroso na luz difusa. Pude ver uma linha de suor na testa dela, embora o ambiente estivesse fresco. “Por favor, sente-se”, disse ela, escolhendo uma poltrona de frente para a minha.

Olhei em seus olhos, que pareciam ser azuis. “Você é mais jovem do

que eu pensava.”

Ela sorriu de leve. “Receio que isso seja uma grande ilusão. Se pareço mais jovem do que sou é porque tenho feito as coisas certas há cerca de trinta anos. Não existe segredo algum — simplesmente faça o que todos eles dizem para fazer.”

“Quem são eles?”

“Herbanários, curandeiros, um ou outro xamã. Eu faço alongamento, caminhadas, exercícios físicos violentos em momentos estranhos do dia. Pouco antes de você chegar, na verdade. Eu como direito. E não fumo. Isso é sem dúvida a pior coisa que uma pessoa pode fazer a si própria.”

Seu sorriso era bondoso, começando nos olhos e irradiando-se por todo o rosto. Ela sorriu e disse: “Vou fazer sessenta e dois anos no mês que vem”.

“Impossível!”

“Você também parece estar em boa forma.”

“É porque sou jovem de espírito.”

“Você parece ter trinta e cinco e fala como um sujeito sábio.”

“Tenho trinta e sete. Corro obsessivamente, bebo de vez em quando, tomo cafeína demais e falo mais bobagens do que você ouviria de uma dúzia de outras fontes em um bocado de tempo. Essa é a parte sábia da minha natureza. Mas não fumo.”

“Sorte sua. Posso lhe servir alguma coisa? Eu ia tomar um chá.”

“A meia-noite?”

“Sou uma aposentada, Sr. Janeway. Não tenho que seguir nenhum relógio, então durmo quando quero, fico acordada a noite toda se estiver com vontade e tomo chá quando quero.”

“Eu adoraria tomar chá à meia-noite.”

“Ótimo. Volto já.”

Enquanto ela foi cuidar do chá, levantei-me e olhei a sala. Havia estantes cheias de livros em toda parte, obras sobre filosofia oriental, sobre a Índia e o Egito, sobre sufismo e hipnose; um pouco de poesia, um pouco de prosa, alguns autores fascinantes. As obras de Rabindranath Tagore, a vida de Gandhi, todos os livros óbvios escritos por e sobre Richard Burton. Ela havia prendido uma pequena citação emoldurada de Tagore no final da estante: *A civilização moderna acumulou sua riqueza e perdeu seu bem-estar*. Olhei para o corredor escuro e vi mais livros dos dois lados.

“Eu leio muito.” Ela estava em pé atrás de mim, segurando uma bandeja com xícaras e um bule fumegante.

“E anda feito um gato.”

“A casa é bem sólida. O assoalho não range. E eu nunca uso sapatos dentro de casa.”

Olhei de novo para os livros. “Uma coleção interessante.”

“Ela lhe diz alguma coisa sobre a dona?”

“Claro. Não há melhores indicadores do caráter de uma pessoa do que os livros que ela tem.”

“O que se pode procurar quando se entra em uma casa e não há nenhum livro?”

“Não sei. Acho que qualquer coisa que houver lá. Mas sempre tenho uma sensação de... qual é a palavra mesmo?”

“A palavra é pena.”

“Essa palavra resume um forte julgamento de valor.” Mas pensei sobre ela e disse: “É isso mesmo”.

“Eu não conseguiria viver sem livros. O que me surpreende é como muitas pessoas conseguem. Você acredita que conheço escritores que não têm livros?”

Eu não só acreditava como conhecia alguns desse tipo. Caçadores de glória que querem ganhar montes de dinheiro escrevendo livros, mas que nunca sequer pensariam em comprar um.

“Venha tomar seu chá antes que esfrie.”

Tomei um gole e disse: “O que é isso? Não é chá”.

“É um preparado de ervas. Gostou?”

“É, acho que sim.”

“Vai fazer crescer cabelo no seu peito.”

Ri. “Na verdade, nunca tive esse problema.”

Perguntei-lhe que tipo de nome era Koko Bujak.

“Meu pai era o que se chama de um Russo Branco. Minha mãe era de Baltimore”.

Nós nos entreolhamos.

“Então o que posso fazer por você?”, perguntou ela.

Eu lhe devia a verdade e contei-a toda: fatos, suspeitas, tudo.

Ela não disse uma palavra durante todo o tempo. E mal se moveu na poltrona. Seus olhos estavam presos aos meus, um olhar fixo que me tornou consciente de suas habilidades hipnóticas enquanto eu falava. Ela deve ter piscado durante aquela meia hora, mas eu não vi. Depois de certo tempo seus olhos eram como pontos minúsculos de energia e o resto dela saiu de foco.

Eu não estava contando a ela história, ela a estava tirando de mim, mas tudo bem, nada daquilo era contra a minha vontade. Em momento algum eu tive a sensação de que havia desmaiado ou que estava sem o controle da situação. Se quisesse, poderia me levantar a qualquer momento, no meio de uma frase, sair dali e pegar um avião para Denver. Era quase prazeroso, a não ser pela realidade de que alguém havia matado Denise e minha intuição de que o assassino poderia estar em Baltimore, e não em Denver.

“É por isso que estou aqui à meia-noite.”

Eu não sabia o que esperava que ela fizesse com aquelas informações. O que eu não esperava era a maneira como prosseguiu a conversa.

“Então você acha que eu posso estar na lista de alguém, é isso o que está dizendo?”

“Não sei, Koko. Parece uma grande bobagem, não?”

“Uma semana atrás, talvez. Agora, não.” Ela respirou fundo, expirou pelo nariz. “Há uma semana tenho a sensação de que alguém está me observando.”

“Você viu alguém?”

“Alguém estava rondando por aqui ontem à noite. Mas senti alguém muito antes de ontem.”

“O que você percebeu? Barulhos?”

“Não, não era só um som. Alguém que eu realmente vi no quintal atrás da casa.”

“O quanto conseguiu ver?”

“Não muito. Ele estava lá atrás, nas árvores, apenas por um momento.”

“Que horário foi isso?”

“No meio da noite. Mais ou menos a esta hora.”

“Como você conseguiu vê-lo?”

“Senti alguma coisa estranha. Fui até a porta dos fundos e lá estava ele, no quintal.”

“Ele viu você?”

“Ah, viu. Ele estava atravessando o quintal, olhando para a casa quando cheguei à porta. De onde ele estava, não devo ter parecido mais do que uma silhueta, mas nós nos vimos. Ele parou imediatamente, então virou na direção das árvores e saiu correndo.”

“Você chamou a polícia?”

“E de que isso adiantaria? Ele desapareceria antes mesmo que eu chegasse até o telefone. Além disso, a polícia iria acabar culpando os

negros.”

“Por que fariam isso?”

“Lá em cima, perto da travessa Mount Ida, existe um conjunto habitacional negro. Muitas famílias negras de baixa renda, muitos crimes. A polícia está sempre lá em cima por algum motivo.”

“Esse sujeito que apareceu aqui, você conseguiu ver se ele era...”

“Era branco. Nunca pensei que pudesse ser alguém das redondezas. Talvez eu não pudesse vê-lo bem o suficiente para identificá-lo, mas havia luar, como hoje. Eu sei o que vi.”

“Mais alguma coisa?”

“Você quer dizer outros incidentes? Não, nada tão óbvio.”

“Nada mesmo?”

“É como lhe disse, ando inquieta há mais ou menos uma semana. Para dizer a verdade, é mais de um mês, mas na última semana, desde que nos falamos por telefone, tem sido mais... intenso. Não tenho dormido bem, e isso é incomum. Acordo algumas horas depois com a sensação de que houve alguma invasão em minha vida. Isso provavelmente não faz sentido algum e eu só posso lhe dizer que faz tanto sentido para mim quanto ver um homem no quintal. Eu me levanto, digamos às duas da manhã, e vou direto para a porta dos fundos, como se alguém tivesse batido.”

“Mas nunca há ninguém lá.”

“A não ser aquela vez, não. Mas na terça-feira...” Ela estremeceu de repente.

“O que foi?”

“Nada. Senti agora. Um arrepio, provavelmente por estar falando nisso.” Ela se levantou e foi até a janela. “Está vendo? Não tem ninguém ali.”

Ela voltou e sentou-se de novo, mas percebi que ainda estava nervosa.

“Você ia me contar sobre o que aconteceu na terça-feira.”

Seu sorriso mostrava cansaço. “Você leva bem a sério as suas perguntas. Parece até um policial.”

“Eu fui policial, durante muito tempo.”

Contei-lhe um pouco a respeito, esperando conquistar sua confiança. Em seguida perguntei-lhe novamente sobre o que havia acontecido na terça-feira.

“Fui ao supermercado fazer umas compras. Fiquei fora mais ou menos uma hora. Quando voltei para casa tive uma sensação antes mesmo de sair do carro. Do tipo, *tem alguém aqui*, só que mais forte do que apenas uma impressão. Por alguns minutos eu estava absolutamente certa de que alguém

estava na minha casa. Fiquei sentada no carro durante muito tempo, criando coragem para entrar. Quando por fim entrei, não havia nada lá... e mesmo assim a sensação não passava.” Ela olhou para a janela.

“E óbvio que nunca passou. Eu ainda a tenho.”

“Você olhou suas coisas para ver se algo estava faltando ou estava fora de lugar?”

“Olhei tudo. Se tive um arrombador por aqui, ele era muito bom. Nada desapareceu. E a primeira coisa que fiz foi olhar o material sobre Burton.”

“Por que fez isso?”

“Tive um pressentimento. Se você ainda não percebeu, sigo os meus pressentimentos.”

“Então desde o começo você pensou que isso tinha a ver com Burton e Josephine. É isso o que você está dizendo?”

“Não é só isso. Jo lhe contou sobre os Treadwell?”

“Ela disse que um dos Treadwell roubou seus livros de Burton há oitenta anos.”

“Ela sempre acreditou nisso. Uma das primeiras coisas que apareceram em nossas sessões foi o nome Treadwell. Fiquei surpresa ao ficar sabendo sobre aquela livraria e sobre como ainda está em atividade, e Jo era assombrada por ela. Não acho que essa seja uma palavra forte demais — ela simplesmente era *assombrada* pela ideia de que alguma coisa que eles haviam feito tanto tempo atrás poderia ter tido um resultado muito negativo em sua vida. Aquilo se tornou um obstáculo muito grande, e eu sabia que teríamos que enfrentá-lo, então certo dia sugeri que fôssemos até lá dar uma olhada no lugar. Ela não hesitou. Nunca pensei que pudéssemos correr algum tipo de perigo.”

“E o que aconteceu?”

“Uma tarde nós fomos, e a princípio foi exatamente o que pensei: um passeio. Ela me fez carregar a bolsa dela, que estava pesada. Naquele momento eu não sabia o que havia dentro. Havia uma mulher cuidando da livraria. Jo perguntou se os Treadwell ainda eram os proprietários, e a mulher respondeu que sim. Jo perguntou se poderia falar com eles, e no instante seguinte um homem saiu do escritório.

“Como ele era?”

“Não muito alto... indiferente.”

“Carl.”

“Você o conhece?”

“Já o vi... falei com ele, por assim dizer.”

“Bom, naquele momento eu não sabia o que ia acontecer, o que ela ia fazer. ‘Mostre-lhe o meu livro’, disse ela, e olhei dentro da bolsa e lá estava aquele primoroso livro antigo. Era o livro sobre a África. Fiquei tão surpresa quanto Treadwell; eu não fazia a menor ideia de que ela tivesse um livro daqueles. ‘Quanto o senhor me dá por isto?’, ela perguntou, e Treadwell ficou todo trêmulo e tenso. É sério, era nítido o quanto ele ficou nervoso. ‘Onde a senhora conseguiu este livro?’, ele perguntou, em um tom que quase parecia uma acusação. ‘Quando dá por ele?’, disse Jo novamente. Ele olhou duro para ela, como se tentasse ver do que ela seria capaz. ‘Dois mil.’ Jo sorriu. Era um sorriso amargo, nada engraçado, e ela disse, ‘Foi o que pensei. Vocês ainda são um covil de ladrões’.”

“Uau!”

“É, uau. Mas o que aconteceu depois ainda me dá calafrios. Ele esticou a mão e a colocou sobre o livro e disse: Vou lhe dizer uma coisa: este livro me parece roubado.

Vou ter que confiscá-lo até que descubramos de onde veio’.”

“Uau! E o que aconteceu?”

“Eu arranquei o livro da mão dele. E disse: ‘Nem pense em tirar o livro desta senhora. Eu chamaria a polícia tão rápido que você ficaria zozzo’”

“E o que ele disse?”

“Nada. Coloquei o livro de volta na bolsa e fomos embora. Mas ele nos viu indo embora, deu uma boa olhada no meu carro.”

“E talvez tenha visto a placa do carro. Então foi aí que...”

“Foi aí que começou... aquela sensação assustadora que eu tive. Por um tempo pensei que fosse apenas nervosismo, mas não costumo ter essas coisas.”

“Então naquele dia, quando foi à livraria, você passou a ter um bom motivo para se preocupar com o seu material sobre Burton. Mas ninguém mexeu nele?”

“Está bem escondido.”

“Mas aqui na casa, certo?”

Ela levou um tempo para responder àquela pergunta. Por fim, disse: “Se alguém quisesse destruir a casa, encontraria. Seja lá quem esteve aqui decidiu — pelo menos naquele momento — não fazer isso. Quis me deixar pensando que ninguém esteve aqui. Não sei como ele poderia entrar aqui sem quebrar nada, mas alguém esteve aqui. É isso o que acho, já que você perguntou.

Acho que alguém esteve aqui. E ele deu uma boa olhada nos meus livros de Burton, aqueles que estão ali na estante. Passou por todas as minhas coisas e depois as recolocou no lugar cuidadosamente. Então foi embora, poucos minutos antes de eu chegar em casa. Mas sua aura — seu calor — ainda estava aqui. É isso o que acho.”

Ela olhou firme para mim. “Qual é a sua opinião? E não seja condescendente.”

“Não, penso que tudo isso é muito possível. Há pessoas que conseguem entrar em casas — eu mesmo poderia abrir essa fechadura facilmente. Então acho melhor você pegar o material, seja lá onde estiver, e tirá-lo daqui. Faça cópias. Coloque-o em um cofre pessoal em um banco. Pode ser que você não tenha tanta sorte da próxima vez.”

Ela concordou com a cabeça. “Você tem razão.”

“Ótimo. Então o que você fez depois que o sujeito apareceu?”

“Comprei uma arma.”

Senti minha espinha dorsal endurecer. “Que tipo de arma?”

“Um trinta-e-oito pequeno. Eu estava com ele na mão quando você apareceu na minha porta.”

“Onde está? Posso vê-lo?”

“Por quê?”

“Por nada. Esqueça que perguntei, se isso incomoda.”

“Não, não tenho problemas com você.” Ela desdobrou o xale e tirou um cano curto invocado e o colocou na minha mão. “Está carregado.”

“Estou vendo. Sem querer ofender, mas por acaso você sabe usar isto?”

“O homem que me vendeu me ensinou algumas coisinhas. Sobre a trava de segurança, ou seja lá como chamam. Além disso, o que há para saber? Você arma, aponta e faz com que alguém lamente profundamente por ter entrado na sua casa.”

Devolvi a arma. “Basicamente é isso. Contanto que você não atire em mim, no entregador de jornais, no leiteiro ou em alguma testemunha de jeová que só esteja tentando salvar sua alma.”

Ela fez um beicinho. “Estou percebendo um tom de reprovação na sua voz.”

“Ei, eu queria que você não precisasse de uma arma. Queria também que o mundo pudesse ser um lugar melhor.”

“Mas você não gosta da ideia.”

“Não gosto do fato de um palhaço ter vendido essa coisa a você, que não

sabe mais sobre ela do que eu sei sobre meditação transcendental. Você devia ver o que essa belezinha faz num quilo de carne.” Fechei a minha mão em um punho do tamanho de um coração humano.

O olhar de Koko me disse que ela conseguia imaginar. “Bem, não se preocupe, não vou matar ninguém com ela. Pensei só em assustar a pessoa.”

“Diacho, Koko, isso é ainda pior. Se ele tirar o revólver de você, isso significa que você armou o inimigo.”

Ficamos em silêncio por um momento. Koko colocou a arma na mesa.

“Tudo o que estou querendo dizer é que você não aponta uma arma para um cara, a menos que vá usá-la.”

Ela parecia frustrada. “Sei que você está certo. Fiquei incomodada com essa coisa na casa. Mas o que eu ia fazer? Ninguém atende testemunhas de Jeová às duas da manhã.”

“Nunca se sabe. Aqueles sujeitos não desistem nunca.”

A arma ficou esquecida sobre a mesa entre nós. Koko começou a dizer alguma coisa, mas de novo seus olhos se desviaram nervosamente para a janela.

“Tomei muito cuidado quando vim para cá”, eu disse.

“Por quê? Você acha que foi seguido? Você teve a mesma sensação que eu?”

“Fui cuidadoso, Koko. Você sabe os motivos.”

“Talvez sim, mas acho que você foi seguido.” Ela se levantou e foi rapidamente até a janela para espiar através das cortinas. “Está vendo? Ele está lá. Ele está lá fora.”

Eu me levantei e ficamos bem próximos um do outro. “Não estou vendo nada.”

“Eu vi alguém, do outro lado da rua. Ele voltou para as árvores.”

“O mesmo cara?”

“Não sei. Acho que sim. Não tenho certeza.”

“Vou lá dar uma olhada.”

“Não. Não faça isso.”

“Não vai acontecer nada.”

“Você não pode ter certeza disso. Vou chamar a polícia.”

“Faça como quiser. Mas é diferente ver um sujeito no seu quintal e ver um na rua.”

“A polícia vai rir de mim, é isso que você está dizendo?”

“Eles vão ter dificuldade em levar a sério.”

“E você? Acha que estou imaginando coisas?”

“Acho que você viu alguém. Quem era, talvez nunca saibamos.”

“E se for ele?”

“Ele teria que ser muito bom para ter me seguido até aqui.”

“Mas se ele for muito bom, isso pode ter acontecido.”

“Qualquer um pode ser seguido.”

“Não importa o quão cuidadosa a pessoa pensa que é. E seria muito mais fácil se ele soubesse com antecedência para onde você estava indo. Ou pensasse que soubesse.”

“Claro. Ele não precisaria me seguir então, não é?”

“Só precisaria esperar você. Mas o que isso demonstraria?”

“Que você e eu fizemos contato. Ele teria que supor que você agora sabe o que sei. E que eu alertei você.”

“Então a próxima vez que ele invadir...”

“Não vai ser tão delicado.”

Ela se afastou da janela e sentou, olhando a arma.

“Nada disso vai acontecer”, eu disse. “Mas é melhor você se prevenir agora. Posso ajudar, se você quiser.”

Ela levantou os olhos na minha direção. “Nós estamos juntos nisso, é isso o que você está dizendo?”

“Estamos, se você quiser assim.”

“Não sei bem o que isso significa. Mas neste exato momento a sua ajuda certamente é bem-vinda.”

“Então você vai tê-la, sem restrições, por tanto tempo quanto quiser.”

Ela me lançou um olhar de gratidão. E seu olhar desviou-se apreensivo para a sala a seu redor. “Acho que não há nada que possamos fazer até amanhã. Mas esta casa foi violada. Acho que eu enlouqueceria de ficar aqui só esperando.”

“Bem, a alternativa é sair agora. Onde está seu carro?”

“Na garagem, atrás da casa.”

“Pegue todo o material, se é isso o que quer fazer. Me dê as chaves; vou pegar o carro e paro na frente da casa. Então colocamos tudo no carro e saímos daqui.”

“Para onde vamos?”

“Para Baltimore, onde há gente nas ruas e luzes. Talvez fiquemos rodando até amanhecer. Às nove horas vamos até seu banco e arranjam um cofre pessoal. No banco mesmo podemos fazer as cópias. Mais tarde você

pode arranjar cópias das fitas também.” Dei de ombros. “Essa não é a melhor ideia desde que Poe inventou as histórias de detetives, mas é a melhor que temos. A menos que você mude de ideia e fique aqui até clarear.”

“Não, isso não parece... Não sei como explicar.”

Ela me deu as chaves e saiu. Ouvi seus passos descendo uma escada e em seguida a ouvi mexendo-se embaixo dos meus pés, e andei de janela em janela, olhando o quintal à procura de encrenca. O quintal parecia tranquilo sob o luar, a garagem era uma construção caindo aos pedaços no meio do terreno, e toda a propriedade era margeada por árvores e vegetação rasteira. Dali eu não conseguia ver nenhum sinal de uma casa na vizinhança.

Saí pela cozinha, passando por uma pequena varanda e fui até o quintal. Nada ali também: nenhum movimento ou som, nenhuma sombra passando entre as árvores. Seria fácil acusar Koko de ter uma imaginação hiperativa, mas agora eu mesmo tinha um pressentimento sombrio.

Encostei-me na varanda e me perguntei se estávamos fazendo a coisa certa. Mas eu havia dito a ela o que íamos fazer, foi escolha dela, e por fim me afastei meio relutante da casa em direção à garagem.

No meio do caminho, fiquei paralisado. Alguma coisa havia se movido, no meio das árvores. Podia ser um homem ou um cachorro: provavelmente não mais do que minha própria imaginação competindo com a de Koko. Uma brisa tinha surgido, que levantava as folhas do chão, e talvez tivesse sido só isso.

Cutuquei a minha vontade de continuar. *Vamos, rapaz, você está agindo como um moleque assustado.*

Aproximei-me de um dos cantos da garagem e olhei ao redor. Pude ver a porta alguns metros à frente: uma porta dupla para o carro e uma entrada lateral. Havia uma janelinha, e o interior estava escuro como breu. Andei devagar e cuidadosamente pela parede. Meu pressentimento sombrio havia se transformado em um monstro, e eu desejei ter trazido a lanterna de Koko ou sua arma.

A porta rangeu alto quando a abri e entrei. Estava escuro, mas eu conseguia ver parte do carro sob o luar que entrava através da janela. Ele refletia em um dos para-choques e batia em uma parede vazia.

Afastei-me rapidamente da porta e posicionei-me de frente para a parede oposta, tentando ouvir alguma coisa. *Isso é ridículo*, pensei. Koko iria se perguntar aonde eu tinha ido. Mas não me movi.

Alguém estava lá. Percebi sua respiração: senti seu espírito. Nada se

movera, não veio nenhum som de nenhuma parte da garagem, mas meu alarme interno já estava enlouquecido.

Então ele se mexeu. Uma batida de leve, podia muito bem ser um camundongo. Uma sombra passou pelo lado de fora. Não havia nada de imaginário naquilo. Inclinei-me para a frente e espiei enquanto alguma coisa passava rapidamente na direção das árvores. Uma outra forma passou rapidamente pela janela. Havia três deles agora, pelo menos três. Movi-me devagar encostado na parede, meus dedos tateando por toda parte para tentar encontrar qualquer coisa que pudesse funcionar como arma — uma chave de roda, uma chave inglesa, um martelo — mas tudo que consegui foi uma camada de pó.

Nada a fazer, a não ser seguir adiante. Dei dois passos rápidos para a frente, toquei a lataria fria e dura do carro, encontrei a maçaneta, e abri a porta com um puxão brusco. Eu estava pronto para o que ia acontecer em seguida; ele, não. A luz do interior do carro acendeu e eu o vi, agachado a um metro de distância. Ele gritou e veio para cima de mim. Girei a cintura e acertei-o com toda a força com a esquerda um pouco acima da cintura, e ele caiu como um saco vazio. Gemeu duas palavras desesperadas: “Putá... merda”, e os outros dois entraram com tudo na garagem. Bati a porta do carro — podíamos todos ficar no escuro — e girei o corpo enquanto uma sombra dançante me rodeava. Esmurrei o escuro à minha frente e não acertei nada.

De repente uma lanterna forte acendeu-se no meu rosto. Senti o cheiro de um saco de estopa pouco antes de ele ser enterrado na minha cabeça, prendendo-me os braços.

“Agora, seu filho da puta”, sussurrou uma voz. “Agora nós vamos ver o quanto você é engraçadinho.”

Levei uma tremenda pancada no rim. Alguém me enfiou um outro saco na cabeça, meus braços foram amarrados com algum tipo de corda ou com um cinto, levei uma rasteira e beijei o chão, um sanduíche de juta enfeitado com sangue. Senti uma dor intensa e faixas vermelhas começaram a passar diante de meus olhos. Um deles havia pisado em minha nuca. Eu sabia que estava machucado; pela primeira vez em anos temi pela minha vida, e lutei como um desesperado para me levantar e tirar de mim aquela camisa de força.

Não consegui. Ele passou a usar os pés, sem se importar muito com qual parte do meu corpo acertava e com que força. Tomei meia dúzia de pontapés na barriga, um bem forte na virilha e outros na cabeça. Em algum momento

desmaiei.



A próxima coisa que ouvi foi a voz de Koko. Senti suas mãos quando ela tirou o saco e me virou de barriga para cima. Ainda estava escuro. Olhei para cima e vi o perfil dela por trás de uma lanterninha.

“Você está bem?”

“Não sei”. Tentei me sentar. “Acho que estou com uns ossos quebrados.”

“Vou chamar um médico.”

“Primeiro vamos ver se ainda estou vivo.”

“Fique deitado e quieto por um instante. Seu lábio está cortado e você está com um dente quebrado.”

Toquei o dente com a ponta da língua e senti o local onde estava quebrado. Meu lábio inchara até chegar no furo do meu queixo.

Tentei novamente e consegui me sentar. Mas eu estava dolorido em lugares que nem pensei que pudessem doer.

“Suponho que tenham levado seu material”, disse eu.

“Você não deveria se preocupar com isso agora.”

“Eles machucaram você?”

“Nada que eu não possa superar. Você ficou muito pior.”

“O que fizeram com você?”

“Um deles me deu uns tapas, só para conseguir minha atenção, ele disse. Colocou uma arma na minha cabeça e disse que aquele era o único aviso.”

Peguei a lanterna e joguei a luz em seu rosto. Ela ia ter um olho roxo pela manhã.

“Qual era o aviso?”

“Para não ir à polícia. Se eu fosse, eles voltariam e eu morreria.”

Levantei do chão e andei um pouco.

Ela perguntou; “Acha que arreventou alguma coisa mais séria?”

“Só o meu orgulho, Koko.” Mas, ao tentar me aproximar da parede, ela pareceu se afastar de mim. Quando olhei para Koko com a lanterna, parecia haver duas dela. “Nunca me nocautearam antes. Foram várias as oportunidades, mas nunca tinha tido o prazer de ser nocauteado, até agora.”

“Pelo menos seu senso de humor mórbido continua intacto. Sente-se aqui, vou chamar o médico.”

“Ainda não.”

“Não vou discutir. Você realmente precisa ser examinado.”

“Eu me curo rápido quando é necessário. E não tenho tempo para esperar o médico.”

Achei que tinha uma concussão, mas aquilo não ia me matar. Estendi a mão e segurei-lhe o braço. “Se quer realmente fazer alguma coisa para mim, vá lá dentro e faça um bule de café, o mais forte que puder. Quando a colher estiver boiando, você me chama.”

“Não tenho café em casa. Lamento muito, mas não tomo café.” Sua voz estava angustiada, como se ela tivesse falhado comigo na hora em que eu mais precisava. Depois em voz mais baixa, acrescentou: “Quer um pouco de chá?”

“Ai, puxa, não!” Cobri o rosto com a mão e ri, e a minha risada era uma irmã de sangue das lágrimas. “Seu chá é ótimo, Koko, mas por favor, chá não! Obrigado mesmo assim.”

Ela agachou-se na luz que vinha da porta aberta e olhou para mim como se fosse uma galinha perto da ninhada. “Lamento que isso tenha acontecido a você.”

“Não é a primeira vez. Baseado nas minhas experiências do passado, acho que vou sobreviver.”

Sentamos um ao lado do outro, só respirando e felizes por poder fazê-lo.

“O que você fez com aquela arma?”, perguntei depois de um tempo.

“Ainda está lá em cima da mesa.”

“Eles não a viram. Isso é ótimo, vou precisar dela.”

“Por quê? O que você vai fazer?”

“Vou recuperar o seu material, espero.”

Ela não acreditou em mim. Sorri e afastei-me da parede. Ela passou um braço em volta das minhas costas e atravessei o quintal mancando em direção à casa.

Do outro lado da rua eu podia ver uma luz fraca nos fundos da livraria dos Treadwell. Era exatamente como eu tinha imaginado: eles estavam lá dentro tentando entender o que haviam conseguido. Eu não precisei ter um cérebro de acadêmico de Harvard para descobrir aquilo. Um mais um é igual a dois; dois ratos mais um rato é igual a três ratos. Lá estavam eles: Carl, Dante e algum outro rato.

“E se você estiver errado?”, perguntou Koko “E se não foram eles?”

“Então sou um mico de circo.”

Ainda faltava muito tempo até o amanhecer: a parte mais tranquila da madrugada, quando qualquer um na rua seria visto a um quarteirão de distância. Eu havia estacionado na Broadway, e nós caminhamos ousadamente até a Eastern Avenue, encontrando uma fresta entre os prédios que ficavam de frente para a livraria. Nós nos apertamos ali, dividindo o calor de nossos corpos e fora do vento gelado da madrugada. Eu havia colocado o saco de juta ensanguentado em cima do ombro, e ele se transformou em uma espécie de poncho muito bom contra o vento. Mas eu estava fortemente imbuído de um sentimento do tipo “faça aos outros o mesmo que fizeram a você” e achei que o saco poderia servir para mais alguma coisa antes do amanhecer.

Uma coisa eu tinha que reconhecer a respeito de Koko: em nenhuma ocasião ela tentou esconder seu horror diante do que eu estava prestes a fazer, e também não arrumou nenhum argumento contra. Ela apenas insistiu em vir junto, e isso foi decisão dela. Eles haviam roubado suas coisas e batido nela, e só isso lhe dava o direito de decidir vir, contanto que ela entendesse os riscos.

Uma hora depois que Dante e seus rapazes haviam me deixado arreventado e sangrando no chão, eu havia me recuperado muito bem. A visão dupla ainda não tinha melhorado totalmente, mas a maior parte de

minha vertigem passara. Meus ossos doíam e meus músculos também, porém nada estava quebrado. Quando chegasse a hora, os velhos ossos funcionariam bem. Aquela dor iria sumir aos poucos e a rigidez teria desaparecido, mas eu pagaria um preço bem alto mais tarde.

“Tenho que ir.”

“O que fazemos se você estiver errado?”, ela perguntou novamente.

“Vou lhe dizer por que não estou errado, Koko. Eles estão lá atrás agora, tão cheios de arrogância que nem sequer tentaram se esconder de nós. Têm muita certeza de que aterrorizaram você, e o tal de Dante sabe que fez isso comigo na primeira vez em que nos vimos. Aquele sujeito pega pesado, e se eu não fizer a mesma coisa com ele, ou se eu não o matar, ele será um perigo para nós dois para sempre. Ele é do tipo que guarda rancor e não esquece das coisas.”

Abracei-a e nos separamos. Ela voltou para o carro; atravessei a rua até a frente da livraria. Segurei firme o saco de juta, entrei no vestíbulo e espiei pela janela.

A luz vinha da mesma sala onde Carl havia entrado na primeira vez em que os vi no dia anterior. A porta estava fechada, mas tinha uma bandeira de vidro por onde saía a luz. Eu podia ver as sombras deles movendo-se pelo teto. Três sombras de ratos diferentes.

Contornei o quarteirão até chegar a uma ruela nos fundos da livraria; tateei pelo escuro até poder ver de novo a luz do escritório de Carl. Havia dois carros estacionados ali, um Chevy modelo antigo e um Ford novo.

Esses rapazes só compravam produtos americanos: eram verdadeiros patriotas, os filhos da puta.

Tentei a maçaneta da porta dos fundos. E por falar em arrogância, eles nem tinham trancado a porta.

Eu tinha que pegá-los de surpresa. Se não conseguisse fazer isso, eu poderia muito bem entrar lá, entregar-lhes minha arma e deixar que Dante me matasse. Tinha que atacar primeiro, rápido e com força.

Entre e ouvi as vozes deles. Reconheci a de Dante, e depois a de Carl. O terceiro sujeito provavelmente era um dos auxiliares de Dante, alguém contratado para ajudar.

Se eu pudesse me livrar dele rápido, minha situação ficaria melhor. Não dá para planejar esse tipo de coisa, mas, naquele momento, quase me assustei quando ouvi passos. Entrei no meio de duas estantes no exato momento em que a porta abriu e o terceiro homem saiu do escritório. Ele passou por mim,

abriu a porta dos fundos e foi para fora. Não havia chance de pegá-lo de onde eu estava, e alguns segundos depois ouvi o motor de um dos carros sendo ligado. Meu bom senso me disse para não me importar com ele; era apenas um trouxa que faz o que lhe mandam. Eu queria Edgar Bergen — o ventríloquo —, e não Charlie McCarthy.¹ Mas fiquei zangado por um deles ter escapado, e levou um minuto para essa loucura passar.

Ele havia deixado a porta aberta e agora eu podia ver o interior do escritório. Dante e Carl estavam sentados em lados opostos de uma mesa com um gravador entre si. Eu conseguia ouvir a voz de Josephine discursando em tom monótono pelo ambiente. Carl escutava com atenção, e Dante com um olhar de impaciência, como se não soubesse bem o que fazer com essa voz que vinha dos mortos, essa velha que não podia ser ameaçada ou intimidada para falar mais rápido.

Dante estava sentado do lado de trás da mesa de frente para a porta. Isso dificultaria qualquer ataque a ele. Talvez eu pudesse chegar até a porta antes que ele me ouvisse, mas eu duvidava disso; todos os sujeitos como Dante parecem ter um radar embutido como parte de seu sistema de defesa. Mesmo se eu conseguisse passar pela porta ainda haveria um instante antes que pudesse pegá-lo do outro lado da mesa: tempo mais do que suficiente para que ele alcançasse sua arma. Eu podia já entrar com a arma na mão, mas Dante poderia resolver arriscar e pegar a dele, e eu não queria um tiroteio. Ou queria?

Passsei a língua pelo lábio cortado e pensei: *mato o filho da puta aqui e agora e não me preocupo mais*. Mas esperei, sabe-se lá por quê.

A voz de Josephine era o único som que se ouvia. Então a voz de Dante surgiu do nada. “Cara, isso é uma besteira. Que porra a gente está fazendo com isso? Estamos perdendo tempo.”

Eu não conseguia ver o rosto de Carl, não conseguia dizer se ele havia concordado ou não. Um momento depois ele disse: “Nós olhamos as coisas dela. Não tem mais nada lá. Seja lá o que ela tiver, a resposta está nessas fitas. Por qual outro motivo eles iriam querer sair correndo de lá, levando só esta caixa?”

“Tudo isso é uma bobagem: uma mistura de relato de viagem com conto da carochinha de uns cem anos atrás.”

“Tem muita fita aqui”, disse Carl. “Leva tempo para ouvir todas e descobrir o que tem nelas.”

“Leva tempo para *você* ouvir todas. Eu tenho coisa melhor para fazer.”

“Tudo bem, eu levo para casa e passo o dia com elas amanhã.”

“Você ainda não entendeu? Só tem isso, não tem mais nada para ouvir.”

“Talvez, mas tem que ser feito. De qualquer forma, de repente tive um pressentimento, de que a gente não devia ficar muito tempo por aqui. Onde é que Harlow foi buscar a porra do café?”

Dante riu. “O quê? Você está com medo de que eles soltem a polícia atrás de nós? Aqueles dois não vão chamar ninguém, meu chapa. Eu me certifiquei disso.”

“Mesmo assim não há necessidade de correr risco.”

Carl começou a guardar o material: o gravador dentro da embalagem, as anotações e fitas em uma caixa de papelão. Dante levantou-se e deu a volta pela mesa. Tive menos de vinte segundos para agir. Às vezes a gente espera muito tempo para alguma situação ficar mais favorável, mas ela não fica, e acaba acontecendo do mesmo jeito.

Dei a volta pela estante e fui na direção da porta do escritório. Se Dante tinha um radar, naquela noite estava desligado: ele havia se virado para a parede do fundo, olhando para um relógio que, agora eu podia ver, marcava quinze para as cinco. Deve estar amanhecendo, pensei eu, e aquilo não tinha a menor importância. Por toda a cidade as pessoas estariam levantando, tomando banho, vestindo-se, fazendo amor. Isso é o que todas as pessoas normais fariam. Naqueles dois segundos vi um desfile das mulheres da minha vida: Rita McKinley... Trish Aandahl... Erin. As que tive e as que não tive.

Eu tinha que tirar a arma dele: essa era a minha prioridade. Ele a usava dentro do paletó, do lado esquerdo, quase nas costas. Era assim que eu me lembrava dela e esperava que continuasse no mesmo lugar.

Carl atravessou a porta e passou bem ao meu lado. Eu não podia ver, mas sabia que ele estava carregando a caixa de Koko e eu tinha que pegar aquilo também antes que ele tivesse uma oportunidade de sair correndo com ela. A arma e a caixa, sem intervalo entre uma coisa e outra, sem tempo para uma valsa com Dante.

Dante levou uma infinidade de tempo para sair. Na verdade, ele estava apenas dois passos atrás de Carl, eu estava em pé à direita dele, e naquele meio segundo acho que me viu. E se viu, sua reação se perdeu entre a escuridão e a incredulidade. Ele não parou de andar até o instante em que o acertei. Com a direita, dei-lhe um murro usando o máximo de força que consegui. Ele ainda estava em pé enquanto minha mão deslizava acompanhando-lhe o cinto, em busca da arma. Ele balançou para a frente com

as mãos erguidas e eu o acertei do outro lado com Um bom soco de esquerda. Soltei a arma do cinto e ela escorregou e caiu barulhenta no chão, ao mesmo tempo que ele caía. Acertei-o no rosto com o joelho no meio de sua queda livre, girei o corpo, chutei a arma para longe e arranquei a caixa das mãos de Carl.

“Oi, imbecil”, eu disse sedutoramente. “Bem-vindo ao inferno.”

Carl choramingou deploravelmente. “E-e-spere um pouco”, ganiu ele “E-e-spere um pouco v-você. Toma uma coisinha para se distrair enquanto espera.” Acertei-o com força na boca e ele se juntou a Dante no chão.

Estremeci. Foi fácil demais.

Então ouvi a porta do carro bater. Deveria ser o Dante Júnior, aquele que se chamava Harlow, voltando de onde tivesse ido, bem no momento em que eles já iam desistir de esperá-lo. Senti uma violenta onda da mais louca alegria enquanto ia ao encontro dele.

Ele abriu a porta. Com o luar consegui ver que ele trazia três enormes copos de isopor com café em uma pequena bandeja de papelão.

“Oi, Harlow, o meu é sem açúcar”, eu disse, acertando-o várias vezes.

Voou café para todo lado. O primeiro lugar que o café encharcou foi o rosto de Harlow, mas ele nem sentiu.

Fiquei ali parado, trêmulo. “Filhos-da-puta.”

Dante gemeu. Acendi a luz e vi que ele tentava se levantar. Joguei o saco de juta em cima da cabeça dele e Passei-lhe uma rasteira, batendo sua cabeça no chão.

A prudência recomendava que eu saísse logo dali. Eu havia conseguido o que viera buscar, mas a alegria desaparecera. Não fiquei muito satisfeito com os tapinhas carinhosos que dei neles, especialmente depois do que haviam feito comigo. Além disso, eu tinha um inimigo eterno agora, e devia, no mínimo, impressioná-lo.

Inclinei-me sobre ele. “Acho que ainda não tive o prazer. Cliff Janeway, de Denver. Não fomos apresentados, mas eu sou o desgraçado trêmulo que você matou de susto ontem, neste mesmo lugar. E você deve ser o fodão Sr. Dante.”

Ele tentou se virar novamente, e eu o chutei com força suficiente para quebrar-lhe o quadril. “Não faça isso, Dante. A menos que queira sentir muito mais dor do que aquela que me proporcionaram, seus putos.”

Inclinei-me de novo e falei através do pano. “Aposto que agora está pensando como vai ser divertido quando puder me matar. Se estiver pensando

isso, é um tremendo erro, porque duas coisas vão acontecer se tentar fazer isso. Primeira, mato você se voltar a ver a sua cara. Mato-o no instante em que colocar os olhos sobre você, pode ser em um beco escuro, no Pizza Hut ou no meio de uma multidão no Rockefeller Center.”

Armei o revólver e encostei o cano na cabeça dele. “Que tal um pouco disto? Você gosta da sensação?”

Bati-lhe na têmpora com força suficiente para doer. “E só para o caso de você conseguir me matar, aqui vai uma outra coisa pela qual você pode esperar. Um chapa meu — um sujeito cujo nome não vou dizer, mas que é muito mais durão do que eu — já foi colocado neste caso. Se qualquer coisa me acontecer — qualquer coisa, Dante — você se ferra. Se eu tiver uma pelinha na cutícula e for atropelado por um caminhão enquanto estiver parado na rua tentando arrancá-la, você pode assumir posição fetal no mesmo instante e se despedir da vida. Você morre em vinte e quatro horas.”

Expirei em cima dele. “É melhor torcer para que eu tenha uma vida longa e tranquila, meu velho.”

Coloquei a arma na cintura, agarrei o saco de juta com força e puxei o sujeito para cima até que ficasse em pé “E isso vale para Koko também.”

De repente, em um novo acesso de raiva, arranquei o saco da cabeça dele e acertei-o novamente, um golpe violento com a mão aberta que o fez bater com força na parede.

“Essa foi por Koko. Toque nela de novo e eu arranco o seu coração.”

Ficamos de frente um para o outro, a meio metro de distância, excitados por um ódio primitivo. Afastei-me vagarosamente em direção à porta. “Lembre-se, este é o único aviso que você vai receber.”

Peguei a caixa e saí rápido dali, apertando o passo até o fim da ruela, onde Koko esperava com o motor do carro ligado.

¹ Edgar Bergen (Estados Unidos, 1903-78) era o ventríloquo por trás do boneco Charlie McCarthy, que fez muito sucesso no programa de rádio “The Edgar Bergen Charlie McCarthy Show”. (N. E.)

Ela escutou o meu relato com os olhos arregalados, e eu contei tudo sem rodeios. Ela tocou meu rosto abatido e disse meu nome. “Ah, Cliff. Meu Deus, Cliff, que noite.”

E depois de quase um minuto inteiro, ela disse: “Posso chamá-lo de Cliff?”.

Ri dolorosamente. “Você é mesmo uma figura, Srta. Bujak.”

Estávamos tomando o café da manhã em algum restaurante bem afastado do centro. Ela havia lutado com todas as forças para encontrar algo que pudesse comer, e eu comeria qualquer coisa que viesse da cozinha de aparência não muito limpa. Eu estava na minha terceira xícara de café de verdade.

“Pensei que você fosse um livreiro. Pensei que você fosse um intelectual. Aí você aparece aqui e se transforma em algum guerreiro saído diretamente da Idade Média.”

Sorri, e ela disse: “Não falei por mal”.

“Sei que não.”

“Você fica pouco à vontade por ser um herói?”

“Não. Minha canção favorita é *The impossible dream*. Mas tem que ser cantada com voz de barítono profundo, e não por algum tenor fraquinho. Certa vez ouvi um tenor tentar cantá-la. Que apresentação horrível! Cômica, na verdade.” Bebi um pouco do meu café. “Só um bom baixo pode cantá-la direito.”

Ela sorriu quase afetuosamente, pensei, e a seguir ela perguntou: “Você sempre faz isso?”.

“Faz o quê?”

“Um monte de brincadeiras toda vez que alguém tenta dizer coisas agradáveis a seu respeito?”

Dei de ombros. “Você ainda nem viu meus velhos ferimentos por bala.”

“Tá vendo, é disso que estou falando.”

Foi divertido ser o herói dela, mas logo a diversão terminou. Ela ainda não entendia o que havia acabado de acontecer. Para ela a história chegara ao fim. Tínhamos vencido.

Então contei a ela. “Eu não estava tentando te impressionar, Koko. Você tem que saber o que estamos enfrentando. Tudo o que fiz com Dante foi calculado para surtir determinado efeito.”

“Parece que você não tem certeza se vai funcionar.”

Eu não tinha uma resposta fácil e rápida para aquilo. Beberiquei meu café.

“Tipo, como se você estivesse com medo de ter me colocado em perigo.”

“Você já está em perigo. Só espero não ter piorado as coisas.”

“E que opção nós tínhamos?”

“Fugir à noite e deixá-los ficar com seu material.”

Ela enrubesceu e balançou a cabeça. “De jeito nenhum.”

Eu gostava da determinação dela, mas o cemitério de Boot Hill está cheio de heróis determinados. Novas questões muito maiores apareceram entre nós.

“Eles podem tentar nos matar. Isso faz com que você mude de ideia?”

Ela balançou a cabeça, dessa vez um pouco hesitante. Mas um não é um não, pensei. “Acho que você não deveria voltar para casa. Não até que eu tenha uma melhor leitura da situação.”

Ela ficou séria diante dessas notícias. Eu havia conseguido que ela se concentrasse.

“Para onde eu vou?” Quase na sequência, ela disse: “Talvez para Charleston. Eu já lhe disse que cedo ou tarde terei que fazer isso. Talvez seja uma boa hora”.

Senti-me aliviado com aquelas palavras. “Talvez sim. Talvez eu até vá com você.”

Ela se animou. “Faça isso”, disse ela. “Por favor.”

“Por que não? Parece que não tenho mais nada a fazer em Baltimore. Acho que meu disfarce foi revelado.”

“Se eu encontrar o que espero encontrar lá, isso pode ajudar você também.”

“Que tal me dar uma dica sobre o que é?”

“Você poderá ouvir no avião. Charlie conta melhor do que eu.”

Paguei a conta e entramos no carro.

“Não posso nem ir até a minha casa para pegar umas roupas?”

“Eu não faria isso. Ainda não.”

“Durante quanto tempo vou ter que me esconder assim?”

“Não será para sempre. Se alguma coisa não acontecer depois de algum tempo, eu dou um empurrãozinho.”

Demos uma rápida passada em meu hotel, pegamos minhas coisas e fomos para o aeroporto.

“O gravador ainda está na caixa?”

“Está. E com fones de ouvido.”

Ficamos em silêncio até que os inconfundíveis sinais da proximidade do aeroporto começaram a surgir à nossa volta. Ela deixou o carro no estacionamento para longas estadias e tomamos o micro-ônibus que levava ao terminal.

“O que você realmente acha que eles farão conosco?”

“Não sei. Dante é um animal. Fiz com ele o melhor que eu podia.”

“Mas o que você acha?”

No final das contas, eu ainda não sabia. “Talvez seja um empate. Se eu tivesse que apostar dinheiro... não sei. Estou satisfeito que você esteja saindo daí.”

Entramos na lista de espera para Atlanta. De lá conseguiríamos passagem em algum aviãozinho marreta até a costa.

A certa altura, ela disse: “Você deve ter dado o maior blefe do mundo”.

Mas o meu silêncio contou uma outra história.

“Você não estava blefando.”

“Não se blefa com um cara como Dante.”

“Você o mataria.”

“Ele tem sorte de ainda estar vivo e espero que tenha consciência disso.”

“E quanto a sua outra promessa?”

“Acho bom que ele acredite nela também.” Olhei para ela entristecido, odiando a ideia de estar me tornando um herói manchado. “Não faça perguntas se não quer saber as respostas, Koko.”

“Como é que você conhece pessoas assim? Pessoas que você pode simplesmente chamar e mandar que matem alguém?”

“Nada disso”, eu disse com impaciência. “Não sou amigo de assassinos. Estamos falando de um velho amigo de infância. Ele seguiu o caminho dele, e eu, o meu, mas ele ainda acha que me deve alguma coisa. Por algo que

aconteceu há muito tempo, quando ainda éramos crianças. Talvez agora eu o deixe acertar as contas.”

Depois de um tempo eu disse: “Não estou mandando matar Dante. Ele vai ficar bem contanto que nós estejamos bem. Se algo lhe acontecer, foi ele que provocou”.

Mas eu ainda não tinha telefonado para Vinnie. Alguma coisa em meu coração não permitiu.

Em vez disso, telefonei para Erin e falei com a secretária eletrônica. “Oi”, eu disse. “Estou fora da cidade. Não tenho certeza de quando vou voltar, mas precisamos conversar. Deixe uma mensagem na minha secretária.”

Sem piadinhas dessa vez.



Uma hora mais tarde eu e Koko olhávamos a Costa Leste de uma altura de dez mil e quinhentos metros. Ela colocou o gravador no meu colo, com os fones de ouvido, e remexeu em meia dúzia de pastas bem recheadas e dúzias de fitas gravadas até achar o que queria. “Esta melhor é Charlie. Tudo o que temos dele.” A fita começou a tocar — a voz de um senhor de idade contando períodos de sua vida. Era a voz de um idoso, mas o tom me pareceu vagamente familiar.

“É... *Josephine*?”

“Vai ouvindo. Ela está tentando nos contar o que ele lhe contou, e o que ela leu no diário dele anos atrás.”

Olhei para ela.

“Não há nada de sobrenatural nisso. Jo estava em um transe profundo nesse dia. E isso foi o que ele contou para ela. E é isso, palavra por palavra. Esteve armazenado lá na cabeça dela durante oitenta anos. Ela até mesmo tenta contar usando a voz dele.”

“O que ela disse quando você tocou a fita para ela?”

“Nada. Apenas chorou.”

Ela apertou um botão e voltou a fita até o começo. “Você vai ouvir a minha voz, fazendo algumas perguntas. Todo o resto é Charlie. Esqueça a minha voz e escute. Relaxe, escute e mantenha a mente aberta.”

Começou um chiado nos fones de ouvido; em seguida, a voz de Koko.

“Quem é você? Qual o seu nome?” Houve uma pausa, seguida da voz aguda de uma criança.

“Josephine.”

“Josephine de quê?”

“Josephine Crane. Meus amigos me chamam de Jo. J-o, como em Mulherzinhas.”

“É um nome bonito e forte. Posso chamá-la de Jo?”

“Claro que pode.”

“Quantos anos você tem, Jo?”

“É o meu aniversário. Faço nove anos.”

“Que dia é?”

“Três de setembro de mil novecentos e quatro.”

“Você parece *bem* madura para alguém da sua idade.”

“Obrigada.”

Outra pausa. Então Koko disse: “Você quer me contar sobre o seu avô?”

“O que você quer saber?”

“Qual é o nome dele? Podemos começar por aí.”

“Charles. Charles Edward Warren.”

“Fale-me um pouco sobre a vida dele.”

Dessa vez houve uma longa pausa. A fita continuou chiando durante dois ou três minutos. Depois houve um clique seguido de diversos ruídos do aparelho sendo movido, e então surgiu a voz de Koko em um sussurro.

“Mudei o microfone para trás, afastando-o de Josephine, para acrescentar um comentário paralelo e uma descrição do que está acontecendo. Ela parece estar tentando organizar seus pensamentos. Seu rosto está bastante relaxado, mais do que em outra ocasião em que fiz perguntas sobre seu passado. Hoje vou lhe pedir que fale mais sobre a vida de seu avô, mas ela não pode sair de sua própria persona, a menos que esteja relatando algo que tenha pessoalmente ouvido ou lido. Minha expectativa é de que ela se limite ao que sabia sobre ele naquela idade, mas às vezes ela parece ir muito além da idade que declarou. Ela tem conhecimento e usa palavras que eu não esperaria que soubesse com nove anos. Acho que o que está apresentando aqui são coisas que o ouviu dizer sobre si mesmo, associadas ao que ela leu no próprio diário dele depois de sua morte.”

No fundo da gravação eu conseguia ouvir uma voz de criança. Surgiram

mais ruídos quando Koko aproximou o microfone novamente.

“Desculpe... não entendi.”

“Perguntei aonde você foi”, disse Jo.

“A lugar nenhum. Só precisei mexer em uma coisa. Você pode me contar sobre Charlie agora?”

Houve uma pausa. Ouvi uma respiração quase ofegante.

“Ele está aposentado agora. Quando era mais jovem, foi desenhista. Fazia mapas, sabe? Ele diz que era um bom negócio naquela época, havia tanta expansão. Trabalhou como cartógrafo em Baltimore e nos arredores durante toda a vida.”

“Durante um tempo ele trabalhou para o governo em Washington, é isso mesmo?”

“Sim.” Outra pausa longa. “Ele esteve no Departamento de Guerra durante a administração do presidente James Buchanan.”

“Quais eram seus interesses?”

“Na juventude... muito tempo atrás... ele gostava de ópera e de história, de filosofia e de natureza. Adorava pássaros. Acabou se tornando um ornitólogo bastante talentoso — o suficiente para escrever um livro e diversos livretos científicos. Gostava de jogos de cartas. Jogava pôquer com moedinhas e *whist* por brincadeira.”

“A fotografia dele me lembra a de um professor universitário.”

“Dizem isso a ele com frequência. Minha mãe sempre diz isso.”

“O que mais você pode me contar sobre ele?”

“Hummm... ele coleciona livros.”

“Foi assim que ele descobriu Richard Burton?”

“Sim. Ele sabia sobre o Sr. Burton muito antes de se conhecerem. Ele já tinha exemplares dos primeiros livros de Burton. Alguns deles tiveram muitas edições e muitas revisões, mas vovô sempre queria a primeira edição inglesa. Quando havia reimpressões com mudanças textuais, ele colecionava ambas. Temos todos esses livros, com anotações feitas de próprio punho pelo Sr. Burton. Vovô também guardou uma correspondência de trinta anos. As cartas faziam referência aos textos, aos problemas do Sr. Burton com os editores, e às alegrias e frustrações no processo de escrita de seus livros. A partir de 1861, vovô tinha uma linha de crédito, com uma solicitação para que o próprio Sr. Burton enviasse dois exemplares de cada uma das novas obras assim que acabassem de ser impressas, ou tão logo quanto possível. Isso ele fez por mais de vinte e cinco anos.”

“Você pode me contar como ele conheceu o Sr. Burton e o que eles fizeram em maio de 1860?”

Outra vez o som de uma respiração longa. “Eles foram a Charleston.”

“Sim, mas você nos contaria a história dessa viagem?”

Outro silêncio longo. Mais uma vez o som do aparelho sendo movido: mais cliques. De novo a voz de Koko em um sussurro.

“Baseada em sessões anteriores, espero que essa história da viagem surja em uma voz mais forte e menos hesitante do que a que acabamos de ouvir. Devo notar que realizamos experiência idêntica a esta diversas vezes, e ela é sempre a mesma, quase que palavra por palavra. Comparações podem ser feitas com as fitas de número sete, doze e treze.”

“Em todas essas sessões, Jo exibe um conhecimento adulto que, para um cético, pode invalidar o procedimento. Charlie parece lhe contar coisas — como o interlúdio carnal com uma garota da hospedaria, chamada Marion — que um avô daquela época dificilmente relataria à neta de nove anos. Em determinado momento, Burton diz um palavrão e Charlie o reproduz, outra ocasião em que ele se censuraria se estivesse conversando com uma criança. Quando lhe perguntei sobre isso — ouvir fita dez — ela confessou que havia lido aquelas passagens no diário que seu avô fez sobre aquela viagem. Assim, o que provavelmente temos é uma mistura do que ele contou a ela e do que ele escreveu. Seu diário infelizmente se perdeu no saque à biblioteca deles após a morte de Charlie.”

Mais ruídos. Mais cliques.

“Voltei”, disse a voz de Koko em tom normal. “Você está bem agora?”

“Sim. Obrigada pela água.”

“Pode nos contar sobre Charlie agora?”

“Você quer dizer, o que ele me contou? Ou o que está no diário dele?”

“O que você achar melhor. Pode me contar usando as palavras dele? Como você leu? Como ele lhe contou?”

“Talvez.”

Quando a voz começou de novo, quase um minuto depois, era a voz do homem idoso.

“Tudo começou em um dia quente em maio de 1860. Eu tinha trinta e três anos. Naquele tempo o mundo era um lugar mais radiante e atraente. Eu era jovem e havia tantas coisas a fazer...”

Fechei os olhos, e Koko deixou que eu continuasse a escutar.

“Eu tinha trinta e três”, disse a voz. “Era seis anos mais jovem do que

Burton quando nos conhecemos. E aconteceu assim...”

Burton e Charlie

Burton fora a Washington para falar com John B. Floyd, secretário de Guerra de Buchanan. Até aí, nós sabemos. O que se passou naquela sala, ninguém jamais soube.

Eu admirava Burton de longe, mas nunca confiei em Floyd. Sim, trabalhei para ele, mas sempre o considerei um velhaco. No cotidiano do trabalho, minha opinião não importava muito, pois eu realizava meu trabalho com zelo e nossos caminhos raramente se cruzavam. Meus afazeres requeriam pouco contato com o secretário, e eu trabalhava bem e estava razoavelmente satisfeito. Mas não fiquei nem um pouco surpreso quando a história pintou Floyd com as cores da traição — um homem que usou sua posição para transferir toneladas de armas e equipamentos para o Sul e em seguida fugiu para juntar-se aos confederados quando a guerra finalmente começou. No departamento, eu mantive distância.

Mesmo assim, não consegui permanecer afastado quando fiquei sabendo da reunião de Burton com Floyd naque Ia manhã. Eu devia estar demonstrando exatamente como estava me sentindo, um rapaz esperando no corredor com o chapéu na mão. Então a porta se abriu, Burton saiu da sala, e toda aquela inquietação desapareceu. Andei até ele e, cheio de coragem, cumprimentei-o. Disse-lhe que havia acompanhado suas aventuras e que pedira os livros que ele havia escrito e lera todos eles. Isso o alegrou muito. Como descobri mais tarde, ele era especialmente receptivo em relação a um admirador, depois da enorme decepção com Speke e de seu próprio desprestígio na Inglaterra. Entre todas as coisas estranhas e inesperadas, minha repentina aparição o lisonjeou e iluminou-lhe o dia.

Para mim, Richard era uma pessoa admirável. Gostamos um do outro imediatamente.

Ele colocou a mão no meu ombro. Como um velho confidente, puxou-me para perto de si e lá estava eu, enorme, um homem entre os homens.

“Diga uma coisa, Charles...”

“Ah, por favor! Todos os meus amigos me chamam de Charlie. Eu ficaria honrado se o senhor também me chamasse assim.”

“A honra é minha. Existe alguma casa de bebidas aqui por perto? Vou lhe pagar um copo de cerveja.”

“Existe uma bodega subindo a rua, e a bebida vem com almoço grátis. Mas eu pago a conta, senhor — o senhor é hóspede em meu país.”

“Resolveremos isso pelas armas lá no bar.”

Os livros de história dizem que Burton pretendia sair de Washington rapidamente. Mas ele desapareceu durante aquela primavera de 1860. Três meses se passariam antes que reaparecesse em St. Joe, Missouri, para começar sua longa viagem de diligência para o Oeste. Sobre o período de seu desaparecimento, Burton mais tarde diria apenas que viajou por todos os estados.

Mas ele ficou uma semana em Washington. Ficou em nossa casa. Durante toda aquela semana fizemos as refeições juntos e fomos companheiros constantes. Discutimos sobre política, história e sobre as grandes questões da escravidão norte-americana, a secessão e a guerra.

Burton sempre odiou a escravidão, mas não era grande admirador dos negros. Eu era mais ou menos um apologista. Tínhamos diferenças profundas e enormes, e mesmo assim nos tornamos bons amigos rapidamente.

Eu sabia que alguma coisa extraordinária estava acontecendo. Percebi que haveria uma grande aventura, na qual eu poderia embarcar se tivesse a coragem de tomar uma decisão. “Você deveria viajar comigo por uns tempos. Eu mudaria suas ideias sobre algumas coisas.”

“Talvez eu mudasse as suas”, eu disse, e ele riu. Eu o reverenciava, e ele sabia disso. Mas nunca me intimidei, e essa foi a minha salvação. Sei que ele me respeitava.

Se eu tivesse sido um bajulador ou lambe-botas, ele nunca teria feito tal sugestão. Burton aborrecia-se rapidamente com aduladores.

No quarto dia tivemos uma discussão acalorada. Acabou com tantas risadas que ficamos vermelhos.

“Preciso partir logo”, disse Richard no quinto dia. “Venha viajar comigo.”

Quantos de nós já haviam chegado, na vida, a uma encruzilhada daquelas? Quantos recuam diante do caminho que exige mais coragem quando se defrontam com ele? Centenas recuam antes que uma pessoa vá em

frente.

Eu tinha que segui-lo. Esquivar-me disso teria sido uma traição a mim mesmo.

Eu sempre fora cauteloso durante toda a vida. Tínhamos algum dinheiro guardado. Eu tinha o meu ofício: uma dúzia de empresas particulares em Washington, Baltimore e Nova York estava querendo os meus serviços. Eu me sentia cansado da política do Departamento de Guerra, dos burocratas manipulando tudo. Se eu desaparecesse por um tempo com Richard, isso poderia ser pior?

Apresentei aos meus empregadores um aviso e despedi-me de minha esposa e filha. Saí de Washington com Burton em uma segunda-feira, uma semana depois de nos conhecermos.



No trem para Richmond, perguntei-lhe aonde estávamos indo, e Burton, sem hesitar, respondeu: “Charleston”.

Minha pergunta fora retórica. Não me importava para onde estávamos indo: eu estava experimentando o nascimento de uma gloriosa sensação de liberdade e empolgação, que não sentia desde o tempo de minha graduação na faculdade, muito antes do meu casamento e do início de minha carreira. Se Burton tivesse dito “África”, juro que teria ido, embora eu ainda estivesse pensando como um turista. Eu havia pensado que íamos de vapor apenas porque assim era mais fácil. As estradas de ferro em 1860 ainda eram fragmentadas, com muitas linhas incompletas. Uma passagem por terra demandaria baldeações em diligências, por estradas que se tornariam intransitáveis mesmo sob chuva moderada. Um barco evitaria a maior parte dessas complicações. Poderíamos embarcar na hora, descer o Potomac, pegar um trem em Acquia Creek, embarcar em outro vapor em Wilmington, e seguir o resto do caminho de maneira relativamente fácil. Mas Richard queria ver a terra. Ele não estava interessado em facilidades para si próprio, ou em viajar como turista — afinal de contas, que temores poderia originar até mesmo a pior das viagens pela América para um homem que acabara de sobreviver aquela horrenda jornada de dois anos pela África desconhecida? Dessa forma, pegaríamos o trem para Petersburg, entraríamos na Carolina do

Norte, e de Wilmington nos afastaríamos da rota recomendada e iríamos por terra até a Carolina do Sul.

Durante todo o tempo, Burton foi um companheiro bastante agradável. Tínhamos muitas conversas mutuamente interessantes, mas também havia vezes nas quais um deixava o outro entregue a seus próprios pensamentos. Em cada parada na longa jornada por trem, Burton comprava os jornais locais e os devorava antes de passá-los para mim. Havia vilarejos onde o trem parava para se abastecer de água e de carvão, e pequenas aldeias através das quais passávamos num piscar de olhos. Pessoas de toda parte saíam para nos ver passar: tolos que ficavam tão perto dos trilhos a ponto de arriscar a vida, rindo e recusando-se a se afastar mesmo diante do apito raivoso do maquinista. Nas cidades menores, crianças e velhos reuniam-se e olhavam espantados quando passávamos rapidamente, não mais do que um borrão. De vez em quando, eu escolhia o rosto de um indivíduo e conseguia ter alguma noção de caráter, ou talvez inventasse uma, no meio segundo em que ele enchia a minha janela, para depois desaparecer para sempre. Uma impressão geral de pobres simplórios começou a se formar em minha mente, e nos anos que sucederam essa viagem com frequência pensei nessas pessoas e na injustiça que cometi com elas. Nós os subestimamos. Elas eram o coração e a espinha dorsal do Sul, e agora acredito que minha condescendência ianque, repetida em ampla escala nacional, foi um fator da quase-destruição de nossa grande União. Sempre que nossa parada era longa o bastante, descíamos do trem e nos misturávamos com os locais, que eram barulhentos e ansiosos para compartilhar sua indignação diante do governo nacional. Com frequência nossas crenças políticas eram desafiadas, mas Burton sobressaía-se entre eles como uma pipa de muitas cores, sempre recebendo mais do que dava, e eu pelo menos tive bom senso suficiente para não agitá-los com minhas opiniões sobre sua instituição peculiar e seus absurdos rumores sobre secessão e guerra. Eu nunca havia estado ao sul de Fredericksburg e encontrei a imprensa cheia de bobagens que serviam para incitar a turba. Mas à medida que nos aprofundamos nas áreas rurais, comecei a entender um pouco daquilo que eles prezavam e o porquê. A paisagem era especialmente bela. Vi pomares com pessegueiros e fazendas de algodão estendendo-se à distância, e de vez em quando passávamos perto dos limites de uma grande *plantation* com estradas poeirentas e compridas, enormes carvalhos vivos e escravos trabalhando nos campos. Mas boa parte de nossa jornada foi através de regiões totalmente ermas, atravessando vastas florestas de pinheiros com

alguns pântanos esparsos.

Em todos os lugares a que fomos, Burton usava os seus momentos de folga para fazer anotações.

Em Wilmington compramos nossa passagem apenas até o vilarejo de Marion, que eu me lembrava como um ponto no mapa a cerca de cinquenta quilômetros no interior da Carolina do Sul. Em breve estávamos em uma área pantanosa e sombria da baixa Carolina do Norte. Eu não conseguia deixar de ver a terra em termos de cartografia, mas rapidamente percebi que Burton também tinha estudado seus mapas e os tinha de memória. Até então eu não havia dito nada; eu embarcara como seu companheiro de viagem, satisfeito por ele traçar a nossa rota. Mas essa parada em um pequeno vilarejo me parecia curiosa, e por fim disse para ele. “O que há em Marion?”, perguntei.

“E por que estamos fazendo uma rota tão sinuosa?” Pela primeira vez, eu havia começado a me sentir ligeiramente supérfluo, quase o suficiente para acrescentar, rindo: “E a propósito, por que estou aqui?”. Mas isso teria sido muito sarcástico, mesmo como brincadeira: haveria tempo suficiente mais tarde, se a ideia persistisse.

Eu me lembro bem de que foi naquele pântano, a poucos quilômetros do estado rebelde, que pela primeira vez pensei que eu poderia ter um propósito diferente do inicial, o de ser apenas um companheiro de viagem. Burton deu à minha pergunta uma resposta hesitante.

“Imagino que haja uma taverna e uma hospedaria em Marion, onde possamos ficar e conversar com as pessoas, conseguir uma ceia tolerável e nos embebedarmos. Pela manhã, ou no dia seguinte, podemos ir a Florence.”

Acho que ainda fiquei com uma expressão de dúvida no rosto, porque Burton então disse: “Você está ficando impaciente, Charlie? Está ansioso para ver o ninho da rebelião que está prestes a trazer tanta dor para o seu país?”. De fato, eu estava curioso, e um ano depois, quando Burton me enviou os dois volumes de *The lake regions of Central Africa* [A região dos lagos da África Central], pouco antes do início da guerra, encontrei uma surpreendente nota de rodapé escrita à mão em uma das margens da página que, acredito, se referia obliquamente a Speke: *Você me lembrou, ainda que brevemente, um outro viajante que conheci, que sempre queria chegar lá, não importava onde fosse “lá”*. Como consequência, ele perdia tudo o que estava à sua volta na ocasião.

Não havia muito a ver em Marion. Minha lembrança é a de uma rua lamacenta e de um monte de construções toscas em ambos os lados, mas

Burton achou-a satisfatória.

Como ele predisse, nós encontramos uma hospedaria, conseguimos dois quartos no andar de cima de frente para a rua e naquela noite apreciamos uma ceia surpreendentemente boa. Burton não levou muito tempo para se tornar conhecido entre os outros viajantes e os habitantes do vilarejo: ele era bastante gregário, porém mais uma vez reparei em sua maneira de não lhes dizer nada a respeito de si mesmo, de fazer perguntas e de ficar alerta sempre que surgiam as questões explosivas sobre a escravidão e a secessão. Ele também havia começado a falar em um inglês muito mais americanizado. Seu sotaque britânico havia desaparecido completamente, e quando mais tarde fiz essa observação, ele disse: “É o meu jeito. Aonde quer que vá, eu tento aprender a língua”. Rimos juntos, mas então ele disse: “Não se surpreenda se eu mudar ainda mais ao longo da viagem. Gosto de fazer experiências com as palavras, e esses ‘caipiras’, como são chamados aqui no Sul, têm realmente uma língua própria”.

Foi naquele momento que tive a primeira vaga impressão de que as coisas iriam mudar entre nós. De repente me perguntei se ele estava começando a assumir um tipo de disfarce. Depois de algum tempo, isso me conduziu a um pensamento muito mais perturbador de que talvez, inconscientemente, eu fizesse parte desse disfarce. Anos mais tarde, nas biografias escritas por sua viúva, Isabel, pela sobrinha, Georgiana Stisted, e por um homem chamado Thomas Wright, havia referências à natureza de seu trabalho de espião na Índia. Ele mesmo alude a isso nos primeiros livros: como se passava por habitante de determinado lugar, depois de ter aprendido a língua do local em poucas semanas ou até mesmo em dias, e depois de ter escurecido a pele e se vestido da maneira apropriada, para exercer as atividades do serviço secreto. E já impresso, é claro, havia o relato sobre sua jornada épica às cidades de Meca e Medina, no impecável disfarce de um árabe. Richard podia ser qualquer um, e esse fato me levou a um novo e perturbador pensamento. Será que agora ele estava espionando em meu país — seria esse o significado daquela viagem que estávamos fazendo? Teria ele sido mandado para lá a fim de avaliar a probabilidade de uma guerra civil, seu possível início e de que maneiras a Inglaterra poderia explorar o conflito? Faria sentido tal missão. Na aparência, as relações entre a Inglaterra e os Estados Unidos estavam bastante cordiais desde nossa última guerra, que terminara em 1814, mas era de conhecimento geral que muitos no governo britânico ainda tinham bastante raiva e desejavam o nosso mal. Lorde

Palmerston, por exemplo, nunca nos perdoara pela última derrota, quando ele era secretário da Guerra. Agora que era primeiro-ministro, estaria ele tramando alguma coisa, depois de todos esses anos, para conseguir sua vingança, e seria Burton o batedor a explorar o terreno para suas ambições?

Senti uma grande raiva se apossando de mim diante de tal pensamento, e decidi confrontar Richard e resolver tudo. Eu estava pronto para declarar o fim de nossa breve amizade, caso ele tivesse assumido tal encargo. Também estava pronto para tomar o próximo vapor que fosse para o norte, saindo de Wilmington. Mas, quando chegou o momento de fazê-lo, hesitei. Enquanto jantávamos, tentei e não consegui formular a pergunta, que poderia ter resultado em um grave insulto e arruinado uma amizade que, no final das contas, poderia ser inocente. Burton não dissera nem fizera nada específico para justificar minha desconfiança: apenas o que sempre fazia, como ele mesmo dizia. No final da noite eu havia decidido não falar nada. Mas fiquei apreensivo e por diversas vezes peguei-o me observando, como se tivesse lido meus pensamentos e de repente soubesse de minha suspeita.

Houve um incidente digno de nota naquela noite na taverna. É quase supérfluo, mas sua importância se revelou mais tarde. Estávamos sentados com um grupo de novos conhecidos perto do bar quando um homem enorme e turbulento chamado Jedro Fink se juntou ao nosso grupo. Era evidente que ele odiava ianques e que já havia tomado muita cerveja, e, quanto mais bebia, mais parecia propenso a se ofender com as coisas que eu dizia. Era o meu sotaque: ninguém me confundiria com outra pessoa que não fosse do Norte. Em determinado momento, no meio da algazarra geral, a expressão “cães ianques” pairou sobre a minha cabeça, e quando olhei, os olhos turvos dele estavam fixos em mim.

Richard também havia consumido uma enorme quantidade de cerveja, mas seus olhos estavam normais. Lancei-lhe um olhar de desculpas e comecei a procurar uma saída para aquela situação. Na primeira pausa na conversa, eu disse: “Acho que vou me recolher, cavalheiros”, mas o sujeito que odiava ianques disse: “Pra que a pressa, amigo, nós não somos bons o bastante para beber com um ianque?”.

Senti duas pontadas, uma de raiva e a outra de medo. Eu nunca me envolvera em nenhum tipo de briga, e o que me assustava mais não era a possibilidade de me machucar, mas o espetáculo de tomar uma surra na frente de todas aquelas pessoas. Ainda assim, não podia deixar aquilo passar em branco. E disse: “Isso é algo ofensivo de se dizer, senhor”, e preparei-me para

qualquer coisa que viesse a acontecer. Mas no mesmo instante Richard disse: “Acho que também vou, Charlie. Está ficando tarde”.

O sujeito do outro lado da mesa sorriu maliciosamente quando afastamos nossas cadeiras.

Richard inclinou-se para a frente. “Tem mais alguma coisa a dizer, amigo?”

O homem manteve a atitude de zombaria, e Richard disse: “Cuidado, senhor”.

Fink ameaçou começar a rir. “Talvez o senhor é que deva ter cuidado. Caso não saiba, temos maneiras bastante rudes de acertar as coisas por aqui quando alguém é insultado.”

Burton sorriu, a cautela marcada nas cicatrizes do rosto. “Ninguém foi insultado... ainda. Podemos todos ir dormir e cuidar da nossa vida amanhã de manhã.”

“Isso é verdade.” Fink afastou-se um pouco da mesa. “A menos que escolhamos fazer diferente.”

O sorriso desapareceu do rosto de Burton. “Isso seria uma infelicidade, mas seria a sua escolha. E creio que, de acordo com seu próprio código, eu teria a escolha das armas em qualquer disputa que não puder ser resolvida. E assim sendo, eu escolheria espadas.”

Fink endireitou-se na cadeira. “Quem diabos ainda tem uma espada hoje em dia?”

“Eu tenho.”

Os dois se encararam. “Bom, eu não tenho”, disse Fink.

“Eu posso arranjar-lhe uma. Se surgir um motivo para isso. O que não aconteceu. Ainda.”

De repente, o homem riu, não da maneira zombeteira de antes, mas uma risada claramente regada a cerveja, que misturava camaradagem e inquietação.

“Não tenho nada contra você, amigo. É muito bom que todos aqui conheçamos os limites, né?”

E em meio àquele clima nervoso, nos retiramos.

No corredor para os quartos eu disse: “Eu teria brigado com ele, se fosse o caso”.

“Eu sei que sim. Nunca duvidei disso.”

“Você não precisa tomar conta de mim, Richard. É importante que saiba disso.”

“E eu sei. E peço desculpas se pareceu assim.”

“Claro que pareceu assim. E de que outra maneira pareceria? Você nem tem espadas.”

“Não. Mas ele não sabia disso.”

“Meu Deus, e se ele o tivesse desafiado?”

“Então a questão teria se tornado muito mais séria, e ele se esqueceria da escolha de armas.”



Em meu quarto fiquei acordado, olhando para o teto escuro. Todos os pensamentos daquele dia voltaram à minha mente, como uma enxurrada, e minha raiva voltou trazendo dúvidas enormes sobre a natureza de nossa viagem. Vi o rosto de Richard em meu teto e ele estava sempre fazendo suas anotações. Eu achava que eram para um livro novo, mas agora eu me perguntava o que ele estaria realmente escrevendo naquele caderno. Senti que nossa amizade havia se comprometido seriamente — talvez, de maneira insana, por nada mais do que minha própria imaginação — e eu sabia que, em algum momento, aquilo teria que ser discutido. Eu temia a reação de Richard, pois, na verdade, não o conhecia bem o bastante para iniciar uma conversa desse nível de sensibilidade. Pessoalmente, nunca alimentei rancor em relação à Inglaterra. Havia aceitado Richard como meu amigo com enorme prazer, mas meus anos no Departamento de Guerra haviam me dado acesso a informações secretas e a rumores que receberam pouca ou nenhuma atenção na imprensa. Agora, naquele quarto escuro, todas aquelas intrigas misturavam-se na tela de meu teto. O sol nunca se põe no império, pensei, lembrando uma antiga citação; o sol nunca se põe na Inglaterra. Nós só não continuamos a ser servos da rainha devido àqueles rapazes mortos há muito tempo em lugares como Bunker Hill, Saratoga e Nova Orleans. Será que estávamos realmente em paz? O atrito entre nossas nações nunca havia realmente cessado desde 1815, e Palmerston, aquele velho diabo, sempre parecia estar na origem de tudo. Em seus quarenta anos de carreira política ele nunca deixara de ser um agitador. Quase podia sentir sua amargura invadindo meu quarto, perturbando meu sono, e agora eu me lembrava de incidentes sobre os quais havia lido, nos relatórios que haviam circulado pelo

governo. Eu sabia que anos antes a Inglaterra havia apreendido arbitrariamente nossos navios e forçado nossos rapazes a servir em sua Marinha. Ouvi dizer que o país havia dado auxílio aos nossos índios, incentivando-os a atacar os assentamentos de fronteira. Todos sabiam o quanto a Inglaterra havia tentado impedir que o Texas entrasse para a União, e havia rumores persistentes de que ajudara a financiar a guerra do México contra nós. Sem dúvida não era segredo que a Inglaterra tinha planos concretos para a América do Sul desde a nossa Revolução, e ela sempre se ressentira da Doutrina Monroe, tentando enfraquecê-la. Por que agora se intimidaria quando a nação orgulhosa que lhe causara tantos e sérios ressentimentos começava a enfrentar graves problemas?

Senti um ardor de vergonha diante de minha desconfiança, que só aumentou na madrugada, até que, em algum momento antes de amanhecer, finalmente consegui dormir.



Eu estava muito desanimado no dia seguinte: a falta de sono combinada com minhas dúvidas cada vez maiores deixou-me nervoso novamente. Eu ficaria muito mais feliz, pensei, quando Marion, este vilarejo atolado na lama, estivesse às nossas costas. O trem para Florence estava atrasado, mas Richard havia conseguido passagens em uma diligência que nos deixaria lá no final da tarde. Quando estávamos saindo da hospedaria, um outro incidente tenso aconteceu. No final das escadas, virei-me para falar alguma coisa com Richard e trombei com alguém que vinha pelo outro lado. Imediatamente pedi desculpas, então vi que era Fink, meu antagonista da noite anterior.

De repente, como se tivesse sido tomado por algum demônio, eu disse: “Sr. Fink, lamento ter me chocado contra o senhor, mas ao mesmo tempo preciso dizer-lhe que seu comportamento na noite passada foi indesculpavelmente rude. Posso ser afável o bastante para me tornar bode expiatório da noite, mas seus repetidos insultos à minha origem foram intoleráveis”.

Ele olhou para Richard, que estava atrás de mim.

“Por favor, fale comigo, senhor. O Sr. Burton não está envolvido nisto.”

Por um momento ele hesitou. Eu tinha certeza de que ele iria entrar na

batalha, mas ele sorriu e disse: “Foi a cerveja falando por mim, amigo. Eu fico assim toda vez que bebo demais”.

Entendi isso como um pedido de desculpas e partimos para Florence uma hora depois.



Outro vilarejo atolado na lama. O que Burton via em lugares assim, ou o que estava aprendendo com eles, continuava a ser um mistério para mim, enquanto nos alojávamos em uma nova hospedaria. Porém o lugar revelou-se uma surpresa agradável, uma construção que se espalhava pelo terreno com, no mínimo, sessenta anos, e cuja fachada aparentava essa idade, mas o interior era quente e bem arrumado. Chamava-se Ponto de Encontro do Wheeler.

Tivemos um jantar maravilhoso, um prato simples de codorna com arroz-silvestre e diversos acompanhamentos comuns, mas preparado com tal cuidado que era extraordinário.

Era de longe a melhor refeição que eu havia tido em qualquer restaurante em minha memória recente, superando sem esforço os mais renomados restaurantes de Washington.

“Que comida maravilhosa”, disse Burton, chamando o dono da hospedaria para cumprimentar o cozinheiro. O homem ficou grato, mas disse que nós mesmos poderíamos cumprimentá-la.

Uma mulher foi chamada na cozinha, e quando ela entrou percebi que Burton endireitou-se na cadeira ao meu lado. Era uma jovem realmente bela. “Esta é minha filha, Marion”, disse o dono da hospedaria.

Burton e eu nos levantamos, ela fez uma delicada mesura, e Richard saiu de trás da mesa. Ele se aproximou totalmente seguro de si e pegou-lhe a mão. “Sr.

Wheeler” disse Richard sem nunca tirar os olhos do rosto dela, “sua filha é um tesouro nacional. A cidade de onde acabamos de vir deve ter sido batizada em honra a ela.”

“É mais provável que tenha sido em honra a Francis Marion”, disse ela, travessa. “O nosso herói da Revolução. Meu nome veio de minha mãe.”

“Seja lá de onde tenha vindo”, disse Burton, “os melhores

estabelecimentos de Londres não chegam aos seus pés.”

Ela acolheu o elogio de maneira educada, mas com a indiferença de quem já ouviu tudo isso antes. Richard perguntou-lhe onde havia aprendido a cozinhar e ela disse: “Com a Sra. Simmons e a Sra. Randolph — com nossa criada Queenie e com minha avó”. A Sra. Simmons e a Sra. Randolph eram, na verdade, autoras de livros de culinária muito populares, que Marion tinha em uma prateleira no quarto dos fundos. “Sempre que podemos, compramos um desses livros para ela”, disse o pai. “E minha mãe deixou-lhe muitos cardápios e receitas excelentes em um caderno. Ela usa tudo. Um estabelecimento como o nosso tem que ser tão bom quanto sua comida.” Burton, sempre galanteador, disse: “Sua comida é realmente muito boa”, e Marion fez outra medida e foi embora.

“Eis um dos motivos para eu parar nestes lugarejos”, disse Richard enquanto nos acomodávamos novamente. “A gente nunca sabe o que vai encontrar.”

Nunca me ocorreu que tivéssemos “encontrado” alguma coisa, com certeza não no sentido em que Richard obviamente usara a palavra. Eu era feliz no casamento: nunca trairia minha mulher correndo atrás de outras mulheres, mesmo uma tão encantadora quanto Marion. Mas eu também não era nenhum puritano, e em meio à minha recente inquietação eu estava ansioso para não ser um desmancha-prazeres. Richard, em seus trinta e nove anos, ainda não estava preso a ninguém, além de ser uma impressionante figura masculina. De fato, embora já tivesse formado um forte laço com Isabel Arundell na Inglaterra e fosse casar-se com ela antes de o ano terminar, eu não tinha como saber disso e, na verdade, nem sequer tinha ouvido o nome dela ainda. Ficamos sentados no quarto de Richard, tomando conhaque, e ele parecia estar no auge do contentamento. “Esta é de fato uma excelente hospedaria”, disse ele. “Tem até um lugar para tomar banho atrás da casa, e esse é o tipo de requinte que não se pode desprezar. Estou tentado a ficar mais um ou dois dias. Você se importa?” Na verdade, eu mesmo estava gostando do lugar. “De maneira alguma”, eu disse. “Não se preocupe comigo: acharei o que fazer.”

Fui para o meu quarto, mas novamente foi difícil dormir. À meia-noite acordei pela terceira vez, queimando com a sede que me dá sempre que bebo muito álcool. Levantei da cama, andei tateando pelo corredor escuro, na esperança de que ainda houvesse alguém no andar de baixo que pudesse me dar um copo d'água. Assim que cheguei ao topo da escada pude ouvir as

vozes: a risada baixa de Richard e, pouco depois, a dela. Pensei em me juntar a eles, mas parei logo no primeiro degrau. Eu podia vê-los de onde estava: eles estavam sozinhos, sentados à mesa diante de xícaras de um ponche fumegante, Richard esparramado na cadeira, Marion a seu lado em uma postura que mudava a cada momento, criada, companheira e moça levada, tudo ao mesmo tempo. A mão direita dele segurava a bebida; a esquerda cobria a dela com tal intimidade que fiquei chocada com a rapidez com que tudo aconteceu. Nós a havíamos conhecido fazia apenas seis horas, e no entanto havia algo entre eles que ninguém deixaria de reparar. Já se portavam como antigos amantes.

Comecei a voltar para o meu quarto, mas um pedaço da conversa deles me seguiu. Marion havia mencionado o meu nome.

“Será que seu amigo Charlie não ficaria chocado se nos visse agora?”

Burton riu. “Charlie não me preocupa. Já o seu pai é outra história.”

“Ele foi para cama há horas. Nem um terremoto poderia acordá-lo, e ele acorda tarde também. Não me lembro de uma única ocasião em que tivesse dormido menos de dez horas.”

“Bem, se Charlie ficar chocado, ele logo supera isso.”

“Se você diz. Ele ainda me parece meio chato.”

“Engano seu”, disse Richard. “Ele é um grande camarada, um dos melhores que já conheci. Tem a coragem de um leão, embora nem sempre saiba o que fazer com ela. E também um excelente senso de humor.”

“Vou acreditar em você. Mesmo assim, não é nele que estou interessada.”

“Sorte minha, espero.”

“E minha também.”

“Marion.”

Richard beijou-lhe a mão. “É um nome lindo, e você o usa como se fosse um título de nobreza. Como se a lady Marion de Robin Hood tivesse renascido de repente.”

“Ah, Sir Richard, você é um mentiroso sem-vergonha.”

“Sir Richard não... por favor, isso não. Você nunca vai ouvir tal honra associada ao meu nome. Se a rainha não tem discernimento suficiente a ponto de conceder de maneira tão descuidada esse cobiçado título, existem muitos a quem ela ouve e que terão o prazer de dizer-lhe o porquê de recusar tal honraria.”

“O porquê é bem claro. É porque você é um salafrário.”

“É o que dizem.”

Seja lá qual fosse a honra que Richard havia visto em mim, ela não me permitiu ficar bisbilhotando mais um único segundo, e eu os deixei em paz. Fiquei deitado no escuro, cheio de orgulho pelas palavras dele. Certa vaidade e uma imaginação ativa me mantiveram acordado pela segunda noite seguida.

À primeira luz do dia ouvi um barulho do lado de fora de minha janela, que estava semiaberta. A janela dava para o quintal, e o lugar para banho que Richard havia mencionado estava bem abaixo. Era uma cabine mal-acabada de madeira, circular com uma lona presa ao seu redor, um tanque perfurado de aço suspenso acima da altura da cabeça de uma pessoa, uma cordinha que, quando puxada, deixava cair a água sobre quem estivesse lá dentro, e uma escadinha improvisada para que algum empregado subisse e colocasse água no tanque. E foi então que tive um verdadeiro choque! Richard apareceu no quintal totalmente nu, uma mancha pálida atravessando a noite uma hora antes do nascer do sol. Ele abriu a lona e entrou na cabine, e um instante depois Marion, ainda usando o vestido da noite anterior, mas com uma aparência muito mais desgrenhada, saiu carregando um grande balde com água fumegante. Ela subiu a escadinha e despejou a água, e eu ouvi o tanque abrir quando Burton puxou a corda. Ele deu um suspiro profundo, e ela riu dele. Quando saiu ela estava lá com uma toalha grande, que colocou sobre os ombros dele, esfregando-o de maneira delicada, afetuosa, sensual.

Ficamos em Florence mais um dia, e mais outro, e mais outro. No terceiro dia caminhamos juntos até um pequeno cemitério, Richard, Marion e eu, e lá vimos um túmulo onde a mãe dela descansava. *Jennie Marion Wheeler*, dizia a lápide: *Amada Esposa e Mãe, 1812-1843*.

“Ela morreu no meu parto”, disse Marion, e alguma coisa em seu rosto, marcado com a profunda tristeza por uma mulher que ela nunca havia conhecido, comoveu-me quase até as lágrimas. “Que grande pena”, eu disse com a voz trêmula. “Isso acontece com muitas mulheres. Nós achamos que somos tão evoluídos, mas a ciência médica não evoluiu um centímetro em relação à saúde das mulheres desde a época de César.”

Ela olhou para mim e sorriu meigamente, então alcançou minha mão e apertou-a. Isso é o que mais me lembro dela: além de sua ligação com Richard, o calor que vinha da mão dela e um sorriso que tem me acompanhado há três décadas.

Naquela noite nos sentamos na varanda dos fundos ouvindo os negros que cantavam. Os Wheeler tinham meia dúzia de negros que trabalhavam na

hospedaria. Nunca descobri se eram escravos ou homens livres, embora o pai não me parecesse de forma alguma um dono de escravos. Burton em especial ficava encantado com essas melodias: “Algumas delas são muito semelhantes a melodias de canções tribais que ouvi na África”, disse ele. “A única diferença aqui é o acréscimo do homem branco, a inclusão do aspecto espiritual cristão.” Ele escrevia rapidamente à luz da fogueira, tentando registrar as palavras e compará-las com as lembranças que tinha de suas origens africanas.

Saía toda noite para anotar as letras das canções, e em momentos curiosos ao longo de nossa viagem eu o ouvia cantando-as baixinho, comparando-as com outras que ia recolhendo pelos estados do Sul.

Partimos no começo da semana seguinte. Olhei para trás e vi Marion e o pai observando nossa partida, mas Richard não acenou para eles nem olhou para trás. Achei aquele comportamento bastante frio, considerando o tipo de amizade que tiveram e a certeza de que nunca iriam se ver novamente. “Eu me despedi antes”, ele me contou.

“Não havia sentido em fazê-lo de novo.”



Charleston agora parecia estar bem perto. Mas tivemos que suportar uma outra noite na estrada, e que noite infeliz foi aquela! Era demais esperar que houvesse uma outra hospedaria excelente em uma região tão remota, e acabamos ficando no pior lugar possível jamais imaginado por todos os anjos do inferno. A estrada de Florence a Charleston era uma centena de quilômetros de total desolação. Eu nunca vira nada igual; o aspecto sufocante, denso, só era interrompido de vez em quando por algum assentamento com uns poucos cidadãos esfarrapados e as choupanas rudes em que moravam. Havia árvores cobertas com musgo, pântanos, e ao redor uma crescente floresta de pinheiros escuros: imensa, incessante, cada vez mais intimidadora. Esqueci o nome do lugar onde ficamos naquela última noite antes de Charleston. Burton pareceu satisfeito com ele, e tive que me contentar com aquilo, porque estava escurecendo rápido e mesmo ele não queria estar na estrada numa noite daquelas e com todas aquelas árvores ao redor.

A hospedaria era administrada por uma velha e dois simplórios toscos e grandalhões, que aparentemente eram seus filhos. A mulher tinha uma cara de bruxa, esquelética e cheia de falhas onde antes havia dentes; os homens conversavam por grunhidos e também estavam perdendo os dentes. O único nome que ouvi aplicado a um dos dois foi Cloyd. A mulher tentou ser amistosa, mas isso teve um efeito que considerei assustador. Deram-nos um guisado muito ruim feito com alguma carne fibrosa, que mal experimentei e Burton nem sequer tocou. Ele já estava desconfiado de alguma coisa, e nos recolhemos logo depois de nossa chegada.

“Não confio nessas pessoas”, disse Richard. “Acho que deveríamos ficar juntos esta noite, com um de nós acordado o tempo todo.”

Isso era alarmante, e o que ele disse em seguida foi mais ainda—, “Aposto que existe mais de um buraco de escoamento de esgoto naquele pântano. Do tamanho de um homem adulto”.

“O que você está dizendo?”, perguntei estupidamente. “Que eles nos matariam?”

“Não seria a primeira vez em que um dono de hospedaria liquida o hóspede para ficar com seu dinheiro.”

Ele se ofereceu para pegar qualquer um dos turnos. Não fazia nenhuma diferença: eu estava cansado de minhas noites de sono irregular, mas dificilmente dormiria depois de ouvir aquilo. Fiquei com as seis primeiras horas, abandonando meu próprio quarto para me acomodar em uma cadeira no de Richard. “Se ficar cansado, me acorde”, disse ele. “Não se preocupe com a hora. Daqui a seis horas ou daqui a seis minutos, não me importo.”

Sob a luz de um lampião de querosene, ele tirou uma arma de uma de suas malas. Colocou-a em minha mão e foi para cama enquanto me sentei à porta e apaguei o lampião.

Aquela ia ser uma noite bem longa, e eu levei minha responsabilidade bastante a sério. Eu não posso, não posso, dormir!

Richard dormiu na hora. Eu fiquei sentado no que me parecia ser um vácuo incrivelmente escuro, ouvindo a respiração dele. Ele roncava de leve e os minutos se arrastavam.

Eu não tinha a menor ideia de que horas eram, e logo em seguida o tempo pareceu estar parado.

Em algum momento muito depois ouvi um barulho no corredor: um único passo e o leve ranger do assoalho. Levantei-me com a arma na mão. Ouvi um som de pancada do lado de fora da porta. Coloquei a mão na

maçaneta e entreabri a porta — apenas o suficiente para dar uma olhada no corredor. Não consegui ver nada a princípio, mas então percebi dois vultos grandalhões e um menor que estavam mais ou menos perto dali. Eu os ouvi cochichando, porém o tom da conversa era tão baixo que não fazia sentido algum. Abri a porta um pouco mais e engatilhei a arma. Aquilo produziu um som alto e inconfundível naquela quietude, e de repente tudo pareceu congelar, todos nós paramos onde estávamos, menos Richard, que se levantara de repente e estava ao meu lado. Esperamos, mas nada aconteceu: eles haviam desaparecido.

De novo no quarto, Richard acendeu o lampião. “Bem, isso resolve tudo. Temos que ficar alertas.” Perguntei se ele havia dormido, ao que respondeu: “Como um bebê”.

Experimentei uma grande sensação de camaradagem e orgulho por sua confiança em mim. Perguntei se fazia ideia de que horas eram — meu relógio havia parado às oito e meia. “Minha intuição me diz que deve ser perto de meia-noite”, disse ele. “É sua vez de descansar.” Protestei — eu não estava nem um pouco cansado —, mas o que era certo, e ele insistiu para que eu dormisse. Então me deitei, o colchão ainda quente, fechei os olhos e dormi, profundamente, por muitas horas. Quando o dia nasceu, ainda experimentava aquela sensação de afinidade que tolamente considerava ainda estar presente no calor do corpo de Richard.

Quando partimos, não vimos a proprietária, nem seus filhos. “Eles não têm coragem”, disse Richard. “Sabem que percebemos as intenções deles e só vão voltar, como a ralé que são, depois que formos embora. Eles me fazem lembrar de Burke e Hare, os infames assassinos escoceses. Um segurava enquanto o outro sufocava a vítima, mas desconfio que esses três tinham planejado mortes mais rápidas e violentas para nós.”

Então fomos para a estrada novamente. Eu já havia estudado os meus mapas: sabia que Charleston localizava-se no fim de uma extensa e tortuosa península, com rios largos de ambos os lados desaguando em uma enseada espetacular. Era fácil para um cartografo visualizá-la da mesma maneira que uma águia em voo a veria, ou seja, como um comprido pescoço de ave. Não me surpreendi ao descobrir que, de fato, a parte mais alta da península chamava-se “The Neck” [o pescoço]. Descemos pelo lado leste do rio, em uma estrada que levaria através do vilarejo de Mount Pleasant e a poucos quilômetros do forte Moultrie. A estrada alternava terra batida com trechos com pranchas de madeira, e suponho que percorremos o caminho em um bom

tempo, pelo padrão de viagem que Richard havia escolhido para nós. O trem teria evitado tudo isso e nos faria chegar um dia antes, mas isso era tão óbvio que não comentei. Quando se viajava com Burton, essa era a melhor atitude.

Havia uma ameaça de chuva no céu, o que teria piorado em muito a nossa situação, pois a estrada estava irregular e lamacenta em alguns lugares devido a uma chuva de dois dias antes. Charleston estava no horizonte: Richard disse isso mais de uma vez, mas na verdade agora estávamos entrando na floresta densa, eu não via nada no horizonte, além das mesmas árvores. Tínhamos que atravessar um rio antes de chegarmos a uma faixa de terra que se estendia até o mar. Richard passou o tempo conversando animadamente com o dono da balsa, acerca de algum assunto sobre o qual só consegui imaginar. “Esse é o braço leste do rio Cooper”, disse ele quando nossa diligência recomeçou a andar. “Estamos quase lá.”

Não tive dificuldade para acreditar naquilo, tal era a minha felicidade por termos saído da escura e lúgubre floresta. “Nossa sorte está mudando”, eu disse: “Não choveu, afinal.” Richard sorriu, indiferente, como se aquilo não importasse. Tínhamos que fazer uma nova travessia, dessa vez o rio Wando, com suas vastas áreas pantanosas, e agora eu podia ver os inconfundíveis sinais do mar: brejos e riachos com ervas marinhas, além de um forte cheiro de sal no ar. Mas a noite estava se aproximando, e eu temia que só chegaríamos no dia seguinte, uma terrível perspectiva. O pôr-do-sol era espetacular e iluminava o horizonte cheio de nuvens quando aportamos em Mount Pleasant.

Conseguimos pegar a balsa até a cidade. Fiquei em pé no convés e observei as luzes se aproximando, mas Burton parecia inquieto, andando de um lado para o outro, olhando para o mar, fazendo suas anotações sob a luz fraca. Ele passou o tempo no convés, observando a silhueta escura e vazia do forte Sumter, e perto da popa, onde podia ver o forte Moultrie e as luzes da solitária guarnição federal estacionada ali.

Chegamos às oito horas. “Chega de hospedadas no meio do mato para nós, Charlie”, disse Richard alegremente. “Agora vamos para a primeira classe.”

Ele instruiu o cocheiro para que nos levasse ao melhor hotel e em breve estávamos na rua Meeting em frente a uma construção elegante, de quatro andares, que ocupava todo o quarteirão, iluminada a gás e com uma fachada maravilhosa. Eu estudara um pouco de arquitetura grega na faculdade, e imediatamente adorei aquele hotel e sua magnífica colunata: catorze grandes

pilares coríntios brancos que iam da sacada do segundo andar até o telhado. O Charleston Hotel. Naquela noite dormi o sono dos mortos.



Durante todo o dia seguinte fomos turistas, andando pelas ruas, conversando com as pessoas que encontrávamos, sondando o burburinho da praça do mercado, que não ficava muito longe do hotel, passeando pelo Battery, uma área murada em torno da parte mais alta da cidade, com um enorme campo gramado e onde ficavam algumas das melhores casas antigas da cidade. A vista da enseada era espetacular. Um senhor idoso nos apresentou a pretensiosa opinião de que ali era o lugar onde os rios Cooper e Ashley se uniam para formar o oceano Atlântico. Teríamos dado uma boa risada ao ouvir aquilo, a não ser pelo fato de que o velho, que parecia absolutamente sério, poderia se ofender. Richard ouviu com respeito, mas eu sabia que ele estava mais interessado na geografia do que em qualquer tolice que apresentava essa cidade, por mais adorável que fosse, como o centro da civilização ocidental. De qualquer lugar de Battery podíamos ver o forte Sumter, uma fortaleza de tijolos assentada sobre um banco de areia artificial na entrada da enseada. Dos dois lados a terra se curvava acentuadamente, com o forte Moultrie na ilha Sullivan à nossa esquerda e o forte Johnson na ilha James à direita, o que dava ao forte Sumter a aparência de uma rolha em uma garrafa. “Exatamente”, disse Burton quando fiz essa observação.

“É uma rolha em uma garrafa.”

“Quando estiver terminado, vai tornar a cidade inexpugnável”, disse eu.

“Se terminarem. E se os canhões forem montados, e se os três fortes forem controlados pelo mesmo lado.”

“São muitos se.”

“De fato. E se o lado errado se apossar dele, falando pela perspectiva deles, os canhões poderiam facilmente se virar contra a cidade que o forte deveria proteger.”

Visto dali, o forte era apenas uma mancha, e duvidei que mesmo as armas mais poderosas pudessem alcançar aquela distância. Mas Richard olhou de soslaio e disse: “Você não conhece muita coisa sobre a arte da guerra moderna, meu amigo”, e tive que admitir que aquilo era verdade.

Andamos até a ponta e voltamos. O sol estava quente e o dia era claro, um alívio abençoado para as agruras da estrada, e mais uma vez senti muita alegria por ter vindo. Eu estava na companhia de um homem extraordinário, e ele gostava de mim: o que mais importava? Mas então, enquanto eu observava a fortaleza cercada pela água, Richard continuou andando, e quando o procurei, ele estava afastado, escrevendo freneticamente naquele maldito caderno. Toda a minha desconfiança voltou no mesmo instante. O que ele estava fazendo? Se ele queria espionar, por que me trazer junto? Aquilo não fazia sentido. A dúvida tomou conta de mim mais uma vez, e abruptamente caminhei até onde ele estava, rápido o bastante para poder ver que ele não estava tomando notas, mas fazendo algum tipo de desenho.

“O que você está fazendo?”, perguntei, tentando fazer a pergunta soar como mera curiosidade.

“Só um desenho.” Ele fechou o caderno rapidamente. “Para me lembrar deste dia.”

Mais uma vez aquilo era tão plausível que tinha que ser verdadeiro. A menos que não fosse.

Subimos por East Bay, entramos na ma Chalmers e vimos um leilão de escravos. O prédio tinha uma plataforma em seu segundo andar onde os negros eram expostos e vendidos.

Richard, que deve ter visto esse tipo de acontecimento muitas vezes em suas viagens pelo mundo, ficou observando, fascinado, durante uma hora enquanto uma família de negros era dividida e os grupos acompanhavam senhores diferentes. A dor no rosto da mãe era de partir o coração, e fiquei indignado e com raiva por eles. “Você tem que escrever sobre isso”, eu disse, mas Richard apenas observava, sem dizer uma palavra. “Esses homens são animais”, eu disse, e não foi em voz baixa, e Richard olhou sério para mim e respondeu—, “Tente se lembrar, Charlie, de que agora você está no território deles”.

Fomos adiante. Ainda em East Bay, na rua Queen, vimos o estúdio de um fotógrafo — BARNEY STUYVESSANT, dizia a placa — e perguntei se não podíamos tirar uma fotografia.

“Alguma coisa que registre este dia.”

A tendência de Burton foi a de considerar aquilo uma tolice, mas antes que ele pudesse fazer qualquer objeção séria, entrei no estúdio e acertei tudo. Eu não queria uma fotografia manipulada de estúdio; alguma coisa na rua seria muito melhor, uma imagem que capturasse um pouco do aspecto da

cidade e de sua arquitetura. Burton protestou — não queria participar —, mas o fotógrafo era tão jovem e ávido por fregueses que seu equipamento já estava todo na calçada, e insisti tanto que finalmente ele concordou. O fotógrafo ficou incomodado com a luz — era meio-dia, o sol estava forte, e Burton era um modelo tão relutante que o rapaz sabia que não poderia nos deixar esperando por muito tempo. Ele tentou afastar dois garotinhos de cor, mas Burton não deixou que fossem molestados e deu uma moeda a cada um deles. Por fim, o fotógrafo posicionou-nos ao lado de uma palmeira, com o velho prédio da Casa de Câmbio erguendo-se fabulosamente atrás de nós: Richard sorriu e passou o braço sobre o meu ombro, e pronto! A fotografia que tiramos naquele dia, há muito tempo, ficou perfeita e continua sendo um dos meus mais queridos bens.

Almoçamos no hotel, e eu finalmente puxei o assunto tão temerário. “Você deve conhecer lorde Palmerston muito bem.” Pensei ter dito isso de maneira inocente, mas Richard olhou duro nos meus olhos — não havia como enganá-lo, e sua resposta foi vaga. “Nós nos encontramos algumas vezes em reuniões sociais.”

Forcei o assunto. “O que acha dele?”

“Um homem pitoresco. O tipo de pessoa com quem não se brinca, nem se quer ter como inimigo. Parecido com Calhoun, imagino, ou com algum dos seus sulistas de cabeça quente, especialmente quando lhe fazem oposição.” Um longo momento se passou, enquanto ele me fuzilava com os olhos. “Por que pergunta?”

Outro momento longo, e vi que não seria possível uma mentira ou evasiva. “Richard”, disse eu, encarando-o.

Ele esperou.

“Estou incomodado com algumas coisas.”

“Isso já percebi.”

Senti minhas vísceras tremerem: meu Deus, eu não queria perdê-lo! Naqueles poucos segundos uma dúzia de pensamentos inundou minha mente. Imaginei-o ficando tremendamente ofendido, magoado. Eu o vi levantando-se da mesa, indo embora sem dizer uma palavra, fechando a conta no hotel e desaparecendo no dia claro. Vi a mim mesmo correndo a seu lado, implorando: Não foi por mal, você me entendeu errado! Mas, na verdade, se eu o ofendesse, ele teria me entendido da maneira correta.

Reuni minhas forças e, da maneira mais calma que consegui, disse: “Eu preferia cortar minha língua fora em vez de dizer isso”.

Então, para minha absoluta surpresa, ele disse por mim. “Você está preocupado que eu esteja espionando o seu país.”

“Não”, menti rapidamente. “Não, não, nada disso.”

“Por favor... Charlie.”

Está bem, é isso. Não posso evitar, o pensamento me ocorreu e não me abandona. Eu só não teria dito de maneira tão direta e objetiva.”

“As vezes a objetividade é a melhor maneira. A única maneira.”

“Eu não tinha pensado nisso até estarmos no meio do mato, e você parecia tão preocupado com tudo e com todo mundo.”

Eu te falei, faço isso em todo lugar. É o meu jeito.”

“Claro que é, e eu sei disso. Sei tão bem quanto qualquer um como seus livros foram compilados e escritos. Sei de todas essas coisas e no entanto...”

“Não”, disse ele. “Você pode achar que sabe todas essas coisas, mas não pode entender o volume de material que atravessa a minha mente no decorrer de um trabalho.

Na Índia, por exemplo. Tive que fazer minhas anotações em condições que apenas um entre dez mil escritores suportaria. Condições de trabalho impossíveis, e no entanto lá eu trabalhei, sentado embaixo de uma mesa sob uma chuva interminável, o ar tão quente que eu mal conseguia respirar, o papel rasgando e se desmanchando no instante em que eu escrevia.”

“Você tem razão, não entendo isso. Qual é o motivo para isso tudo?”

“Disciplina, Charlie, disciplina! E serviu-me muito bem. Uma vez que escrevo alguma coisa, eu a memorizo, mesmo se depois as anotações não sobreviverem.”

Ora, pelo menos eu podia acreditar naquilo. Sorri desanimado e disse: “Está bem”, e continuamos a comer em silêncio. Pensei que a discussão havia acabado: se fosse assim, ela fora totalmente insatisfatória de meu ponto de vista, pois Richard ainda não havia respondido pergunta mais difícil de maneira franca. Decidi não falar mais nada a respeito daquilo, resolvi esquecer, mas eu já tinha tomado essa resolução antes, e qual fora o resultado? Depois que um pensamento sombrio nos atravessa a mente, ele permanece lá para sempre.

Então Richard disse: “Compreendo sua preocupação Esta é uma péssima época para sua jovem nação, mais do que eu imaginava do outro lado do mar. Qualquer coisa poderia jogá-los na guerra”.

A Inglaterra, por exemplo, pensei eu: a potência que não conseguiu nos derrotar em duas decididas tentativas quando estávamos unidos, mas que

poderia ter mais sorte se nós estupidamente nos dividíssemos. Mas eu disse: “Isso não vai dar em nada. Essas pessoas são arrogantes e barulhentas, mas não vão destruir a União”.

“Você é ingênuo, se pensa assim.”

Balancei a cabeça. “Na verdade, não penso assim.”

“Não. Isto é um barril de pólvora. Só é preciso um incidente, e essas pessoas anseiam por essa desculpa. É inevitável.”

Tive um calafrio diante das palavras dele, ciente do quanto ele estava certo. Richard tomou café, e me juntei a ele durante outro período de silêncio. Por fim ele disse: “Vou lhe dar uma resposta, mas você não poderá contar a ninguém”.

Senti que o sangue me subiu ao rosto novamente. “Richard, você sabe que não posso aceitar isso.”

“Então vamos colocar as coisas de outra maneira. Você não deve divulgar nada do que eu disser, a menos que isso comprometa seu próprio senso de lealdade para com o seu país.”

“E se isso acontecer?”

“Se isso acontecer, você está livre para dizer ou fazer o que quiser.”

Eu ainda estava incomodado. Ele sorriu e disse: “Fica muita coisa a seu critério, Charlie. Não posso ser mais razoável nem mais confiante do que isso. E se você pensar bem, essa proposta diz muito a respeito de minha crença na sua honra”.

Fiquei comovido por aquelas palavras, mas eu sabia o que ele realmente estava dizendo. Minha honra poderia ficar limpa, por qualquer motivo de minha própria escolha, mas eu sabia que nossa amizade se perderia.

Burton bebericou o café e disse: “Não estou espionando vocês, meu amigo. Acontece que existem assuntos pessoais envolvidos. Questões não resolvidas na Inglaterra.

Coisas com as quais ainda não decidi como vou lidar — coisas pessoais que influenciaram minha decisão de vir para cá. Não quero que todo mundo fique sabendo dos meus negócios. Isso não é razoável?”.

“Claro que é”, eu disse, mas sabia que o tom de minha voz não era convincente.

Ele fez um pequeno gesto de impaciência e acendeu um cigarro. “Droga, você tocou no assunto e agora temos que tratá-lo. A alternativa traz muito poucos atrativos para qualquer um de nós. Devemos romper nossa amizade cheios de desconfiança.”

“Isso eu não posso aceitar. E não vou.”

“Então o que me diz?”

Por prudência, concordei com um aceno de cabeça.

Durante algum tempo pensei que ele não ia me contar nada. Mesmo quando o fez, sua fala foi sinuosa e pouco objetiva.

“Você deve ter ouvido que ao voltar para casa, vindo da África, fui recebido como um proscrito. Se essa triste notícia ainda não chegou aos Estados Unidos, ela chegará.

E a situação só fica pior à medida que Speke publica suas opiniões. Em meu próximo livro, que está no prelo, menciono nossas diferenças, ainda que brevemente. Mas Speke e eu estamos em um desacordo impossível de ser resolvido: ele reivindicou a descoberta do grande lago, insistindo que apenas ele deve ser a origem do grande rio Nilo. Não importa que ele não tenha evidências científicas: ele viu nada mais do que um enorme corpo de água, nem mesmo a descoberta de um rio que saísse de lá, para o norte ou para qualquer outra direção. Assim, tudo continua sem ter sido provado, e de fato nada se pode provar sem uma outra expedição. Nada disso importou diante do júbilo da ocasião. As pessoas queriam um herói, e Speke chegou em casa primeiro e lhes deu um. Às minhas custas, se é assim que deveria ser.”

Torceu o nariz com ironia, mas era impossível não ver a mágoa em seu rosto. “Tínhamos um acordo: discutiríamos tudo primeiro, antes de qualquer publicação ou discurso.

Decidiríamos juntos sobre o que havíamos encontrado e o que significava. Mas eu estava queimando de febre, e Speke voltou para casa sozinho e às pressas. Seu livro, se é que vai escrever um, o que não consigo imaginar — meu Deus, o homem é quase analfabeto —, mas observe, os editores vão persuadi-lo a escrever, esse livro será calculado para um efeito acima de quaisquer outros: a glorificação de Jack Speke. O público já acredita nisso, sem pestanejar, então do que mais um editor precisa? Dane-se a verdade.”

Seus olhos perderam-se na distância. “O Nilo”, disse ele quase melancolicamente. “Você sabe há quantos séculos as pessoas se perguntam de onde ele vem? Mas ninguém conseguiu penetrar aquele deserto até que Speke e eu o fizemos.”

Tomou um gole do café. “Tenho muitos inimigos em Londres, Charlie. Uma pessoa tem que escolher em que acreditar, e muitas pessoas escolheram acreditar nos relatos de Speke. E em suas calúnias.”

“Acredito em você”, disse eu. “Não acredito que você possa escrever uma só linha que não seja verdade.”

Ele sorriu com gratidão. “Vou lhe contar uma das coisas mais verdadeiras e horrendas sobre a natureza humana. Se um homem trai um amigo, mesmo que só um pouco, ele precisa se voltar completamente contra esse amigo e destruí-lo. É isso que Speke deverá fazer comigo agora. Só eu sei o que aconteceu. Eu sou a maior ameaça da vida dele, portanto não existe outra maneira de confirmar o que ele disse. E talvez de ele se livrar de um pouco de aversão por si próprio.”

Ele baixou os olhos para a xícara. “Jurei que, depois de Speke, eu nunca mais confiaria em homem algum, mas aqui estou, confiando em você.”

Houve outro longo silêncio, como se ele, entre todas as pessoas, não pudesse encontrar as palavras que buscava. “Escute, Charlie, isto não deve soar de forma alguma como autocomiseração.”

No mesmo instante eu disse: “Eu nunca pensaria isso de você, Richard. Nunca”.

Ele ergueu um pouco a cabeça. “Existe uma mulher com quem decidi me casar.”

Dei-lhe meus sinceros parabéns e previ que ele apreciaria muito a vida de casado. Mas ele pareceu incerto e disse: “A família dela se opõe com todas as suas forças.

A mãe dela é impossível”.

Meu olhar expressou o quanto eu lamentava.

Ele disse: “As coisas são assim. Se eu tivesse retornado como herói, muitas coisas poderiam ser diferentes. Mas voltemos ao primeiro-ministro”.

“Sim.”

“Lorde Palmerston não foi rude comigo, como alguns outros. Ele me convidou para ir à casa dele. Tivemos muitas conversas confidenciais. Foi ele, na verdade, quem sugeriu que eu viesse para cá.”

De repente me senti alarmado: havíamos nos movido perigosamente para perto daquele ponto, criado por Richard, em que havia margem para ação. Mas ele disse: “Não houve nenhuma intriga. Palmerston apenas disse que, no meu lugar, e naquelas circunstâncias, ele empreenderia uma nova viagem, algo completamente inesperado. Para os Estados Unidos, por exemplo”.

Ele acendeu outro cigarro. “Essa foi a primeira vez em que pensei no assunto. Mas gostei da ideia logo de saída. De repente pareceu-me muito

adequado. Eu não conseguia mais suportar Londres.”

“E isso foi tudo?”

“Quase tudo. O primeiro-ministro chamou-me à sua casa novamente, pouco antes de eu partir, para dizer que estaria ansioso para ouvir minhas impressões sobre os Estados Unidos quando eu voltasse.”

“Mas sem uma expectativa específica. Nenhuma missão, por assim dizer?”

Ele riu baixinho. “Nenhuma missão, Charlie. Eu realmente tenho uma lista de pessoas que ele quer que eu visite. Para cumprimentá-las por ele.”

“Sulistas, você quer dizer. Pessoas de Charleston”

“E outras. Vou até a fronteira. O seu secretário de Guerra foi muito prestativo nesse sentido. Ele me deu uma carta para o comandante do forte Moultrie.”

Deixei isso passar. Não havia razão para contar a Burton sobre meu desprezo em relação ao Sr. Floyd. Que diferença faria aquilo de que eu suspeitava ou o que pensava?

“Mas, no geral, esta viagem é para a minha própria renovação”, disse Richard “Algo de que eu precisava muito. E que, por sinal, estou encontrando.”

Categoricamente, ele disse: “Espero que isso o satisfaça”.

“Claro que sim.”

Seria bom que fosse verdade, pensei.

E com isso encerramos a conversa. Mas ela nunca encerrou de fato.



Richard.

Os olhos dele eram tão cheios de mistério, sua presença tão discretamente formidável. Ele não era nada daquilo que eu pensara que fosse. Comigo sempre foi gentil e respeitoso, e acho difícil imaginá-lo como a figura intimidadora e com frequência temida que os outros viam nele. Os retratos pintados por seus biógrafos, pelos relatos na imprensa antes e depois de sua morte, e mesmo nos escritos da viúva, mais de trinta anos após os eventos que estou descrevendo, deixam de lado muito do Burton que conheci. Não posso contestá-los: quem sou eu para contestar alguém? O que fui eu em

comparação a Isabel ou aos homens que passaram anos estudando a vida dele? No máximo uma autoridade informal. O tempo que passamos juntos foi tão breve, e tudo o que posso ser é a autoridade sobre aquelas poucas semanas. Hoje percebo o quão fortuito foi tudo aquilo: poderíamos muito bem não termos nos conhecido e nunca saberíamos o que cada um de nós proporcionaria ao outro. Mas nos conhecemos, e sei que tive pelo menos uma pequena influência na vida de Richard, e seria impossível exagerar o enorme efeito que ele teve na minha. Em quarenta anos não houve um único dia em que não pensasse nele, ou escrevesse para ele ou relesse minhas passagens favoritas de sua obra.

Foi só por acaso, quando olhava as prateleiras de uma livraria de livros usados em Nova York, que vi o nome dele pela primeira vez. Em uma cesta de pechinchas vi um pequeno volume encadernado em pano vermelho: seu livro de 1853 sobre treino com baionetas. Hoje em dia é uma peça rara, mas na época parecia-se com qualquer livro de interesse limitado, jogado no meio dos títulos em liquidação. O que naquele livrinho me atraiu e, em última análise, me conduziu a esta maravilhosa viagem? Teria sido a mão da Providência em ação? Lembro-me de folheá-lo, hesitante, esperando que minha acompanhante terminasse as compras de Natal em uma estante cheia de títulos encadernados em couro que ficava atrás do balcão. Olhei as gravuras e, sem o menor interesse pelo assunto, joguei-o de volta à cesta. Afastei-me dali e fui olhar outras estantes, mas alguma força atraente — de que outra forma posso dizer? — puxou-me de volta para a cesta das pechinchas. Pela página de rosto pude ver que o autor era, na época, tenente no Exército em Bombaim, que havia escrito sobre suas viagens ao Sind, a Goa e às Montanhas Azuis. Nenhum desses relatos me interessou na ocasião, mas Burton também havia escrito um livro sobre falcoaria, e eu era um amante das aves, portanto esse texto me atraía. Comprei o livro sobre baionetas por puro capricho, e quando estávamos saindo da livraria, minha futura esposa viu minha compra e comentou: “O que você vai fazer com essa coisa horrível?”. Uni-me a ela em uma risada às custas de Burton, dizendo: “Não foi grande perda, deixou-me apenas cinco centavos mais pobre”. O que nunca consegui fazê-la entender foi como meu envolvimento com Burton se desenvolveu de maneira rápida e profunda. Mesmo depois de saber “como” e “por que”, anos mais tarde, ela ainda não entendia. Algumas coisas, como Burton fazendo suas anotações em condições impossíveis na Índia, simplesmente não podem ser compartilhadas. Um amigo pode escutar, como

eu escutei, sobre a mesa, a chuva e o papel se desmanchando enquanto ele escrevia, mas ninguém pode verdadeiramente conhecer a experiência do outro. No começo não dei muita importância, mas quase de imediato procurei e li seu livro sobre falcoaria, e depois as obras sobre Goa e o Sind. Havia alguma coisa maior do que a vida nas palavras dele, algum sentido misterioso das coisas, uma postura que me atraía de um livro para o outro. Entrei em contato com o editor dele na Inglaterra, John Van Voorst, e obtive um exemplar do livro sobre falcoaria. Mas foi o monumental empreendimento de suas viagens a Meca e Medina que prendeu minha mente e excitou minha imaginação. Foi então que me tornei um sério colecionador da obra de Burton.

A mão da Providência me guiara a ele, e ele a mim. Podem me chamar de egoísta sentimental, podem me chamar de tolo, mas é nisso que acredito.



Ficamos em Charleston uma semana. No terceiro dia, Richard desapareceu por quase trinta e seis horas.

Ele havia reclamado de dor de cabeça depois de uma noite de muito álcool, e eu saíra para passear em Battery sozinho. Na verdade, fui muito além de Battery, andando por toda a volta da cidade e depois por uma trilha que acompanhava o rio Ashley. Passei horas caminhando, observando as pessoas, conversando com estranhos e tomando sol. Perdi a noção do tempo com um grupo de negrinhos pescando caranguejos na margem do rio, fascinado por sua estranha linguagem e encantado com a pescaria. O sol estava bem baixo sobre o rio quando finalmente voltei para a cidade: de repente percebi que havia estado fora o dia todo.

No hotel havia um recado para mim: *Procurei você e esperei o máximo que pude. Fui encontrar algumas pessoas. Achei que você voltaria a tempo de nos acompanhar. A oportunidade surgiu de repente e talvez não volte a acontecer. Vejo você amanhã. Richard.*

Aquilo era decepcionante, mas a culpa era toda minha. Não importava: eu desfrutaria a noite sem a companhia de Richard. A cidade era exótica; eu iria sozinho explorar-lhe os sabores, os sons e as imagens. Vesti-me de maneira apropriada para a ocasião e estava disposto a encontrar uma. Na

recepção perguntei ao funcionário sobre entretenimentos, e ele me sugeriu um sarau musical e um melodrama aos quais se podia ir a pé do hotel. Eu poderia ir a qualquer um dos dois e ainda tinha tempo para um bom jantar antes do início dos espetáculos. Ele me deu o nome de diversos restaurantes; então, quando me virei para ir, ele disse: “Havia um recado do Sr. Burton. O senhor recebeu?” Respondi que sim e agradeci. “Que pena”, disse ele. “Por pouco o senhor não o encontrou.”

Eu já estava na rua quando o que ele disse me fez parar. Voltei à recepção e pedi-lhe que explicasse o que havia dito. “É que ele saiu logo depois do senhor”, e meu coração afundou.

Fui esmagado por aquela prova de que Richard tinha mentido. Ele não tinha me procurado de jeito nenhum; ele tinha observado o momento em que saí. Se havia alguma verdade em seu recado, era apenas que ele havia ido se encontrar com algumas pessoas. É isso, pensei com amargura. Está visitando pessoas que não quer que eu conheça nem sequer saiba que ele encontrou.

Eu havia optado pelo melodrama, mas agora estava muito mal-humorado para apreciá-lo. Também não estava com fome — normalmente faço três refeições por dia e não havia comido nada desde a manhã, mas naquela altura dos acontecimentos, a perspectiva de uma refeição era, no mínimo, pouco atraente. Perambulei pelas ruas e só consegui ver um curso de ação possível. Eu precisava interromper aquela viagem. Bastava de conversas: eu iria acabar com a possibilidade de outras mentiras retirando-me do jogo de Richard, fosse lá qual fosse. Eu simplesmente diria que alguma coisa no clima do Sul havia começado a afetar a minha saúde e eu precisava pegar o primeiro vapor para o Norte — no dia seguinte, se possível. Se ele podia mentir, eu também podia, pensei, de maneira infantil.

Richard, é claro, saberia a razão: ele era inteligente demais para ser enganado por uma desculpa tão esfarrapada, mas foi o melhor em que pude pensar. A alternativa — continuar fingindo — era intolerável.

Eu estava amargamente decepcionado, mas senti-me surpreendentemente melhor depois de tomar a decisão. Não que eu quisesse partir — longe disso. Eu teria dado muito dinheiro para que Richard aparecesse naquele momento com uma razão plausível para seu logro, mas não conseguia imaginar qual poderia ser. O que eu queria agora era salvar o que pudesse de minha consideração pessoal em relação a Richard e partir enquanto ainda podia lhe conceder o benefício da dúvida.

Mas na rua um novo pensamento me ocorreu. Eu tinha que avisar

alguém. Alguém precisaria ficar sabendo que a Inglaterra já estava fazendo planos contra nós. Alguém em nosso governo, em posição alta o suficiente na hierarquia para fazer alguma diferença, deveria ficar sabendo.

Uma coisa era certa: não seria o traiçoeiro secretário Floyd.



De manhã fui ao escritório da companhia de navegação e me informei sobre o horário das partidas. Eu poderia pegar um barco para Wilmington dentro de uma hora. Mas Richard ainda não tinha voltado; eu não poderia partir sem pelo menos dizer adeus, e então gastei meu tempo no saguão do hotel, esperando, até bem depois de o vapor ter partido para Wilmington. Eu estava faminto: não comia desde o dia anterior. Almocei muito bem no hotel e continuei esperando, acompanhado de um copo de cerveja, no bar do outro lado da rua. Bem, eu estava preso ali por mais um dia. Esse fato me trouxe uma estranha mistura de emoções conflitantes — raiva, desalento, ansiedade, junto com um alívio e uma esperança frenética que às vezes sobrepujava todas as outras. Eu estava ansioso para deixar tudo aquilo para trás e sair dali, mas o pensamento do que deveria acontecer me deixava desesperado. Acima de tudo, eu ainda desejava ardentemente que pudesse haver algum ato ou palavra que nos salvasse da desagradável separação que parecia inevitável.

Tomei outra cerveja, e algum tempo depois, durante minha terceira, senti que havia chegado ao meu limite e mudei para salsaparrilha. Minha raiva havia se dissipado novamente, e mais uma vez fiquei procurando algum motivo inocente por trás das ações de Richard. Não havia nenhum: ele havia mentido, não havia dúvida, não podia haver desculpas para aquilo, eu tinha que ir embora, eu deveria ter ido embora imediatamente e deixado um recado para ele. Mas isso teria sido uma covardia e nós dois merecíamos coisa melhor. Então esperei.

Eu o vi chegar às três horas. Atravessei a rua e fui ao hotel atrás dele, mas hesitei mais uma vez. Como eu ia fazer aquilo? O que ia dizer? Fiquei parado no saguão, vendo-o enquanto subia rapidamente os degraus, e só quando ele havia desaparecido eu subi, em passo bem mais lento. Passei em silêncio pelo quarto dele e fui para o meu. Deitei na cama em um estado de profunda preocupação, e depois de um tempo adormeci.

Abri os olhos com uma batida em minha porta. Não me mexi.

Ele bateu novamente. Não disse nada, mas eu sabia quem era. Ouvi quando ele foi embora, até o fim do corredor, descendo as escadas. Eu não podia deixá-lo esperando muito tempo.

Por fim, desci e o vi sentado sozinho no final do saguão. Ele estava lendo um jornal: o *Charleston Mercury*, o tabloide demagogo de Rhett, cheio de traiçoeiras insinuações e incitações à sedição. Ele olhou por cima do jornal quando me aproximei.

“Charlie, estive procurando você.”

Comecei a mentir imediatamente. “Eu não andei me sentindo muito bem”, disse, mas minha voz falhou e eu sabia que não conseguiria continuar com aquilo. Como eu podia acusar Richard por mentir, se eu estava fazendo a mesma coisa? Antes que eu continuasse, ele disse: “Sente-se, vamos conversar”, e eu me sentei em uma poltrona de frente para ele. Ele olhou-me nos olhos. “Quero lhe contar uma coisa.”

Eu quase o impedi, em uma onda de impaciência. Por favor, pensei, chega de mentiras. Senti minhas mãos tremendo enquanto me preparava para falar. Mas ele falou primeiro, apresentando uma confissão surpreendente. “Eu não lhe disse a verdade naquele recado que deixei.”

Balancei a cabeça afirmativamente.

“Você já sabia?”

Balancei a cabeça mais uma vez.

Ele me observou de forma atenta por um longo tempo.

“Eu não minto facilmente para qualquer homem. É quase impossível quando o homem é um amigo íntimo.”

Por favor, Richard, pensei, o quão íntimos podemos ser? Nós mal nos conhecemos. Eu quis dizer isso, mas não disse.

“O fato é que tive que me afastar de você por um dia. Esperei até que você saísse do hotel. Então eu saí e visitei algumas pessoas.”

“Posso perguntar por quê?”

“Porque você não teria aprovado o que fiz. E porque foi necessário que eu representasse um papel.”

Ergui a cabeça, olhei nos olhos dele e de repente recuperei minha voz, surpreendendo-me com a firmeza dela. “Você tem que saber como isso tudo me parece. Tem que saber que não posso ficar impassível diante disso. Acho que nessas circunstâncias...”

“Pelo menos, deixe-me acabar de falar. Então faça o que precisar fazer.”

Ele não gastou um segundo se concentrando. Sabia o que tinha de dizer, e diante de suas primeiras palavras, senti minha raiva derreter. A desconfiança permanecia: levaria anos para que essa coisa desagradável desaparecesse completamente. Mas achei que ouvia a verdade na voz dele agora.

“Fui até a *plantation* do Sr. Rhett. Fui lá a pedido de lorde Palmerston, que havia preparado meu caminho em uma comunicação secreta.”

Ele olhou diretamente para mim. “Existem muitos secessionistas radicais por aí, e diversos funcionários do Estado, cheios de um palavrório inflamado. Charlie, esses tolos estão se divertindo muito. Pomposos como gaios em um celeiro. Tanto autoenaltecimento, tanto egocentrismo, nenhuma consideração pela tragédia que estão prestes a fazer desabar sobre seu país. Eles não têm a menor ideia sobre o quanto o mundo está se voltando contra a escravidão patrocinada pelo Estado, e como em breve será difícil usar isso como cartão de visita. Eles não imaginam quantos de seus rapazes vão morrer por seu orgulho imbecil.”

Ele respirou fundo. “Sua presença teria sido impossível.”

Em voz baixa, eu disse: “O que pensaram, tendo Richard Burton entre eles?”

“Não fui como Richard Burton. Para eles eu era um amigo de um amigo do primeiro-ministro, cujo nome vão esquecer rapidamente.”

“Richard...”

“Minha única mentira foi a forma de minha saída ontem, e eu pretendia acertar tudo entre nós, quer você tivesse adivinhado ou não.”

“Não é só isso. Eu lhe perguntei especificamente se você está em uma missão de espionagem.”

“E eu lhe respondi que não estou.”

“Perguntei se você está especificamente sob quaisquer ordens de lorde Palmerston.”

“Lorde Palmerston pediu que eu fizesse essa visita apenas como uma cortesia e foi o que fiz. Quando eu voltar à Inglaterra, ele vai querer saber minhas impressões sobre a situação aqui e é o que vou passar a ele. Dificilmente alguém chamaria isso de um grande plano secreto.”

Ele fez um gesto de impaciência. “Eu não sei lhe dizer o que a Inglaterra fará quando a guerra começar. Não sou o primeiro-ministro. Tudo o que posso fazer é dizer a ele o que penso.”

“E o que é?”

“Que seria imprudente envolver-se de qualquer forma nesse conflito. Que o espírito americano não vai ser derrotado. Que mesmo se o Sul conseguir vencer de alguma forma — o que não vai acontecer —, mesmo se isso acontecesse, haveria grupos de resistência trabalhando para restaurar a União, e que a intervenção ou intromissão de qualquer potência estrangeira, especialmente de uma localizada a milhares de quilômetros de distância, seria uma insanidade. Que tal potência estrangeira poderia esperar uma violenta guerra de guerrilhas, talvez durante anos, com muitas baixas. Está para chegar o dia em que nenhuma potência, nem mesmo a Inglaterra, será capaz de sustentar uma guerra assim. Se Palmerston nos colocar nessa guerra, a situação será muito difícil e a história lembrará do nome dele por isso, acima de tudo. É o que vou dizer a ele.”

Ele pigarreou. “Peço desculpas pelo pequeno logro.”

“Richard...”

Acho que ele sabia o que eu ia perguntar, mas esperou educadamente.

“Por que me trouxe junto?”, perguntei. “Por que me envolver em alguma coisa que poderia ser ruim para nós dois?”

Ele sorriu tristemente. “Charlie, você não sabe?”

Pisquei e fiz um gesto de impaciência. “Sabe o quê?”

“Vim para os Estados Unidos na esperança de me reerguer. Você me proporcionou isso. Você restaurou meu ânimo quase completamente, no dia em que nos conhecemos.”

Eu não podia imaginar aquilo. Fiquei estarelecido pela surpresa e corei com um sentimento de... *ah, meu Deus, será que era amor nascendo no meu coração?* Rechacei tal pensamento na hora.

“Eu era um homem ferido quando saí da Inglaterra. Meu ânimo nunca estivera tão baixo, e no final do primeiro dia com você eu me senti normal de novo. Você era um estranho, um homem forte e inteligente longe de minha própria terra, que colecionava e lia os meus livros, e que até mesmo arrumou uma hora para me cumprimentar.”

“Mas isso parece...” Tentei achar a palavra certa. “Deus, isso parece tão... pequeno”

“As grandes dádivas parecem pequenas para aqueles que as concedem.”

Um minuto se passou. Então ele disse: “Nunca vou me esquecer daquela semana que passamos juntos na sua casa. Você tem uma rara capacidade de fazer um homem se sentir um herói sem ser bajulador”.

“Como é possível que eu tenha feito tudo isso?”

“Apenas sendo você mesmo. Você tinha opiniões inteligentes e não teve medo de me enfrentar. Foi assim que passei a prezar a sua opinião. E a sua companhia.”

“Ora, Richard”, disse eu, ainda estarecido. “Eu nunca fui muito de cultuar heróis. Para mim, claro, você foi um herói, e ainda é. Mas era preciso haver algo mais do que isso para criar uma amizade. Eu tinha que colocar algo meu no processo.”

“E não é isso o que estou dizendo? Conheci muitos idiotas bajuladores para poder saber a diferença.”

Ele virou as palmas das mãos para cima, o gesto universal de “É só isso”, e disse: “Então por que eu o trouxe? Pode ter certeza de que nunca teria sugerido isso se eu tivesse sido mandado para cá em alguma missão de espionagem. Eu trouxe você porque o queria comigo. E achei que podia dar uma escapada por um dia sem ofendê-lo”.

Ele se levantou e apertou meu ombro. “Pense nisso, Charlie.”



Naquela noite saímos juntos como se nada tivesse acontecido. Visitamos bares perto do mercado, da rua Meeting até a área do porto, e bebi mais cerveja do que havia consumido em qualquer semana de minha vida, e mesmo depois. Richard, com muito mais prática, aguentava bem o álcool, mas eu fiquei bem tolo ainda no começo da noite. Perto da meia-noite, Richard também começou a baquear, e nós cantamos canções obscenas de marinheiros com outros pândegos que encontramos pelo caminho. Ríamos de tudo: qualquer pronúncia errada ou lapso verbal gerava gargalhadas estrondosas da multidão ao nosso redor que, em algumas tavernas, era composta de igual número de homens e mulheres. Richard encantava a todos, e eles pareciam estar dispostos a dar o benefício da dúvida ao meu óbvio sotaque nortista. Saímos cambaleando do último bar aberto no meio da madrugada e fizemos uma tortuosa caminhada de volta ao hotel. Quando nos separamos naquela noite, Richard disse: “Amanhã podemos ver mais alguns lugares pitorescos, se você quiser. E em alguma ocasião antes de partirmos, eu gostaria de ir até o forte Moultrie para visitar a guarnição de lá”.

Perguntei-me, em meio à névoa alcoólica que me embotava a mente, se

eu seria bem-vindo naquele passeio, mas Richard disse: “Você não gostaria de ver aquilo, Charlie? Ver a perspectiva daqueles pobres-diabos que vão morrer defendendo-o?”.

Respondi que gostaria, e ficamos assim.



O oficial comandante no forte Moultrie era o coronel John Gardner. Eu pouco sabia sobre ele antes daquele dia: Richard, na verdade, sabia muito mais. “É um senhor de idade”, disse ele quando nosso vapor fez a curva em direção ao lado oeste de Mount Pleasant. “Ele serviu na guerra de 1812 e no México.”

Eu lhe disse que, pelo primeiro fato, ele teria pelo menos sessenta anos, o que não era muito para o comando, mas Richard não comentou nada. Atracamos e começamos a enfadonha viagem até a ilha Sullivan. No verão teria sido mais fácil: haveria uma balsa direto da cidade, usada pelas famílias ricas com casas nas ilhas para escapar dos piores meses de febre amarela em Charleston. Mas agora, no final da primavera, era uma jornada mais tediosa, através do pântano em uma estrada de pranchas e dali até a ponta da ilha em botes alugados.

A praia era encantadora no ar quente de primavera. Eu me lembrei de ter lido sobre essa ilha em Poe, que esteve nela aquartelado uns trinta anos antes e que havia ambientado sua história sobre o escaravelho de ouro parcialmente naquelas dunas. Havia mudado pouco naquela época. O forte estava no mínimo muito deteriorado e em estado precário, e à medida que nos aproximamos dele, pude perceber que missão insustentável a guarnição havia recebido. Enormes dunas de areia haviam se acumulado contra as muralhas, tornando impossível sua defesa: eu poderia ter subido por elas e pulado as muralhas sem esforço.

Não havia guardas quando nos aproximamos, e continuamos andando, até dar a volta e atingir o portão da frente. Lá, Richard apresentou nossos cartões e perguntou se podíamos cumprimentar o coronel Gardner. Fomos levados para dentro do forte, onde conhecemos o capitão Abner Doubleday, que conversou rapidamente conosco.

“O coronel Gardner está aquartelado não muito longe daqui, fora do

forte”, disse Doubleday. “Se tiverem a bondade de esperar aqui, mandarei alguém para ver se ele pode recebê-los.”

Quando ficamos sozinhos novamente, Richard girou os olhos no gesto universal de desprezo. “Ele mora fora do forte. O que isso lhe diz?”

“Nada de bom”, respondi. “Será que ele é um ianque rebelde como o nosso sr Floyd?”

“Ele é de Massachusetts”, disse Richard, surpreendendo-me novamente com seu conhecimento.

Doubleday voltou quinze minutos depois e disse que Gardner iria nos receber depois de sua hora do almoço, que infelizmente já havia iniciado. “Vocês sem dúvida são bem-vindos para compartilhar o nosso rancho”, disse ele, e nós agradecemos e aceitamos a oferta.

Burton não tentou esconder sua identidade, mas se o nome dele significava alguma coisa para Doubleday, isso não ficou evidente na hora. Doubleday havia acabado de voltar ao Exército depois de uma longa licença e estava nos primeiros dias de seu novo posto. Perguntei-me o que ele achava daquele lugar naqueles tempos. Ele conteve sua própria curiosidade em perfeita conduta militar, mas quando Burton perguntou quem conduzia os assuntos cotidianos do forte, ele disse, com um toque de ironia maliciosa: “É o oficial do dia Hoje parece que sou eu”.

Almoçamos a comida simples e conversamos sobre amenidades — o clima, o perigo potencial da viagem que Burton pretendia fazer através do continente, os índios no Oeste, e a possibilidade de haver novamente febre amarela em Charleston no verão.

“Venham, vou mostrar-lhes o forte”, disse Doubleday depois que terminarmos.

Caminhamos pelas muralhas, todos evitando com cautela o que era dolorosamente óbvio até mesmo para mim. O forte não podia ser defendido. Burton por fim se arriscou a dar uma opinião moderada. “Aquelas dunas tornam tudo difícil, não?”

“Sim, senhor, é isso o que elas fazem.”

“Por que não podem ser removidas?”, perguntei.

“Teme-se que os habitantes locais o tomem como provocação”, respondeu Doubleday. “Eles não precisam de muita coisa para se sentirem provocados.”

“Mesmo se as dunas fossem removidas, a defesa não seria fácil”, disse Burton.

“Não. Somos como uma balsa furada, cercada por tubarões.”

Ele estava um pouco mais à vontade, especialmente com a nossa afinidade, pelo menos em espírito.

Andamos por todo o forte. Doubleday olhou para o mar e em seguida para Richard. “Então, o que o senhor faria neste lugar, capitão Burton?”

Burton sorriu, satisfeito por ser reconhecido e saudado por sua mais recente patente. Ele olhou para o mar e disse: “Acho que isso dependeria de minha autoridade e da maneira como eu a interpretasse”.

Um soldado apareceu e disse que o coronel ia nos receber.

Doubleday levou-nos até o portão e trocamos apertos de mão. “Passem por aqui novamente quando estiverem saindo, se tiverem tempo. Há uma taverna mais acima, na praia, que talvez lhes agrade.”



Passamos uma hora com o coronel Gardner, que era um homem velho em todos os sentidos. A conversa rapidamente se tornou política, e as afinidades de Gardner passaram por cima de sua criação nortista, alinhando-se demais com os sulistas para o meu gosto. “Você tem que entender a raiva deles”, disse ele. “Estão sendo muito maltratados na questão dos territórios. Se Lincoln chegar a ser eleito e a escravidão for proscrita nos novos territórios, o modo de vida deles em breve será sufocado por meio do processo legislativo.”

Burton foi educado como sempre, expressando um entendimento do ponto de vista do Sul sem declarar o seu próprio. Mas depois que nos despedimos e voltamos para o forte, ele disse: “Não é a idade dele o que o torna inadequado para esse comando, é sua postura. Olhe para a posição em que coloca seus homens. Como se não fosse ruim o bastante estar cercado por inimigos e ter as paredes do forte cobertas por dunas que podem ser escaladas por qualquer criança de cinco anos, como líder eles agora têm um velho que não só mora com o inimigo, mas também apregoa seu dogma”. Ele parou no meio da estrada e contemplou o pobre forte. Em voz alta, sem tentar ocultar sua raiva, ele disse: “Então, Charlie, o que você acharia de ser designado para ficar aqui, com sua vida por um fio?”. E em seguida, em voz baixa. “*Maldita* seja essa autoridade! *Maldita* seja essa arrogância! *Malditos* sejam a política e

os políticos!”.

O capitão Doubleday pareceu feliz por nos ver de novo, como se representássemos alguma pálida imagem de sanidade em um mundo que enlouquecia rapidamente. Nós três caminhamos pela praia, conversando agradavelmente sob o quente sol de maio. Ele precisa de nossas vozes externas, pensei, muito embora não possa reconhecer isso nem se envolver com estranhos. Ele é um soldado não pode criticar os políticos que o colocaram ali, ou o velho revoltoso a quem ele confiou sua vida. Tudo o que ele pode fazer com honra é esperar morrer bem quando chegar a hora.

Ficamos parados por um tempo e observamos o mar, olhando os navios que passavam pelo forte Sumter e davam a volta no promontório em direção à cidade. Então Doubleday disse: “Vamos, vou lhes pagar uma bebida”.

A taverna ficava a uma curta caminhada atravessando as dunas: uma enseada calma e escura com uma dupla de criadas calmas e escuras como garçonetes. As mulheres eram tão parecidas que só podiam ser irmãs, e Doubleday as apresentou a nós como Florence e Francês. Pensei em Marion, a garota naquela cidadezinha que agora parecia estar tão longe de nós a cidade de Florence, lembrei-me, com um arrepio. Olhei para o outro lado da mesa e me perguntei se Burton tinha os mesmos pensamentos sobrenaturais.

Doubleday pediu cerveja para nós e chá para ele.

Fiz um brinde. “À União.”

Instintivamente Doubleday ergueu sua xícara. Richard demorou apenas dois segundos para acompanhá-lo.

Entramos na tarde conversando. Doubleday e Burton falaram de estratégias militares gerais, de capitão para capitão. Tudo acabava girando em torno de um único tema, sem que nenhum dos dois fosse mais específico do que já havia sido: como defender o indefensável.

Já passava das três horas quando Doubleday disse: “Tenho que voltar para o meu posto e vocês têm que pegar o barco”.

No último momento, ele disse a Burton: “Estive pensando naquela questão que deixamos sem resposta esta manhã. O senhor disse que dependeria de sua autoridade e da maneira como a interpretasse. Não tenho certeza se entendi o que quis dizer”.

“Quis dizer que, na posição de seu coronel, sem ter ordens específicas em contrário, eu moveria os meus homens sob a proteção da noite para aquele novo forte de tijolos que fica além da enseada.”

Se Doubleday havia esperado alguma resposta teórica, sem

personalidade, aquilo foi uma surpresa. Ele endireitou o corpo, nitidamente chocado pelo que acabara de ouvir. “O senhor não pode estar falando sério.”

“Eu não faria piadas com um assunto dessa gravidade, capitão.”

“Isso certamente seria considerado um ato de guerra pelas pessoas que vivem aqui.”

“Esse ponto de vista não tem lógica. O forte é propriedade da União, e não do estado.”

“Capitão, o senhor está falando em lógica em uma terra que não conhece o significado dessa palavra.”

“Então o problema vai inevitavelmente tornar-se crítico, não importando o que vocês façam para evitá-lo. Não se pode falar em lógica para loucos, e vocês não podem evitar uma guerra se apenas um dos lados estiver interessado nisso.”

Ninguém disse mais nada até que Burton falou novamente. “Assim, nessa situação, minha lealdade mais imediata seria para meus homens. Supondo, como eu disse, que não haja ordens em contrário.”

“E o senhor os moveria”, disse Doubleday, ainda incrédulo.

“Eu os moveria agora — esta noite, se a decisão fosse minha.”

“Ideia interessante”, disse Doubleday. “Desanimadora, mas interessante.”

Voltamos pela praia e nos despedimos sob o sol nebuloso da tarde. No forte desejamos boa sorte ao capitão Doubleday e sua guarnição. Depois que já estávamos a uma certa distância do forte, Burton disse: “Aqueles homens vão precisar de muito mais do que sorte”, e essa realidade nos seguiu pelo pântano até o vapor e na travessia da enseada de volta para a cidade.

Para mim, aquilo foi o ponto alto de nossa viagem. Passados tantos anos, ainda posso ver o rosto moreno de Burton à luz de velas; ainda posso sentir a surpresa de Doubleday, tão tangível quando um tapa naquele canto escuro, e eu apostaria minha vida que ele nunca havia pensado seriamente naquele movimento ousado antes daquela ocasião. O ato que iniciou nossa guerra civil pode parecer óbvio agora, em seu contexto histórico empoeirado. Mas o que parece óbvio para os historiadores poderia não estar muito claro para os homens que estavam vivendo aquilo. Sim, aqueles sulistas eram loucos, irascíveis e irracionais, decididos a ter sua guerra. Se não tivesse havido um forte Sumter, teriam encontrado outro momento e lugar para iniciá-la. Mas o fato de ela ter começado em Sumter confere considerável importância histórica ao ato provocativo, sugerido pela primeira vez por Richard Burton

em uma tarde calma um ano antes do início do tiroteio.



Estava chegando o momento de nos separarmos. Nada fora dito, mas eu já havia superado em muito os dias que conseguira com minha esposa. Richard planejava continuar até Nova Orleans e depois pegar um barco rumo ao início dos territórios do Oeste. Durante o jantar ele iniciou uma animada campanha para que eu me juntasse a ele.

“Venha pelo menos até Nova Orleans.”

“Richard, não posso. Sou um homem de família que já aproveitou demais.”

Tínhamos cautelosamente evitado falar no episódio do desaparecimento, mas ele tocou no assunto naquele instante. “Espero que as coisas estejam certas entre nós.”

“É claro que estão. Eu não teria perdido esta viagem por nada.”

“Ótimo. Fico feliz por ouvir isso.” Ele acendeu um cigarro. Impulsivamente estendeu a mão através da fumaça para apertar a minha. “Não sou um homem sentimental, Charlie. Mas é muito provável que nunca mais nos vejamos, e preciso dizer isto. Eu tive poucas amizades que prezo como a sua.”

“É recíproco, Richard”, eu disse, com um nó na garganta.

“Então venha comigo até St. Joe. Não insistirei em nada além disso, palavra de honra. Não quero seu escalpo na minha consciência se eu encontrar índios no Oeste.”

Eu resisti, ele insistiu, e por fim acertamos continuar até Nova Orleans. Na manhã seguinte mandei um telegrama para Baltimore, roubando mais duas semanas de minha esposa e filha, e partimos de Charleston naquela tarde. Descendo a costa passamos por Savannah, depois para oeste em uma viagem por uma estrada acidentada que nos levou através das cidades de Columbus, Montgomery e Mobile. Passamos cinco dias bebendo e rindo em Nova Orleans. Minhas duas semanas estenderam-se para uma terceira, e quando o final da viagem se aproximava inevitavelmente, fui tomado por uma profunda tristeza, como nada que sentira antes. Quando minha esposa morreu, em 1883 minha angústia foi esmagadora; isso foi diferente, mas à

sua maneira quase tão opressivo. Senti a perda de Richard como o corte profundo de uma lâmina.

Ficamos extraordinariamente bêbados naquela última noite. Richard bebeu mais do que jamais vi um homem beber, e cambaleamos de volta para nossos quartos em um estupor do qual mal posso me lembrar. Pela manhã nós dois pagamos o preço: Richard ficou doente de ressaca, e ele precisou da manhã toda, até pouco antes da partida de seu vapor, para começar a se recuperar. Fui com ele até as docas e prometemos escrever um ao outro. Dei-lhe uma autorização de cobrança para quaisquer livros que ele escrevesse: “duas cópias de cada, por favor, uma dedicada a mim, pelo período de tempo que você os escrever e pelo período de tempo que eu estiver aqui para recebê-los”.

Fiquei observando-o, uma figura solitária no convés do barco, até ele sair de vista. Naquele momento eu teria feito qualquer coisa para tê-lo de volta. A cidade naquela noite se encontrava cheia de turistas, mas para mim estava dolorosamente vazia, e eu sabia que a longa viagem para casa seria triste e séria.

Quando fui pagar a conta do hotel no dia seguinte, o recepcionista perguntou se minha estada havia sido satisfatória. “E vai voltar a ver seu amigo, senhor?”

“Espero que sim. Mas ele mora em Londres...”

“Só perguntei, senhor, porque a camareira encontrou algo que ele deixou no quarto.”

Ele tirou algo que estava embaixo do balcão.

Era o caderno de Richard



É claro que escrevi contando-lhe que estava com o caderno e que estaria seguro comigo até quando ele o quisesse de volta. Ele queria que eu o entregasse aos cuidados dos correios? Aquela passagem transatlântica poderia ser perigosa, mas eu ficaria feliz em enviá-lo, se ele assim quisesse. Caso contrário, eu o guardaria até que nos encontrássemos novamente.

Meses depois, a resposta que chegou dele era enigmática e concisa. Agradeceria se eu guardasse o diário em um local seguro, que não fosse visto

por *ninguém*, até que ele pudesse pegá-lo de volta. “Eu devo ter apagado completamente naquela noite”, disse ele, desculpando-se. “Pensei que o tinha colocado na mala, mas bebi como um gambá.”

A não ser por isso, não esperei muito da promessa que ele fez de escrever: Burton era um viajante ocupado e no desapontamento gradual que se seguiu à minha volta ao lar, eu tinha que ser realista. Eu era um personagem menor em sua vida atribulada, um admirador que ele havia encontrado por acaso. Mas certo dia chegou uma carta.

Era tudo o que eu podia esperar: detalhada, cheia de notícias de sua viagem para falar com Brigham Young, sua viagem para a Califórnia e pela América Central e a viagem de volta para casa. Logo ele teria um livro pronto, com o título de *The city of saints* [A cidade dos santos], descrevendo o que havia visto entre os mórmons e sua viagem de diligência pelo deserto norte-americano até a Califórnia, e seu livro *The lake regions of Central Africa* estava prestes a ser publicado. “Fiz o que você me pediu em relação às duas cópias de cada livro, mas se ficar muito oneroso, não hesite em me informar.” Ele nada disse sobre o diário, e embora ele estivesse sobre minha escrivadinha como uma mulher sedutora, nunca o abri, nunca espiei seu conteúdo; ascendi ao mais alto grau de expectativa de sua confiança e deixei as coisas ficarem assim.

Respondi na hora que eu queria não só os livros novos assim que saíssem da editora, mas também quaisquer edições novas de suas obras anteriores, especialmente se contivessem acréscimos ou atualizações. Mandei-lhe notícias dos Estados Unidos. A pequena guarnição no forte Moultrie estava vivendo sob um microscópio nacional às vésperas da eleição de Lincoln, qualquer coisa poderia nos levar para a guerra, e se por acaso os livros não chegassem por algum problema com os correios, ele que fizesse o favor de segurá-los até que os problemas tivessem sido resolvidos.

Acompanhei os eventos em Moultrie e mantive um diário de minhas reações, com a ingênua intenção de mandá-lo a Burton em algum momento e talvez convencê-lo a escrever um livro sobre a nossa parte da viagem. “O velho Gardner foi substituído por um comandante muito mais jovem, o major Robert Anderson”, escrevi em dezembro. “O capitão Doubleday é seu braço-direito.” Voltei a escrever mais tarde naquele mês, quando a guarnição de Moultrie passou na calada da noite para o forte Sumter, exatamente como Burton havia sugerido um ano antes. “O que você disse deve ter feito muito mais sentido para o capitão do que imaginamos na época”, disse eu. É claro

que a falta de alternativas faz um homem mudar de ideia.”

“Agora, que Deus nos ajude”, escrevi em janeiro. “Não é possível evitar a guerra por mais de duas semanas.” Mas as conversações se arrastaram até abril, quando uma labareda nos jogou em quatro anos de inferno.

Durante todo aquele ano as notícias da guerra foram tristes. Qualquer esperança de um fim rápido desaparecia em uma série de batalhas sangrentas que nos conduziram a novos patamares de ódio. Novembro trouxe meu teste mais severo com Richard, quando um navio de guerra da União abordou o *Trent*, um vapor de correio britânico, e dois oficiais confederados que estavam a bordo foram presos. Em Londres, lorde Palmerston proferiu ameaças e vociferou. Esse era o pretexto pelo qual ele havia esperado. Tremi de raiva quando milhares de soldados britânicos, a vanguarda de uma invasão certa, concentraram-se na fronteira canadense. Durante aquelas semanas senti-me tão arrasado pela desconfiança que decidi atear fogo aos livros de Richard e cortar minhas relações com ele. Se eu lhe enviasse uma caixa cheia das cinzas dos livros, com um bilhete petulante por cima, dizendo-lhe o que eu pensava de sua honra e de como sua palavra de nada valia, talvez aquilo aliviasse de alguma maneira a minha consciência. Mas não consegui acender o fogo: não consegui sequer me levar a ler a verdade em seu diário, e por fim o tirei de meu quarto, fora de minha vista, e, segundo eu esperava, fora de minha mente. Esperei durante o mês de janeiro, quando, felizmente, Seward anunciou que os rebeldes estavam sendo libertados e a crise com a Inglaterra fora superada.

Certo dia chegou até mim um bilhete misterioso. Fora escrito meses antes, no Natal, durante os piores dias do caso *Trent*. Continha apenas duas linhas e não estava assinado, mas não havia como confundir aquela caligrafia contida: *Apresentei meus melhores argumentos, é o que estava escrito. Agora vamos ver o que vai acontecer. Tenha certeza de que me uno a você na esperança de que as cabeças mais frias prevaleçam.* Mais uma vez senti-me inundado de vergonha. O péssimo amigo não tinha sido Richard, mas eu mesmo, e minha falta de fé quase nos levou à ruína. Decidi que manteria a amizade dele pelo resto de meus dias. Não importava o que viesse a acontecer, não haveria mais desconfianças. E para selar minha decisão, recoloquei seu diário sobre minha escrivaninha, onde ele continua sem ter sido lido desde aquele momento.



Não recebi mais nada dele até que a guerra acabasse, mas a cornucópia que se abriu em seguida foi uma das minhas grandes emoções de 1866. Uma enorme coleção em duas caixas enormes: *The lake regions of Central Africa*, em dois volumes, assinados e com uma dedicatória que sempre aquece o meu coração. *Para Charles Warren — meu prezado amigo Charlie — penso muito em você e prezo demais aqueles dias em que viajamos juntos pelo turbulento Sul dos Estados Unidos*. Li *The city of saints* com grande interesse, perguntando-me por que ele não havia escrito uma única palavra sobre o tempo em que passou no Sul. Eu sabia que ele odiava a escravidão; por que ele não aproveitaria aquela oportunidade para comentar seus males? Um traço da velha suspeita flutuou no ar: *Porque ele era um espião, a Inglaterra vai nos invadir na primeira oportunidade que tiver, e em meu silêncio eu sou cúmplice dela*. Mas afastei esses pensamentos sombrios: minha confiança em Richard sempre voltava.

Havia mais coisas nas caixas: *The prairie traveler* [O viajante das pradarias] era um livro de aconselhamento para almas intrépidas que fossem atravessar o vasto continente norte-americano. *Abeokuta and the Camaroons mountains* [Abeokuta e os montes Camarões] apresentava um surpreendente retrato de Burton, fascinante apesar da pose formal. *Wanderings in West Africa from Liverpool to Fernando Po* [Andanças na África Ocidental de Liverpool a Fernando Po] e *A mission to Gelele, king of Dahome* [Uma missão junto a Gelele, rei do Daomé] continuavam a exploração do grande continente negro, com todo o fascínio que este exercia em Richard. *The Nile basin* [A bacia do Nilo] foi uma obra menor que fiquei feliz por possuir como colecionador, mas como amigo achei-a infeliz por dar continuidade à rivalidade com Speke, que na ocasião já havia morrido pelas próprias mãos. Mais tarde vim a saber que a recepção da obra na Inglaterra confirmou meu próprio julgamento: não se pode vencer uma discussão com um homem morto, e Burton nunca deveria tê-lo publicado. Mas *Wit and wisdom from West Africa* [Perspicácia e sabedoria da África Ocidental] era uma encantadora coletânea de crenças nativas, e *The guidebook: A pictorial pilgrimage to Mecca and Medina Including some of the more remarkable*

incidents in the life of Mohammed, the Arab Lawgiver) [O livro-guia: Uma peregrinação ilustrada a Meca e Medina (Incluindo alguns dos incidentes mais notáveis na vida de Maomé, o legislador árabe)] resumia sua viagem mais famosa. No fundo da segunda caixa estava o livro mais estranho que ele escreveu: um longo poema na forma de um diálogo, intitulado *Stone talk* [Conversa de pedra], escrito ostensivamente por um certo “Frank Baker”, mas cheio das marcas registradas de Burton. Era um ataque mordaz à religião, adotando Darwin de uma forma não refinada e inteligente, e exortando sua terra natal a explicar sua hipocrisia e crimes ao redor do mundo. Ele redigiu uma inscrição exagerada e assinou-a como “Frank”. *Se descobrirem que fui eu quem escreveu isto, vou ser expulso da Inglaterra e banido para a terra dos mórmons para sempre.*

Essa produção notável representa um total de quase três mil páginas em três anos. Burton tornara-se uma verdadeira máquina de escrever. Imediatamente enviei-lhe uma carta elogiosa e pedi-lhe que mandasse notícias se conseguisse encontrar um momento livre para escrever (a brincadeira foi intencional).

E ele escreveu. Eu recebia de vez em quando bilhetes de portos distantes, e uma vez por ano, mais ou menos, ele escrevia cartas longas nas quais contava as novidades.

Estas sempre se encerravam com ternas lembranças das semanas que havíamos passado juntos e a esperança de que nossos caminhos pudessem vir a se cruzarem novamente algum dia.

Os anos se passaram, e seus livros mantiveram vivo e muito bem o espírito de nossa amizade. Eu vivia em suas palavras, viajando com ele em minha mente para o Brasil, Zanzibar, Islândia e a terra dos gorilas no Congo, e quando ele não era mais o grande explorador, maravilhei-me com suas obras filosóficas e traduções. Sempre achei curioso o fato de ele nunca ter escrito sobre nossos dias de viagem no Sul. Nunca escreveu uma linha ou uma palavra, mas mantive meu voto de silêncio de não duvidar de seus motivos novamente. A curiosidade permaneceria, muito tempo depois da morte dele, e permanece até hoje em minha idade avançada.

Tive minha oportunidade de incentivá-lo a fazer algum tipo de comentário em 1877. O capitão Doubleday, então promovido a major-general, tinha acabado de publicar suas curtas reminiscências do forte Sumter, e eu enviei um exemplar para Richard. Em um bilhete, remeti-o para a página 58. *Veja como você afetou profundamente a nossa história, escrevi.*

Nossa guerra era certamente inevitável, mas foi você quem disse como ela começaria.

Pelo relato de Doubleday, ele e outros haviam repetidamente insistido para que a guarnição fosse movida para o forte Sumter à medida que a situação ficava mais crítica.

Mas Anderson sempre respondia que fora designado especificamente para o forte Moultrie e não tinha o direito de abandoná-lo sem ordens.

Em algum momento, ele mudou de ideia. Ou isso, ou ele havia ocultado seus verdadeiros pensamentos, até mesmo de seus oficiais, avisando-os com apenas vinte minutos de antecedência na noite em que atravessaram a enseada em barcos a remo.

Será que foi Doubleday quem causou essa mudança de ideia, que parecia fixa em uma trajetória muito diferente?

Será que Anderson se debateu diante da questão da autoridade e por fim resolveu-a como Burton havia feito imediatamente, com a frase: “sem ter ordens específicas em contrário?”

Teria sido Burton a origem do ato que começou a guerra?

Richard nunca tocou no assunto. Ele nem sequer mencionou o livro de Doubleday.



A caligrafia de Richard, que nunca fora fácil de ler, tornou-se quase impossível no último ano de sua vida. Eu conseguia decifrá-la com a ajuda de minha filha, nós dois debruçados sobre uma espessa lente de aumento, às vezes durante uma hora em uma única página. “Não ando me sentindo bem”, escreveu ele em 1890. “Seria excelente poder vê-lo de novo para rirmos sobre aqueles bons tempos em que éramos jovens e o mundo estava à espera de que o descobríssemos.”

Sem entusiasmo eu dizia: “Eu deveria ir vê-lo”, e minha filha imediatamente assumiu essa causa. “O senhor precisa ir, papai! Vai lamentar para sempre se não for.”

“Pareceria piedade”, eu disse. “Aquelas coisas aconteceram há tanto tempo.”

Mas, sob o impulso do momento, decidi ir à Inglaterra. Naquela tarde

escrevi a Richard uma extensa carta perguntando se eu podia ir visitá-lo, dali a um mês ou dois, ou talvez na primavera. Enviei-a no primeiro dia de outubro e esperei uma resposta.

Menos de três semanas depois fiquei chocado com a manchete: **SIR RICHARD BURTON, NOTÁVEL EXPLORADOR BRITÂNICO, MORRE AOS 69.**

Fiquei inconsolável. Eu não o via fazia quase trinta anos, e sua morte repentina foi uma ferida muito mais profunda do que a perda de meu irmão caçula naqueles mesmos anos, em Gettysburg. Desatei a chorar sobre o jornal, assustando minha filha, que o trouxera para mim. Considero deploráveis essas manifestações de sentimento, e ela nunca vira uma lágrima cair de meus olhos a não ser no túmulo de sua mãe. Mas naquele momento senti que havia perdido o único amigo que importara em toda a minha vida, e chorei. Ela abraçou a minha cabeça e chorou também diante de meu pesar.

Como explicar essa reação? Burton certamente não era o meu melhor amigo: como poderia ter sido em tão pouco tempo? Ainda assim, o tempo nem sempre conta uma história verdadeira. Uma pessoa pode conhecer a outra durante anos e não conhecê-la de fato, e uma outra pessoa surge como um rápido conhecido e se torna mais próxima do que um irmão.

Pensei nele constantemente depois de sua morte: o jovem Burton que aqui chegara derrotado e que havia se reerguido em uma viagem por este vasto continente. Eu tive parte naquilo. Sei o que fizemos e ninguém pode me tirar isso. Mesmo hoje ouço sua voz à noite, fascinado pelo poder e pela duração da música, cantarolando *spirituals* que atravessam dois continentes.



Na primavera recebi uma correspondência formal da viúva. Ela encontrara a carta em que eu falava dos planos de ir para Londres e havia escrito para perguntar o que significavam aqueles planos. Estava intrigada com a familiaridade de minhas palavras, para dizer francamente, porque ela não tinha a menor ideia de quem eu fosse.

“Agora você tem um motivo para escrever tudo, papai”, disse minha filha.

Durante toda a semana seguinte escrevi uma longa resposta à Sra. Burton. Contei com detalhes como eu havia conhecido Richard e a maior

parte do que havíamos feito juntos. Mas quando a li, senti-me como um aventureiro, um charlatão tentando forjar sua própria importância na bainha do casaco de um homem muito mais importante, e em vez dela enviei um bilhete.

Nunca mencionei o diário que estava comigo e nunca o li. Talvez não importasse mais, depois da morte dele, mas havia algo entre nós, entre o espírito dele e o meu, que me fez manter aquela confiança.

Muito tempo depois de sua própria morte, a pergunta de Isabel ainda ecoa em meus ouvidos.

Quem é você?

Richard nunca contou a ela.

Quem eu era?

Bem, fui um de seus maiores admiradores: isso não pode ser contestado.

Mas ele teve muitos admiradores.

Quem é você?

Eu o conheci rapidamente e fiquei bastante entristecido quando ele morreu.

Muitos ficaram entristecidos.

Sáímos em uma viagem certa vez, nas profundezas do reino perdido do algodão. Lá, em uma ensolarada tarde de maio, Burton pode muito bem ter influenciado o início de nossa grande guerra civil.

Pode ter, poderia ter, talvez. Isso não importa. O que é real? O que é certo?

Dei de ombros. Nunca parei de me perguntar, uma vez que ele nunca usou nada daquilo, o que ele estava escrevendo naquele caderno. Em algum momento de minha velhice até vislumbrei a ideia de que ele pretendia deixá-lo para trás, aos meus cuidados, como um registro do que ele havia pensado e feito naquelas agitadas semanas.

Mas por quê?

Olho para ele ali, em cima de minha escrivaninha, e ele parece irreal.

O que é real?

Apenas a pergunta da Sra. Burton é real. Ela ainda está lá, na minha sétima década de vida.

Quem é você?

Vejo no espelho um velho mirrado e encontro uma resposta.

Eu... não sou ninguém.

Livro três

CHARLESTON

Chegamos a Charleston depois de escurecer, a tripulação de terra trouxe uma escada e nós descemos em um outro mundo. Aquilo era mais do que apenas uma ilusão e era mais do que apenas o calor: o cheiro do ar era diferente — eu podia sentir o sal — e a umidade era como um aríete. Enquanto andávamos pela passarela em direção ao terminal, eu disse: “Não estamos mais no Kansas, Koko”,¹ e ela fez uma careta e um gesto com a mão que queria dizer “para com isso”.

Aluguei um carro enquanto Koko comprava um mapa de ruas, um guia e uma história ilustrada. Poucos minutos depois, seguindo as orientações dela, saímos na Interestadual 26 e viramos para o sul, na direção da cidade. “Deveríamos ficar no Heart of Charleston”, disse ela folheando uma das aquisições. “É um hotel que construíram na década de 60 no local do Charleston Hotel onde Burton e Charlie ficaram. Isso não seria o máximo? Talvez os fantasmas deles ainda estejam por lá.”

Achei que aquilo seria improvável, mas se eu não podia compartilhar a perspectiva dela de vida após a morte, pelo menos podia concordar que seria o máximo ficar lá.

A estrada fazia um desvio na área do Neck, e Koko fez alguns comentários. Na Guerra Civil foram construídas baterias ao longo da península para repelir um ataque do Norte. Os limites da cidade na ocasião ficavam mais ao sul dali, e aquela parte era, na sua maioria, região rural. Como todas as cidades, Charleston havia se espalhado para muito além de seu núcleo e a expansão continuava. Atravessamos uma área industrial horrível, e poucos minutos depois avistei a enseada, cheia de luzes à minha esquerda, e um espetacular par de pontes estendendo-se sobre o rio. Saí da estrada na Meeting e dez minutos depois chegamos ao hotel. Pegamos dois quartos em lados opostos do estabelecimento, isso com muita sorte. Havia três convenções na cidade, e era difícil arranjar quartos de qualquer tipo.

A essa altura já passava bastante das dez. Estávamos cansados: tínhamos que estar, depois da noite passada — mas ainda estávamos no meio de um estado de euforia artificial, como uma injeção de glicose depois de uma maratona bem puxada. Encontramo-nos na rua Meeting cinco minutos depois de termos dado entrada no hotel e descobrimos um *pub* a um quarteirão de distância. Koko me surpreendeu pedindo uma cerveja. Eu disse: “Vai fazer crescer cabelo no seu peito”, e ela riu. “O que mais posso tomar em um lugar como este? Uma só não vai me matar.”

Tomou seu primeiro gole com cautela. “Então, o que achou da fita?”

“Gostei da sensação de ouvi-la. Se a velhinha estava tentando nos enganar, é muito habilidosa. Temos que supor que é real até que descubramos alguma coisa em contrário.”

“Espere até você ouvir as outras. A noção de real fica muito maior.”

“Quantas mais você tem?”

“Horas e horas.”

“Pode fazer um resumo?”

“Você não precisa ouvir as outras sessões de regressão temporal. São apenas duplicações, repetidas só por questões de coerência. Jo conta tudo sem nenhum erro toda vez.”

“Vou acreditar em você e deixar passar a repetição. E quanto às outras?”

“Ainda é um monte de fita.”

“Eu não voei até aqui para ficar sentado em um hotel ouvindo fitas, Koko. Por onde começamos?”

Ela deu de ombros. “Temos objetivos diferentes. Eu quero provar que Jo não era uma farsa, você quer encontrar os livros.”

“Essas coisas não são mutuamente excludentes, sabe. Elas têm origens comuns.”

Koko tomou um gole grande da cerveja. Eu provei a minha e disse: “Não sei por que, mas sinto que minha parte da caçada esquentou de repente”.

“Como assim?”

“É só uma impressão. Não faz o menor sentido. Não parece lógico que os livros estivessem aqui.”

“Não sei por que não.”

“No mínimo devido à umidade. Uma umidade destas faz coisas terríveis com os livros. Se eles estiveram aqui por qualquer período de tempo, eu esperaria ver alguma evidência disso nas páginas. Em cem anos o papel

estaria muito manchado, descorado, a menos que os livros tivessem sido mantidos em um armário hermeticamente fechado durante todos esses anos. Em casos severos, o descoramento pode acabar com um livro. Aqueles que comprei rio leilão não tinham nada disso.”

Pensei um pouco mais e disse: “Fim das intuições”.

“Não perca a fé. Por favor, ainda nem começamos.”

“Nunca tive muita fé para perder. Lembre-se, eu apenas vim para cá em um avião com você. Nunca houve nenhuma razão para pensar que os livros poderiam estar aqui, a não ser pelo fato de que têm que estar em algum lugar. Se estão em Baltimore, nenhum daqueles marginais sabe o lugar.”

“Então, aí está.”

“Onde estou nesta história? Eles parecem estar divididos em dois grupos: Carl e seus bandidos, Archer e Dean. Todos estão caçando para valer. Isso deve significar que nenhum deles sabe mais do que nós. Eles têm algum motivo para acreditar que os livros estão em Baltimore, mas talvez isso se explique pelo livro que Jo levou à Treadwell naquele dia.”

“Não seria demais se eles estivessem aqui o tempo todo? Bem no quintal de Archer?”

Sorri maliciosamente. “Isso seria demais mesmo, Koko. Ei, seu copo está vazio. Quer mais uma cerveja?”

¹ Janeway faz um trocadilho, usando a fala da personagem Dorothy, de *O mágico de Oz*, que ao chegar a Oz diz a seu cachorrinho Totó: “Acho que não estamos mais no Kansas, Totó”. (N. T.)

21

Ainda estávamos acordados à meia-noite, mexendo nas fitas no quarto de Koko. Ela enfiou uma delas no aparelho e disse: “Esta foi feita logo depois daquela sessão que você ouviu no avião”.

De repente ouvi Josephine dizer, em sua voz natural: “Koko? Aonde você foi?”.

“Lugar nenhum, querida. Estou aqui.”

“Eu o vi de novo.”

“Seu avô?”

“Não. Quero dizer, sim, sempre o vejo. Mas aquele estranho estava com eles.”

Depois de um longo silêncio, Koko disse: “Jo? Você está bem?”.

“Sim, claro. Por que não estaria?”

“Você ficou pálida. Como está se sentindo?”

“Que diferença isso faz? Minha nossa, tenho quase cem anos, como acha que me sinto?” Um instante depois: “Desculpe. Mau humor não me cai bem”.

“Não deixe que isso a incomode”, disse Koko. “Quer alguma coisa?”

“Não, a menos que você possa fazer com que eu enxergue novamente.”

Koko ajustou o microfone. “Tente o seguinte: por que não me conta o que se lembra e eu tentarei ser os seus olhos?”

“Isso nunca funciona.”

“Vamos tentar. A menos que você não queira.”

Um outro intervalo: quarenta segundos a um minuto. E então: “Eu vi três deles. Estavam em pé em uma espécie de névoa, conversando. Os rostos deles estavam ocultos pela neblina. Mas com frequência tudo ficava mais claro. Só por um instante uma brisa soprou e dissipou a névoa, quase o suficiente para tornar claros os rostos deles. Mas nunca ficavam nítidos o bastante”.

“Mesmo assim, você reconheceu Charlie.”

“Por sua voz, mais do que por qualquer outra coisa. Ele estava muito mais jovem do que eu jamais o vira em vida. Sabe, na minha infância ele sempre foi um homem idoso.”

“Você conseguiu olhar para ele de alguma maneira naquela névoa terrível?”

“Só por alguns segundos... menos que isso. Mas o suficiente para reconhecê-lo, acho.”

“O que ele fez?”

“Ele sorriu para mim e fez um gesto com a cabeça.”

“Você deve tê-lo visto claramente então, pelo menos naquele segundo.”

“Não, eu o senti sorrindo.”

“Isso não é a mesma coisa?”

“Sim”, disse Josephine, obviamente satisfeita. “Ele estava tão feliz por me ver de novo.”

“Posso imaginar. E depois?”

“Ele disse alguma coisa para Burton.”

“Ah. Então um dos outros era...”

“Richard. Charlie só o chamava de Richard, mas é claro que era Burton. Logo pude vê-lo também. Um homem de olhar impetuoso, bigodes e aquelas terríveis cicatrizes.”

“O que disseram um para o outro?”

“Não sei. Não consegui ouvir.”

Mas quase no mesmo instante ela disse-. “Estavam discutindo o que fazer com o terceiro homem. Era bastante sério. Então todos voltaram para a névoa e isso foi tudo o que vi”.

“E você nunca conseguiu ver o terceiro homem?”

“Não.”

“Você não sabe nada sobre ele?”

“Não disse isso. Eu sei o nome dele.”

“E como descobriu?”

“Richard o afastou e chamou-o pelo nome.”

Mais uma vez a fita parecia ter terminado naquele ponto. Devem ter se passado dois minutos, quando Koko perguntou: “Qual era o nome dele, Jo? Do que Richard o chamou?”.

“Archer”, disse Jo sem hesitar.

Eu a ouvi respirar fundo, quase trêmula. “O nome dele era Archer.”

Dormi nove horas e mais um pouco, até que Koko veio bater na minha porta às quinze para as dez. Rolei para fora da cama, o corpo todo dolorido, mas estava me sentindo descansado. Minha visão dupla havia desaparecido, e eu ainda estava vivo. Tomei meia dúzia de analgésicos e uma ducha, e saí para a inspeção às dez e meia.

“Você precisa de uns óculos escuros”, disse Koko durante o café da manhã. “O seu olho roxo está ficando igual ao meu. Nós dois juntos parecemos Bonnie e Clyde.”

Sua primeira resolução do dia foi encontrar uma loja de departamentos para comprar algumas roupas. “A Kerrison's parece boa. Hoje à tarde vou começar a pesquisar na biblioteca.”

“Você tem alguma ideia do que está procurando?”

“Qualquer documento que mostre que Charlie esteve aqui e que eles fizeram o que ele disse. Essa biblioteca é muito antiga: já era antiga na época. Eles têm jornais do século XVII. É uma biblioteca particular, mas posso usá-la mediante o pagamento de uma pequena taxa.”

“Não consigo imaginar o que você acha que vai encontrar lá. A imprensa não iria cobrir a chegada ou a partida deles.”

“Nunca se sabe. Às vezes publicavam uma nota quando aparecia algum visitante estrangeiro. Talvez apenas um parágrafo, ou uma linha em algum lugar.”

“Eu não contaria com isso.”

“Vou tentar ver outras coisas. Se havia um fotógrafo chamado Barney Stuyvessant em East Bay em maio de 1860. Aquela fotografia que ele tirou de Burton e Charlie se perdeu, mas só o fato de saber se o fotógrafo existiu ou não seria útil.”

O meu próprio dia havia começado a se organizar bem tarde na noite anterior, enquanto eu ouvia a fita de Josephine. Como uma mosca chata,

Archer continuava a aparecer.

“Eu me perguntei quem seria ele quando fizemos a fita”, disse Koko. “Jo não tinha a menor ideia.”

“Isso é o que ela disse. Não se ofenda, Koko, mas você engoliu bem fácil essa história dela.”

Ela se ofendeu. “Por que eu não deveria acreditar nela? Eu nunca tinha ouvido falar em Archer antes.”

“Bem, agora você ouviu. Você não acha Josephine um pouco suspeita nesse sentido? Sei que você não quer ouvir, mas aquela doce velhinha talvez soubesse mais sobre todas essas pessoas do que jamais nos contou. Já lhe ocorreu que ela pudesse estar nos manipulando do túmulo?”

Ela perdeu a calma. “Ah, para com isso! Meu Deus, você é *tão* cético!”

“Alguém tem que fazer as perguntas difíceis, Koko. Onde você acha que ela conseguiu o nome de Archer? Ela tirou do nada? Pegou na lista telefônica por acaso?” Inclinei-me para a frente e olhei fixamente para ela. “Talvez tenha *sido* um transe sobrenatural.”

“Não, *não foi* e eu já te disse antes, não tem nada de sobrenatural nisso. Escute bem, seu rabugento, porque eu não pretendo dizer isso novamente. Eu não acredito no sobrenatural. De jeito nenhum. Em relação a nada. Será que tenho que dizer de novo ou você entendeu desta vez?”

“*Rabugento*”!

Ela me encarou com raiva. “Se a carapuça serviu, faça bom proveito.”

Contra-ataquei com um silêncio inexpressivo. De vez em quando nossos olhos se encontravam sobre a mesa, eu lançava meu olhar de cachorro-esmagado-na-estrada, e acabei fazendo-a rir.

“Assim é melhor”, eu disse, com a voz calma. “Não é?”

“Escute o que digo, Cliff, e se prepare para engolir o que disse. Você vai aprender que existe uma resposta prática para tudo. Jo ouviu o nome em algum lugar — ela ouviu ou leu —, como e quando isso aconteceu não importa agora. Mas causou uma impressão e mais tarde ela sonhou com isso. Ela estava descrevendo um sonho, seu tonto, você sabe como os sonhos são confusos. Isso não deve ser *tão* difícil de entender, ou você ainda é um velho tira desconfiado que sempre pensa o pior de todo mundo?”

“É uma ótima maneira de encerrar isso por enquanto, Koko. Você vai ser a otimista de coração puro e eu vou ser o velho tira desconfiado.”

“Velho tira desconfiado, cético e rabugento”, disse ela, satisfeita e carrancuda ao mesmo tempo.

E com isso nos separamos.



Pelo menos eu tinha um ponto de partida, algo para ocupar o meu dia enquanto ela cavava nos arquivos cheios de poeira. Preparei-me para enfrentar funcionários desprezíveis a quem nunca contaram que os arquivos públicos pertencem ao público, mas dessa vez foi fácil. Ajuda saber quais perguntas fazer e como fazê-las, e no final da tarde eu tinha um arquivo razoável sobre Archer.

Puxa vida, havíamos nos tornado uma deprimente nação de números. Consiga o número de um sujeito e você fica sabendo quase tudo sobre ele. No Departamento de Veículos consegui seu endereço e telefone na ilha Sullivan. Consegui o número do seguro social dele e da placa do carro. Eu sabia que ele tinha um Pontiac, dois tons de azul, comprado zero no ano de seu Pulitzer. Mas uma olhada no histórico de crédito dele revelou-se uma surpresa. Ele quase havia perdido o carro por falta de pagamento das prestações em 1985 e de novo no ano seguinte. Se o Pulitzer tinha colocado Archer na vida fácil, ele não ficou lá durante muito tempo. Ele precisava de um outro livro, um sucesso, e logo.

Joguei conversa fora de um escritório a outro, o bom sujeito que fazia as pessoas querer ajudar. Se algum funcionário comentava sobre meu rosto machucado, eu jogava charme e saía tagarelando, inventando histórias que o faziam rir. No fórum descobri que Archer havia sido processado diversas vezes por não ter pagado suas contas.

Nenhum dos processos tinha ido além da etapa inicial: ele sempre acabava soltando o dinheiro quando a parte lesada começava a ficar brava. Ele era um daqueles sujeitos chatos que faziam de tudo para protelar um pagamento, e que só pagavam quando era absolutamente necessário, e que agora era considerado um péssimo cliente por seu encanador, seu mecânico e pelo homem que pintara sua casa depois de um quase-tufão poucos anos antes. Ele tinha vários casos de não-pagamento sérios e um histórico de dívidas variadas. Algumas nunca foram pagas, e hoje em dia ninguém mais lhe emprestava dinheiro. Ele havia mantido os pagamentos da casa na praia, mas àquela altura eu tinha a impressão de que fora a duras penas. Ele

comprara a propriedade em 1983, o Rue me fazia pensar por que teria se mudado para cá da Virginia, onde havia passado toda a sua vida até então.

Parei na biblioteca pública perto de Marion Square. Como eu imaginara, Archer estava no último Quem é quem. Filho de Robert Russell Archer e Ann Howard Archer de Alexandria, Virginia, ele havia se casado e se divorciado fazia muito tempo — uma mulher chamada Dorothea Hoskins, que vivera com ele tempo suficiente para terem um filho em 1957. Em uma pasta de recortes que a biblioteca mantinha sobre os notáveis da região, descobri que Archer pouco se relacionou com o filho. Hoje o rapaz era um homem e morava na Califórnia com a própria família. Archer era três vezes avô e nunca vira os netos. A fonte disso tudo era a página solta de um tabloide, nada de especial, mas no caso de Archer tinha uma aura de verdade. De repente, o quadro que era amargo pareceu trágico: uma vida desperdiçada, com o grande prêmio como nada mais do que uma vitória vazia. Eu não conseguia imaginar como alguém podia ter um filho e não adorar fazer parte da vida dele.

Não havia menção a outros casamentos, nenhum tipo de vínculo profissional, nenhuma associação, e ele não parecia ser religioso. Fizera cinquenta e quatro anos em seu último aniversário. Nunca servira no Exército, embora a Coreia ainda estivesse causando problemas no décimo nono aniversário dele. Sua residência estava listada como endereço comercial: a mesma rua e número que eu tinha. Havia uma lista de seus livros, inútil porque eu já os conhecia.

O pai dele, Robert Russell Archer, fora um político influente na Virginia, preeminente o bastante para ganhar seu próprio verbete em edições passadas do Quem é quem.

Nascido em Alexandria, Virginia, 1905, era um gênio acadêmico: graduou-se no secundário com dezesseis anos e em Rutgers em 1925. Casou-se com Ann Howard, de Baltimore, em 1926. Dois filhos, o primeiro com o nome dele, Robert Russell, e alguns anos depois nosso rapaz, Hal, William Harold Archer. Aprovado na Ordem dos Advogados da Virginia em 1928. Ensinou direito e estudou sob a orientação de um preeminente juiz do tribunal itinerante de apelações. Funcionário público antes de começar sua própria firma de advocacia: assistente da Promotoria em meados da década de 30; procurador do Estado pouco antes da Segunda Guerra Mundial. Jovem demais para morrer na Primeira Guerra, velho demais para ser mutilado na Segunda. Nunca foi candidato na juventude, mas sempre exerceu algum

poder por trás das cenas: trabalhou duro para Dewey contra Franklin Delano Roosevelt, e mais ainda para o mesmo perdedor contra Truman. Presidente do Partido Republicano em seu estado nos primeiros anos do pós-guerra; membro do colégio eleitoral de Virginia em 1948. O primogênito, homônimo, morreu em 1945, com catorze anos. Fiz uma anotação para descobrir como aconteceu.

Muitas honrarias estiveram ligadas a seu nome. Aos poucos, enquanto eu as listava, comecei a imaginar um poderoso patriarca, um Burl Ivesian excêntrico de uma peça de Tennessee Williams. Ele saía de sua concha para se candidatar ao Senado no começo dos anos 60, mas serviu apenas cinco anos de seu mandato e aposentou-se por motivo de doença. Morreu em 1966, com sessenta e um anos.

Li aquilo tudo de novo e pensei: o que está errado com esse quadro?

Os Archer foram como os Huxley — dinheiro, posição, poder —, mas Hal Archer era exatamente o oposto de tudo isso. Lee Huxley não os tinha descrito como muito pobres quando eram crianças? Talvez na época da Depressão. Muitas pessoas perderam bastante dinheiro naqueles dias.

Procurei mais um pouco e encontrei um Robert Russell Archer anterior, também advogado, que dominara o Partido Republicano de seu estado na época da Primeira Guerra, e durante a Lei Seca, até sua morte, em 1939. Era o vovô, que morreu com cinquenta e três anos. Os Archer tinham algum gene ruinzinho em sua estrutura que os fazia morrer jovens. Aos cinquenta e quatro, Hal devia estar fazendo hora extra.

Nascido na Virginia rural em 1886, vovô era um daqueles sujeitos que moravam em cabanas de troncos. Estudou na Universidade de Virginia, fez faculdade de direito e em 1907 casou-se com uma mulher chamada (não estou brincando) Betsy Ross. *Maldição, adoro essas coisas — é tão americano que quase dá para ouvir Stars and Stripes Forever como trilha sonora.*

Só um filho, o já mencionado Robert Russell Archer. Ao que parece a família nunca usou “Jr.” ou “III”, assim seus filhos não tiveram que brigar por isso a vida toda.

Da mesma forma que o filho, ele não compareceu à carnificina de sua época, 1914-18, mas é fácil perceber que teria ido em um segundo se fosse mais jovem. Era patriota até a medula: incansável em campanhas de arrecadação de fundos de guerra, sempre pronto a subir em algum palanque. O vovô fez de tudo o que apareceu em seu caminho. Nunca viu necessidade

cívica que não quisesse atender: trabalhava em um número impossível de campanhas respeitáveis, e mais tarde, com sua carreira no direito em plena ascensão, envolveu-se em curadorias, sociedades de arbitragem e um clube de debates. Ele recebia honorários de meia dúzia de grandes empresas na década de 20. E com toda essa agitação acontecendo, o velhinho ainda encontrava tempo para um hobby.

Respirei fundo e devagar quando vi o que era.

O primeiro Robert Russell Archer — o vovô — era um notável colecionador de livros.



A essa altura já estava anoitecendo. Koko estaria esperando por mim no hotel, mas naquele momento tive um ímpeto de ver o habitat natural de Archer. Fui para o mais novo acesso para a ponte sobre o rio Cooper, segui por ela até Mount Pleasant e então, incentivado por um pôr-do-sol incrível, rumei para leste por uma ampla extensão do pântano. Atravessei uma ponte levadiça e saí na comprida e estreita ilha, amarela no dia que se apagava. A estrada terminava em um trecho contínuo de dunas de areia ondulante. Pelo meu mapa, eu sabia que o forte Moultrie se localizava a um quilômetro e meio para a direita, a praia ficava bem na frente, e a casa de Archer ficava a três quilômetros para o norte. Virei à esquerda e continuei dirigindo pela ilha.

A ilha não era complicada — não mais do que meia dúzia de ruas que corriam para o norte e o sul, e uma grade de pequenas ruas transversais, numeradas da Primeira à Trigésima Segunda. A casa de Archer fica perto de uma das extremidades, não muito longe da barra que separava a Sullivan de uma ilha irmã chamada ilha das Palmas, e precisei de menos de dez minutos para encontrá-la. Era construída sobre estacas, dois metros e meio acima da praia, com uma grande varanda que a rodeava, um espaço embaixo para guardar carros e escadas tanto do lado da rua quanto do lado da praia. Quando passei, vi uma luz em algum lugar lá dentro e um carro estacionado sob a varanda: não saberia dizer se era de Archer, mas tudo aquilo fazia parecer que havia alguém em casa. Parei meu carro a um quarteirão dali, tranqueio e caminhei por uma trilha que atravessava as dunas.

Naqueles poucos minutos a praia tinha passado de amarelo para roxo. O

mar estava bravo, ondas altas e de crista branca que quebravam cada vez mais perto. Fui atingido por fortes rajadas de vento quando cheguei à altura da barra. Longe, no mar, a luz de um navio que se aproximava brilhou. O horizonte já estava escuro, mas o céu atrás de mim ainda exibia um último e espetacular brilho do sol espalhando-se por uma fina camada de nuvens. Fui até perto da água e tentei parecer um turista passeando.

Pensei no que havia descoberto naquela tarde e o que poderia significar. Os editores do *Quem é quem* tinham um padrão de brevidade, e nenhuma palavra era gasta com informações triviais. Quando diziam que o vovô tinha sido um notável colecionador de livros, não estavam falando sobre os clássicos da literatura mundial ou *The rover boys whistle dixie*. Vovô havia sido um colecionador sério de primeiras edições caras, e valia comentar sobre sua coleção para um público leitor internacional.

Isso não colocava o sonho de Josephine, ou o que quer que fosse, em uma nova perspectiva? Se a referência dela a Archer havia significado o vovô, e não Hal, isso poderia fazer com que seu sonho, recuperado por meio da hipnose recente, tivesse mais de cinquenta anos de idade.

Caminhei por um longo trecho de areia dura e molhada. A casa de Archer estava logo adiante. Consegui ver o suficiente do carro para saber que não era o Pontiac dele, e na sala de frente para o mar havia uma luz, além daquela que eu havia visto. Parado na praia, pude ver alguém passando pela janela. Aproximei-me, margeando a casa mas aproximando-me dela, desejando que o escuro estivesse um pouco mais escuro mas sem vontade de esperar que isso acontecesse. Entrei no quintal de Archer e fui rapidamente para um local escuro sob a varanda. Dali eu podia ouvir o som fraco de um telefone tocando e alguém movendo-se no interior da casa. Os passos pararam: ouvi uma voz de mulher, mas ela falava baixo demais, e apenas isso ficou claro. Tive um pressentimento de que qualquer coisa que estivesse acontecendo naquele cômodo era relevante, importante o bastante para que eu me arriscasse, então fui para a luz pálida no início da escada e comecei a subi-la.

Ela estava em pé bem acima de mim e um pouco para a minha esquerda; a janela estava aberta e eu podia ouvir música tocando baixinho no fundo. O som cobria o que ela estava dizendo e, como era a voz dela, aproximei-me. Subi as escadas sem fazer barulho, e no alto atravessei a varanda lenta e cuidadosamente e encostei-me na parede. Seja lá o que estivesse acontecendo, só a outra pessoa estava falando agora. Ouvei um ã-hã, e outro ã-

hã e mais silêncio. Fiquei em pé contra a parede, bem perto da janela, o bastante para ser acusado de invasão de domicílio. Ela disse: “O.k.”, e esse único som, que ouvi muito bem, virou minha cabeça completamente.

Eu conhecia aquela voz e a conhecia bem.

Ela disse: “É, sei”, e se eu tinha alguma dúvida, mandei-a embora.

“Ele deve chegar aqui logo”, disse ela. “Eu te aviso quando houver alguma coisa para contar.”

Ah, Erin, pensei.

Voltei para a escada, desci tateando e fiquei embaixo da casa, escutando. Eu conseguia ouvi-la andando de um lado para o outro. Ela estava nervosa. Qualquer que fosse o motivo de estar ali, o resultado estava longe de ser claro. E quanto a mim, eu tinha apenas duas opções: revelar minha presença ou continuar vigiando. Escolha uma delas enquanto ainda as tem, pensei, e continuar vigiando foi o que me pareceu mais certo. Mas fique escondido, Janeway Use o carro se precisar.

Já estava bem escuro: eu não precisava de proteção melhor, então afastei-me da casa, voltei pela praia, atravessei as dunas e fui até onde o carro estava estacionado.

Um minuto depois eu estava entrando na rua de Archer e estacionei na frente da casa. Não importava muito onde eu estacionasse: havia outros automóveis parados na rua e o meu carrinho alugado ficava muito bem entre eles. Archer não teria motivo para saber que eu estava num raio de muito menos de mil quilômetros dali.

Nada estava acontecendo daquele lado da casa. Erin havia se confinado no cômodo que dava para a praia, e eu resolvi ficar tediosamente em segurança por um tempo.

Uma hora se passou. Consultei o relógio e imaginei Koko arrancando os cabelos.

De todos os trabalhos que eu tinha feito como policial, eu sempre odiara vigiar. Já é bem ruim quando se tem um parceiro para conversar; sozinho, era de matar. Mas esperei, afundado em meu assento, apenas os olhos movendo-se da rua para a casa e vice-versa.

Ele por fim chegou às dez e meia. Vi os faróis ao longe e me afundei ainda mais no assento. Gradualmente as luzes passaram pelo meu carro e se afastaram quando ele virou para entrar em casa. Ergui um pouco o corpo e olhei pela janela. Ouvi a porta bater e vi a sombra dele indo na direção da

escada da praia.

Depois que ele havia entrado na casa, saí e fui na direção do carro dele. Abri a porta, por tempo suficiente para que a luz interna confirmasse que era um Pontiac 83, dois tons de azul. O leão literário voltara à toca. Agora vinha a parte complicada: chegar perto o suficiente para descobrir algo útil sem ser descoberto.

Mais uma vez subi a escada e atravessei a varanda. Fiquei encostado em uma parede, a pouco mais de meio metro da janela aberta, mas nada estava acontecendo: não havia sons, nem mesmo um sinal de conversa vindo do outro cômodo.

De repente a porta se abriu e Erin saiu da casa. Prendi a respiração. Se ela se afastasse da casa ou mesmo fosse até a beirada da varanda, certamente me veria quando se virasse. Mas um som a atraiu de volta para dentro, e eu ouvi Archer dizer: “Essas malditas companhias aéreas estão ficando de um jeito que me faz odiar voar.

Como foi o seu voo?”.

“Foi bom. Consegui chegar aqui.”

“Acho que tive sorte de o meu atrasar apenas duas horas. Foi difícil encontrar a chave?”

“Estava no lugar em que você disse.”

Ouvi ele movendo-se de novo, aproximando-se da janela; em seguida, um barulho de garrafa. “Que tal um drinque?”

“Só se for bem fraco, por favor.”

“Diga o que quer.”

“Gim-tônica.”

Ouvi o som da bebida sendo servida e do gelo batendo no copo. Alguém se sentou, provavelmente Archer, na poltrona que ficava à esquerda da janela. “Vamos, Erin”, disse ele. “Relaxe.”

Imaginei-os olhando um para o outro, com os copos na mão, digladiando-se com os olhos.

“Saúde”, disse Archer.

Um momento se passou.

“Quer tratar dos casos agora?”, perguntou Erin.

O começo da conversa até que fora agradável, mas agora o tom ficara mais sombrio. Archer disse: “Eu digo a você quando quiser. E digo como vai ser feito também”.

Não havia equívoco quanto à intenção de Archer: ele a estava colocando

em seu lugar, informando-a sobre quem é que mandava.

“Qual é o seu problema?”, perguntou ele. “Você vem de Denver até aqui e agora age como se não aguentasse de vontade de ir embora. Será que eu te aborreço tanto assim?”

Ela precisou de um momento para responder. “Eu não estaria te acompanhando se achasse isso, não é?”

“Para falar a verdade, andei pensando a esse respeito. Aquela noite na festa do Lee, por exemplo, por que foi você quem me pegou?”

“Você achou incomum?”

“Considerando a maneira como nos separamos depois da turnê do meu livro alguns anos atrás...”

Ela não disse nada.

“Eu deveria pedir desculpas pela minha falta de modos naquela ocasião”, ele disse.

“Não é preciso.”

“E se eu achar que é preciso?”

“Não, por favor. Não é necessário.”

“Você deve gostar de ter isso como um trunfo sobre mim. Você se sente mais poderosa me vendo por essa perspectiva ruim? Acha que vai conseguir um acordo melhor dessa forma?”

“Vamos só tratar de negócios, Hal.”

“Eu estou tratando de negócios e você está começando a me deixar bravo de novo. Você acha que é fácil para um homem como eu me desculpar? Sobre qualquer coisa?”

“Escute, Hal... eu já disse, está tudo bem entre nós.”

“Mas você está mentindo, querida. Além disso, talvez você não esteja tão bem comigo.”

“Se esse é o caso, lamento.”

“Você lamenta, sim. Porque agora tenho uma coisa que você quer.”

“Que nós não vimos ainda. Eu não sei se esse foi escrito por Richard Burton, ou pelos homenzinhos que moram na Lua.”

Isso foi seguido por outro silêncio constrangedor. Então Archer disse: “Não vou dar nada de mão beijada. Você é boa, querida, mas não tão boa assim”, e o tom mudou novamente.

“Sabe do que mais?”, disse Erin. “Acabei de decidir que não estou a fim desse papo.”

“Ah, *essa* é a Erin que conheço. Não faz concessões. Ataca direto nas

gônadas.”

“Você quer conversar ou não?”

“Não sei, qual é a sua oferta?”

“Você sabe qual é a oferta.”

“Não é o bastante.”

“Então vamos ouvir a sua contraoferta.”

“O dobro, para começar. E você vai ser muito mais amável do que tem sido. Muito, muito mais.”

“Isso não vai acontecer, Hal.”

“O que não vai acontecer?”

“As duas condições. O dobro seria cinco vezes o que qualquer um pagaria. E eu vou ser educada e profissional, e isso é tudo o que você vai ter de mim. Espero que pelo menos isso esteja claro entre nós.”

“Não fique tão certa, querida. É bem possível que eu não queira nada do que você tem.”

“Então estamos progredindo. É a primeira coisa em que concordamos.”

“Você é mesmo uma cadela fria e calculista.”

“Outro comentário desses e eu pego o próximo voo para Denver.”

“E quem é que está te segurando?” Ouvi quando ela se levantou. Atravessou a sala e veio em direção à porta.

Incrédulo, ele disse: “Você iria realmente embora? Com tudo o que está em jogo...”

“Você tem muito mais em jogo do que eu. E a resposta é sim. Seja educado ou vou embora.”

Ele riu sem estar se divertindo. “Você é realmente uma coisa.”

Ela esperou.

“Tudo bem, vamos conversar”, disse ele.

Ela se sentou. “Vamos começar com a oferta que você tem. Tenho certeza de que você sabe que ela é generosa.”

“Essa é a sua opinião. O quanto vale uma existência? E vamos deixar de lado a ideia de que o dobro seria cinco vezes qualquer coisa. É impossível dizer por quanto algo assim seria vendido em um leilão com ampla divulgação.”

“Dei uma olhada nos registros dos últimos leilões.”

“Não há registro de leilão para esse item e você sabe disso.”

Silêncio. Finalmente ele disse: “Estamos falando de algo excepcional, querida”.

“Talvez seja tão sem igual que nem exista. Você ainda não me mostrou nada.”

Archer riu. “Agora quem é que está desperdiçando tempo?”

“Então me mostre. De qualquer forma tenho que vê-lo, antes que qualquer coisa aconteça.”

“Primeiro vamos chegar a um acordo em relação ao valor. Se eu o colocar em um leilão, o preço vai chegar à lua.”

“Também poderia chegar a muito menos do que você pensa.”

“Quer arriscar?”

Mais silêncio.

“Acho que não”, disse Archer.

“Sem querer ser repetitiva, existem razões pelas quais não quero que isso se torne público.”

“É por isso que você vai pagar, não é, querida?”

“Posso aumentar um pouco. Não muito. Certamente não o dobro.”

“Que pena. O dobro é onde eu começo a conversa.”

“Você está perdendo tempo. E não me chame de ‘querida’ de novo.”

Eu quase podia vê-lo balançando a cabeça enquanto ria. “Aposto que você é bem durona no tribunal, meu anjo.”

“Você não vai querer descobrir.”

“Isso parece uma ameaça. Você está me ameaçando, Erin?”

“Só estou concordando com você.” Ela suspirou de repente e disse: “Não vamos chegar a lugar nenhum”.

Ela se levantou abruptamente: eu a ouvi andando pela sala. “Obrigada pela bebida. Parece que não vamos conseguir chegar a um acordo, mas é sempre um grande prazer falar com você.”

“Você não pode blefar para cima de mim.”

A voz dela estava severa agora. “Não é blefe, querido. Posso negociar dentro de limites razoáveis, mas ainda não ouvi nada de você que fosse razoável. A propósito, a oferta só vale até o meio-dia de sábado. Se eu tiver que voltar para Denver sem um acordo, acabou a conversa.”

“Estou tremendo de medo.”

“Cuidado para não deixar escapar uma pequena fortuna, Hal.” Ela andou pela sala. “Se isso não der certo, você pode perder tudo. Desse jeito você consegue o seu dinheiro e fica bom para todo mundo.”

“Erin, meu Deus, parece que você está falando em dinheiro livre de impostos.”

“Não é isso que eu aconselharia se fosse sua advogada.”

“Mas a Receita Federal não vai ficar sabendo por você.”

“Não.”

Ela se aproximou da porta. “Pode pensar a respeito, mas não se esqueça de qual é a minha posição. Quando eu for embora, acabou.”

“Quero falar com Lee.”

“Acho que não, Hal. Essa é uma ponte que você danificou bastante nos últimos dias.”

“Eu o conheço melhor do que você. Ele vai falar comigo.”

“Não tente contar vantagem com nenhuma dessas suposições. Eu também conheço Lee muito bem. Ele está bravo e magoado. Pensava que você era amigo dele. Ele tem sido seu amigo a vida toda e isso é o que ganhou.”

Eu podia sentir o calor da situação. Erin disse: “Estou avisando. Não cometa o erro de pensar que pode ser arrogante conosco, só porque vim até aqui”.

“Isso nós vamos ver”, disse Archer. “Talvez eu telefone para você. Talvez não.”

“Não é tão simples assim. Não vou perder o meu avião para ficar com joguinhos. Você tem que me mostrar alguma coisa ou todo o negócio vai dar em nada.”

“Por alguma razão, duvido disso.”

Ela aproximou-se da porta. Eu o ouvi dizer: “Erin”, o que me deu tempo suficiente para sair da varanda.

Já lá embaixo, eu a ouvi dizer: “O que é agora?”.

“Vá se foder”, ele disse.

Eu mal tinha saído da escada quando ela saiu da casa e começou a descer. Joguei-me na areia sob a casa e fiquei ali. Ela entrou no carro e deu ré em direção à rua.

E agora, o que fazer? Há momentos em que a gente gostaria de se dividir em dois.

Abandonei Archer e corri atrás dela. Erin ainda estava à vista na rua comprida e reta, e foi fácil segui-la no trajeto de volta à cidade.

Depois da ponte, ela virou em direção ao sul, entrando na Meeting. Por um momento parecia que estávamos hospedados no mesmo lugar: ela continuou seguindo em frente e eu fiquei bem atrás dela. Chegamos à rua Calhoun com poucos carros de distância entre nós, e eu parei atrás dela em um farol vermelho na Wentworth.

O farol abriu. Ela passou pelo Heart of Charleston e atravessou a Queen em direção ao Mills House, um hotel elegante que reconstruía a excelência dos tempos anteriores à Guerra Civil, e onde, segundo o guia de Koko, Robert E. Lee, de uma das sacadas originais, havia visto a cidade em chamas.

Ela entregou a chave para um manobrista e desapareceu no interior do hotel. Estacionei na rua e corri para a porta. Ela estava em pé cercada por mármore a poucos metros da entrada, lendo algum folheto em uma mesa. Da rua eu não conseguia ver nenhum indício de balcão de recepção apenas uma saleta à minha direita e o que parecia ser o começo de um saguão à esquerda. E agora? Eu sabia que se a deixasse desaparecer talvez não a visse mais até chegar a Denver, mas como ia confrontá-la? Tomei todas as decisões em segundos. Eu ia falar com ela agora; ia agir como se a tivesse encontrado aqui pelo mais inacreditável dos acasos. Ela saberia que não era verdade, mas não importava; naquele momento eu estava apenas querendo quebrar o gelo e começar uma conversa.

Não era um grande plano, mas a qualquer hora ela iria para o quarto e a oportunidade se perderia. Abri a porta e segui Erin até a recepção. O recepcionista me viu no mesmo instante: algum morador de rua pensou ele, certamente não um dos nossos. Ele ergueu o olhar, procurando pelo mensageiro ou pelo porteiro.

“Posso ajudá-lo, senhor?”

“Eu sou apenas o fantasma de Robert E. Lee. Você viu meu cavalo por aí?”

A desconfiança dele tornou-se alarme: não só eu era um morador de rua como também era louco. Mas Erin havia se virado com o som da minha voz. o rosto dela brilhou de surpresa, o que ela disfarçou no mesmo instante. Inexpressiva, disse: “Eu vi um cavalo lã fora. Qual é o nome dele?”.

“Viajante. É um garanhão grande e feio com personalidade.”

“Não posso ajudá-lo. O que eu vi era uma égua meiga e gentil e se chamava Cheirosa.”

“Eu desprezo cavalos assim! Esse cavalo pertence a Dale Evans — só pode ser montado de lado. Pode imaginar o que teria acontecido se eu aparecesse montando de lado em Gettysburg?”

“O Norte teria vencido em um dia, e não em três.”

Ela era rápida, mas eu sabia disso. Também estava tensa: eu não conseguia perceber, porém sentia a tensão. Ela ergueu a cabeça e disse em voz baixa, quase imperceptível: “Seis mil vidas teriam sido salvas”.

A voz do recepcionista atravessou o ambiente. “Conhece este cavalheiro, srta. d'Angelo?” perguntou, e ela sorriu com uma espécie de desprezo cômico. “Receio que sim.

Não o expulse ainda, vamos ver o que ele tem a dizer em defesa própria.” Ela veio na minha direção, mas parou depois de alguns passos. “O que está fazendo aqui, Janeway? O que aconteceu com o seu rosto?”

“Eu me quebro assim de vez em quando. Onde será que poderíamos conversar?”

“O nosso salão ficará aberto mais um pouco.” O recepcionista pareceu lamentar a oferta imediatamente, mas ela agradeceu e nos acomodamos no salão. O jogo recomeçou.

“Então, o que você está fazendo aqui?”, disse eu.

“Perguntei primeiro.”

“Eu precisava de uma mudança de cenário depois que você me deu o fora e me contou aquela lorota sobre ir passar uma semana no mato. Espetei um alfinete no mapa e aqui estou eu.”

“Eu não dei um fora em você e não contei lorota. Mas apareceu uma coisa.”

“Uma oferta melhor”, disse eu, torcendo o nariz. “Então você foi para as montanhas onde não tinha nem um balde velho para fazer xixi, planejou ficar fora pelo menos uma semana, mas alguém conseguiu te achar e te repassar um monte de trabalho.”

“É mais ou menos isso.”

Balancei a cabeça. “Você realmente tem que largar esse emprego.”

“Não vou discutir com você sobre isso. Mas nem Waterford, Brownwell ou Deus poderiam ter me tirado de lá depois das agonias de Rock Springs. Estou em uma missão para uma pessoa amiga.”

“Alguém que eu conheça?”

“Não posso falar a respeito. A pessoa também é cliente.”

“E você não fala sobre os negócios de clientes.”

“Em especial para pessoas muito estranhas que aparecem da rua. Além de ser eticamente duvidoso, não é uma boa ideia por razões práticas.”

“Ah, claro, entendo. Eu também estou aqui por um cliente, então também não posso falar a respeito.”

“Você tem clientes?”

“Claro. Você não é a única que sabe como recheiar uma conta.”

“Ora, bolas”, disse ela. “Isso não nos deixa muita coisa para conversar.”

Em outras palavras, a bola estava do meu lado da quadra. Eu disse: “Talvez ainda possamos encontrar uma área de interesse mútuo. Alguma coisa que tenha violado a confiança de todo mundo, mas que ninguém saiba de onde veio. Que tal Richard Burton e sua viagem por aqui pouco antes da Guerra Civil?”

“É por isso que você está aqui?”

“Talvez.” Inclinei-me sobre a mesa, sério. “Na verdade eu sou muito bom para guardar segredos, Erin. Quando eu era policial, às vezes tinha situações de vida ou morte que dependiam de eu manter a minha boca fechada.”

“E o que isso significa? Só porque você não é o grande fofoqueiro que aparenta ser, isso não me libera da realidade ética de ter que proteger os negócios de meus clientes.”

“Ora, que pena, então. Como está sua bebida?”

“Gim-tônica é como conversa fiada. A mesma coisa em todo lugar.”

“Então, quando você vai para casa?”

“Sábado à tarde. E você?”

Dei de ombros. “Não tenho certeza. Posso ter que ficar semanas ainda. Talvez nunca tenhamos aquele encontro.” Tomei um gole de meu drinque e joguei uma cartada.

“Eu às vezes demoro para achar um assassino.”

“O que isso quer dizer?”

“Pense um pouco.”

Ela franziu a testa e disse: “Hummm”; ficou engraçada.

“Pense bem em qual pessoa foi assassinada há uma ou duas semanas. Você vai lembrar.”

“Eu não tenho a menor ideia do que você está falando.”

“Você sabe como se soletra Denise?”

Isso a pegou. “Você está falando da Sra. Ralston?”

“Da falecida Sra. Ralston.” Fiquei observando os olhos dela, que nem piscaram. “Saiu nos jornais de Denver.”

“Fui para as montanhas, não acabei de te dizer? Não leio um jornal de Denver desde antes de ter ido para Rock Springs. O que aconteceu?”

“Alguém entrou lá e a asfixiou.”

“Ah, merda. Aquela mulher tão elegante. O Sr. Ralston deve estar...”

Ela virou as mãos com as palmas para cima, e eu disse: “Sim, ele está”.

“Ai, Cliff. Por que alguém iria querer machucar aquela mulher adorável?”

“A polícia pensa que foi Ralston.”

Ela balançou a cabeça, com raiva agora. “A polícia pensa, dá um tempo. Eles têm alguma evidência contra ele?”

“A não ser pelo fato de que geralmente o culpado é o marido, não. Estavam esperando arrancar uma confissão dele. Se não conseguirem nada, terão que ir atrás da teoria do assaltante desconhecido.”

“E nunca vai se resolver o caso.”

“Essa é a aposta. A menos que, por alguma graça iluminada, eu consiga resolver.” Lancei para ela meu olhar de “milagres acontecem” e o momento se estendeu.

“O que você faria? Onde pode começar?”

“Acho que pode ter alguma coisa a ver com o livro que deixei com ela naquela noite.”

Ela pesou minhas palavras e disse: “E esse seria o motivo pelo qual a polícia está procurando por Ralston?”

“É isso o que um dos policiais pensa. Infelizmente, é ele quem está conduzindo a investigação.”

“Você pode falar com ele?”

Meu riso foi cáustico. “Eu fiz isso.”

“Então é um daqueles. Talvez ele queira falar comigo. O Sr. Ralston tem advogado?”

“O Sr. Ralston está foragido.”

“Está cada vez melhor, não?” Ela tomou mais um gole. “E o que aconteceu com o livro, o assassino o pegou?”

“Eu o peguei.”

“Então o que faz você pensar que o livro está por trás disso tudo?”

“Só uma intuição. Mas existe um problema com ela. Apenas cinco pessoas sabiam que eles estavam com o livro: os Ralston, o médico, eu...”

“E eu.”

Se houve um momento promissor, foi aquele. Eu disse. “Não contei para ninguém”.

“Bom, eu não falei. Fui para as montanhas no dia seguinte bem cedo. Como eu disse.”

“É concebível que Ralston possa ter contado para alguém na vizinhança. Talvez a própria Denise tenha feito isso. Se Whiteside for um policial de verdade, ele deve estar vendo isso agora.”

“Randy Whiteside?”

Confirmei com a cabeça.

“Ah, merda”, disse ela, rolando os olhos. “Ah, merda, merda, merda, aquela pobre mulher.”

Ela pensou um minuto e então disse: “Se Ralston for preso ou entrar em contato com você de alguma forma, preciso falar com ele. Imediatamente, antes que ele diga alguma coisa que a polícia possa usar contra ele”.

Eu sabia que meu amigo Moses ia ficar bem feliz em deixá-la com este caso. “Se você o pegar como cliente, terá que ser em prol do bem público.”

O olhar dela tornou-se furioso. “Você me ouviu falar alguma coisa sobre dinheiro?”

Tomamos outro drinque rápido. Não havia muito mais tempo: o salão ia fechar.

“Eles estão quase nos chutando daqui”, eu disse. “É a última chance para você me contar seus segredos.”

Ela pareceu estar realmente pensando no que eu disse. “Vou falar com meu cliente de novo esta noite”, disse ela. “Talvez possamos compartilhar alguns fatos.”

“O.k.”, disse eu, com ar desinteressado. “Talvez ajude se eu lhe contar o que já sei, assim não precisamos passar por coisas antigas. Por exemplo, eu sei que você veio aqui para ver Archer.”

Ela nem piscou diante do que eu disse, então continuei, esperando estar certo. “Sei que você está representando o juiz Huxley em uma tentativa de

comprar um livro que Archer afirma ter.”

Dessa vez ela piscou. Encorajado, continuei: “Sei que Archer está sendo encantador como sempre, sei que ele e Lee tiveram uma desavença, e sei algumas outras coisas também. Estou lhe contando isso para que você saiba que teremos que começar bem além desses pontos. É besteira reinventar a roda”.

“Estou me perguntando como você descobriu tudo isso. Supondo que seja verdade.”

“Eu era um detetive muito bom, Erin.”

Ela sorriu de leve. “Grampear telefones é ilegal em quase todos os lugares, Janeway.”

“Obrigado, advogada, por esclarecer isso de forma que um pobre e velho tonto idiota, ex-policia e leigo em direito possa entender. Para sua informação, há pelo menos uma semana eu não grampeio um telefone ilegalmente.”

Ela olhou fixo para mim, e quase pude ver as engrenagens girando na cabeça dela.

“Então, o que fazemos?”, perguntei. “O seu pessoal entra em contato com o meu pessoal, como vocês, advogados, gostam de dizer?”

“Vamos tomar o café da manhã juntos, espertinho. Esteja aqui às oito e veremos o que acontece. E passe um pente no cabelo antes de vir.”

Algumas anotações de Koko estavam debaixo de minha porta. Parecia um relato do dia dela na biblioteca. Havia também várias páginas de fotocópias que mostravam, eu suponha, o que ela havia encontrado. Eu ainda não tinha muita esperança em relação ao lado dela a trilha que ela investigava era muito fria, então não li o texto no mesmo instante, apenas o coloquei na mesa e sentei na cama por alguns minutos, pensando em Erin. No dia seguinte, eu esperava, muito mais seria revelado. Eu queria que ela contasse a verdade, e no momento eu acreditava no que queria acreditar. Achei que ela havia ficado verdadeiramente surpresa com a notícia sobre Denise. A explicação dela parecia verdadeira. Lee Huxley era como um pai para ela: ele teria o número do telefone celular de Erin, e quando lhe apareceu uma oportunidade de comprar o diário de Burton, ela seria a escolha natural para representá-lo. Ele não poderia vir até Charleston: estava sempre muito ocupado e provavelmente no meio de algum julgamento. O que mais eu tinha descoberto? Que a relação de Lee com Archer havia começado a se desfazer. Que isso havia acontecido apenas recentemente.

E que fosse qual fosse a peça da biblioteca Charlie Warren-Burton que Archer pudesse ter, de qualquer origem, ele de jeito nenhum possuía todas. Archer precisava de dinheiro e não tinha o menor escrúpulo em pedir um preço extorsivo mesmo a um velho amigo. O livro era excepcional — nem mesmo *raro*, a palavra mais excessivamente usada do léxico dos livreiros, poderia descrevê-lo. O próprio Archer dissera isso, e eu não precisava gostar dele para reconhecer que ele sabia muito bem usar as palavras. *Excepcional* significaria para Archer a mesma coisa que significava para mim — *sem outro igual*. Pensei no diário de Burton. O que mais poderia ser? E como ele o teria conseguido?

O caderno de Richard Burton. A versão de Burton sobre a história de Charlie Warren: a palavra final em sua própria caligrafia, a prova

incontestável de que as lembranças que Josephine tinha de seu avô eram verdadeiras ou falsas. Minha cabeça zunia só de pensar naquilo, e Koko... puxa, ela ia desmaiar de empolgação e de esperança.

E havia o seguinte: Erin tinha dado a entender que Archer poderia enfrentar alguma ação legal. O que isso significaria? Para mim, significava que, de alguma forma, Archer tinha obtido fosse lá o que fosse de um modo questionável, e que Erin e Lee sabiam disso. Ele estava vulnerável em algum ponto. O que *isso* significava, eu não sabia. Não conseguia imaginar Lee comprando nenhuma mercadoria “quente”: aquilo simplesmente não combinava com o homem que eu conhecia. E eu não conseguia imaginá-lo em alguma busca furiosa por qualquer livro a ponto de ser manipulado por um trapaceiro de meia-tigela como Archer. Eu pensava sobre isso e ainda não me parecia real quando eu aplicava a situação a Lee. Mas, é claro, eu sabia como são as coisas: a loucura do livreiro pode pegar a todos, até mesmo um distinto juiz. Alguns de nós passam a usar rostos estoicos, como jogadores de pôquer profissionais cujas máscaras escondem a agitação, mas eu conhecia Lee Huxley fazia quinze anos e simplesmente não acreditava. Ele era um colecionador de livros, mas um colecionador mentalmente são, e eu apostaria minha livraria nisso.

Então onde eu estava? Eu havia me agarrado a qualquer coisa e só conseguira grandes improbabilidades. Lee estava comprando o livro de volta para alguém que o havia perdido, talvez anos ou décadas antes. Ele estava consertando um erro antigo. Ele estava... o quê? Que *diabos* ele estava fazendo?

Já era tarde. Fui até a mesa e olhei as anotações de Koko. Pensei em ler pela manhã, mas havia um ar de empolgação absoluta nas primeiras palavras que me atraíram a atenção. Ela já havia encontrado a prova de alguma coisa. Uma das hospedarias em que Burton e Charlie havia ficado ainda existia. A história ficara famosa: uma mulher de certa idade e seus dois filhos haviam administrado um verdadeiro hotel do homicídio; assassinaram e roubaram viajantes sabe-se lá durante quanto tempo antes de serem presos e enforcados em 1861. A hospedaria ficava exatamente onde Charlie havia descrito — no meio do nada — e os relatos que ela havia lido correspondiam exatamente às lembranças de Charlie. O nome da mulher era Opal Richardson, e seus filhos chamavam-se Cloyd e Godie. O único nome que Charlie havia ouvido naquela noite, junto com Burton no escuro, fora Cloyd, mas quantos Cloyd poderia haver no mundo? Para Koko isso era a prova de que eles haviam

estado lá.

Mas lentamente minha própria empolgação inicial foi sendo temperada pela dúvida. O fato de ter sido tão fácil recuperar a informação era um ponto contra. Que Koko, mesmo com sua extensa experiência de bibliotecária, tivesse descoberto aquilo em uma tarde não era um bom sinal. Significava que qualquer um disposto a promover uma fraude também poderia ter descoberto a mesma coisa. O pensamento de que Josephine poderia muito bem ter passado por Charleston para conseguir material para alguma história exagerada era tão improvável que beirava o absurdo. Mas e se ela tivesse passado por aqui anos atrás, descoberto a história da velha hospedaria, e guardado para um outro dia? Ela poderia até mesmo ter começado a acreditar nela. As pessoas fazem coisas assim. Quando o que está em jogo é algo muito importante, elas acreditam em suas próprias mentiras. Tive uma visão de Josephine com quarenta anos, vasculhando febrilmente entre documentos e jornais antigos, construindo a história em sua mente, e então indo atrás dela em vão para o resto da vida. Mas como isso explicava os livros? Até agora só tínhamos três, o meu *Pilgrimage* em dois volumes e o exemplar de *First footsteps* que estava com Jo. Para mim isso era uma prova sólida, mas para Koko publicar alguma coisa séria precisaríamos de mais do que aquilo.

Olhei as fotocópias que Koko tinha deixado. Como eu havia pensado, os escritores fizeram o que bem entenderam com Opal Richardson e seus filhos estúpidos durante cem anos. A história se tornara uma parte do folclore da Carolina, sendo requentada nos jornais de tempos em tempos, em busca de novos leitores.

No final da última página Koko havia escrito: *ONDE VOCÊ ESTÁ? Ligue assim que chegar. Não importa a hora, não vou dormir até você ligar.*

Então liguei e ninguém atendeu. A velha sensação de desconforto recomeçou.

Saí do quarto, atravessei o hotel e fui até o quarto dela. Bati na porta.

O desconforto misturou-se com ansiedade e transformou-se em preocupação.

Fui até a recepção. Um homem que estava lá contou que ela havia aparecido diversas vezes perguntando por mim. Mas ele não a vira nas últimas duas horas.

Telefonei para o quarto dela do saguão e deixei tocar dez vezes.

Àquela altura eu já estava alarmado. Aonde ela iria depois da meia-noite? Talvez estivesse me dando uma dose de meu próprio remédio: *Se*

quiser manter contato, rabugento, você precisa ficar em contato.

Não há situação que cause tanta sensação de impotência como aquela. Você está em uma cidade estranha. De repente perde alguém. Existem razões para ficar preocupado; potencialmente, existem possibilidades assustadoras, embora fosse improvável que os inimigos tivessem nos encontrado tão rápido. Você não pode chamar a polícia porque uma pessoa sumiu por algumas horas. Mas você sabe que algo está errado.

Tudo que eu podia fazer era esperar. Caminhei pela penetrante noite sulista e fiquei em pé na calçada olhando para os dois lados da rua Meeting. Por fim voltei para o meu quarto, onde tentei assistir à televisão. Fiquei olhando para a tela.

Às duas e meia meu telefone tocou. Atendi apreensivo e fiquei cheio de alegria ao ouvir a voz de Koko. Ela disse “Oi”, mas a voz estava desanimada. Eu conseguia ouvi-la tremendo enquanto ela respirava. “O que está acontecendo?”

Ela não respondeu.

“Ei, Koko, onde você está?”

“Em meu quarto.”

“Aonde você foi?”

“Andei por aí.” Ela soluçou. “Escute, tenho que ir para casa.”

Constrangido, eu disse “Está bem”.

Mas não estava nada bem. Havia alguma coisa errada com ela. “Eu vou com você”, eu disse.

“Cliff...”

“Eu vou até aí.”

“Eu tenho que ir para casa”, ela repetiu. Então ela suspirou, profundamente, e disse: “Eles puseram fogo na minha casa”.

Conversamos durante uma hora: Koko em sua tristeza, eu para me aliviar da raiva que sentia fervendo dentro de mim. Tudo o que ela possuía estava dentro daquela casa.

Mobília que ela herdara da mãe, livros que eram do pai e que ela mesma comprara durante anos. Quadros, documentos, as cartas de amor de seus pais: tudo o que contava quem ela era e de onde ela havia vindo. Não discuti: escutei os planos que ela havia feito, sabendo que não seria possível deixá-la voar de volta para Baltimore.

Seria melhor que ela percebesse isso por si própria, mas eu a impediria se tivesse que fazer isso.

Ela havia telefonado para uma amiga, uma mulher que conhecia em Ellicott City. Foi assim que ficou sabendo da casa. “Eu queria que ela regasse as minhas plantas.

Agora não existem mais plantas.”

“Koko...”

Ela olhou para mim.

“É um pouco tarde para perguntar isto”, eu disse. “Você preferiria nunca ter ouvido falar em Charlie, Josephine ou Burton? Ou em mim?”

“De jeito nenhum.”

Eu me animei com aquilo, mas não forcei nada. Deixei-a ver por si própria o que isso significava e como tal fato havia levado inevitavelmente até ali.

“Não”, repetiu ela, ao perceber. “De jeito nenhum.” Então ela sorriu e disse: “Bem, tem ocasiões em que posso muito bem ficar sem você”.

Estendi a mão e apertei a dela. “Você entende o que isso significa agora.”

“Eu não posso ir para casa.”

“Não no momento. É um risco que não podemos correr.”

“E a polícia? Eu poderia fazê-la prender aquela gente.”

“Isso se eles deixaram alguma evidência. Meu palpite é que arrumaram alguém para fazer o serviço. Um incendiário profissional que não deixa rastros. E todos vão ter álibis para a hora em que o incêndio aconteceu.”

Ela continuou com o olhar fixo no chão.

“É difícil ser policial”, eu disse. “As pessoas não percebem. Temos que jogar seguindo todas as regras, enquanto bandidos como Dante fazem o que querem. A menos que cometam um erro.”

“Será que a polícia não pode, pelo menos, me proteger?”

“Tenho certeza de que tentarão fazer isso. Mas não podem ficar de olho em você o tempo todo para sempre. Vai chegar uma hora em que você vai estar vulnerável.”

Um momento depois ela disse: “É você quem eles realmente querem”.

Confirmei com a cabeça. “Eles vão te usar para me pegar. Mas não vão ficar só nisso.”

“Então o que eu faço?”

“Vamos resolver uma coisa por vez. Você tinha seguro?”

“A casa estava coberta. Mas perdi todas as minhas outras coisas.”

“Você tem advogado? Alguém em quem possa confiar?”

Ela confirmou. “Meu advogado redigiu meu testamento. O pai dele conhecia meu pai.”

“Ele tem uma procuração para te representar?”

“Nunca fiz uma procuração para ele. Nunca precisei.”

“Isso é fácil de fazer. Aí ele pode cuidar da casa. Ir atrás da companhia de seguros, essas coisas.”

“Algum dia eu vou poder voltar para casa?”

“Acho que sim.”

Mais um momento se passou, em que as implicações daquilo tornaram-se claras. O olhos dela se arregalaram e ela disse: “Você vai matá-lo”.

“Você não tem que se preocupar com isso.”

“Ah, faça o favor. Não me trate como se eu fosse alguma tonta que não estivesse envolvida no negócio.”

“Eu disse a ele o que aconteceria. Ele decidiu não escutar. A esta altura, somos nós ou ele.”

Ela balançou a cabeça, horrorizada.

“Não desperdice suas lágrimas”, eu disse. “Ele é um monstro. Nos mataria sem hesitar.”

Mas ela não conseguia tolerar a ideia. “E se não foi ele?”

“Nas circunstâncias atuais, isso é bem improvável.”

“Mas e se não foi ele? A esta altura, nem mesmo sei *como* a casa pegou fogo.”

“Sabe, sim.”

“Cliff... e se você estiver errado?”

“Então sou um mico de circo.”

“Por favor, não brinque com isso. É algo terrível demais para ficar fazendo piada.”

“É ele ou eu, Koko. Pense nisso.”

“E os outros?”

“Eles não são importantes. Vão desabar como um castelo de cartas quando Dante tiver sumido.”

De repente os olhos dela se arregalaram de novo. “Ai, meu Deus.”

“O que foi?”

“Acabei de me lembrar. Acho que fiz uma coisa idiota esta noite.” Ela fechou os olhos e murmurou algo parecido com um palavrão. “Contei para a minha amiga onde estou.”

“Você disse a ela para não contar a ninguém?”

“Nem pensei nisso.” Ela colocou as mãos sobre o rosto. “Eu não *pensei!*”

Quase um minuto inteiro se passou.

“Ai, eu sou tão *idiota!*”

“Tudo bem, Koko”, eu disse em voz baixa. “A gente dá um jeito.”

O telefone tocou às sete e quinze. Rolei na cama, agradei o sujeito da recepção por ter ligado, sentei-me, inclinei-me sobre os joelhos e encarei o telefone. Primeiro pensamento do dia: ligar para Denver. Seria como ligar para uma dedetizadora para resolver um probleminha com ratos. Era só ligar para Denver de Charleston e um rato morria em Baltimore esta noite.

A princípio fiquei surpreso com a indiferença que senti, e, em seguida, por sua lenta reversão. Era como se apenas agora eu começasse a ver as consequências, não para Dante, mas para mim. Chegar até este ponto, de estar sentado neste lugar olhando para o telefone, eu devo ter passado a metade da minha vida inocentemente, sem nunca pensar em que ações desse tipo tornam os homens que as fazem. Eu havia passado minha vida toda do lado certo da lei. Será que eu realmente podia estar pensando em me tornar um assassino insensível? Não importam os motivos ou a justificativa. Não importa que alguém bem longe dali iria puxar o gatilho ou que eu mesmo havia matado homens de maneiras mais passíveis de serem perdoadas. Bastava esse único telefonema e eu passaria para o lado de lá: seria um animal, igual a ele. E eu sabia que Dante, um dos verdadeiros habitantes do lado de lá, havia visto essa fraqueza em mim naquela noite na livraria de Treadwell. Apesar de toda a minha conversa de durão, ele estava apostando que eu nunca faria o que prometi, e que no final seriam apenas ele e eu.

Fiz a barba, tomei banho e me vesti bem. Penteei o cabelo porque Erin pediu.

Que lindo dia, pensei quando saí. Não estava quente demais, nem com muita daquela umidade típica de Charleston. Escrevi um bilhete para Koko e deixei-a dormir. Ela precisava disso, e a presença dela só inibiria qualquer coisa que estivesse para acontecer com Erin.

Parei em um semáforo na rua Market e pensei em Dante. O farol abriu, atravessei a Meeting e desci a rua em direção ao Mills House.



Erin estava em uma mesa no canto, passando os olhos no *News and Courier*. Ela dobrou e guardou o jornal quando me viu entrar. Sentei-me em frente a ela, esperando que conduzisse a conversa. A garçonete ainda não tinha trazido meu café quando ela disse: “Lee quer falar com você”.

“O.k. Tem ideia do que ele quer?”

“Ele está pensando em abrir uma livraria na East Colfax e quer se aconselhar com você.”

Ri educadamente. “Pergunta idiota, resposta idiota.”

“Vamos ligar para ele daqui a pouco.” Ela olhou o relógio. “Lá ainda são seis e quarenta e cinco. Enquanto isso, você pode tomar o seu café e conversar comigo.”

“Não vou reclamar. Vai ser uma conversa sobre negócios ou sobre prazer?”

“Receio que só negócios.”

Estalei os dedos. “Que pena.”

Ela me olhou com uma expressão de quem estava se divertindo e disse: “Como você já adivinhou, estamos envolvidos com Archer, em uma delicada negociação por um livro que Lee quer. Temos medo de que sua aparição repentina possa complicar as coisas e as torne impossíveis para nós”.

“Bem, até agora Archer não sabe que estou aqui.”

“Queremos que continue assim.”

“Espero que você não me ofereça dinheiro para ir embora.”

Ela balançou a cabeça um pouco, mas não acho que quisesse dizer “não”.

“Isso seria um grande desapontamento, Erin.”

Quase pude vê-la mudando de tática. “Nós certamente não queremos insultá-lo”, disse ela.

“É bom ouvir isso. Gosto de Lee e o respeito muito. Quanto a você...”

Ela ergueu uma sobrancelha.

“Eu gosto de você também.”

“Bom saber disso.”

“É. Mas isso torna as coisas difíceis.”

“Não sei por que deveria.”

Sorri. “Acho que você sabe.”

Ela disse: “Escute, seria melhor para nós que você não estivesse aqui? Sim, seria. Seria melhor que você fosse embora? Sim, seria. Lee gosta mais de você do que você sabe, mas ele vai ficar muito chateado se você entrar nesta história e melar as coisas. E eu também vou”.

“Isso deveria me fazer fugir correndo de volta para Denver?”

Ela pareceu ficar infeliz, e dessa vez não sorri. Eu disse: “Até aqui você não está se saindo muito bem, Erin. Sei que você é uma negociadora muito melhor do que isto. Sei também que você sabe que não deve entrar em uma situação irritando de cara seu adversário, a não ser que seja algum estúpido como Archer, que se ofende com qualquer coisa. E neste momento eu sou o seu adversário. Se você quiser que eu seja o seu amigo, serei e ficarei feliz com isso. Mas a minha amiga está morta e, francamente, se Lee vai conseguir ou não um outro livro é algo que não importa muito diante disso. Se querem paz entre nós, vocês dois têm que lidar comigo de igual para igual”.

Ela recostou-se na cadeira. “Puxa, você está sensível esta manhã. Teve uma noite ruim?”

“Pode-se dizer que sim. Tenho os meus próprios dilemas morais para resolver.”

A garçonete me trouxe café. Fiz um pedido que incluía muitas calorias, e ela anotou e foi embora. Erin disse: “A última coisa que queremos é atrapalhar a investigação sobre quem matou a Sra. Ralston”.

“Ora, esse é um começo bem melhor.”

“Mas não vejo como vamos fazer isso.”

“É por isso que estou aqui. Eu conto se você me contar.”

Abruptamente ela disse: “Tudo bem, vai ser de igual para igual. De qualquer forma, foi isso que me disseram para fazer”.

“Disseram quando?”

“Ontem à noite, depois que você foi embora, eu telefonei para Lee do quarto. Conteí a ele que você estava fazendo perguntas sobre o livro. As instruções dele para mim foram simples. ‘Conte-lhe a verdade’, ele disse. Só isso.”

“É o que eu esperaria de Lee. E então por que você não fez isso logo?”

“Uma iniciativa baseada em meu próprio julgamento. Uma advogada nunca conta a terceiros sobre os negócios de seu cliente, mesmo quando o cliente a libera para isso.”

“Está vendo? No final das contas, o que é correto acaba vencendo a deslealdade e o logro. Agora você pode ter um começo ainda melhor me contando de que livro estamos falando.”

“Um diário manuscrito mantido por Richard Burton quando ele esteve aqui.”

“Puxa, isso quase soa como um dos livros de Charlie Warren.”

“A esta altura não sabemos a quem ele pertenceu originalmente.”

Fiz cara de quem duvidava daquilo.

“Escute aqui”, disse ela, impaciente. “Archer tem um livro. Ele quer vendê-lo. Afirma que está na família dele há gerações. Diz que a origem é absolutamente autêntica.”

“E você nem chegou a pensar nos livros da Sra. G.?”

“É claro que sim, você acha que sou burra? Isso foi a primeira coisa que Lee e eu fizemos quando surgiu o assunto: sentei-me com ele e contei-lhe passagem por passagem tudo o que havia acontecido com a velhinha e o que aconteceria se esse fosse um livro roubado.”

“E a que conclusão vocês chegaram?”

“A de que Lee estaria se arriscando se esse fosse o caso.” Ela deu de ombros. “Ele quer correr esse risco.”

“E desistir do livro se tiver que fazer isso.”

“Sim, claro. Esse é o risco que se corre se ele quiser entrar nesse jogo. A maior probabilidade é a de que ninguém vá reclamar. Todas as pessoas já morreram.”

“Até onde você sabe.”

O silêncio se estendeu.

Por fim, eu disse: “Esse seria um livro excelente, não? Chegaria até a dar um novo ponto de vista para a história. Não creio que estejamos falando de uma revisão da ordem de, digamos, o Sul de repente vence a guerra, mas pode apostar que os historiadores e os colecionadores de livros vão se interessar”.

“É”, disse ela.

“O livro atrairia muita atenção.”

“É, atrairia. Se o dono quisesse.”

“Consigo ver uma história dessas na primeira página de alguns jornais. E isso o faria valer ainda mais como livro raro.”

“Esse tem sido o argumento de Archer durante a negociação, e nós concordamos com ele. O ponto em que ela empaca é o valor a ser pago.”

“Quanto vocês estão oferecendo?”

Ela me encarou.

“Eu tenho essa tendência de fazer perguntas impertinentes”, eu disse.
“Acho que essa foi uma delas.”

“É, foi. Mas Lee quer que eu te conte tudo, então nossa oferta foi de duzentos e cinquenta mil dólares.”

“Uau”

“E então? Você é livreiro. É um preço justo?”

“Você quer que eu seja o árbitro agora? Por algum motivo, acho que o Archer não vai aceitar isso.”

“Não para decidir o valor, apenas para minha informação. Estou curiosa.”

“Um quarto de milhão é muito dinheiro por qualquer livro. Dá para conseguir *Tamerlane* por menos, se encontrar um para comprar.”

“Então você concorda que é um preço justo?”

“Não vi o livro. E lembre-se: não sou especialista.”

Ela fez cara de aborrecida.

Eu disse: “Ei, lamento, mas o conteúdo é tudo. Até para dar uma opinião incompetente, eu precisaria lê-lo”.

“Tudo bem, esqueça que perguntei. Nós também ainda não vimos o diário.”

A garçonete trouxe o meu pedido, colocou-o delicadamente sobre a mesa e foi embora.

“Archer quer meio milhão”, disse Erin.

Ri. “Esse é o nosso garoto.”

“Com certeza. Devíamos estar contentes por ele não estar pedindo um milhão, ou dois, ou dez. Não ia importar. O que ele quer ainda está fora de questão. Lee não é pobre, é claro que você sabe disso, mas ele não tem dinheiro para ficar torrando por aí em algo tão incerto.”

Abruptamente eu disse: “Ouvi que você foi bem dura com o Archer ontem à noite”.

“Ouviu, é?”, disse ela, em tom de zombaria.

“Ouvi que você o ameaçou, de maneira oblíqua, com algum tipo de ação legal.”

“É melhor você ir ao otorrino. Qualquer coisa que eu tenha dito não foi nada mais do que parte da negociação.”

“Estratégia.”

“Exatamente.”

“Mesmo assim, você tem que ter um motivo válido para uma ameaça daquelas.”

“Eu não o ameacei. Se ele acha que sim...” Ela estremeceu. “Quanto mais fundo me meto nesse negócio, menos gosto dele. Gostaria que Lee mandasse o Archer passear e desse tudo por encerrado. Mas ele acha que o livro é tão importante historicamente que tem que ser comprado.”

“Entendo isso, sem dúvida. Existem livros assim, eles têm que ser comprados. Então Lee pensa que Archer pode, na verdade, ter roubado esse livro? Como ele teria feito isso?”

“Esse é o problema, né? Não sabemos.”

“Mas eles tiveram uma desavença sobre alguma coisa.”

“Foi pela ganância de Archer. Lee achava que eles tinham feito negócio, mas então Archer ficou ganancioso. Na cabeça de Lee, não se faz isso com um amigo. Sabe, eles eram quase irmãos quando criança. Mas Archer era diferente naquele tempo. Ele era um sujeito formidável. Sei que é difícil imaginar, mas se Lee diz que sim, acredito nele. Hal Archer era um amigo extraordinário, generoso e amável naqueles tempos.”

“Então o que ferrou com ele?”

“Tudo, começou pelo avô. Ele nunca era bom o suficiente, nem para o pai nem para o avô. Seu irmão mais velho recebeu o nome do pai e do avô. Era ele quem deveria controlar o patrimônio, como se estivesse em alguma hierarquia estúpida da realeza, e é o que teria acontecido se ele não tivesse morrido em um acidente de carro.

O primeiro erro de Hal foi ter nascido em segundo lugar; o segundo foi não querer ser advogado.”

“Quer dizer que os Archer gostavam de livros, mas não deixariam que seu filho os escrevesse.”

“Não acho isso tão incomum. Você ia querer que seu filho fosse escritor? Ou que sua filha se casasse com um?”

“Se isso os deixasse felizes, por que não?”

“Porque na maioria das vezes isso não os tornaria felizes. A maioria dos escritores que conheço vive com dificuldade, vendendo o almoço para comprar a janta. Em primeiro lugar, as probabilidades de vender um livro são ínfimas. Uma grande editora de Nova York pode receber uns vinte mil manuscritos por ano e publica só duzentos. A maioria deles é horrível, então existe uma expectativa de fracasso que é difícil de ser superada mesmo com

trabalho decente. Os primeiros leitores não podem esperar muita coisa, e não esperam.”

“E é por essa vida que você quer largar a advocacia?”

“Isso é provavelmente o que o pai de Archer disse, em termos muito mais fortes.” Ela deu de ombros. “Pelo menos tenho algum dinheiro no banco. Não vou morrer de fome e sempre posso voltar para a advocacia, mas ainda sou um bom exemplo. Acho que sou como todos os pretendentes a escritor com um ego enorme. Acredito que o meu talento e pura persistência vão superar as adversidades, mesmo sabendo quais são elas. Estou encarando uma longa e árdua batalha, mas pelo menos tenho consciência disso. É por isso que posso falar sobre a vida de Archer com algum entendimento, ainda que não goste muito dele como pessoa.”

“Então Archer se indispôs com a família bem cedo.”

“Para dizer o mínimo. Ele foi mandado para a Universidade de Virginia, onde o velho havia estudado, na esperança de que endireitasse. Mas não o avisaram de nada e também não lhe deram dinheiro. Ele largou a faculdade depois de um ano, e a família considerou-o um pária. Na verdade, passou a viver por conta própria desde essa época. Foi para Nova York, morou em um buraco na parede e começou a escrever histórias.”

“E teve grande dificuldade para vendê-las.”

“Oh, sim. Miranda está certa: Archer é um verdadeiro desgraçado, mas um grande talento. Isso deveria ter se evidenciado desde o início, os editores deveriam ter brigado para publicar as coisas dele. Em vez disso ele encontrou um muro de indiferença, que quebrou seu espírito e terminou o serviço que sua família havia começado. Dá para imaginar o que é escrever durante anos e não chegar a parte alguma? Saber, no fundo de seu coração, que você é alguém especial e ver seus livros serem rejeitados, e rejeitados, e rejeitados, diversas vezes até que o papel em que foram datilografados se desmanche. Vou lhe dizer o que acontece com escritores assim. Um dia eles acordam e estão velhos. Toda aquela promessa parece simplesmente desaparecer da noite para o dia e eles não têm mais nada a mostrar, a não ser uma vida desperdiçada. Acontece mais rápido do que poderiam imaginar. Archer estava com quarenta e poucos anos quando publicou o primeiro livro. Tinha sido oferecido em todos os lugares, até que a David McKay o comprou. A McKay era uma editora pequena e o livro afundou como um balão de chumbo. Então eles rejeitaram seu livro seguinte, e lá estava ele, começando do zero, procurando um editor. Seu livro havia vendido menos do que três

mil dólares, e isso no período de muitos anos. Tente viver em qualquer lugar com isso. Tente viver em Nova York.”

Ela tomou um pouco de café. “O editor seguinte dele foi a St. Martin's Press, um verdadeiro saco de gatos. Eles investem em um grande livro, mas boa parte da ficção que publicam é bem vagabunda, com a metade de uma tiragem bastante modesta indo para as bibliotecas. Archer não ganhou nada com eles; ele se recusou a mandar-lhes seu livro seguinte e eles se separaram de maneira nada amigável. Archer teve que começar do zero de novo e ninguém o queria. Ele despediu seu agente, seu agente o despediu, ou eles se despediram ao mesmo tempo. Àquela altura é possível que as notícias estivessem circulando, não sei. Seria razoável pensar que os editores ouvem coisas, e por que publicariam alguém cujos livros já saem com uma atitude ruim e vendem mal? Esses dois fatores contrabalançariam um monte de talento literário, mesmo na cabeça dos mais dedicados editores. Então Archer se cansou e começou a atacar qualquer um. No final, por puro desespero, ele deu o livro para a Walker. Você conhece Walker.”

“Claro, existe uma piada no ramo sobre a Walker e a St. Martin's. As tiragens deles às vezes são tão pequenas que alguns autores se tornam raridades instantaneamente. Os livros têm poucos anos de idade e já são vendidos por centenas de dólares.”

“Qual é a piada?”

“Como se tornar um milionário no ramo de livros? É só comprar cinco exemplares de tudo o que a St. Martin's e a Walker publicarem. Como se vai à falência no ramo de livros? A mesma resposta.”

Ela sorriu. “Então, como você pode imaginar, nada aconteceu com a Walker. A amargura de Archer ficou ainda maior, e ele se tornou ainda mais insuportável. Uma percepção tardia das coisas é normal, mas o fato é que ele deveria ter sido publicado pela Random House ou pela Doubleday, com adiantamentos de seis dígitos e excursões promocionais, tudo a que tinha direito. Mas só o que ele conseguia ver saindo das grandes editoras eram livros de suspense muito ruins e romances erótico-românticos de fundo histórico.”

“Você também está amarga, Erin, e ainda nem começou na carreira. Como se nada bom fosse publicado. Você sabe que não é bem assim.”

“Estou falando como Archer. Você quis saber de que maneira ele ficou desse jeito e eu estou contando.”

“Então ele se voltou para a não-ficção e a Viking Press o descobriu”, eu

disse. “Mas ao que parece o Pulitzer não fez nenhum bem para ele.”

“Não fez muito para mudar a atitude dele, não é? E se fez alguma coisa, foi só deixá-lo com mais raiva ainda. Em vez de ficar superfeliz por ter finalmente conseguido, ele só sentiu raiva pelo fato de ter passado toda a sua vida tentando chegar lá. O Pulitzer foi a confirmação do talento dele, e da ignorância que ele via em qualquer lugar para onde olhasse.”

“Ei, ele ainda não está morto. E o livro novo? A Viking não é pouca coisa, imagino que deram a ele um bom adiantamento.”

“Não quero falar sobre isso. Ele contou a Lee confidencialmente. Ninguém mais sabe, nem mesmo Miranda. Acho que você vai ter que perguntar isso ao Lee.”

Terminei minha refeição enquanto a olhava pensar. Durante o café perguntei qual seria a estratégia dela se Archer continuasse irreduzível. Ela balançou a cabeça.

“Não posso falar sobre estratégias. Você vai ter que perguntar isso ao Lee também.”

“Então telefona para ele.”



Ela ligou dali mesmo. “Oi, sou eu. Estamos acabando de tomar o café da manhã e tem algumas coisinhas me incomodando. Você sabe em relação a quê. Ele perguntou se eu sabia como anda o novo livro de Archer. Eu ainda não quero falar sobre isso, por motivos óbvios.”

Ela olhava diretamente nos meus olhos enquanto falava. “Eu sei o que você disse, Lee, eu só não gosto disso. Ele também quer saber o que faremos se Archer continuar a ser insensato.”

Depois de um curto silêncio, ela disse: “Tenho que lhe dizer novamente que isso não é aconselhável”.

Ela disse: “Se ele der a palavra dele, sim, acho que podemos confiar”.

Confirmei aquilo balançando a cabeça, bastante sério.

“Não é essa a questão”, disse ela.

Lee disse alguma coisa e ela balançou a cabeça. “Eu sou contra.”

Ela franziu o cenho. “Você é quem manda, mas não acho que precisemos contar a ninguém, incluindo o sr Janeway, o que faremos ou

deixaremos de fazer. Especialmente o que não vamos fazer. Isso teria muito pouco a ver com o que ele está fazendo, e simplesmente não é sensato.”

Ela balançou a cabeça. “Bom, eu sabia que você ia dizer isso. Mas continuo não gostando.”

Ela me passou o telefone.

“Oi, Lee”, disse eu.

“Cliff.” Lee parecia cansado. “Lamento que tenha sido colocado no meio dessa confusão. Mas parece que Erin está te passando o que você precisa.”

“Ela é ótima. Tem algumas preocupações que provavelmente são razoáveis.”

“Ela está sendo minha advogada, protegendo os meus flancos. Você sabe como é. Mas agora ela vai falar com você.”

Por um instante ouvi o ruído do telefone: toda a distância entre nós.

“Erin disse que você também queria falar comigo”, eu disse.

“Só para ter certeza de que você tem o que precisa e para lhe dizer para não se preocupar. Qualquer coisa que tenha que fazer, eu entendo. A sua causa vem antes da minha.”

“Obrigado por dizer isso.”

“Nos vemos quando você voltar. E boa sorte.”

Desliguei o telefone.

“Vou responder às suas perguntas agora”, disse Erin, “mas você tem que respeitar nossa confiança. Isso não pode sair daqui.”

“Não vou contar a ninguém.”

“Você perguntou sobre o livro novo de Archer. Quando ele estava em Denver, ficou bêbado, chorou no ombro de Lee e contou-lhe algumas coisas que provavelmente não gostaria de ter contado. Acontece que o grandioso está sofrendo do maior bloqueio de escrita de todos os tempos. Desde que ganhou o Pulitzer ele não tem escrito uma única linha que seja publicável. Ou se escreveu, entrou em ataques de depressão e destruiu tudo o que fez. Se o prêmio lhe deu alguma coisa, foi uma percepção de que nada jamais poderia estar à altura do que ele fez... sabe como é.”

“Estrela”, disse eu acidamente, desprezando a mais estúpida de todas as palavras modernas.

Ela pareceu triste, como se de repente tivesse ficado comovida com a situação de Archer. “Eu te falei que escritores são ferrados. Archer pegou um monte de dinheiro de seu editor para produzir uma obra sensacional em um

período específico de tempo. Esse tempo já passou. A Viking tem sido mais do que compreensiva: eles até deram mais dinheiro. O Pulitzer é um motivo bastante forte, e eles realmente querem publicá-lo. Mas uma hora a paciência deles vai acabar, e neste exato momento, seis anos depois, Archer não tem nada para mostrar-lhes.”

Tudo o que eu sabia sobre escritores e suas crises era o que havia lido aqui e ali. Mas me parecia estranho ficar empacado em uma obra de não-ficção, quando os bloqueios da maioria dos escritores parecem estar relacionados a uma falta de fé criativa. “Estou me perguntando se ele prometeu a eles mais do que recebeu”, eu disse. “Talvez ele ainda esteja fazendo isso, só que agora com o Lee, e não com a Viking Press.”

“Não vá achando que não pensei nisso. Lee não se preocupa muito com isso, mas esse diário vai ter que ser examinado meticulosamente antes que eu permita que ele dê a Archer um único centavo.”

“Mesmo assim você continua não gostando da situação.”

Ela balançou a cabeça. “Acho que Lee está arriscando uma quantia de dinheiro muito grande. Como amigo dele, o que você o aconselharia a fazer?”

“Verificar a procedência, no mínimo umas seis vezes.”

Ela inclinou-se sobre a mesa e disse: “É a sua vez, Janeway, fale comigo”, e eu tive que contar a ela sobre Koko e Baltimore. Então, minimizando propositalmente a importância das coisas, contei-lhe sobre Dante e o que nos havia trazido a Charleston: como uma ação em segredo, e não eletrônica, havia me colocado por dentro da negociação com Archer. Ela balançou a cabeça e tentou parecer brava, mas um pequeno sorriso a delatou. O sorriso desapareceu quando lhe contei que Dante havia incendiado a casa de Koko.

“Você está brincando de pega-pega com um sujeito bem ruim”, disse ela.

“É, já percebi isso.”

“O que posso fazer? Como advogada talvez pudesse incomodá-lo um pouquinho.”

“Nem pense nisso. Não quero que você chegue perto desse marginal.”

“Não acho que você tenha automaticamente a última palavra a esse respeito.”

“O caramba que não tenho. Eu não quero nem que ele ouça o seu nome.”

Ela fez cara de brava, mas eu a enfrentei com meu próprio olhar. “Escute, inferno, você vai me deixar mais vulnerável, e não menos. Já tenho o bastante com que me preocupar, com Koko e comigo.”

Ela fez um pequeno arco com os dedos e encostou-os no rosto como uma mulher que estivesse rezando. Olhei para ela furioso e disse: “Não me faça me arrepender de ter te contado”.

“Bela tentativa, mas não concordo.”

“Acho bom você concordar.”

Ela se endireitou na cadeira. “Senão o que vai acontecer? Vai esconder as minhas bonecas?”

O que eu disse em seguida foi estúpido e falso. “Erin, eu agradeço a sua preocupação...”

Ela embolou o guardanapo e jogou na minha cabeça. “Não me venha com essa conversa fiada de macho arrogante. Se você me quer fora da sua vida, pelo menos seja homem o bastante para dizer isso de maneira bem clara. É isso o que você quer? Sim ou não.”

“Droga, não.”

“Então tome jeito. Comporte-se. Não tente me calar falando mais alto. Não tente me proteger.”

Pensei no que dizer e o que saiu foi isto: “No seu mundo, todo conflito tem uma resposta legal. Você acha que pode simplesmente abrir um processo no Fórum da Comarca de Denver e forçá-lo a se tornar humano, mas não funciona desse jeito. Não tome isso de maneira pessoal, mas você está fora da sua praia com esse sujeito”.

“E você não?”

“Não sei.”

Ela balançou a cabeça. “Não posso simplesmente ficar olhando, sem fazer nada.”

“Bom, você tem que fazer isso.”

“E se ele te matar, e não houver evidências, o que devo fazer então?”

“Nada. De qualquer forma, o que você poderia fazer, além de ser morta também?”

“Não posso aceitar isso.”

“E o que você pode fazer a respeito?”

“Eu o seguro enquanto você abre mais um buraco nele.”

Foi um daqueles comentários malucos e inesperados e no mesmo instante começamos a gargalhar. Ela esfregou os olhos e disse: “Para, não tem graça”, e nós rimos mais ainda. Eu disse: “Escute, deixe que eu cuide disso”, e rimos como idiotas. “Não faz a coisa ficar mais dura”, eu disse, e rimos.

Eu tossi. “Desculpe, isso foi muita conversa fiada de macho arrogante?”

“É, foi sim, mas o tom de humilhação ajuda.” Ela sorriu para mim de algum ponto atrás do rosto. “Quanto tempo você acha que tem antes que ele o encontre?”

“Também não sei. Ainda não tenho motivos para supor que ele saiba que viemos para cá.”

“Que esperança.”

Mexi nervosamente com o saleiro.

“Você está com medo dele?”

“Estou... atento. Já tive inimigos antes, alguns deles eram bem violentos. Só tenho a impressão de que esse sujeito não tem limites. Meu maior temor é ser pego de surpresa.”

Ela estava controlada agora, a risada tinha acabado e já fora esquecida. “Por comparação, nossa rivalidade ficou insignificante, não é?” Um instante depois ela disse: “Vou contar ao Lee”.

“De que isso vai adiantar?”

“Não sei, talvez de nada.” Ela desviou o olhar e depois voltou. “Três cabeças pensam melhor do que duas.”

“Conte a ele, então. Se tiver o bom senso que acho que tem, vai te dizer para ficar fora disto.”

“Lee não é meu dono, nem você. Você realmente fica chato quando as coisas não saem do seu jeito.”

“É por isso que as pessoas querem me matar.”

Ela fez um sinal para a garçonete e sacou um cartão de crédito. “Enquanto você ainda está vivo, quero que pense sobre uma outra coisa. A possibilidade de que a sua velhinha fosse uma fraude inteligente.”

“Eu sempre tive consciência disso. Por que tocar no assunto agora?”

“Não sei: é só uma impressão que tenho. Alguma coisa não está certa ali. Você chegou a verificar a caligrafia no seu exemplar?”

“Não pessoalmente. A casa de leilões é respeitável e sei como se parece a caligrafia de Burton.”

“Mas você não é especialista.”

Balancei a cabeça, subitamente consciente do quanto em meu ramo é feito na base da boa-fé.

“Talvez valha a pena fazer isso”, disse ela. “Tem alguma coisa aí, posso farejar. Não te parece estranho?”

“Depois que a gente está no ramo de livros por certo tempo, tudo é estranho.”

“Mas você foi levado a acreditar. Veja bem, sei que era uma graça de velhinha e não quero pensar coisas ruins sobre ela. Mas não é algo que possamos descartar.”

“Ela tinha noventa e poucos anos. É muita idade para estar envolvida em alguma armação. E quem faz uma coisa dessas à beira da morte? Pessoas que mentiram durante toda a vida tendem a falar a verdade no leito de morte.”

Tudo o que ela queria é que os livros fossem colocados em uma biblioteca com o nome do avô.”

“Talvez ela fosse louca, já pensou nisso? Talvez ela tenha ouvido essa história anos atrás e se colocado nela. Talvez Charlie tenha se tornado o avô apenas na cabeça dela.”

“Ela estava com o livro.”

“Ela estava com um livro. Você não sabe onde ela realmente o conseguiu, nem quando, nem como. Talvez ter conseguido o livro tenha sido a ação que iniciou tudo. Talvez ela estivesse com Burton na cabeça havia muito tempo.”

“Koko verificou muita coisa a esse respeito.”

“Está tudo muito bem, mas, para começar, não conheço essa Koko. Talvez ela tenha suas próprias prioridades, como costumam dizer os rapazes do tribunal. Não fique na defensiva, apenas pense a respeito.”

Controlei minha conversa fiada de macho arrogante e deixei que ela pagasse a conta. “Acho que não vamos nos encontrar de novo antes de você ir embora”, disse eu.

“O que vai fazer hoje à noite?”

“Pensei que você nunca ia perguntar. Minha expectativa é a de encarar um quarto de hotel tristemente solitário.”

“Quer explorar os restaurantes de Charleston?”

E foi assim que tivemos nosso primeiro encontro.



Quando voltei para o hotel, Koko não estava mais lá. Consegui achá-la na biblioteca onde ela pesquisava uns registros antigos à procura de alguma evidência da existência do fotógrafo de East Bay. Ela não tinha encontrado nada de novo desde sua descoberta do dia anterior sobre os estalajadeiros assassinos e estava desanimada. “Estou começando a achar que isso tudo vai ser uma perda de tempo.”

Fiquei com ela e segui as instruções que me dava, lendo minha cota de jornais e documentos antigos. De vez em quando ela se reunia com um dos bibliotecários, ele trazia outra pasta ou um volume encadernado de jornais que estava no porão e começávamos de novo. Ao meio-dia ela ligou para o

advogado em Baltimore e deu ordens para que o assunto da casa começasse a ser resolvido. Recomeçamos depois de um almoço rápido, mas o trabalho era frustrante, e lá pelas quatro e meia ainda não tínhamos nada. “Uma perda de tempo”, disse ela. “Chutaram a sua cabeça, a minha casa foi incendiada, para quê? E nunca mais vamos poder voltar para casa.”

No hotel ela me mostrou um mapa de todo o quarteirão onde Burton e Charlie supostamente haviam sido fotografados. Cada prédio na rua tinha um nome escrito com capricho dentro de um quadrado. “Aqui está”, disse ela: “cada um dos inquilinos de East Bay em maio de 1860 estão representados aí, e não vejo nenhum fotógrafo.”

Havia um café, uma cervejaria, uma loja de artigos de vidro, um ferreiro, um boticário. Alguns usavam apenas nomes pessoais: Phillips, Jones, Kelleher, Wilcox. “Phillips era um comerciante de tapetes”, disse ela. “Jones era açougueiro. Kelleher era dentista e Wilcox tinha uma mercearia. Se Burton e Charlie foram fotografados, onde ficava o fotógrafo?”

Ela recebeu as notícias sobre Erin com indiferença, mas na hora seguinte o estado de espírito dela ficou mais melancólico. “Vou ao forte Sumter amanhã”, disse ela, “para quebrar um pouco esta monotonia e para deixar você se divertir com a sua amiga.” Ela se desculpou com relutância pelo comentário rancoroso e tentou olhar para o futuro. “Não ligue para mim. Se ela é advogada, talvez tenha alguma ideia para sairmos desta confusão.”

“Acho que ela quer enfrentar Dante numa briga mano a mano.”

“Você já fez isso e veja onde viemos parar.”

Ela tentou voltar a conversa para o forte Sumter. “Uma das bibliotecárias me contou que tem um guarda lá que sabe alguma coisa sobre Burton. Talvez ele possa nos dar alguma luz.” Eu não disse nada, mas duvidei. Perguntei a ela sobre o que ia fazer à noite. “Vou ficar bem”, disse. Ela havia encontrado uma casa de comida saudável e planejava ficar no quarto, jantar lá, meditar, fazer exercícios, não ir a lugar nenhum nem atender o telefone. “Não me incomode, a menos que aconteça um terremoto.”



Às seis horas peguei o carro e dirigi os três quarteirões até o Mills House. Erin desceu e estava encantadora, e eu lhe disse isso. Eu estava me

comportando muito bem, um meio-termo entre bajulador e cortês, com meu paletó escuro e gravata. Abri a porta do carro para ela e segurei-lhe a mão enquanto ela entrava, e por um tempo não trocamos nenhuma piadinha. Eu havia encontrado um restaurante de frutos do mar em Shem Creek, perto de Mount Pleasant. Chegamos cedo o bastante para conseguir uma mesa espetacular perto de uma janela que dava para uma enorme área de pantanal. A comida era excelente, barcos pesqueiros passavam por nós, e o pôr-do-sol transformou o riacho que passava ali em uma fita de fogo.

Foi a noite mais agradável que tive em muito tempo, e ocasionalmente houve longos momentos nos quais o espectro de Dante e seus bandidos parecia estar muito longe.

Quando saímos, ela disse: “Sabe o que eu gostaria de fazer? Tirar os sapatos e andar pela praia, em algum lugar em que não houvesse o risco de encontrar o Archer”.

Consultei o meu mapa e poucos minutos depois estávamos cruzando a cidade, sobre o rio Ashley e em direção à costa. Foi um bom passeio atravessando quilômetros de áreas de pantanal pontilhadas por pequenas ilhas arborizadas, e eu podia imaginar como fora aquilo tudo antes que o desenvolvimento, o flagelo de nosso tempo, tivesse transformado boa parte em um extenso e contínuo subúrbio.

Folly Beach é uma cidadezinha de uns poucos quarteirões com néon piscando, um estande de tiro ao alvo, um salão de jogos, um pavilhão de exposições e brinquedos de parque de diversões. A atmosfera festiva desapareceu imediatamente quando virei em direção ao sul e mergulhei na noite. Encontrei um lugar para estacionar, tiramos os sapatos e fomos andar descalços sob o luar perto da arrebentação. Havia um vento forte e estava um pouco frio para aquela época do ano; Erin apertou minha mão e chegou mais perto. Coloquei o paletó ao nosso redor como um casulo, ela aconchegou-se mais, ficamos juntinhos assim, e em algum momento eu levantei de leve o queixo dela e a beijei. Ela me abraçou mais forte e mergulhei o rosto em seus cabelos. Meu velho coração estava a mil por hora.

“Olha o que você fez”, ela disse. “Desse jeito, nunca mais vamos ser inimigos amigáveis.”

“Para falar a verdade, achei que isso foi bem amigável.”

“É, mas o que vamos fazer a respeito?”

“Essa é difícil. As respostas podem ir desde nada...”

“... até tudo.”

“As perspectivas são infinitas.”

“Mas como decidir? Com uma votação?”

“Isso só faria sentido se tivéssemos um jeito de desempatar.”

“Nunca fui muito de fazer sexo casual”, ela disse de maneira espontânea e alegre.

“Ao mesmo tempo, estou envelhecendo a cada segundo.”

“Você está com problemas com o seu, ahn...”

“Não, até agora estou bem. Mas o corpo masculino não foi feito para períodos intermináveis de celibato. Pode ocorrer alguma flacidez inesperada.”

“Acho que é melhor eu falar mais rápido.”

Tive que rir daquilo.

Ela disse “Se eliminarmos o sexo casual, onde ficamos?”.

“Parece que teríamos que nos envolver a sério.”

“E se esse fosse o caso, o que você diria?”

“O que você quer que eu diga, eu te amo?”

“Só se for verdade.”

“Essa é a questão. Se eu dissesse que...”

“Sim?”

“Como você iria saber que não se trata apenas de alguma manobra masculina nojenta para conseguir me dar bem com você?”

“Sinto boas vibrações.”

“É, isso vem com a experiência.”

“*Como é que é?* Não fico por aí me apaixonando por todo bacana que conheço.”

“Ainda assim, você deve ter alguma maneira de...”

“Quarenta dias e quarenta noites.”

Pensei naquilo e disse: “Aposto que isso quer dizer alguma coisa”.

“Depois que se atinge certo ponto, passamos quarenta dias e quarenta noites para nos conhecermos melhor. Mas de volta à pergunta original: se você dissesse ‘eu te amo’, como iria saber? Você já amou?”

“Claro. Uma vez.”

“Como era ela?”

“Para falar a verdade, era muito parecida com você. Não tão maluca, mas muito rápida. Muito inteligente.”

“O que aconteceu?”

“Meu desempenho deixou a desejar.”

“Bom, uma vez que já determinamos que você não tem problemas

físicos, entendo que foi pelo seu jeito de ser rude e ditatorial.”

“O.k.”

“Isso não é algo para o qual se diga ‘o.k.’, Janeway. Ou foi por isso, ou não foi.”

“Eu não confiava nela.”

“Essa é forte. Ah, essa é bem forte. Você não vai querer deixar que isso aconteça novamente.”

“Vou tentar”, eu disse, mas não consegui evitar de pensar na frequência com que a história se repete.

Ela se aconchegou mais ainda do que pensei que seria possível. Senti as unhas dela dentro da minha camisa.

“Você precisa abandonar sua necessidade de controlar as coisas”, ela disse. “Eu não lido bem com esse tipo de atitude.”

“Talvez eu possa fazer algo a respeito.”

“Você realmente faria isso?”

“Tudo é possível.”

“Vamos ver. Estou prestes a te contar uma coisa que vai ser um teste bem duro. Está pronto?”

Eu não estava, mas ela contou mesmo assim. “Cancelei minha reserva de voo esta tarde. Não vou voltar para Denver, vou ficar com você. E que Deus ajude o Sr. Dante se ele vier nos incomodar.”

Ela me largou, afastou-se e ficou em pé tremendo no vento. “Então, o que me diz, Janeway? Você perdeu uma por causa do seu jeito — vai estragar tudo de novo?”

Ela olhou o relógio, os olhos apertados. “Ei, acho que os nossos quarenta dias e quarenta noites acabaram de começar.”

Lembro-me de meia dúzia de ocasiões de minha vida, encruzilhadas onde tudo teria sido diferente se eu tivesse ido pelo outro caminho. Eu podia listá-las aleatoriamente.

O momento em que me tornei um policial. O momento em que deixei de ser policial. A ocasião em que descobri Hemingway, Fowles e aqueles três livros encantadores de Maugham, tudo isso no mesmo mês. A circunstância em que me tornei livreiro. O momento em que encontrei, conquistei e perdi uma mulher inesquecível. E agora aquilo.

De repente o meu mundo estava abalado. Tudo nele se tornara diferente.

Nós nos encontramos de novo de madrugada. Meu telefone tocou no meio da escuridão e, quando atendi, ela disse: “Parece que você está acordado”. Eu disse: “Estou acordado”. Ela disse: “Conseguiu dormir um pouco?”. Não muito, admiti, não o bastante. Ela perguntou as horas; olhei para o relógio e disse-lhe que eram quatro e vinte e sete. Era isso o que o dela marcava também, como se de repente os relógios tivessem se tornado indignos de confiança. “Me encontre no passeio de Battery”, ela disse. Eu disse que a pegaria, tinha mesmo que passar pelo hotel dela para ir até Battery, mas ela queria ser encontrada ao amanhecer no alto dos degraus onde a amurada fica mais alta e os rios se encontram. “Desse jeito vai ser muito mais insólito.”

O vento da noite passada havia soprado nuvens escuras sobre a cidade e o dia prometia chuva. Fui a pé, e depois de quinze minutos de marcha cheguei com as primeiras luzes. Ela estava em pé olhando para o mar como a mulher do tenente francês.¹ Ela me ouviu chegando: não se virou, mas abanou a mão em um afetuoso gesto de “olá”. Subi os degraus até a parede mais alta e abracei-a. Ela se afundou contra o meu peito, eu beijei-lhe o pescoço. “Como vamos indo?”, perguntei.

“Até aqui, sem problemas. Obrigado por não ter ficado bravo ontem à

noite.”

Pensei que o júri ainda estava deliberando sobre aquilo. Então ela disse: “As nossas vidas estão mudando, meu velho”, e eu ouvi o júri voltando mais cedo.

“Parece que agora somos um casal”, disse ela. “É algo para se acostumar.”

“É mesmo.”

“Eu estive sozinha a vida inteira.”

“Nunca um cara para quem responder. Nunca alguém dando as ordens na sua vida.”

“Eu sempre estive voltada para a minha carreira. Talvez agora eu tenha que ser mais... qual é a palavra?”

“A palavra é razoável”, eu disse secamente. Soletrei-a para ela, dizendo cada letra de maneira bem clara.

“Você é mesmo um dicionário ambulante. E o que isso significa?”

“Você fala grosso e faz muito barulho. Coloca uma coisa na cabeça e não tira de jeito nenhum.” Apertei-lhe o braço de leve. “Você tem alguns pontos positivos também.”

“Eu lhe digo o que fazer?”

“Não com tantas palavras.”

“Então, como? Deixo você tomar as suas próprias decisões. Mas depois que você fez isso, então decido o que vou fazer.”

Eu podia ter dito *É a mesma coisa*, mas não disse. Eu ainda tinha a sensação de que ela estava em algum lugar entre me amar loucamente e sair correndo da minha vida.

“É por isso que realmente acredito nos quarenta dias e quarenta noites”, disse ela.

“Nestes tempos licenciosos e tolerantes, isso parece ser muito tempo.”

“Para mim também, mas é um teste bom e honesto. Separa o joio do trigo.”

“Isso é ótimo. Eu não ia querer ser confundido com joio.”

“Esse risco você não corre. Fico um pouco constrangida de dizer isto, mas neste momento me sinto... maravilhosa.”

“Isso é ótimo”, eu disse. “Isso é ótimo.”

“É ótimo e você não precisa ficar tão preocupado com tudo isso.”

“Você sabe por quê. É esse negócio com o Dante Podemos conversar sobre isso?”

“Claro. Está vendo como sou razoável?”

“Quero que você vá embora. E tem que ser logo, antes que alguém saiba que você está aqui.”

“Ora, está vendo? É um ditador falando. Como acha que eu deveria reagir a isso?”

“Vamos recomeçar de uma maneira mais diplomática. Por favor você poderia voltar a Denver?”

“Claro que sim. Reservo duas passagens ou Koko vem conosco?”

Encostei na grade e olhei desanimado para o mar. Em algum lugar naquele vácuo cinzento, o forte Sumter estaria exibindo suas ruínas para um novo dia. Bem ali, Charlie Warren havia se dirigido a Richard Burton e perguntado o que ele estava desenhando no caderno. Erin colocou um braço sobre meu ombro e despenteou os cabelos de minha pesada cabeça. “Ânimo. Tempos interessantes estão à nossa frente.”

“Essa é uma maneira de encarar a situação.”

“Eu estou abandonando o direito”, disse ela um momento depois. “Penso em continuar na ativa pegando algum caso que eu considere interessante, mas meus dias de trabalhar para um grande escritório de advocacia acabaram. Dei meu aviso prévio na segunda-feira.”

“O que você vai fazer, então? Além de escrever; quero dizer, na vida real.”

“Pensei que já tínhamos decidido isso. Vou comprar metade da sua parte na livraria.” Ela deu um puxão na minha manga. “Tenho a intuição de que existe um mundo de livros lá fora em um nível totalmente diferente daquele no qual você tem brincado.”

“Existe meia dúzia de níveis, e todos exigem muito dinheiro.”

“Tenho algum dinheiro. Se pudermos ultrapassar esse obstáculo na estrada, a vida pode voltar a ser alegre. Você me ensina a lidar com os livros?”

“Desde a primeira lição.”

O sol começara a abrir caminho pela enseada, e o forte apareceu, um pontinho preto em uma névoa psicodélica.

“Koko vai ao forte Sumter hoje.”

“Você contou a ela sobre mim?”

“Sim, contei.”

“Esse ‘sim’ foi bem melancólico. Entendo que ela não ficou nem um pouco emocionada.”

“Ela é uma mulher engraçada. Às vezes leva algum tempo para se entender o que ela está pensando.”

“Conte como ela é.”

Eu contei e ela disse: “Puxa, ela já me odeia”.

“Como pode odiar você? Ela nem te conhece.”

“Ela provavelmente ouviu dizer como eu não sou razoável.”

Empurrei-a de leve e puxei-a de volta para mim.

“Acho que você deveria ir ao forte com ela”, Erin disse. “Eu fico aqui.”

“E que diferença isso pode fazer?”

“O Archer pode telefonar, e você pode abrir o caminho para mim com Koko. Você gosta dela?”

“Gosto. Ela pode ser difícil, como alguém que eu conheço. Mas tem caráter.”

“Acho que ela gosta de você também. Se é que você me entende.”

“Erin, ela é vinte e cinco anos mais velha do que eu.”

“É só uma intuição minha.” Ela sorriu de maneira compreensiva. “De qualquer forma, faça o que puder. Nós três vamos ficar juntos por um tempo e vai ser bom se pudermos nos tolerar.”

¹) Referência à cena do livro *A mulher do tenente francês* (1969), de John Fowles. (N. E.)

A ameaça de chuva desapareceu e o sol surgiu por volta do meio-dia. Pegamos o barco das duas e meia e nos sentamos no convés superior com a morna brisa marinha.

Era um passeio de trinta minutos, passando pela frente das casas mais elegantes da cidade e atravessando a enseada até o forte Sumter. Koko havia ligado para o advogado e para a companhia de seguros. Tudo estava encaminhado em relação à casa dela; não havia mais nada a fazer, a não ser seguir em frente. Nosso piloto continuava comentando pelos alto-falantes sobre os lugares notáveis por onde estávamos passando, apontando os locais de ação da Guerra Civil a oeste, mas eu não prestava muita atenção.

Pensava nos dias que estavam por vir, e aonde a nossa trilha iria levar se as coisas aqui não dessem em nada.

Koko queria ir para o norte, para Florence. Tinha esperança de encontrar algum registro sobre a família Wheeler, onde Burton e Charlie haviam passado alguns dias cento e vinte e sete anos antes. Charleston fora uma decepção para ela. “Não achei que fosse tão difícil”, comentou. “Essas pessoas investem tanto em sua história, mantêm registros de tudo, é por isso que achei que fôssemos encontrar alguma evidência sobre aquele fotógrafo. Bom, o que temos não é grande coisa, não é?”

Eu disse a ela para se animar, ainda não estávamos mortos. Mas aquela escolha de palavras soou como um prenúncio no meu caminho, e vi o rosto da morte nas nuvens em movimento. Qualquer coisa que fosse acontecer entre Dante e mim era inevitável agora, como um rio empurrando tudo à sua frente. Se ele não me encontrasse, eu o encontraria.



Naquele dia a enseada passava uma sensação enganosa de tranquilidade. Difícil imaginá-la cheia de canhoneiras e explosões em um dia calmo como aquele, mais ou menos cento e vinte anos antes; mais difícil ainda era entender a demência nacional que nos levara até lá. Por um momento me perguntei o que aqueles rebeldes, empertigados como pavões, teriam feito se soubessem o desastre para onde estavam levando a si e a seus filhos, mas eu sabia a resposta. A autodestruição estava em sua natureza.

A fortaleza erguia-se da água e começou a ter cor e vida, um pentágono de tijolos vermelhos que estavam desbotando com a idade. O barco fez um círculo e dirigiu-se para o ancoradouro. Estava lotado de passageiros em ambos os conveses, e ficamos sentados até que a maioria saísse. Dois guardas nos receberam no píer. Koko lhes disse que estava procurando Luke Robinson e eles nos instruíram a entrar no forte, onde encontramos um homem uniformizado que dava informações a um grupo de pessoas.

O que restava de forte Sumter era a muralha externa, e sob ele as sombrias salas das armas com canhões da época, passagens escuras que levavam a lugares manchados de fuligem sob a muralha, e as ruínas do alojamento dos oficiais. Percorrendo a extensão da antiga área do campo de exercícios havia uma bateria negra, um forte dentro de um forte que era obviamente de uma época diferente. O guarda estava explicando sobre isso quando entramos. Aquilo era chamado de Battery Huger, e fora construído como parte do sistema de defesa costeira durante a Guerra Hispano-Americana. Hoje abrigava o museu, sanitários e uma pequena área de moradia para ele e a esposa. Ali perto estavam os restos de um depósito de armas leves que explodira em 1863, matando onze homens e ferindo quarenta, deixando a muralha escurecida e inclinada pela força da explosão.

Esperamos as explicações terminarem, durante uns vinte minutos, e depois o grupo de pessoas foi convidado a explorar o forte por conta própria. Koko aproximou-se do guarda, um homem magro de uns trinta e poucos anos com um enorme bigode.

“Sr. Robinson?”

“Sim, senhora, às suas ordens.”

Koko nos apresentou. “Fiquei sabendo que o senhor poderia nos falar sobre a época em que Richard Burton esteve em Charleston.”

“Ah, puxa, onde a senhora ouviu isso?”

“Na cidade, na biblioteca.”

“Eu não sabia que os bibliotecários falavam sobre os projetos de pesquisa particulares das pessoas.”

“Também sou bibliotecária. Prometi a ela que não falaríamos sobre isso sem o seu consentimento. Estamos procurando provas de que Burton esteve aqui em maio de 1860.”

“Boa sorte. Vocês estão atrás de uma verdadeira quimera. Não descobrimos uma única coisa que possa ser levada a sério.”

“O senhor parece acreditar nisso mesmo assim.”

“Qualquer coisa em que eu acredite, é apenas minha opinião — minha e de Libby. É a minha mulher.”

“O senhor se importaria de nos dizer por que acredita nisso?”

Ele riu de leve. “Quanto tempo vocês têm? Não importa, sei quando o barco parte. É que não é algo que eu possa responder em vinte minutos.”

“Eu fico com o que der.”

“Vamos lá em cima.”

Subimos por uma escadaria estreita até o nível superior da bateria. Lá, no menor espaço imaginável para se morar — uma cama, uma estante de livros, um forno de micro-ondas, uma mesa, duas cadeiras, uma cômoda pequena e um armário, tudo isso em um quatinho —, nós encontramos a mulher dele. Era morena e bonita, vestia um uniforme novo e estava segurando um chapéu de guarda na mão, como se estivesse de saída. Por instinto, percorri com os olhos os livros deles e encontrei todas as biografias de Burton na primeira prateleira.

“Libby, esta é a Sra. Bujak e o Sr. Janeway. Eles estão interessados em Burton.”

Ela se iluminou imediatamente e tivemos que repetir tudo: como ficamos sabendo sobre eles e o que esperávamos encontrar. Parece que Libby fora a instigadora da pesquisa sobre Burton, e só mais tarde seu entusiasmo passou para o marido. Parecia uma fada, animada e generosa, o tipo de pessoa de quem se gosta imediatamente. Ela disse: “Sentem-se, fiquem um pouquinho”, e todos rimos. Lá fora, as pessoas já estavam voltando para o ancoradouro. Nosso tempo era curto.

Eles insistiram para que sentássemos. Libby sentou-se de pernas

cruzadas no chão e Luke apoiou-se na estante. “Eu me interessei por Burton a vida toda”, ela disse.

“Mesmo quando era criança eu achava que era a figura mais romântica do mundo. Foi apenas por acaso que fiquei sabendo que ele esteve aqui.”

“Como ficou sabendo?”, perguntou Koko.

“Há um clube de Burton aqui.”

“Você quer dizer, como um fã-clube para uma pessoa morta?”

“Acho que se pode chamar assim. Existem clubes de Burton por todo o mundo. Essa foi uma das primeiras coisas que fiz quando fomos designados para cá, fui até o clube de Burton e ficamos amigos de algumas pessoas de lá. Sabe como é: em qualquer grupo a gente sempre encontra uns que têm ideias não convencionais. A maior parte é folclore, teoria, papo furado. Havia um senhor no clube chamado Rulon Whaley que era assim. Muito espalhafatoso e obstinado, mas tinha tanta energia que acabei escutando o que ele tinha para dizer. Ele era fascinado pelo mito de Burton havia anos. Rulon não só acreditava que Burton havia estado aqui, mas que ele nos espionava para a Inglaterra. Ele estava determinado a provar isso, porém nunca conseguiu. Morreu este ano.”

“E a senhora sabe de onde ele tirou essa ideia?”

“Ouvira de um outro cavalheiro havia muito tempo, acho. Uma vez que colocasse uma coisa na cabeça, era quase impossível de ser vencido em uma discussão.”

A maior parte da conversa que se seguiu foi um requentado histórico, coisas que todos sabíamos. Koko e Libby conversavam, o guarda e eu observávamos. Em especial, fiquei observando Libby. Sua voz ganhara certo tom. Um olhar que eu vira muitas vezes aparecera em seus olhos. Como policial, eu o chamava de “*olhar-de-quem-sabe-mais-do-que-está-dizendo*”. Koko não percebeu porque passou a vida toda respondendo a perguntas, e eu passei a minha fazendo-as.

E eu fiz uma. “A senhora chegou a saber quem era o outro cavalheiro?”

Libby balançou a cabeça. “Ele morreu há anos, então sempre pareceu bastante inútil.”

“Talvez ele tenha deixado algum documento ou registros.”

“Agora não há como saber. Se deixou, acho que comi barriga.”

Koko levantou-se e disse: “Bom, obrigado por ter falado conosco”.

Fuzilei-a com os olhos, e o meu olhar dizia: Fique quieta.

“É uma pena”, disse Libby. “Não temos tempo nem para oferecer um

café a vocês. Adoraria ficar conversando mais tempo.”

“Talvez possamos fazer isso”, eu disse.

“Quando?”, perguntou Robinson. “O barco vai embora, Lib.”

“Talvez possamos voltar.”

“Eles teriam o mesmo problema de tempo. E nenhum de nós sabe realmente nada de importante.” Ele olhou para mim, como se pedisse desculpas. “Sem dúvida são bem-vindos para voltar, mas receio que seria uma perda de tempo para vocês.”

“Vocês poderiam voltar mesmo assim”, disse Libby. “Se quiserem podem passar a noite. Aí teríamos bastante tempo para conversar.”

“E isso é permitido?”

“Ah, claro. Teriam que trazer sacos de dormir. Isto aqui não é bem o Holiday Inn.”

Tive uma intuição, e Libby também: eu podia sentir, como se um campo energético estivesse crescendo entre nós. “O que você acha que ele estava fazendo aqui?”, perguntou ela.

“Bom, nós sabemos que ele queria ver os Estados Unidos.”

“Acredita que ele tenha realmente vindo como turista?”

“Não.”

Ela sorriu de uma maneira estranha, e senti Koko ficar tensa ao meu lado. Koko viera aqui atrás de informações, e não para bater papo, e eu sabia que ela não ia gostar daquele andamento das coisas. Rapidamente ela disse: “É claro que isso é só uma conjectura. Não sabemos mais do que vocês”.

Mas Libby estava olhando para mim, e não para Koko. Eu disse: “Talvez juntos possamos descobrir coisas que não sabíamos que sabíamos. Às vezes a gente tem que dar um pouquinho para conseguir um monte”.

“Que coisas?”, perguntou Libby. “Vocês realmente sabem algo?”

“Ele costumava ser investigador”, disse Koko, querendo encerrar a conversa. “E acha que ainda é.”

“É mesmo?” Libby sorriu para mim como se tivesse gostado da ideia.

“Achamos que Burton veio para cá com alguém”, eu disse.

“Ah, não conta isso para eles”, disse Koko. “Meu Deus, não existe nenhuma prova disso.”

“E que mal há em contar? É só mais uma teoria não provada.”

“Contar o quê?”, perguntou Libby.

“Nós achamos que ele conheceu um homem em Washington e que viajou com ele. Eles passaram por aqui em maio de 1860 e seguiram juntos

para Nova Orleans Tornaram-se amigos íntimos.”

O rosto de Koko estava vermelho de raiva. Ela se virou e foi olhar pela janela do forte.

Libby perguntou: “Vocês sabem como se parecia esse amigo?”.

Ora, essa era uma pergunta estranha, pensei. Eu poderia ter esperado que ela perguntasse se sabíamos o nome dele, mas quem pergunta sobre a aparência de um homem que pertencia a uma época em que a fotografia era tão nova que apenas poucas pessoas tinham sido fotografadas?

“Nós sabemos como ele se parecia, Koko?”

“Não me pergunte. Como eu ia saber?”

Mais uma vez Libby olhou para mim. Dei de ombros, e Robinson disse: “Vocês vão perder o barco”. Maliciosamente, Libby disse. “Aí eles não precisariam se preocupar com o tempo”.

“Esse é o jeito dela de dizer que quer que vocês voltem”, disse Robinson.

“Quando?”

“Não pode ser nem amanhã nem no dia seguinte”, disse Libby. “Estou indo à escola. Estou escrevendo um trabalho e tenho que estudar para uma prova. Tudo ao mesmo tempo.”

“Que tal na terça-feira?”

“Terça é um bom dia. Tragam um bom equipamento para dormir. O chão aqui é duro.”

Eles nos levaram até o ancoradouro. No píer trocamos apertos de mão. Mais uma vez se desculparam pela agenda apertada. No final Libby fez a pergunta que eu esperava que tivesse feito no início da conversa. “Vocês sabem o nome do homem que veio com Burton?”

Antes que eu pudesse responder, ela mesma respondeu. “Não seria Charlie, seria?”

No barco, Koko disse “O que será que ela realmente sabe?”.

“Ela é esperta. Quer que você fique se perguntando. Quer que voltemos e armou as coisas de maneira a só dizer o importante no último minuto, quando não dava mais para discutirmos a questão.”

“Neste exato momento, estou dispensando espertezas. Eu só queria que as pessoas fossem sinceras.” Logo depois ela disse: “De qualquer forma, você estava certo, eu estava errada”.

“Poderia muito bem ter sido ao contrário.”

“Obrigado, mas acho que não.”

Estávamos sentados no convés inferior, que era fechado, evitando um vento que havia tornado a enseada uma bacia de água agitada. Koko sentou-se perto da janela, olhando as ondas com cristas brancas.

“Tenho sido uma velha chata ultimamente. Só quero que você saiba que tenho consciência disso e que lamento.”

“Você anda com muita coisa para pensar. Eu não acabei de perder a minha casa.”

Ela mudou de assunto. “Que dia estranho. Primeiro chuvoso, depois ensolarado, depois chuvoso de novo. Deus não consegue fazer nada direito.”

“Ele tem muita coisa na cabeça. Às vezes deve ser duro ser Deus.”

“De onde é isso? Eu costumava saber.”

“*The green pastures*. ‘Ser Deus também não é um mar de rosas’.”

Ela sorriu, mas era um sorriso triste.

“Ei”, eu disse, inclinando-me para olhar para o rosto dela. “O que posso fazer?”

“Nada. Sai daqui. Droga, odeio autocomiseração.”

“Eles vão construir uma casa nova para você, Koko.”

“E de que adianta isso se não posso voltar a morar lá?”

“Acho que você vai conseguir voltar.”

“Como?”

“Vamos nos esforçar para isso.”

Ela não pareceu convencida. “De toda forma, a questão não é a casa, é o que perdi dentro da casa.”

“Sei que é duro”, eu disse, e me senti um idiota por ter dito isso. Ela confirmou minha idiotice com um olhar gelado. “Você não sabe de nada”, ela falou, fazendo com que eu me transformasse no Mount Rushmore dos idiotas. “O que você sabe sobre a minha vida?”

“Nada. Você está certa. Não sei nada.”

“Tente adivinhar. O palpite mais disparatado em que conseguir pensar.”

“Puxa, Koko, não sei.”

“Você está pensando em bibliotecária solteirona.”

“Eu nunca disse isso.”

“Mas se alguém perguntasse, é isso que você iria pensar. Bom, tive um marido. Tínhamos dois lindos filhos. Meu filho teria mais ou menos a sua idade hoje. Eu era jovem, feliz e nem um pouco feia. Tinha uma vida diferente naquela época. Meu marido era engenheiro, eu estava escrevendo uma dissertação de mestrado em literatura e tocava violino bem o bastante para participar de testes para entrar para a nossa orquestra sinfônica. Tínhamos tudo naquela época, o mundo todo à nossa frente, e em um minuto um motorista bêbado levou tudo embora.”

“Ah, Koko...”

“Não, não diga nada.” Ela virou o rosto para o vidro e falou com o meu reflexo. “Não estou querendo piedade. Mas não me diga que sabe o que perdi, porque você não sabe. As únicas fotografias de meus filhos estavam naquela casa.

Eu tinha um filme dos primeiros passos deles e gravações das vozes deles. É como se ele os tivesse assassinado de novo.”

O que se pode dizer num momento desses? Deixei-a em paz, mas pensei em Dante e senti uma onda trêmula de verdadeiro ódio passar por mim. Mais uma razão para nos encontrarmos de novo.

No final daquela tarde peguei o carro e dirigi até um lugar que eu havia achado na lista telefônica na noite anterior. Precisei de menos de uma hora para comprar uma boa arma e dispará-la na área de tiro deles até me acostumar a ela. Comprei um coldre pequeno, coloquei-o bem atrás, embaixo do paletó, e sai de lá com calor, mas armado e perigoso, sentindo-me completamente vestido pela primeira vez em muitos dias.

Naquela noite juntei-as pela primeira vez. Koko tentou resistir, dizendo que estava com dor de cabeça, mas eu reservei uma mesa em um dos mais chiques restaurantes da cidade e ameacei ficar batendo na porta dela até ela sair. “Quer ir de carro ou a pé?”, perguntei. “Não é longe daqui.”

“Vamos a pé, então. Parece que Deus, aquele velho tonto, soprou as nuvens para longe de novo.”

No caminho, ela disse: “Tenho tido uma impressão muito esquisita. Como se estivesse sendo observada”.

Pedi alguns detalhes, mas ela não tinha nenhum. “É só o nervosismo. Quando fui até a loja, parecia haver um homem andando atrás de mim, do outro lado da rua.”

“Você olhou para ele?”

“Em um momento, sim.”

“Mas não o reconheceu.”

“Não, mas não tenho certeza se reconheceria algum daqueles sujeitos. Era noite e eu não consegui dar uma boa olhada neles.”

Erin estava esperando no saguão do hotel. Eu a havia preparado para Koko: naquela tarde eu telefonara para ela, contando a história, e ela imediatamente ficou cautelosa e atenciosa. “Ela parece estar bastante frágil agora. Eu não a conheço, mas pode ser que esteja à beira de um colapso nervoso. Ela tem colocado toda a sua energia nessa caçada a Burton, e quando as coisas não deram certo ela começou a desmanchar. Agora até a busca pode estar perdendo seu atrativo. Não me pergunte onde está o meu diploma de psicóloga, é apenas uma daquelas intuições que você parece ter o tempo todo. Acho que precisamos ter cuidado com ela, e quanto antes terminarmos o negócio com aquele maluco de Baltimore, tanto melhor.”

Fiz as apresentações. Erin sorriu calorosamente e disse “Ei, Koko, já ouvi muito sobre você”.

Koko disse “Olá”.

Elas trocaram um aperto de mãos e fomos embora.



O restaurante ficava na rua Exchange, perto de East Bay. Caminhamos os três lado a lado, a calçada larga acomodando todos nós. Elas conversaram sobre o charme de Charleston e sobre o tempo, a conversa fiada de pessoas comuns que vivem a vida sem jamais serem ameaçadas por violência ou assassinato. Eu observei as pessoas que passavam dos dois lados da rua.

O restaurante estava barulhento e lotado, mas havia um salão mais sossegado em um dos lados. Sentamos em um canto longe da balbúrdia. Koko pediu licença e foi à toailete, e o garçom nos deu uma carta de vinhos.

“Então”, disse eu. “O que você acha?”

“Eu gosto dela. E reviso a minha opinião. Acho que é séria.”

“Ela acha que está sendo seguida.”

Erin pensou naquilo por um momento. “Talvez esteja. Mesmo se não estiver, ela tem direito a estar nervosa.”

“A questão é: nós queremos conversar abertamente sobre isso?”

“Sem dúvida que o meu voto seria ‘sim’. Temos que tomar algumas decisões, e ela tem o direito de fazer parte disso.”

Ela sorriu quando Koko voltou. “Tenho umas notícias para contar.”

Parte das notícias era sobre Archer, que havia telefonado com uma contraproposta. “Ele talvez me mostre o diário. Se o fizer, vou tentar dar uma folheada para ver o conteúdo. Talvez eu possa achar algumas das coisas que vocês estão procurando.”

“Deve haver algo sobre Charlie nele”, disse Koko. “Até uma simples menção ajudaria.”

“Eu daria um ano de salário para sentar o traseiro de Archer no tribunal e fazer umas perguntas bem duras.”

Erin ligara para Lee, contando tudo. “Ele está preocupado conosco, é claro. Acha que deveríamos entrar no primeiro avião para Denver e coordenar nossa estratégia de lá. O que, na verdade, não é má ideia.”

“Não é das melhores também”, disse Koko. “Significa desistir de Burton.”

“Apenas por ora. Não é tão ruim se a gente pensar desse jeito. Essa história esteve aqui durante mais de cem anos, não vai a parte alguma.”

“Vocês duas poderiam ir para Denver”, sugeri. “Eu poderia ficar e verificar o que aquela mulher de forte Sumter tem para nós. Depois eu iria.”

Erin fechou os olhos e fez aquele movimento de oração com as mãos. “O que vamos fazer com esse homem, Koko?”

“Nós duas poderíamos andar com um pedaço de pau cada uma. Toda vez que ele se esforçasse demais para nos proteger, bateríamos nele sem aviso.”

“Você acerta na cabeça dura e eu o pego por trás.”

“As duas querem que eu saia para conversarem à vontade?”

“Escute, docinho. Mesmo que não façamos nenhuma outra coisa esta noite, vamos deixar de lado o jeitão John Wayne. É algo bastante atrasado — John Wayne já morreu — e me aborrece muito.”

“Você não vai a lugar nenhum sem nós”, disse Koko.

“Porque se alguma coisa acontecer a você, vou enfrentar esse Dante sozinha se tiver que fazer isso”, disse Erin. “Pense nisso. Sei que ele é forte, mas eu não sou uma pessoa sem recursos e vou pegá-lo.”

Koko estremeceu e riu ao mesmo tempo. “Você tem uma namorada e tanto, Janeway.”

O garçom apareceu e fizemos nossos pedidos. Koko estava inclinada a pedir itens vegetarianos, mas como agora estávamos de fato vivendo perigosamente, ela escolheu garoupa assada. A conversa foi regada a vinho e tomamos algumas decisões. Ficaríamos mais três dias em Charleston, o que daria a Erin uma outra tentativa com Archer, e para nós a possibilidade de descobrir qualquer coisa que os Robinson soubessem. Erin sairia do Mills House e arrumaria um quarto perto de nós no Heart of Charleston.

Na quarta-feira decidiríamos o que fazer a partir dali.



Caminhamos de volta na noite quente de verão. Mas depois de dois quarteirões o ar ficou pesado, a umidade aumentou e à distância relâmpagos brilharam sobre o mar.

Deixamos Erin no mesmo lugar onde a encontramos, o saguão do hotel,

e ela abraçou nós dois.

“Vamos ficar bem”, ela disse.

“Claro que sim”, disse Koko. “Por que não ficaríamos?”

Erin desapareceu no elevador, e Koko e eu continuamos andando.

“Eu gosto dela”, ela disse. “Eu estava decidida a não gostar, mas é uma boa garota.”

“Ela gosta de você também.”

No hotel havia uma mensagem da amiga de Koko em Baltimore, Janet. O corpo de bombeiros havia oficialmente classificado o que havia acontecido na casa dela como incêndio criminoso. Janet havia falado com o repórter do jornal matutino, que ainda estava investigando. No dia anterior ele havia publicado no jornal que Koko aparentemente havia ido para Charleston. “Então eles sabem que estamos aqui”, eu disse.

Tínhamos que supor que sabiam havia quase dois dias.

De manhã a chuva finalmente chegou, um aguaceiro que varreu a rua Meeting e deixou o mundo escorregadio e despovoado. Falei com Erin logo depois que o dia amanheceu, e ela se mudou para o nosso hotel lá pelas nove horas. Evitou o *check-in* da tarde pagando o dia extra e ficou com um quarto perto de Koko, com duas horas livres antes de seu encontro com Archer. Ela havia telefonado para Lee de novo e recebeu instruções para desistir se Archer fosse desrespeitoso ou se se fizesse de difícil.

“Nenhum de nós acha que alguém vá oferecer tanto quanto Lee.”

Às dez horas Erin e Koko estavam jogando cartas na mesa do quarto de Koko enquanto a chuva batia de maneira ritmada contra a janela. Eu estava assistindo à TV em um estado de estupefação, com o som abaixado. Um pregador religioso com olhos em que brilhava a palavra “roubo” e cheio de amor para dar, principalmente às fiéis, estava no canal 5, e no canal 2 achei algum tipo de discurso político, e o olhar do senador era muito parecido com o do pregador. Pelo rosto deles, eu sabia dizer qual era a atitude e a natureza inexpressiva do que estava sendo dito, e nenhum dos dois me deixou tentado a aumentar o volume. Este país está condenado, pensei, não pela primeira vez, e fechei os olhos, afundando em tédio.

Às dez e meia levantei-me e fui para a porta. “Vou dar uma saidinha.”

Erin ficou desconfiada imediatamente. “Vai aonde?”

“Tem um filme que eu quero ver. *Debbie e os velhinhos sacanas.*”

“Ouvi dizer que esse não tem muita história. Aonde você está indo de verdade?”

“A loja, para buscar alguns artigos masculinos.”

As duas se entreolharam e tentaram não rir.

“Ei, eu não faço perguntas sobre os seus artigos femininos.”

“Só não tente nenhuma tolice do tipo livrar-se da gente e ir atrás de pessoas sozinho.”

“Aposto que ele vai comprar uma arma”, disse Koko. “Ele não conseguiu trazer no avião uma que tínhamos, então vai comprar outra.”

“É isso o que você vai fazer?”

“Que coisa, relaxem. Não dá para comprar arma num domingo. Preciso de lâminas de barbear.”

“Só perguntei porque, como sua advogada, sou eu quem tem que se preocupar se houver leis contra o porte oculto de armas. Só para o caso de precisar te defender ou pagar a sua fiança.”

“É domingo, mãe”, repeti. “Vocês fiquem aí jogando cartas e eu volto daqui a pouco.”

Subi a rua Meeting na chuva, olhando as pessoas dos dois lados da rua. A arma nas minhas costas me dava uma sensação de segurança.

John Wayne, o cacete. Aquelas mulheres não tinham a menor noção.”



Quando voltei, Erin tinha saído para encontrar Archer, e Koko estava olhando para os mesmos programas estúpidos na TV, com o volume abaixado. “Então, comprou lâminas de barbear de que calibre?”

“Grandes o bastante para um aparelho de barba trinta e dois.”

“Mesmo no domingo.”

“A Rexall está sempre aberta.”

Ela sorriu, de maneira inteligente. “Eu vi aquele homem de novo. O mesmo que me seguiu na rua no outro dia.”

“Onde?”

“Na rua. Tive que sair para comprar alguns artigos femininos.”

“Você está ficando espirituosa, Koko. Fale-me sobre >ele.”

“Nada a declarar. Ele estava indo para uma loja um pouco mais à frente quando o vi.”

“É possível que seja só alguém que mora aqui por perto.”

“O que mais é possível?”

“Talvez ele seja o prefeito de Charleston, espionando as pessoas para lhes dar as boas-vindas a sua bela cidade.” O rosto dela ficou pensativo. “Não sei como Erin se sente a respeito. Quanto a mim, estou feliz que você tenha conseguido suas lâminas de barbear.”

Ela se levantou da cama. “Vou até a biblioteca. Não espero encontrar nada, mas tenho que fazer alguma coisa, senão vou enlouquecer neste quarto.”

“A biblioteca está fechada. É domingo.”

“Podíamos ir ao cinema.”

“Eu topo. Me mostre o tal sujeito se você o vir na rua de novo.”

Eu já havia me convencido de que o encontro de Erin com Archer era a última coisa que ela faria sozinha. Eu também não ia deixar Koko sozinha. Deixei um bilhete sob a porta de Erin, instruindo-a a não ir a lugar nenhum, e fomos até um complexo de cinemas que ficava no subúrbio. Três horas depois saímos frustrados: o filme era como o tempo naquele dia: ruim. “Pelo menos passamos a tarde”, disse Koko. “Agora só mais um dia de espera. Eu mato aquela mulher de forte Sumter se ela estiver brincando conosco.”

Erin já havia chegado quando voltamos.

“Espero que seu almoço tenha sido encantador”, eu disse.

“O almoço foi bom. Esperei durante duas horas e comi sozinha. Archer não apareceu.”

Na manhã seguinte descobrimos o motivo.

A história estava na primeira página da segunda seção do *News and Courier*. A manchete dizia ESCRITOR HOSPITALIZADO APÓS ESPANCAMENTO. Hal Archer, historiador, vencedor do prêmio Pulitzer e morador da ilha Sullivan, fora brutalmente atacado e encontrava-se em estado regular no hospital Roper. A polícia não descobrira os motivos, e a vítima havia se recusado a falar com a imprensa.

“Eu vou vê-lo”, disse Erin.

“Vamos todos.”

“Não acho que seja sensato.”

“Talvez não, mas vamos com você mesmo assim. Tentaremos não atrapalhar.”

O hospital Roper ficava na rua Calhoun, perto do rio Ashley. Erin perguntou por Archer na recepção e lhe deram o número do quarto. O estado dele havia melhorado.

Koko e eu ficamos sentados no saguão, onde podíamos observar o fluxo de pessoas entrando e saindo, e Erin entrou sozinha no elevador.

Estávamos lá havia apenas poucos minutos quando Dean Treadwell apareceu. “Lã vamos nós”, eu disse baixinho. Levantei-me, fiz um sinal para que Koko me acompanhasse e o seguimos pelo saguão até os elevadores. Ficamos esperando em pé junto a um grupo de pessoas, e quando um dos elevadores chegou todos entramos. O elevador subiu, recolhendo médicos e enfermeiras até o espaço ficar bem apertado. Dean olhava para o chão. A porta se abriu e ele saiu. Ficamos alguns passos atrás enquanto ele percorria o corredor. Até aquele momento eu não sabia o que ia fazer, mas lembrei do que Erin dissera e de repente estava ao lado dele.

“Oi, Dean.”

Ele parou, olhou para mim mas não pareceu reconhecer. “Como você me conhece?”

“Eu sou paranormal. Olhei para o seu rosto e você se parecia com um Dean.”

“Que interessante”, disse ele, mas o tom de voz inexpressivo dizia a verdade. “Com licença, tenho que ver uma pessoa.”

Coloquei a mão no braço dele. “Nã-não.”

Os olhos dele se arregalaram.

“Ele tem companhia”, eu disse. “Um visitante por vez.”

Ele tossiu daquela maneira estridente que eu ouvira pela primeira vez ao telefone. “Quem é você, porra?”, disse ele, tossindo sobre a mão. “Você não tem jeito de médico.”

“Isso é um equívoco. Tenho doutorado em caos acompanhado de desordem e destruição.”

“Então você é um espertinho.” Estreitou os olhos. “Eu já não te vi antes?” Ele olhou para Koko, em busca de ajuda.

“Esta é Ma Barker”, eu disse. “Ma, este é Dean Treadwell.”

“Oi, Dean”, disse Koko com perfeita malícia. Foi bom demais para ter sido intencional, mas eu pisquei para ela.

Dean bateu no bolso da camisa procurando cigarros, e então pareceu se lembrar que estava em um hospital. “Você fala como se fosse maluco”, disse ele.

“Eu sou meio maluco, Dean. Mas fico realmente maluco quando as coisas não vão do jeito que eu quero. Neste momento, por exemplo, eu gostaria que você fosse lá para baixo conosco, bem sossegado. Quando a minha amiga descer, nós vamos sossegadamente andar pela rua até encontrarmos algum lugar sossegado para tomarmos um café.

Então vamos poder nos sentar e bater um papo sossegado.

Eu gosto de tudo sossegado. Algum problema com alguma parte da proposta?”

“Acho que não”, disse ele. “Eu não sei que porra você quer comigo.”

“É isso o que vamos descobrir, Dean”, disse eu, e nós três descemos e aguardamos sossegadamente.

Erin desceu quase em seguida. “Quem é o seu amigo?”

“Este é Dean, ele é dono de uma livraria em Baltimore. Dean, esta é Lizzie Borden.”

“Lizzie Borden o cacete. Quem é que você pensa que está enganando, porra?”

“Ninguém, mas vamos deixar por isso mesmo. E olha a boca, há

senhoras ouvindo.”

“Eu sei quem você é. Não conheço essas duas, mas conheço você. Estive tentando me lembrar da sua voz e agora lembrei.”

“Vamos, vamos subir a rua.”

Ele havia começado a empacar. Pisei no pé dele, congelando-o com meu olhar. Ele disse: “Não tenho que ir a parte alguma com você”, mas eu belisquei o braço dele com força suficiente para machucá-lo e ele foi. Encontramos um lugar na avenida Rutledee e eu pedi cafés, menos para Koko, que tomou algum suco misturado com cenoura de aparência horrível.

“É bom que sua memória esteja funcionando, Dean”, disse eu. “Tenho que lhe perguntar algumas coisas.”

Mais uma vez tivemos que dançar um pouco, mas eu já esperava que isso fosse acontecer. A conversa foi assim.

“Fale-me sobre Archer.”

“Que Archer?”

“Você sabe que Archer.”

“Não tenho ideia do que você está falando.”

“Ele é o idiota que você ia visitar no hospital, então pode parar com isso.”

“Não sei do que você está falando.”

“Como estão seus rins, Dean?”

“O que isso quer dizer?”

“Parece que você quer ir ao banheiro. Vamos, vou com você.”

“Se você acha que vou lá no fundo com você, está louco.”

“Então me fale sobre Archer e lembre-se de que eu não tenho o dia todo.”

“Archer é um cliente.”

“Sei. Você sempre viaja pelo país todo com os seus clientes?”

“Se eles pagarem a minha passagem, sim.”

“Então Archer está te pagando. Quanto é que ele está pagando?”

“Você é livreiro, sei que não posso responder a isso. Isso viola todo tipo de ética.”

“Agora o Dean está falando em ética”, comentei com as garotas.

“Você responderia a essa pergunta?”, disse Dean.

“Não, mas posso acabar com a sua raça aqui mesmo se você não responder.”

Erin pigarreou de maneira bastante audível. Olhei nos olhos dela e disse:

“Por que as damas não voltam para o hotel? Levem o carro, eu vou a pé”.

Koko perguntou: “Você arrumou aqueles pedaços de pau, Lizzie?”

“O que isso quer dizer?”, perguntou Dean.

Eu disse: “Quer dizer que a menos que nos dê algumas informações, você pode estar bem encrencado. Liz pode te falar a respeito”.

Passei a bola para ela sem aviso, e no mesmo instante ela começou a improvisar, parcialmente blefando, inventando coisas enquanto falava. “Você andou agindo em conjunto com um ladrão de livros, Dean. E não estamos falando de centavos, mas de uma obra de grande importância histórica, que vale no mínimo uma cifra de cinco dígitos. Você sabe o que é. É o tipo de coisa que pode te causar sérios problemas em Maryland, no Colorado ou na Carolina do Sul. É conhecido em quase toda parte como roubo qualificado, mas tem um lado positivo: eles vão te alimentar três vezes por dia e você não vai mais ter que se preocupar em ganhar a vida durante muito tempo.”

“Não sei de que porra você está falando.”

Ela fez um movimento de “que pena” com os olhos. “Então acho que não temos mais nada a dizer um para o outro.”

Ele tentou pegar os cigarros, mas aponte para uma placa de proibido fumar que estava bem acima dele. “Isso ainda vai te matar, Dean. E deixa os teus livros fedidos também. Um sujeito uma vez me trouxe um Hemingway assinado e eu não consegui nem comprar. Ele acendia um cigarro no outro, e a gente conseguia sentir o cheiro do livro dele do outro lado da sala.”

“Tá, tá, pode me poupar dessa porra dessa aula. E você...” Ele apontou para Erin. “Por que não tenta dizer o que tem pra dizer em língua de gente?”

“Seu amigo Archer tem um livro quente. Temos bons motivos para acreditar que você está envolvido. Deu para entender agora?”

“Não tive nada a ver com aquilo.”

“Com o quê? Pensei que você não soubesse do que estávamos falando.”

“Não tive nada a ver com nenhum roubo que ocorreu ou pode ter ocorrido.”

“Cansei deste sujeito”, eu disse. “Vamos enfiar um garfo nele.”

“Calma”, disse Erin. “Dê uma oportunidade ao cara. Se eu não conseguir convencê-lo a ser razoável, vamos vê-lo no tribunal.”

“Que tribunal?”, perguntou Dean.

“Isso é uma questão de jurisdição, não é? Depende de onde o roubo ocorreu e de onde se livraram dos artigos obtidos ilegalmente. Para mim não faz diferença, porque vou atrás de você em qualquer lugar.”

“Vamos deixar uma coisa bem clara: nunca fiz nada ilegal.”

“Só a sua palavra não é o suficiente para acertar as coisas. Você pode contar isso para um juiz, mas duvido que sua palavra atenda às normas de procedimento probatório.

Sem querer ofender, Dean, conheço você muito bem.”

Os três continuaram em silêncio. Comentei sobre a chuva, o calor, as coisas de turistas: as casas em Rainbow Row, o fato de que havíamos perdido as famosas azaleias de Charleston no auge de sua glória. Erin terminou o café, e Koko bebeu toda aquela coisa de cenoura.

“Vamos embora”, disse Erin. “Você teve sua chance e ela está indo embora.”

“Não estou preocupado”, disse Dean. “Archer diz que o livro é dele.”

“Archer está mentindo.”

“Bom, acredito nele. Nunca me falaram nada sobre nenhum roubo.”

“Isso pode ser uma atenuante. Se você cooperar.”

“Cooperar com o quê? Você não é nenhuma promotora; quem diabos é você?”

“Eis quem sou: represento a parte lesada. Minha recomendação em qualquer processo terá alguma importância, talvez muita. Você vai nos ajudar ou não?”

“Depende do que vocês queiram.”

Ela tirou um caderno e uma esferográfica da bolsa. “Responda às minhas perguntas. Então leia o que escrevi e assine. A gente faz uma cópia e você fica com ela.”

Ele não gostou daquilo. Balançou a cabeça e ficou tossindo.

“Dean?”

“Vou lhes contar agora mesmo, e vocês não vão gostar do que tenho para dizer. Não tenho nada que prejudique Archer de alguma maneira.”

“Apenas conte a verdade. É tudo o que quero.”

“É, sei. Você é como todo mundo. Não consegue se dar bem com ele e aí quer sacanear o cara.” Um momento depois ele disse: “Vocês têm que entender uma coisa. Archer é especial. Ele não é que nem eu ou vocês. Não adianta falar se vocês não entendem isso”.

“Eu entendo”, disse Erin. “Li os livros dele.”

Ele olhou para ela por quase um minuto. E então começou a falar.



Muito antes de se mudar para a Carolina do Sul, Hal Archer havia descoberto a livraria dos Treadwell. Quando adolescente, no final dos anos 40, ele passou algum tempo na casa de verão de seus pais em Baltimore e comprou livros do pai de Dean.

Carl e Dean eram garotos na época, trabalhavam na loja, guardavam livros nas prateleiras, trocavam coisas de lugar e faziam qualquer coisa que precisasse ser feita.

Um dia Archer disse algo a Dean e foi assim que começou. Eles tinham mais ou menos a mesma idade e, sempre que ele chegava, os dois passavam uma parte do dia juntos. Às vezes Archer sentava-se em uma das poltronas no andar superior e contava ao jovem Dean Treadwell que grande escritor ele iria ser.

“Ninguém acreditava nele naquela época, ninguém a não ser eu. E eu não tinha a menor dúvida daquilo.”

Dean foi a primeira plateia séria de Archer. Naquela época, Archer havia começado a se afastar de seus poucos amigos de infância, mesmo daquele que mais tarde se tornaria juiz: “Acho que ele ficou com medo do julgamento de Huxley; eles foram bastante próximos, muito tempo antes, e Huxley era sempre tão amável. O que Archer mais odiava era ser tratado com condescendência, ficava louco com elogios falsos. Quanto a mim, eu não tinha motivo para me preocupar se o que ele escrevia era bom ou não. Eu era o leitor da ralé que ele almejava, e desde o começo eu sabia que ele era bom”.

Archer começou a frequentar a livraria com páginas manuscritas. Ele não queria nada da chamada crítica construtiva; o que mais desejava era a idolatria de herói, adulação: ele queria ser o ídolo de alguém, e Dean simplesmente estava fascinado pelo talento dele.

“Dei a ele algo de que ele precisava, e ele me deu algo que eu adorava. Ele nunca duvidou da minha sinceridade não tinha motivo para isso porque ela era real. Não dava para enganá-lo, eu sabia que ele perceberia qualquer mentira imediatamente, mas nunca tive que mentir. Ele tinha a habilidade de criar um mundo, era como Deus, nunca me cansei de ouvi-lo ler. Eu adorava vê-lo chegar à livraria. Adorava cada linha que ele escrevia. Ainda adoro.

“Tínhamos que nos esconder do meu velho. Ele não tolerava gente preguiçosa; se me pegasse vagabundeando, me batia para valer. Então a gente ia bem lá para cima, Archer e eu, aonde o velho não conseguia ir. Ele tinha asma, não conseguia subir aquelas escadas, e às vezes aos sábados, quando a livraria tinha muito movimento, o velho desgraçado simplesmente esquecia que eu estava vivo.

“Eu podia matar a tarde toda sonhando junto com Archer.”

À medida que o tempo passou, Archer começou a achar difícil, e por fim intolerável, estar com Lee. Não é que Lee tivesse feito alguma coisa para que ele se sentisse assim. “É só que o juiz fez tudo certo na vida, e parecia que Hal tinha fodido com todas as oportunidades.”

Ele levantou uma sobrancelha para Erin e ela sorriu, indicando com um gesto que não ligava para a linguagem.

“Hal precisava de mim. Acho que ainda precisa. Ninguém nunca deu uma folga para ele.”

“E quando ele conseguiu uma folga de verdade...”

“Ele estava cheio de raiva. Até queria dizer ao comitê do Pulitzer que ficasse com aquela porra de prêmio, que enfiassem o prêmio em seus rabos pretensiosos.” Ele tossiu. “Eu o fiz desistir disso.”

“Foi a melhor coisa que fez por ele.”

“A melhor coisa que fiz foi acreditar nele. Com certeza ele não teve uma vida feliz. Acha que todo mundo que apareceu depois do prêmio é interesseiro.”

“Ele tinha Lee. Ele sempre pôde contar com Lee. Lee sempre quis o melhor para ele, mesmo se Archer não soubesse ou não acreditasse nisso. Agora veja o que está acontecendo com eles.”

“Acho que existem alguns velhos ressentimentos ali. O juiz nunca deu um passo errado. Enquanto Archer estava se matando para sobreviver, a carreira legal de Huxley estava em franca trajetória para o alto, e sempre rápida.”

“Isso não foi culpa de Lee.”

“E eu disse que foi? Mas pode incomodar se você estiver em desvantagem.”

Erin hesitou e então disse: “Conte sobre o livro”.

“Não tem nada para contar. Hal diz que é dele e eu acredito nele.”

“Ele alguma vez contou a você onde o conseguiu?”

“Não, e eu não perguntaria. Vou lhe dizer o seguinte: não acho que ele

roubou o livro.”

“Pode negar se quiser, mas não leve a história muito longe porque ela pode voltar e morder você.”

“Não sei nada sobre isso nem quero ouvir. Pode escrever: Dean Treadwell já ouviu todas as histórias que circularam dizendo que Hal Archer é um desgraçado... não preciso da sua também. Escute, podemos sair desta porra de lugar? Se eu não fumar, vou começar a esmurrar alguma coisa.”

Na rua, Dean acendeu um cigarro e nós o vimos fumá-lo inteiro em três poderosas tragadas. “Isso é tudo o que tenho para você, dona”, disse ele. “Se não gostou, pode me processar.”

“Obrigado, acho que acabei por ora.”

“Ainda tenho uma pergunta”, eu disse. “Fale-me sobre seu irmão.”

“Carl é um grande babaca, mas isso não tem nada a ver comigo. Cada um de nós herdou cinquenta por cento da livraria, mas na vida real não temos muito a ver um com o outro.”

“Ele tem uns amigos bem ruins. Um deles incendiou a casa desta senhora. Você sabe alguma coisa sobre isso?”

“Porra, não, mas não me surpreende. É por isso que me mantenho afastado dele. Dez anos atrás ele começou a jogar e a andar com aqueles marginais. Ganhou bem em um ano, mas desperdiçou tudo tentando impressionar um punhado de bandidos. Agora ficou sem dinheiro e aquele criminoso é quem está dando as cartas. Francamente, não ligo a mínima para o que fizerem com ele, aquele puto merece tudo o que vier para ele. Eu sairia da livraria e o deixaria ficar com tudo, se soubesse fazer outra coisa.”

Ele acendeu outro cigarro com o anterior e jogou a ponta na sarjeta. “Estou no ramo livreiro desde que tinha doze anos. Estou com cinquenta e cinco agora e cansado de conversa mole. Costumava ser uma grande maneira de ganhar a vida. Agora é como qualquer outra coisa, poluída de conversa mole e artistas gananciosos. Você é livreiro, Janeway, mas ainda é razoavelmente jovem. O que você vai fazer quando essa vida ficar desagradável?”

Ele deu outra enorme tragada e duas esteiras de fumaça escorreram de seu nariz, apagando o rosto. “Seu silêncio diz tudo, meu chapa. Para um livreiro, não há mais nada.”



No carro, Erin disse: “Isso não foi exatamente o que esperávamos, foi?”

“Não sei. O que você esperava?”

“Quase tudo, menos Archer se tornar uma divindade.”

“E Archer? Você não teve muito tempo de falar com ele.”

“Quebraram o maxilar dele. O rosto estava todo costurado e ele não conseguia falar. Parece que quebraram alguns dedos e a clavícula. Ele está sentindo muita dor. Ficou muito agitado quando me viu, e a enfermeira me pediu que saísse.”

“Qual teria sido o motivo?”

“Com Archer, quem precisa de motivo?”

“É, mas ele tem sido um idiota há tanto tempo, por que bater nele agora? Estou me perguntando se eles descobriram sobre esse livro. E, em caso positivo, se o tiraram dele.”

“Não sei. Isso estava na minha lista de perguntas.”

Ficamos sentados no carro por algum tempo, e eu observei o tráfego passando nos dois sentidos. Uma brisa refrescante soprava pelo carro aberto, e não tínhamos nenhum incentivo real para sair dali, nem pressa de ir a lugar algum. Era meio-dia e eu estava tentando planejar o que iríamos fazer e como. Por alguma razão, as palavras de Dean ficaram brincando na minha cabeça, interrompendo meu padrão de pensamento. Comecei a fazer o jogo do “e se”, algo que eu fizera muitas vezes quando era policial.

O jogo tinha apenas uma regra: você joga coisas em uma parede mental e nada é sagrado; nenhuma ideia é maluca demais para ser analisada.

“Parece que vamos ter outro grande dia jogando cartas”, disse Koko. “Oba.”

Ouvi o que ela disse, mas estava escutando apenas com a metade do cérebro. Ela e Erin começaram a falar sobre o dia seguinte e o forte Sumter.

“Ainda temos que comprar os sacos de dormir”, disse Koko. “Agora vamos precisar de três.”

Distraído, balancei a cabeça afirmativamente, íamos precisar de três, mas não conseguia parar de pensar em Dean Treadwell e sua estranha amizade de toda a vida com o homem que todos adoravam odiar.

Só mais tarde comecei a considerar nossa saída de Charleston. Naquela tarde dirigimos aparentemente sem rumo por toda a grande Charleston até que localizei o que queria — uma loja de materiais esportivos na área norte, com estacionamentos dos dois lados do prédio. Eu não parei, mas anotei mentalmente os pontos de referência.

Fiz uma volta lenta e retornei à cidade.

Como se escapa das pessoas quando não se sabe onde estão, quando não se tem sequer certeza se estão realmente ali e não se tem ideia de quantos possam ser ou como se parecem? Sentados no quarto de Erin naquela noite, analisamos e rejeitamos tudo por três vezes. Ir à polícia? “Com o quê?”, perguntei. “Alguma história fantasiosa sobre um gângster de Baltimore que achamos que possa ter nos seguido até aqui?” Contar à polícia sobre Archer? “Contar-lhes o quê?”, eu disse. “Achamos que esses bandidos que quase mataram Archer de pancada virão atrás de nós agora”? Isso poderia não ser de todo mau, se Archer corroborasse a nossa história; talvez, então, pudéssemos contar com alguma proteção policial por tempo suficiente para nos misturarmos à paisagem sulista e escapar deles. Talvez pudéssemos pegar aquele barco para forte Sumter sem sermos vistos, voltar no dia seguinte e sair da cidade. Uma vez que estivéssemos na estrada, poderíamos desaparecer no interior do estado.

Decidimos isto: no dia seguinte à tarde iríamos de carro até a loja de artigos esportivos, deixaríamos o carro em um dos estacionamentos, entraríamos, compraríamos os três sacos de dormir e então sairíamos pela porta do outro lado, onde um táxi estaria esperando para nos levar até a marina. Lá compraríamos as nossas passagens e depois disso seria o acaso. Teríamos que esperar na fila, onde qualquer um poderia nos ver, até que estivéssemos dentro do barco e a caminho do forte. Como plano, aquilo não se comparava ao cavalo de madeira que havia derrotado os troianos, mas era o que tínhamos, era o que faríamos.

Encomendamos uma ceia para dois no Pizza Hut. Paguei na porta e olhei a área de estacionamento e a parte da rua que conseguia ver. Nada. Erin e eu comemos a pizza enquanto Koko se banqueteara com nozes, sementes e colheradas de um negócio cinzento de aparência deliciosa que vinha em um saco plástico. Assistimos à deprimente programação da TV e mais tarde as

damas jogaram mais um pouco de cartas. Elas quiseram se recolher às nove, e durante muito tempo fiquei na janela de meu quarto observando o pátio e não vi nada suspeito.



Nenhum de nós dormiu bem. Quando as encontrei de manhã, pareciam exaustas.

Mais uma longa manhã de espera. Aos poucos fomos levando as malas para o carro, observando tudo ao nosso redor. Ao meio-dia telefonei para uma companhia de táxis e deixei um pedido para um táxi no estacionamento da ala sul da loja de artigos esportivos exatamente à uma e quinze. Dei-lhes um número de cartão de crédito e disse ao encarregado da liberação dos táxis que o motorista precisaria ser pontual e eu lhe pagaria o dobro, incluindo tempo de espera, com cinquenta dólares extras quando fôssemos entregues na marina às duas horas.

Não nos preocupamos em acertar a estadia na saída: o hotel tinha o meu número de cartão de crédito e eu ligaria para eles mais tarde, pedindo que me enviassem a cobrança. Estávamos fora do quarto e dentro do carro exatamente em dez segundos. Entrei devagar na rua Meeting e virei à direita em direção à zona norte de Charleston.

Tudo funcionou como um relógio. Fiquei atento, observando constantemente meus espelhos, e em nenhum lugar atrás de mim vi qualquer coisa que sequer se aproximasse de um observador, um perseguidor ou um espião. Se Dante ou qualquer um de seus gnomos estivesse ali atrás, eram muito bons naquilo.

Na loja, observei os clientes enquanto Erin comprava os sacos de dormir; no último minuto comprei uma lanterna e algumas pilhas, e saímos rapidamente pela porta dos fundos. O táxi estava lá com o taxímetro rodando.

Koko e Erin entraram atrás e eu fui na frente. Dirigimos para a cidade pelo caminho inverso ao que tínhamos feito, e o motorista nos deixou debaixo da placa PASSEIOS AO FORTE SUMTER com tempo de sobra. “Por favor, espere mais um pouco”, eu disse a ele, e ficamos sentados no carro por mais quinze minutos. Paguei a corrida, dei-lhe os cinquenta prometidos e agradei-lhe a gentileza. Misturamo-nos aos passageiros que aguardavam no

ancoradouro a poucos minutos da partida.

O barco partiu vagarosamente, e o piloto começou a nos contar sobre o que estávamos vendo. Erin chegou mais perto e segurou minha mão. “Parece que passamos a perna nele”, disse ela. Mas enquanto eu observava os prédios que começavam a se afastar, um homem na multidão capturou o meu olhar. Eu o vi por apenas um segundo antes que ele desaparecesse atrás do quiosque que vendia passagens. Daquela distância não pude ver-lhe o rosto direito. Mas ele me lembrava alguém, e no final das contas não tive tanta certeza se havíamos passado a perna nele.



Dessa vez Libby estava esperando no píer para nos receber. Um sorriso brilhante iluminava-lhe o rosto, como se estivesse esperando lá havia três dias, duvidando de nossa volta. Agora havíamos chegado como novos amigos. O gelo fora quebrado e não parecia importar o fato de termos estado juntos anteriormente menos do que meia hora: tínhamos uma causa em comum. Libby fez pouco da aparição inesperada de Erin. Elas tinham mais ou menos a mesma idade e conversaram com facilidade enquanto percorríamos o longo píer e entrávamos no forte. “Luke está fazendo o *tour* hoje”, ela disse. “Geralmente nos revezamos. Eu faço dia sim, dia não, quando o tempo está bom, mas ele está fazendo dobrado agora que meus estudos estão muito puxados. Vamos dar uma volta por aí.”

Ela fez conosco um pequeno *tour* particular e falou em voz baixa enquanto passávamos pelas sombras sob a muralha. “Esta é uma porta falsa, por onde os soldados podiam atacar de surpresa e repelir invasores. A antiga porta falsa era ali.” Ela apontou para um lugar baixo na parede à nossa direita. “Aquela é a gola da muralha. E nós acabamos de passar pelo flanco esquerdo. Do outro lado do forte, no final da bateria, está o flanco direito. As duas outras muralhas são a face direita e a face esquerda. É melhor vocês anotarem, vou fazer perguntas mais tarde. Quem não tirar nota mínima fica sem o jantar.”

“Caso o inimigo nos ataque esta noite”, disse Erin.

“Exatamente”, disse ela, com o rosto inexpressivo. “Não ia adiantar muito se eu gritasse: ‘Reforços para o flanco esquerdo!’, e todos vocês

fossem à praia para procurá-lo.”

Erin riu. “Estou vendo que vamos nos dar muito bem.”

“E por falar em jantar”, disse Libby, “espero que vocês não sejam enjoados para comer. O cardápio aqui não é o nosso forte.”

Nós nos entreolhamos, um pouco envergonhados. Nenhum de nós tinha pensado em comida.

“Não se preocupem. Só estou esperando que vocês não sejam muito exigentes.”

“Nós comemos qualquer coisa”, eu disse. “Certo, Koko?”

“Sem dúvida”, disse Koko. “Estou pronta para devorar um tubarão cru.”

“Isso eu não tenho”, disse Libby. “Talvez eu possa caçar alguma lula enlatada.”

Ela fez o gesto de *shhh* quando passamos por Luke, que estava em pé acima dos turistas falando as mesmas coisas que havíamos ouvido no sábado. Ela nos levou pelo flanco esquerdo e continuou a aula em um tom de voz baixo.

“Imaginem toda essa estrutura com mais dois ou três níveis de altura. Acima de nós estava outra série de casamatas — salas de armas —, e as casernas dos soldados tinham três andares de altura nos dois flancos, com armas no topo de cada muralha.”

Contornamos a face esquerda. “Este forte era formidável na época”, disse ela. “Isso tudo desapareceu, esmigalhado pelo cerco da União. Depois que expulsaram aquele pequeno grupo de ianques, os confederados defenderam este lugar por quase quatro anos, vivendo boa parte desse tempo no meio do entulho. Durante dois anos foram bombardeados por canhoneiras e pelos grandes canhões da ilha Morris, que vamos ver daqui a pouco. Os historiadores dizem que três mil e quinhentas toneladas de ferro foram disparadas aqui. Os ianques achavam que podiam tomar qualquer lugar desde que o bombardeassem por tempo suficiente. Mas este velhinho era durão, e quanto mais destruíam o forte, mais durão ele ficava. No final, não restou nada aqui, a não ser pilhas de tijolos e tudo o que foi enterrado sob elas — estas muralhas que vocês estão vendo e aquelas ruínas logo ali, os restos de um velho forte orgulhoso. Àquela altura os confederados haviam substituído suas forças de artilharia por infantaria, e mesmo assim a União não conseguiu tomá-lo.”

Ela apontou para as armas enquanto passávamos. “Alguns destes canhões foram usados contra o forte pelas forças da União na ilha Morris —

foram trazidos para cá muitos anos depois.”

Subimos até o pequeno apartamento dela na bateria. “Coloquem as coisas aí em qualquer lugar”, disse ela, e saímos novamente. Libby nos conduziu pelo flanco direito e ficamos de frente para o mar. “Enfim”, disse ela, “isto é o que chamo de lar.”

Koko perguntou havia quanto tempo eles estavam ali.

“Um ano. Eles nos revezam, dizem que é para evitar que fiquemos loucos, mas vou sentir muita saudade quando for embora. Mesmo agora penso nisso, como passamos rapidamente pelas coisas, às vezes sem mesmo vê-las. Há tanto aqui do passado, e logo tudo isto fará parte do meu próprio passado. Talvez Luke e eu voltemos daqui a alguns anos como turistas, e vou me lembrar destes dias. Mas nunca mais vou fazer parte disto novamente, então tento aproveitar ao máximo cada dia que tenho.”

Ela apontou para uma praia comprida do outro lado do canal, de frente para o mar à nossa direita. “Aquela é a ilha Morris. O forte Wagner ficava perto de uma das extremidades, exatamente no lugar onde fizeram a ligação para a cidade. As forças da União tentaram ao máximo tomá-lo no verão de 1863. Se conseguissem tomar o Wagner, tomariam o Sumter — é assim que eles pensavam; se conseguissem tomar o Sumter, tomariam Charleston. Se tomassem Charleston eles fechariam todo o litoral sulista.

Mas nunca conseguiram nada disso, não até que os confederados se retiraram e deixaram o forte para eles em 1865”.

Ficamos em um determinado ponto, que ela chamava de ângulo correto da gola, e olhamos para onde ela olhava. “Aquela praia estreita na ilha Morris é onde o 54º Regimento de Infantaria de Negros do Massachusetts foi massacrado tentando desalojar os confederados. Sem nenhum demérito para aqueles guerreiros negros, mas é inevitável admirar o combatente do Sul. Você não precisa gostar da causa dele para saber que ele e seus colegas eram um bando de sujeitos corajosos e durões.”

Ficamos parados ali por um tempo. O dia estava quase perfeito, o sol quente, a enseada cheia de veleiros. Outros barcos menores, movidos a motor, atravessavam a água fazendo espuma. Libby andou até a gola da direita e protegeu os olhos do sol, observando atentamente a ilha comprida e plana. “Muitos fantasmas lá”, disse ela.

“Por aqui também. Acabei de sentir uma respiração no meu pescoço.”

“Meu Deus, senti também”, disse Koko “E não foi brisa o que senti.”

Libby colocou a mão no braço dela. “Não se preocupe, eles não vão te

incomodar. São fantasmas de um tempo em que as mulheres eram colocadas em pedestais e adoradas. Você deve ser sensível aos espíritos.”

“Sempre achei que sim.”

“Isso não acontece com todo mundo, mas eu sinto o tempo todo. Estou aqui na muralha e de repente tenho a sensação de que alguém está aqui comigo... como se ele tivesse acabado de me tocar ou tentado sussurrar alguma coisa misteriosa no meu ouvido. E vocês dois? Sentiram algo?” Erin balançou a cabeça, e Libby me lançou um olhar penetrante. “Nunca sinto nada”, eu disse. “Nunca penso, mal acredito nas pessoas e deixo os fantasmas em paz.”

“Que vergonha. Se existem espíritos em todo lugar, por que não estariam aqui? Sinto uma conexão constante com os homens que morreram aqui... Lá vem o Luke, vocês foram salvos pelo gongo. Eu já ia começar uma palestra sobre um assunto que normalmente não consta dos passeios.” Ele caminhou na nossa direção vindo da face esquerda, andando rápido pela borda da muralha. Toda a sua relutância do sábado parecia ter desaparecido e ele nos cumprimentou de forma calorosa. “Que bom ver vocês”, disse ele, apertando nossas mãos. “A Libby estava esperando-os ansiosamente, para dizer o mínimo.”

“Ah, para com isso. Não tem nada a ver com ansiedade, eu estou com excesso de trabalho. Muito que fazer, pouco tempo.”

Eu lhe apresentei Erin e ele a cumprimentou. “Que bom que veio. Quanto mais gente, melhor.”

“Tenho que descer por um instante”, disse Libby. “Tenho alguns assuntos domésticos para tratar e umas últimas coisinhas a escrever antes de entregar meu trabalho amanhã. Luke vai mostrar o forte para vocês, vai colocá-los por dentro de tudo. Prestem atenção, pessoal, fica bem escuro aqui quando o sol se põe.”

“Fica mesmo bem escuro em uma noite clara”, disse Luke. “Tenho a impressão de que esta noite será nublada de novo. De qualquer forma, olhem por onde pisam. Não queremos que ninguém quebre uma perna.”

Ele passeou conosco pelas ruínas enquanto a tarde chegava ao fim. Passamos por catacumbas escuras sob as muralhas, e ele nos contou o que cada uma delas havia sido. Quando voltamos para a parte de cima, o barco já estava bem longe.

“Lá vai ele”, disse Luke. “Vocês estão oficialmente presos aqui até amanhã.”



Luke sugeriu que visitássemos o museu enquanto ele terminava alguns afazeres. “É aqui onde vocês provavelmente vão colocar os sacos esta noite. No verão passado recebemos um camarada que estava escrevendo um livro e foi aí que ele dormiu, na rampa em frente ao lugar da bandeira original.”

Passamos as duas horas seguintes brincando de turistas; olhamos velhos uniformes e mosquetes, balins e baionetas, e lemos plaquetas da exposição. Quando saímos de lá, o céu estava cinza escuro no leste, com uma fina faixa púrpura pouco acima do horizonte no oeste. O pôr-do-sol se derramou sobre a ilha James e lançou sobre a enseada uma espécie de luz aveludada misteriosa. A maioria dos barcos já havia desaparecido, e à distância mal se podiam ver os pináculos das igrejas da cidade.

Imaginei que ainda teríamos alguma luz do crepúsculo, e enquanto eu ainda conseguia enxergar afastei-me dos outros e fiz meu próprio passeio pelas muralhas e ruínas.

Andei pelo caminho no alto da muralha e parei no local da porta falsa original. A muralha descia de uma altura de uns quatro metros; lá embaixo havia uma pequena cabeça de praia, e bem em frente a água fluía através do canal para o mar quando a maré baixava. Um barco solitário ainda estava na água, traçando um lento arco que cruzava a enseada talvez a um quilômetro de distância: era um barco pequeno a motor, com uma cobertura e três ou quatro figuras indistintas a bordo. O sol lançou seus últimos raios alaranjados sobre a água e vi o brilho de alguma coisa — talvez um cigarro sendo aceso, talvez uma luz sendo testada ou uma ferramenta sendo usada em algum problema repentino. Talvez fossem binóculos. Não sei o que era, mas fiquei olhando.

Depois de algum tempo, Koko subiu atrás de mim e tentamos encontrar a cidade, agora completamente invisível no crepúsculo cada vez mais denso. “Então”, disse ela, “o que vamos fazer e como?”

Observei o barco voltar em direção à cidade e soltei alguns grunhidos enquanto pensava. Por fim, eu disse “Minha impressão é que vamos ter que contar-lhes o que sabemos. A Sra. R. pode ter algumas informações, mas ela é como você, cautelosa em relação ao que consegue”.

“Não posso falar por ela, mas desta vez vou tentar me comportar.”

“Isso seria bom. Não quero você batendo em mim antes de conseguirmos ficar no mesmo nível que eles. Temos algumas coisas a nosso favor se fizermos tudo direito.”

“Dê *um* exemplo, e talvez eu me sinta melhor.”

“Ela sabe o que sabemos sobre Charlie, mas talvez não saiba muito mais do que o nome dele”, eu disse. “Ela estava jogando uma isca grande. Quer saber o que temos.”

“Seja lá o que for. Mas você ainda está apenas tentando adivinhar, e, se ela não souber nada mais além disso, de que vai adiantar para nós?”

“Pode ajudar bastante se ela nos disser onde conseguiu o nome dele. Talvez o que sabe só faça sentido quando juntarmos com o que sabemos. Acho que, como eu, ela está intuindo alguma coisa. É por isso que guardou a informação sobre Charlie até o finzinho do sábado, e é por isso que estava no píer esperando a gente. Ela se faz de autoconfiante, mas acho que teria ficado desolada se não tivéssemos vindo.”

“Você a está interpretando muito mais do que eu. Ainda não sei quanto precisamos contar a ela.”

“Você recebe o que dá, Koko. Acho que devíamos contar o que sabemos para ela. Contar-lhe quem foi Charlie e de onde ele veio, como Josephine apareceu na sua vida e mais tarde na minha. Se ela fizer perguntas, você as responde. Mas não fique atiçando, vamos contar-lhe o que sabemos e tentar estabelecer alguma camaradagem.”

“Isso significa dar muita coisa em troca de uma simples possibilidade.”

“Mas ela não pode fazer nada com as informações sem nós, e sem ela nós voltamos ao começo. Ela me parece uma pessoa honesta.”

“Tudo bem, vou ficar de boca fechada e seguir você. Até agora o seu histórico com ela tem sido muito melhor do que o meu.”

O barco na enseada havia parado de repente, vagando sem algum destino óbvio. “O que você está olhando tão sério?”, perguntou Koko, e eu disse que só estava me perguntando se aquelas pessoas estariam com problemas. Por impulso, passei o braço ao redor do ombro dela, abraçando-a forte, como se eu pudesse espremer dela toda a infelicidade.

Senti que ela estremeceu e olhou para o lado, afastando, como sempre, qualquer tipo de sentimento. Eu disse: “Como andam as coisas, Kokinha?”, e apertei-lhe a mão.

Ela disse: “Estou bem, seu tonto, por que não estaria?”. Abracei-a de

novo, e ela riu de mim. “Estou bem, saco, sai daqui, me deixa em paz.” Fiquei andando em volta dela, perturbando-a. “Conversa comigo”, eu disse, e ela desistiu com um suspiro. “O que você quer que eu diga, como estou feliz por conhecer você? Estou feliz por ter conhecido vocês dois, o.k.? Isso te deixa feliz? Não importa o que aconteça, não lamento nada. Assim está bem?” Abracei-a de novo e disse: “Certo, Koko, por hoje está bem”.

Ela se afastou e eu continuei ali mais um pouco, observando o barco na enseada. Não era preciso realmente se preocupar com aqueles sujeitos, fossem lá quem fossem, mas fiquei preocupado mesmo assim, de uma forma meio passiva e distante.

Agora, nos últimos instantes de luz, Luke e Libby saíram para arriar as bandeiras. Nós todos nos reunimos no flanco direito, onde a fileira de bandeiras representavam a União, as forças confederadas dos anos 1860 e do estado da Carolina do Sul, com a grande bandeira americana no centro. Luke arriou a bandeira americana; Libby ficou em posição de sentido e prestou continência. Ao lado, Erin, Koko e eu observamos. Os dois dobraram as bandeiras cuidadosamente, Libby colocou-as sobre os braços e voltamos para o minúsculo apartamento deles enquanto o sol desaparecia no oeste.

“Hora de jantar”, disse Libby alegremente. “Quem quer ficar com a barbatana do grande tubarão branco?”



A sala deles parecia menor do que nunca com todos nós lá dentro. Na verdade, não era muito maior do que a despensa de uma casa moderna, e espalhamos nossos sacos de dormir, que ainda estavam enrolados e amarrados, e fizemos excelente uso do chão. Nós nos acomodamos onde havia espaço livre, enquanto Libby cortava legumes e preparava uma salada. Erin disse: “Não vou nem me oferecer para ajudar porque eu só iria atrapalhar”, e Libby sorriu, agradecida. Era a hora das gentilezas. Erin disse como se sentia mal por não termos levado nada, mas com um gesto Libby mostrou que não se importava. “Totalmente compreensível. Vocês não pensaram que estavam vindo para jantar, vocês vieram para visitar um monumento nacional. Quem traz comida em um passeio assim?” Luke disse: “Qualquer dia desses a gente vai visitar Denver e vocês podem nos receber

como nobres”, e Erin disse: “Vou parar de me sentir mal se vocês fizerem uma promessa solene de que irão nos visitar”. Estávamos nos primeiros estágios de reconhecimento mútuo, estranhos tentando encontrar um espaço de convivência confortável.

“Pode tirar a jaqueta, fique à vontade”, disse Luke. “É quente aqui dentro.”

Mas continuei com a jaqueta, preferindo o calor à necessidade de tentar explicar a arma que estava por baixo dela. Acabamos quebrando o gelo na conversa. Naqueles primeiros momentos nada foi dito sobre Burton ou sobre a busca que havia nos levado até lá. Em certo momento Libby olhou para mim e ficou assim por um instante, como se soubesse que o que estava por vir seria em grande parte entre nós dois. Percebi isso nela, mas o momento passou com um comentário engraçado de Luke, deixando o assunto Burton encontrar seu espaço à medida que a noite avançava. Antes veio o estabelecimento de nossas relações. Nós quatro ríamos como se fôssemos velhos colegas de faculdade, e Koko nos observava tal qual uma inspetora de dormitório, divertindo-se em silêncio sentada perto da porta.

Luke era de Minnesota; Libby era uma filha de militares que conseguira terminar o secundário em St. Paul. Eles haviam desafiado as tentativas do pai dela de comandar-lhe a vida, estavam casados havia seis anos e tinham entrado juntos para o Serviço Nacional de Parques. Ao serem designados para Charleston, viram-se como liberais em uma terra de segregacionistas irascíveis, anticomunistas, e roceiros brancos e preconceituosos. “É isso que Libby pensa deles”, disse Luke.

“Não é verdade”, disse ela. “Eu sou a primeira a reconhecer que há pessoas encantadoras aqui.”

“Contanto que ninguém discuta sobre raça, religião, política ou qualquer coisa real. As pessoas daqui acham que Libby é comunista. Ela entra por uma porta e os conservadores saem pela outra. O derramamento de sangue só é evitado porque, cento e trinta anos depois da Guerra Civil, eles ainda pensam em si próprios como cavaleiros com mulheres belas e jovens.”

“Esse homem é um porco machista”, disse ela por trás da mão. “O comentário só faz me reduzir a algum objeto sexual idiota.”

“Estou dizendo apenas o que eles pensam, querida. Esses sujeitos adoram transformar uma bela liberal. Quanto mais bonita ela for, mais têm prazer em endireitá-la.”

“Como é que eu o aguento?”, disse ela para a parede.

Com a cara séria, nos solidarizamos, houve mais algumas provocações de leve e nesse tempo a comida ficou pronta. Comemos com a porta bem aberta, observando o interior do forte passar de cinzento para negro, e depois tudo ficou muito escuro. Nada ainda havia sido dito sobre Burton, mas a noite estava apenas começando, nossa cautelosa sondagem mútua pareceu razoável e nossa discricção, adequada. Libby sorria para mim rapidamente, e seus olhos diziam que as coisas aconteceriam em seu tempo natural, e eu esperava que minha própria postura transmitisse a mensagem de que não havia necessidade de pressa. Esforcei-me para ficar indiferente — afinal, estávamos em Charleston, onde os prazeres do convívio civilizado sempre vinham antes dos negócios.

Foi Luke quem tocou no assunto, quase uma hora mais tarde. “Lib está terminando a graduação”, disse ele. “Está escrevendo um trabalho de conclusão de curso sobre o forte Wagner. Ela queria fazer sobre Burton, mas...”

“Mas não há nada sobre Burton para ser feito”, disse Libby. “Eu não ia querer entregar um trabalho cheio de baboseiras, não é? Se eu fizesse isso, poderia dar adeus ao meu diploma.”

“Talvez não sejam apenas baboseiras”, eu disse. “É, mas talvez não serve. Veja, sei que Burton esteve aqui. Não tenho uma prova concreta disso, mas no fundo sei disso. Mesmo que ele tenha estado aqui, não sei se fez algo além de beber, correr atrás das moças e ficar olhando os barcos na enseada. Tudo é especulação, e os acadêmicos tendem a depreciar esse tipo de coisa. Para que eu pudesse fazer uso disso, teria que saber onde ele esteve e quando, e, mais importante, por quê. Eles vão querer ver notas de rodapé e referências bibliográficas, alguma prova de que não andei roubando meus conteúdos de algum de seus historiadores favoritos. Se eu pudesse associar novos dados a Burton, eles teriam que parar e prestar atenção, mas parece que vou ter que reformar os heroicos soldados negros do 54a. Não vou conseguir nenhum crédito extra por ter tido alguma ideia original, mas tenho alguns diários, algumas fontes que não foram citadas até a morte. E essa é uma história que nunca perde seu apelo.”

Ela olhou para mim de repente e disse: “Então, o que vocês têm para mim que eu possa usar nesse percalço acadêmico?”

“Nós sabemos quem foi Charlie.”

“É um bom começo”, disse ela alegremente.

“Provar que ele esteve aqui com Burton é a parte difícil.”

“Isto vai surpreender vocês, mas eu estou exatamente na outra ponta. Não sei quem ele foi, mas sei que esteve aqui, e Burton também.”

“Ainda assim, não há provas.”

“Nada que venha a mudar a história. Mas eu também não tirei o nome Charlie do nada.” Ela olhou para mim como se quisesse me grudar na parede, sem brincadeira. “Você me mostra o seu e eu te mostro o meu.”

“Isso é bem razoável.”

Atrás de mim ouvi Koko tossir. Eu disse: “Em primeiro lugar, devíamos tentar descobrir o que vai ser a história como um todo e quem vai escrevê-la”.

“Essa abordagem é nova.” Libby olhou de relance para Koko. “Pelo que entendi, você está escrevendo um livro.”

“Já compilei alguns dados”, disse Koko. “Qualquer livro que venha a sair daí será baseado nas lembranças de uma velha senhora que morreu recentemente. Na verdade, o livro é dela.”

“E eu vou ficar sabendo quem foi essa mulher?”

“A neta de Charlie.”

“Uau”. Um sorriso iluminou-lhe o rosto. “Parece que vocês realmente trabalharam bem nisso. A última coisa que vão querer é ser roubados por uma universitária. E que injúria, pedir a vocês que ajudem com o roubo.”

“Ao mesmo tempo”, eu disse, “você vai precisar...”

“... de tudo muito bem amarrado. Então em que pé ficamos?”

“Talvez possamos dar a você o suficiente para seu trabalho”, disse Koko. “E eu ainda poderia ficar com o que preciso para o livro de Josephine.”

“Obrigado, mas duvido que dê certo. Meu trabalho é para agora, e parece que seu livro ainda vai ficar no forno por algum tempo. Se eu escrever uma palavra sobre isso, as pessoas vão vir para cima de mim. E vão exigir saber onde podem procurar a corroboração dos meus argumentos antes de me darem qualquer crédito.”

“Não adiantaria muito para eles. Não iam encontrar nada em nenhum arquivo.”

“Como assim?”

“Eu tenho as fitas e as transcrições. E não há outras cópias.”

“Mas de que adianta se não pode tornar públicas as suas fontes?”

“Tudo vai ser revelado no devido tempo.”

“Parece que para mim vai ser tarde demais. Como vocês sabem que isso é real?”

“Meu Deus, querida, é isso o que estivemos tentando fazer desde sempre.”

“Vocês estão perto de uma confirmação?”

“Bem perto”, respondi. “Perto, e ainda assim longe.”

“Bom, em algum ponto vamos ter que confiar uns nos outros”, disse Libby.

“Somos pessoas honradas, sabe? Se dermos a nossa palavra, vamos cumpri-la até o fim.”

“Pelo menos era isso o que o tio Dick Nixon sempre dizia”, comentou Luke.

“Mas vou ter que saber tudo”, disse Libby. “Tudo o que vocês têm.”

Em silêncio, analisamos o que ela disse.

“Não posso escrever nada até ficar sabendo tudo”, disse ela.

Comemos em silêncio por alguns minutos. Eu quase podia ouvir as engrenagens girando no cérebro dela.

“É claro que vocês entendem isso”, disse ela.

“Claro”, disse Erin inesperadamente. “Para que seu trabalho seja válido, ele tem que ser baseado em material de fontes abertas ao exame público. Ou pelo menos que estejam disponíveis durante tempo suficiente para que alguém com credenciais impecáveis verifique que é real.”

“Não conheço nenhuma outra forma. Eles certamente exigiriam verificar a procedência.”

“Pode ser que haja uma outra fonte — mais convincente — em algum momento.”

Libby apenas olhava e esperava. Cautelosamente, Erin disse: “Existe um diário”.

“Você quer dizer um diário mantido por Richard Burton? Na própria caligrafia do mestre, eu ousou esperar?”

Erin disse “sim” com os olhos.

Libby respirou fundo. “O que o mestre poderia ter dito em tal texto?”

“Esperamos que possa confirmar aquilo que Koko tem gravado. Nós ainda não estamos com ele.”

“No entanto, parece que vocês pretendem consegui-lo.”

Erin deu de ombros. “Mesmo que pretendamos, ele pertence a uma outra pessoa. Ele teria que decidir se alguma coisa será liberada e o quê. A decisão é toda dele.”

“Isto está ficando cada vez melhor, não é?”

“É um sujeito decente. Posso garantir isso. Meu palpite é que...”

“Sim?”

Ela balançou a cabeça. “Isso é uma loucura. Não posso revelar isso, só depois de falar com ele. Eu já disse mais do que deveria.”

“Tudo bem”, disse Libby. “Quem quer sorvete?”

Tomamos o sorvete e pensamos um pouco mais. Por fim, Erin disse “Vejam, se alguma coisa vai ser feita aqui esta noite, vocês terão que confiar uns nos outros pelo menos até este ponto. Concordem que nada que seja dito pelo outro, diretamente ou como resposta, será usado sem a permissão desse outro. E comecem por aí”.

“Você fala como uma advogada.”

“Ah, por favor, não use isso contra mim.”

“E o que fazemos, assinamos nossos nomes em sangue?”

“Eu sugeriria um aperto de mãos e que aceitássemos a palavra uns dos outros.”

“Esse conselho não é exatamente o que um advogado diria.” Libby fez uma pausa e então disse “Por mim, tudo bem”.

“Koko?”

“Certo”, disse ela com uma voz incerta. Eu disse: “Como prova de boa-fé, falamos primeiro”, e comecei a contar antes que mais alguém pudesse mudar de ideia. Contei-lhes como Josephine havia chegado à minha livraria, como eu havia conhecido Erin na casa de um juiz de Denver, e como Koko se envolvera em Baltimore muito antes de qualquer um de nós. Contei a ela de que maneira a velha senhora havia morrido e a promessa que eu lhe havia feito em seu leito de morte. Deixei de fora a morte de Denise, a ligação com a bandidagem de Baltimore e as circunstâncias do espancamento de Archer.

“Uau”, disse Libby de novo. “Vocês conseguiram muito mais do que eu.”

Dei de ombros e o momento se estendeu. De repente, ela disse o que esperava que dissesse. “Vou lhes contar a minha parte, seja lá qual for a importância. Usem se puderem. Se encontrarem uma maneira de partilhar essa informação, isso seria ótimo.”

Ela se serviu de café. “Eu já lhes contei como fiquei sabendo sobre o clube de Burton logo que cheguei aqui, e sobre Rulon Whaley, o velho que conheci que achava que Burton era um espião. Rulon era um verdadeiro excêntrico de Charleston, mas ele possuía um jeito enérgico de me fazer acreditar nele. Ele me contou sobre um fotógrafo na rua East Bay que havia

tirado a fotografia de dois homens em maio de 1860.”

“Burton e Charlie”, disse Koko, empolgada. “Como ele sabia quem eram?”

“Há muito tempo — quarenta anos, pelo menos — ele comprou um monte de papéis em uma liquidação de espólio. Livros-caixa, registros, lixo, na maior parte. Havia também algumas correspondências pessoais, mas ninguém nunca dera importância a elas. Apenas cartas velhas entre pessoas esquecidas, desconhecidos, é isso o que qualquer pessoa pensaria olhando aquilo. Na ocasião Rulon estava perto dos trinta anos, apenas começando sua prática do direito, mas já havia lido tudo sobre Burton, e havia uma carta que o assombrara toda a vida. Ela fora escrita no começo da Guerra Civil por um jovem para um antigo colega de classe. Aparentemente eles haviam sido grandes amigos na escola, e o camarada que escreveu a carta estava tentando desesperadamente ser fotógrafo.

“Ele estava passando por dificuldades. Era pobre, e o equipamento era caro. Ele era jovem, ninguém o levava a sério, e a própria fotografia era algo suspeito para muitas pessoas naquela época. Ele havia pedido dinheiro emprestado a um amigo para comprar uma câmera e estava se esforçando para se estabelecer, fazendo retratos quando conseguia que as pessoas posassem para ele, fotografando cenas das ruas ou qualquer outra coisa que pudesse fazer para aperfeiçoar sua técnica.

“Certo dia dois homens apareceram. Um deles tinha uma aparência esmerada, o outro... bem, podia-se dizer que era bastante viajado. Eles tiraram uma fotografia na rua East Bay. Ele se lembrava porque o que tinha aparência de conhecedor do mundo possuía terríveis cicatrizes nos dois lados do rosto. Eu já fiz um pouco de fotografia, o suficiente para saber que esse é o tipo de coisa que se procura, algo que faz com que um rosto se destaque e que o torna inesquecível. Não me lembro da data exata, mas tenho anotada, até mesmo a hora do dia em que a fotografia foi tirada.”

“Foi meio-dia”, eu disse. “O sol estava forte demais e o fotógrafo estava inquieto. E Burton ficou impaciente e quase desistiu.”

“Isso! Como você sabe?”

“Está nas minhas fitas”, disse Koko. “A família de Jo tinha uma cópia dessa foto, mas ela se perdeu. Nós tentamos, mas não encontramos nenhuma evidência de um fotógrafo naquele trecho da rua.”

“É porque nunca teve um local que de fato fosse dele. Ele morava com a irmã e o marido dela, pessoas com o nome Kelleher, e mesmo isso foi por

pouco tempo. Acho que ficou lá só por um mês. Duvido que tenha tido mais do que uma placa pintada à mão na janela. Por volta de junho, Kelleher já o havia mandado embora.”

“Kelleher era o dentista”, disse Koko.

“Ele era dentista, e a mulher chamava-se Stuyvessant”, disse Libby. “O fotógrafo era chamado de Barney — Barney Stuyvessant. Era apenas um garoto inebriado com as possibilidades artísticas da câmera. Rulon me deu a carta quando descobriu que estava morrendo.”

Erin disse: “E só por isso seu amigo convenceu-se de que Burton havia estado aqui”.

“Claro. Quantos homens têm cicatrizes como aquelas? Rulon já havia lido tudo sobre Burton, então sim, essa foi a primeira coisa que ele pensou quando leu a carta de Barney. Ele sabia que Burton estava no país naquela época. Sabia sobre o período vago que os biógrafos nunca haviam conseguido descrever. Sabia que Burton havia vindo através do Sul. E com o tempo sua crença ficou mais forte, mesmo quando não havia nada para apoiá-la. Ele era assim.”

“Então essa é a situação”, eu disse. “Koko tem um monte de narrativas gravadas em fita, que nenhum acadêmico ou editor aceitaria pelo seu valor declarado. Você tem a carta de um fotógrafo, que parece nos respaldar, mas não é suficiente. E Erin tem uma pista para um diário que poderia resolver o problema de todo mundo.”

“Tem mais uma coisa”, disse Libby. “Eu vi a fotografia.” Foi uma declaração surpreendente, que ela havia guardado para o fim, mas que fez com um gesto que afetava descaso. “O pobre Barney Stuyvessant não só tinha um cunhado que era um idiota desgraçado, mas também teve a vida encurtada. Ele poderia ter sido um importante fotógrafo dos primeiros tempos, mas entrou para o exército confederado em 1861 e foi morto na batalha de Bull Run em julho daquele ano. Parece que a irmã dele ficou com todos os papéis, cartas, livros dele e também com suas chapas fotográficas originais. Ela acreditou nele durante toda a vida, mas morreu de parto em 1862, e Kelleher livrou-se de todas aquelas coisas.

“Não sei o que aconteceu com o material nos anos depois da guerra. Em algum momento na década de 60 ele apareceu em uma loja de tranqueiras na área norte de Charleston. Rulon ouviu falar e foi vê-lo. O homem só queria quinhentos por tudo: meu Deus, só aquelas chapas valiam muito mais do que aquilo, mas Rulon era uma dessas pessoas insanas que nunca pagavam o

preço pedido por qualquer coisa. Ele certamente tinha aquela quantia, mas teve que pechinchar, e o sujeito ficou ofendido. O que aconteceu depois depende daquilo em que você quer acreditar. Rulon foi embora, ou foi colocado para fora da loja e mudou de ideia quase no mesmo instante. Mas ele tinha um ego enorme, odiava admitir que estava errado, e quando voltou lá, duas semanas depois, o homem havia vendido o material para uma outra pessoa. E adorou contar isso a Rulon.”

“Quem comprou?”

“Um sujeito chamado Orrin Wilcox, que estava de passagem pela cidade. Ele era um...” Ela olhou para Luke. “Como é que chamava a si mesmo? Alfabeto, alfa alguma coisa, eu não me lembro.”

“Alfarrabista”, eu disse.

“Isso mesmo. Um catador de coisas velhas com outro nome: alguém que lida principalmente com livros, mas também com cartas e fotografias. Um sujeito esquisito.”

“Muitos são mesmo.”

“Àquela altura eu estava decidida a seguir aquilo até o fim. Consegui achá-lo em Charlotte, onde ele tem a livraria mais incrivelmente bagunçada que já vi. Não era sequer uma livraria no sentido comum da palavra: era como uma caverna de livros que se estendia por muitas salas, todas tão abarrotadas que mal se podia andar por ali. Dava a impressão de que, se você puxasse um livro de uma pilha, o prédio inteiro desmoronaria. Não era lugar para quem sofre de claustrofobia. Mas fui até lá e vi o material. Eu tinha uma certa noção de que estava perto de uma grande descoberta. Talvez eu estivesse, mas nunca saberemos disso, não é?”

“O que aconteceu?”

“Juntei algum dinheiro, deixei Luke aqui tomando conta das coisas e peguei um ônibus para a Carolina do Norte. Foi fácil achar o Sr. Wilcox. Era um homenzinho enrugado, muito velho, muito excêntrico, tão intratável que eu não sabia como me relacionar com ele. Mas ele me deixou entrar e durante algum tempo as coisas andaram razoavelmente bem. Pensei que eu estava fazendo tudo direito, mas quando fomos para a questão essencial fiquei um pouco assustada. Perguntei se ele ainda tinha o arquivo de Barney Stuyvessant e ele respondeu: ‘O que você acha que fiz com ele, querida, joguei na droga do lixo?’. Conte-lhe que estava procurando uma fotografia que, segundo ouvira falar, poderia estar ali, uma cena na rua com dois homens, e imediatamente ele disse ‘Charlie e Dick’. Não acreditei. Senti meu

coração acelerar. Eu disse. ‘Ah, sim!’, e ele colocou um sorriso malicioso no rosto e falou para eu segui-lo. Lá fomos nós para dentro da caverna, por um corredor comprido até chegar a uma sala nos fundos. Que era como o resto do lugar — ah, Janeway, você não faz ideia.”

“Para falar a verdade, faça, sim.”

“Bom, lá estavam elas caixas e caixas de chapas fotográficas. Acho que ele havia vendido os livros fazia muito tempo, mas as chapas estavam todas lá, empilhadas em caixas de madeira, umas em cima das outras. Ele achou a que eu queria imediatamente. O rótulo original ainda estava nela — Barney havia marcado cada uma delas com um pedaço de fita adesiva velha, e esta estava identificada com a caligrafia dele. A legenda dizia Charlie e Dick em East Bay. Ele havia anotado apenas seus primeiros nomes e esse era o título que dera à foto. A data ainda estava legível, algum dia de maio, 1860. O velho Wilcox colocou-a contra a luz e disse: ‘É isto o que você quer?’. E eu me aproximei dele muito mais do que queria, ficamos lado a lado, nossos braços quase se tocando, olhei para a imagem e lá estavam eles, em negativo, Charlie e Dick, e mesmo no negativo eu podia distinguir aquelas sombras no rosto de Burton, e atrás deles estava a Casa de Câmbio.

Eu a reconheceria em qualquer lugar, em positivo, negativo, cinemascópio. E respondi: ‘Sim, é essa’, e tentei manter o meu batimento cardíaco em um ritmo que não derrubasse a nós dois, mas quando olhei para o rosto dele, ele estava com um sorriso de dentes arreganhados que era quase cadavérico. Eu conseguia ver o crânio dele através da pele, e ele sorriu e disse: ‘Aposto que você gostaria de ter uma foto disto, não é, meu bem?’. E eu disse: ‘Eu lhe pagaria por ela’, e ele disse: Para você, seriam apenas mil dólares, docinho’.”

Ela pareceu ficar um pouco enjoada com a lembrança. “Sei que não parece muito, mas para mim estava fora de questão. Não podíamos ter comprado aquilo de jeito nenhum.

Ela deu de ombros. “Talvez você possa.”

Conversamos mais um pouco e nos recolhemos antes das onze. Àquela altura já nos entendíamos bem, e eles comprometeram-se a nos visitar no Colorado. “Pode até ser que tenhamos sorte e sejamos designados para lá”, disse Luke. “Eu sempre quis trabalhar nas montanhas, em Mesa Verde ou no Parque Nacional das Montanhas Rochosas.”

Eu lhes disse que seriam sempre bem-vindos em minha casa e prometi a Libby que a manteria informada sobre o desenrolar da história de Burton. Demos a noite por encerrada e caminhamos os poucos metros que nos separavam do museu, onde nós três iríamos dormir no chão. Lá fora, a noite estava opressivamente sombria: escura, negra como um buraco negro, com um vento forte que nos atingia em rajadas que vinham do mar. O céu estava nublado: apenas uma pequena faixa de estrelas podia ser vista através de um sulco que atravessava o teto do mundo, mas que nada fazia para aliviar a escuridão da enseada. Não se podia ver Charleston, perdida em alguma neblina distante.

Fiquei parado na porta e Erin disse o meu nome.

“Ei, você não vem?”

“Vou, vou já Vão indo, vocês duas.”

Elas entraram e eu peguei a lanterna e andei pela beirada da bateria até a muralha da gola. Pensei ter ouvido o som do barco de novo, e queria dar uma última olhada nas coisas antes de me deitar. Eu não tinha nenhum motivo real para ficar preocupado ou desconfiado: Dante teria que ser louco para atacar o forte Sumter com os guardas por lá, e sujeitos como Dante não sobrevivem se forem imbecis. Mas isso foi o que o velho juiz Petigru disse sobre os secessionistas dos velhos tempos, que a Carolina do Sul era pequena demais para ser uma república e grande demais para ser hospício, mas, mesmo assim, veja o que aconteceu. Minha preocupação persistiu e aumentou enquanto eu andava sobre as ruínas escuras.

Seja lá o que eu havia ouvido, desaparecera agora: nada, a não ser o vento, atacava os meus ouvidos, o vento e o mar banhando o banco de areia negro. Eu ainda não estava satisfeito. Queria ficar na beirada do forte e olhar para o nada, e isso significava ter que descer até a área de exercícios e entrar no flanco direito onde ficava a parte mais alta. De lá eu tinha uma vista ampla: mais escuridão densa do que podia me lembrar de ter visto em toda a minha vida. Circulei a velha muralha, mantendo a lanterna apontada para baixo na minha frente, e por fim cheguei a um ponto onde a desligneei e simplesmente fiquei em pé ali. Nada...

Nada.

A não ser pelo vento, é assim que deve ser a morte.

Passei pela gola e desci pelo flanco esquerdo. De lá eu podia ver o quartinho onde Luke e Libby estavam conversando, lavando pratos e guardando coisas. As palavras flutuaram no espaço e alguns minutos depois ela fechou a cortina da janela da frente. Quase imediatamente a luz se apagou.

Virei-me de novo para o canal, mais sentindo do que vendo. Ilha Morris, pensei: forte Wagner. Naquele vácuo era difícil imaginar o que havia acontecido ali: um dos grandes épicos da história da guerra, eclipsado por Vicksburg apenas porque esta envolveu números maiores, estratégias mais formidáveis e nomes mais importantes, e porque, ao mesmo tempo, estava chegando a seu clímax. Fixei os olhos no nada e fechei-os, o que não fez nenhuma diferença, e quando os abri tive a impressão de ter visto o brilho de um velho foguete contra o céu a leste. Por um momento imaginei aquela batalha e todos aqueles guerreiros negros atacando a praia e caminhando para a morte certa.

Pensei em morte...

Pensei em Denise...

E o mais estranho de tudo, para aquele momento e aquele lugar, pensei em Dean Treadwell e sua fé inabalável no desgraçado favorito de todos, Hal Archer.

Dean e Hal...

Pensei o impensável e estremei com o vento.



Voltei devagar, atravessando as ruínas. Erin estava em pé na porta do museu, esperando.

“O que você está fazendo? Eu já ia sair para te procurar.”

“Sem uma lanterna? Você é mais inteligente que isso.”

“Dane-se a lanterna. O que está acontecendo lá fora?”

“Nada. Vá dormir.”

Ela ficou indignada com minha aspereza. “É assim que vai ser? Como se eu fosse uma amiga especial?”

“Não sei. Temos quarenta dias e quarenta noites para resolver coisas assim.”

“Trinta e oito esta manhã. E pelo jeito não sei se vamos para o trinta e sete.”

Senti que ela se aproximou na meia-luz. Vi apenas sua sombra.

“Quero resolver esse negócio”, ela disse. “Não é da minha natureza viver assim, preocupada com um maluco a cada momento.”

“Eu pretendo resolver isso.”

“Como?”

“Do jeito que eu deveria ter feito na primeira vez. Um pouco de coragem, um pouco de aço e um pouco da ajuda de um velho amigo.”

“O.k.”, ela disse calmamente. “Seja lá o que isso signifique, quero estar por dentro de tudo o que acontecer.”

“Eu não preciso de advogado para esse trabalho.”

Isso foi o tipo de coisa estúpida de dizer, e eu sabia disso assim que as palavras saíram da minha boca, e ela reagiu como se tivesse levado um tapa na cara. Ela me empurrou de encontro à parede e deu meia-volta na rampa.

“Bom, então foda-se, Sr. Janeway.”

“Ei, Erin, espere um pouco.”

Ela parou e olhou para trás.

“Não foi legal eu ter dito aquilo.”

“Com certeza não foi, seu grosso filho da puta.”

“Desculpe.” Estendi a mão na direção dela.

Ela gesticulou freneticamente com as mãos. “Putá merda, você às vezes

é um tremendo idiota.”

“Eu sou, eu sou.” Dei de ombros em um movimento pateta e desamparado. “Sei que sou.”

“Seu maldito machista idiota babaca. O que vou fazer com você?”

“O que você quiser. Contanto que não...”

“Contanto que eu não o quê?”

“Não vá embora.”

Ela pareceu se enternecer e voltou pela rampa. Passou os braços ao meu redor, e afundei os dedos em seu cabelo espesso.

“Estamos bem agora?”, ousei perguntar.

“Não gosto de ser descartada. Grave isso na sua cabeça se conseguir encontrar uma talhadeira que seja dura o bastante. Escreva *Erin odeia ser tratada com condescendência, Erin não vai aguentar ser tratada como uma garotinha.*”

“Desculpe. Estou começando a parecer um disco quebrado, mas, é sincero: desculpe.”

“O.k, onde estávamos?”, disse ela alegremente.

“Eu estava prestes a dizer algo de fundo prático. Do tipo: este é um trabalho para homem, e uma mulher nunca faz nada além de ferrar as coisas.”

“E aí eu disse algo desnecessário. ‘Foda-se, Janeway’, ou qualquer coisa assim.”

“Você realmente tem um lado malcriado que eu nunca tinha visto antes. Seu vocabulário é surpreendente.”

“Para falar a verdade, nunca xingo na vida real. Linguagem de baixo calão é apenas um sinal de má educação, sintoma de uma mente pobre. Lee me ensinou isso quando eu era criança e ainda acredito no que ele me disse. Mas você, seu cabeçudo, mandão, cabeçudo medieval, você faz vir à tona o pior de mim.”

“Será que não estou me fazendo entender? Pensei que eu tinha me rebaixado, chorado e pedido desculpas. ‘Cabeçudo medieval!’ ‘Machista idiota babaca!’ Achei que Koko era dura, mas para ela nunca fui mais do que ‘um rabugento’.”

“Koko é uma dama. Eu, infelizmente, não sou. Então, quem é esse pistoleiro que vamos contratar?”

Contei-lhe, em linhas gerais, quem era, o que eu queria que ele fizesse e por que ele faria aquilo — não era pelo dinheiro, mas para saldar uma dívida de décadas atrás. “Ele vai ser minha apólice de seguro”, eu disse. “Se é que

existe isso para esse tipo de situação.”

De repente ela percebeu que eu estava falando sério. “Esse sujeito tem um nome?”

Quase respondi que tomaria conta de tudo, mas pensei melhor, e disse o nome.

“Ah, meu Deus”, disse ela. “Puxa, você tem uns amigos perigosos.”

“É. Ele era como meu irmão muito tempo atrás. As pessoas tinham certeza de que eu acabaria como ele.”

“De jeito nenhum você seria como ele.”

“Você diria outra coisa se tivesse me conhecido quando eu tinha quinze anos. É mesmo surpreendente que eu tenha deixado tudo para trás e me tornado policial.”

“E você literalmente salvou a vida dele?”

“Da maneira mais literal possível.”

“Conta de novo o que ele vai fazer.”

“Ele vai nos ajudar a ensinar boas maneiras a um valentão, da mesma forma que Lee ensinou a você, mas com poderes de persuasão diferentes. E, espero, com resultados melhores.”

“De maneira geral, gosto disso”, disse ela sem muito entusiasmo.

“E você vai gostar ainda mais do que vem agora. Tenho pensando nisso já há algum tempo e finalmente cheguei a algumas conclusões desagradáveis. Nós fomos longe demais para entrar em uma trégua do tipo *viva e deixe viver*, como duas nações brigonas em uma guerra fria, mesmo que essa opção de repente se tornasse possível. Talvez eu não me importasse com um empate se ele não tivesse incendiado a casa de Koko, mas isso não é mais uma opção. Agora o placar tem que ser igualado. Não posso sair daqui e fazer de conta que nada disso aconteceu. Já pensei muito sobre isso, e não posso.”

“*O que te satisfaria?*”, perguntou a donzela aterrorizada e trêmula.”

“Se Dante construísse uma nova casa para Koko, isso igualaria as coisas. Não sei, teria que pensar.”

Quando ela falou de novo parecia que muito tempo havia se passado. “Você deve estar louco.”

“Estou muito louco.”

“Eu quis dizer louco de maluco.”

“Isso também.”

“Ele nunca vai fazer isso.”

“Talvez.” Coloquei o braço no ombro dela. “Um sujeito como Dante só

entende uma linguagem. E essa ele realmente entende.”

“Ele não entendeu da primeira vez.”

“Ele entendeu, mas não exatamente *acreditou*. Culpa minha: deve ter faltado alguma coisa na minha representação. Talvez porque, não importa o quanto eu tentasse ser um valentão, no fundo era apenas teatro. Aqueles sujeitos têm um jeito de reconhecer isso.”

“Tem que ser bem real.”

“É mesmo.”

“Então agora é real. Você o mataria.”

“Num piscar de olhos. Mas não conte a Koko ainda; não quero que ela alimente esperanças, caso não funcione daquele outro jeito.”

De repente ela pareceu mudar de assunto. “Você se lembra da noite em que nos conhecemos?”

“Tá brincando? Aquele foi um dos meus melhores momentos.”

“Você se lembra do que eu disse?”

“E como poderia esquecer? Entre outras coisas, você me chamou de covarde.”

“Eu nunca disse isso. Apenas me perguntei inocentemente como você teria se saído no lugar de Burton.”

“Eu tentei lhe dizer. Tudo o que consegui em retribuição ao meu esforço foi escárnio e olhos revirados.”

“Pois diga agora.”

“Eu teria pulado daquela maca e me livrado da febre, teria descoberto o grande lago, feito um mapa que nem a Real Sociedade Geográfica contestaria, teria deixado Speke morrer no sol quente, corrido para casa e reivindicado a glória que deveria ter tido todo aquele tempo. Então, aonde você quer chegar?”

“A lugar nenhum. A não ser, talvez, ao seguinte: eu te amo.”

Ela ficou na ponta dos pés e me beijou com força. “Acho que é aí que queria chegar.”

“Ótimo lugar. Talvez agora não vá doer tanto... você sabe, quando morrermos juntos.”

Lá dentro, planejamos nossa próxima jogada. Erin e Koko haviam colocado seus sacos de dormir perto do final da rampa do museu. Koko havia pendurado suas roupas no corrimão e entrado no saco. Ela nos olhava sonolentemente do chão e dava uma opinião de vez em quando, enquanto nós dois continuávamos em pé conversando. Todos detestaríamos sair de Charleston com o diário de Burton ainda no limbo. Erin queria fazer uma última tentativa com Archer antes de deixarmos a cidade, mas isso me pareceu arriscado demais, com pouca probabilidade de algum ganho. “Acho que alguma coisa pode ser ganha”, disse ela, “se Archer nos contar o que aconteceu com o diário.” Àquela altura eu só podia duvidar de que Archer ia mostrar o diário de Burton, independentemente de quanto dinheiro Lee estivesse disposto a dar para ele — ele sempre aparecia de mãos vazias, com novas condições ou motivos frágeis para adiar as coisas. Erin não podia acreditar naquilo. “Lee não fez nada além de defender Archer e elogiá-lo até as alturas. O que Archer ganharia insultando seu amigo mais antigo? Qual seria o motivo, se ele não fosse nos vender o livro? Agora ele se indis põs com Lee, eles nem se falam, e que bem isso trouxe a ele?”

Bom, Archer era um tonto: pelo menos nisso todos concordávamos. “Talvez ele tenha odiado Lee secretamente todos esses anos por ter nascido em berço de ouro”, disse eu. Havia muitos precedentes na história e na literatura para esses relacionamentos terríveis. Uma das pessoas é prejudicada e sabotada durante anos sem nem sequer sonhar que seu assim chamado amigo é quem está por trás de tudo. Se isso fosse verdade, o único mistério, além dos enigmas de um coração negro, era por que Archer revelaria seu segredo agora em vez de em algum outro momento. Koko disse: “Talvez Lee tenha descoberto o que Archer realmente pensa, e Archer não tivesse mais razão para esconder”. Erin balançou a cabeça. “Não, tenho certeza de que Lee teria me contado isso.” Já que estávamos no campo das ideias malucas,

também era possível que Archer nunca tivesse tido o livro, ou, se tivesse, que Dante o tivesse roubado. Mas se agora Dante é que tivesse o livro, ele teria tomado o primeiro voo para Baltimore. Ele ia querer se livrar da mercadoria primeiro, pegar o dinheiro que haveria para ser pego, e só mais tarde cuidaria de acertar as velhas desavenças. Foi o que pensei, sem outros fatos em que me apoiar, mas àquela altura não tinha certeza se poderia apostar em qualquer opção.

Erin detestava ter que desistir de Archer. “Vou fazer do seu jeito, mas não quero esquecer o porquê de ter sido mandada para cá. Eu ainda me sentiria melhor se pudesse vê-lo mais uma vez, mesmo que ele não faça nada além de me expulsar de novo.” O que me preocupava nisso era que o hospital era um lugar óbvio demais para alguém armar uma campana e nos pegar entrando ou saindo. Eu tinha planos para Dante, mas queria que eles se revelassem no meu tempo, e não no dele: eu precisava viver o bastante para colocá-los em andamento e ver como se saíam. No fim, estávamos todos apenas conversando. Sempre guardada no fundo da minha mente estava a possibilidade de que Dante sabia exatamente onde estávamos, e qualquer coisa que fosse acontecer seria, afinal, de acordo com os planos dele.

Nossa única decisão difícil foi a de que havíamos terminado em Charleston: não havia mais nada para descobrirmos ali. Se as coisas corressem bem e pudéssemos sair de manhã sem sermos vistos, eu teria pelo menos algum motivo para otimismo. Recuperaríamos meu carro alugado e rumaríamos para o norte, para Florence; de lá para Charlotte e depois para Denver. Koko não entendia por que precisava ir para Denver. “Temos que ficar todos juntos por enquanto”, disse eu, e Denver era a minha base. “Você pode ficar na minha casa”, disse Erin, “durante quanto tempo precisar.”

“Ótimo”, eu disse.

Se conseguíssemos chegar até lá, eu me sentiria bem em relação às perspectivas. E aí poderia passar para a ofensiva. A conversa ficou nesse ponto, e eu voltei para a passagem na entrada onde havia deixado meu saco de dormir.

Ao vê-lo não senti nenhuma vontade de dormir. Eu estava em um daqueles estados de espírito sombrios, cansado ao extremo, mas totalmente acordado, e durante muito tempo fiquei sentado na beirada da muralha, as pernas balançando, olhando o céu e escutando o que vinha pelo ar. Pensei em Libby e entendi como ela passou a amar aquele lugar. Depois de algum tempo, acabaria me dando nos nervos — sou muito um produto de meu

tempo, e isso é sem dúvida um dos meus defeitos, entre muitos. Como Erin, eu poderia fazer longos retiros nas montanhas, mas em algum momento a irritabilidade do isolamento começaria a aparecer e eu teria que me enfiar nos lugares sujos da civilização, sair para caçar livros na periferia de Denver, conversar com alguém, me misturar com gente maluca, ir a uma festa de amantes de livros na casa de Miranda ou apenas sentar-me em um bar com algum velho amigo. Minha vida ia dos bolsões mais próximos do sublime até os mais longínquos limites do ridículo, e eu não sabia se aquilo era o meu ideal ou se eu sequer sabia o que era um ideal. Mas em qualquer outra ocasião, em doses limitadas, eu adoraria ficar por aqui.

Ouvi o ruído de um trovão longe ao leste, mas logo tudo voltou ao silêncio de novo, com apenas o vento e o mar nos meus ouvidos. Fechei os olhos e em algum momento me peguei pensando em Vince Marrantino. *Vinnie*: aquilo me fez lembrar o quanto era antiga nossa história.

Ele não parecia um Vinnie para mim. O nome soava demais como um apelido de gângster, e não importa o quanto eu tivesse descoberto sobre ele pelos jornais ou pelo pessoal de Inteligência da polícia, eu ainda pensava nele como um garoto chamado Vince, e não um bandido chamado Vinnie. Ouvia a voz dele misturando-se à dos fantasmas do forte Wagner: Você gosta desse negócio de livros, Cliffie? Só um pedacinho dele na enseada, e depois desapareceu. Um sussurro naquela direção: só precisava disso e um homem morreria em Baltimore.

Peguei meu bloco de anotações e escrevi um bilhete curto: *Oi, Vince. Visite um homem chamado Dante em Baltimore e daqui para a frente estamos quites.* Vince entenderia, e eu podia morrer sabendo disso, caso fosse necessário.

Dobrei o papel e escrevi o nome do lado de fora. Coloquei o endereço dele na rua Osage e enfiei o bilhete no meu sapato. Depois que as investigações e a autópsia tivessem terminado, os policiais fariam com que ele recebesse a mensagem.

Se Dante me pegasse, ele estaria se matando.

“Agora é real”, eu disse a ninguém.



Fiquei deitado no saco de dormir, olhando aquela fenda no céu. Estava começando a fechar agora, à medida que a cobertura de nuvens aumentava e se espalhava.

Senti uma gota de chuva, pensei que deveria entrar, porém só me afundei mais ainda no saco. Dormir era impossível, mas não fazia mal. Assim que estivéssemos no carro indo para o norte, Erin poderia dirigir e eu descansaria.

Fiquei pensando essas coisas, e o tempo demorava a passar. Em algum momento adormeci, mas não muito. Eu tenho boa noção de tempo e abri os olhos sabendo que eram quase três da manhã. Saí do saco de dormir e sentei-me com as costas retas. Algum ruído, alguma coisa flutuando rapidamente onde o vento soprava havia passado ao redor de mim. O vento mudara de leste para sudoeste, e de repente senti um alarme disparar em meu coração.

Disse a mim mesmo que não era nada, era só aquele pressentimento; nem mesmo o som que pensei ter ouvido tinha qualquer substância ou origem verdadeira neste mundo escuro. Minha natureza prática disse que estava sonhando, era só isso, eu havia acordado de um sonho pensando em Dante e naqueles sujeitos no barco, não havia motivo para fazer aquela conexão, era apenas um caso de nervosismo. Mas a sensação não ia embora, e agora eu estava completamente fora do saco, levantando-me na ponta dos pés e olhando na direção da ilha Morris.

Dante. Vi o rosto dele em um redemoinho através da escuridão em diversos tons de claridade. Ele certamente era insano, e isso, combinado com seus outros encantos, tornava-o mais perigoso do que qualquer outro bandido que eu tenha enfrentado quando era policial. Eu o havia humilhado na frente de seus homens — essa era outra pendência contra mim — e eu fizera muita coisa para lhe danificar o rosto. Os hematomas pareceriam piores a cada dia antes de começarem a melhorar e, quando isso acontecesse, nada mais importaria. Depois de uma semana olhando para o próprio rosto escurecido e azulado no espelho, quem poderia dizer o quanto ele ia ficar louco?

Ele teria uma ofensa da qual se desferrar e em sua mente não haveria nenhuma maior que essa, nunca, e quanto mais tempo ela ficasse sem resolução, mais bravo e mais perigoso ele ficaria. Apenas uma conjectura: o quão negligente ele ficaria? O que ele iria fazer, escalar a muralha e matar todo mundo na ilha só para me pegar?

Seria o ato de um verdadeiro louco, mas não a primeira vez em que isso teria acontecido. Dependia da dimensão de seu ódio em relação ao nível de

seu próprio instinto de sobrevivência. Brinquei mentalmente com uma fórmula matemática — Janeway Morto igual a Sobrevivência do Meliante sobre o Ódio do Meliante ao quadrado. Talvez àquela altura o ódio dele estivesse na quarta ou na quinta potência, ou na quinquagésima potência, eliminando até mesmo seu instinto de autopreservação. Nesse caso, qualquer coisa poderia acontecer. Sabe-se que os loucos dirigem-se para a morte certa a fim de alcançarem o objeto de seu desejo. Dante teria que ter se garantido tanto quanto possível, e talvez nem isso fosse suficiente. Quem mais sabia de sua ligação conosco? Haveria uma meia dúzia de chegados dele em Baltimore que formariam fila para jurar que ele nunca havia saído da cidade, que tinha ficado com eles, jantado na frente de uma dúzia de testemunhas no exato momento em que esta estranha carnificina começou, a pouco mais de mil quilômetros dali. Não tive nada a ver com isso, ele diria, e a polícia ficaria com o trabalho de provar o contrário. Mas não teriam que provar para Vinnie Marranzino, e na morte eu teria a minha vitória. Seria uma vitória totalmente vazia, mas, pensando deste lado da morte, fiquei feliz porque eu a teria.

Pensei em Luke e Libby. Nunca ocorreu a nenhum de nós que poderíamos estar colocando o casal em perigo. Às três da manhã, as coisas apresentam-se de maneira muito diferente.

Nada disso era algo provável. Estar lá fora com um barco neste momento significaria que ele sabia, ou havia previsto, todos os nossos movimentos: que ele havia conseguido o barco e elaborado planos, e tudo isso havia sido feito desde o momento em que o barco de excursões de forte Sumter retornou à marina no final da tarde sem que estivéssemos nele. Não era provável, mas também não era impossível. Bandidos do tipo de Dante conhecem pessoas como eles em muitas cidades. Ele poderia ter arranjado algum colega local dois dias antes, e nessa cidade era fácil conseguir um barco.

Olhei para o céu e não vi nada. Se ele realmente ia vir, teria que ser agora.

Senti um desconforto inundando meu espírito. Comecei a andar pela frente da bateria, procurando alguma coisa que eu não conseguia ver e tentando ouvir um som que não estava lá.

Parei no topo das escadas e esperei.

Em algum momento, comecei a descer. Segui o fecho de minha lanterna por toda a extensão da bateria e até a velha muralha. Havia uma barreira de

madeira no ponto mais baixo; eles teriam que escalar a muralha mais alta e entrar no forte por ali. Agora eu estava começando a conhecer os caminhos, e me desloquei facilmente em direção à borda, mantendo o foco da lanterna apontado para os meus pés e meio coberto para que não pudesse ser visto da água. A uns quarenta e cinco metros da gola, parei e desliguei a lanterna.

Vi um brilho leve na base da muralha.

Algo se movia. Alguma coisa fez um som na noite. Talvez fosse o rangido de um remo...

Então ouvi uma voz. Eles estavam lá fora. Haviam desafiado as probabilidades.

Livre-me de minha jaqueta e saquei a arma. Ajoelhei-me e rastejei pela superfície áspera até a borda.

Começou a chover. Eu mal sentia a chuva.

Espiei sobre a borda. Eles estavam lá, na pequena cabeça de praia logo abaixo. Eram quatro, e Dante fora o primeiro a pisar em terra. Não havia como confundir aquele grandalhão estúpido: até no escuro eu conseguiria achá-lo. Seu perfil se desenhava contra uma luz fraca e então ele disse: “Anda, vamos tirar essa porra de escada daí, a gente não tem o dia todo”. A voz de barítono ruim era inconfundível: carregada de autoridade, dava ordens com a mesma facilidade com que os outros respiram.

Ouvi um som metálico rápido, e na mesma luz fraca vi uma escada de alumínio ser passada de mão em mão por cima do barco.

Eu poderia ter matado todos eles ali mesmo; eram como quatro peixes grandes em um barril, só esperando para serem atingidos. Eu estava com a arma na mão, por que simplesmente não atirava? Eu poderia pegar os quatro antes que qualquer um deles pudesse sacar suas próprias armas; eu costumava atirar muito rápido, e minha coragem me dizia que ainda era assim. Podia pegá-los agora.

Podia pegar todos eles. Eles iam se ferrar na minha mão. Mas no último segundo, sabe-se lá o porquê, me segurei.

Eu sabia por quê. Nunca havia atirado num homem daquele jeito. Eu podia matá-lo, mas não daquele jeito.

Recuei na borda quando a escada bateu contra a muralha. Quem chegaria ao topo primeiro? Se fosse Dante, meu trabalho seria mais fácil. Mas minha intuição me dizia que seria algum sujeito local, algum batedor que os conduziria através da área de exercício até o lugar onde eles pensavam que estaríamos dormindo tranquilamente.

Ouvi a escada balançar, eu a vi movendo-se no fraco brilho da luz que vinha do barco lá embaixo. Deslizei para trás sobre a barriga com a arma na mão e fiquei imóvel quando uma cabeça apareceu sobre a borda. Eu estava certo, não era Dante. Mas eu tinha certeza de que ele seria o próximo: não era da natureza dele ficar na retaguarda.

Agora a cabeça e os ombros do batedor apareceram sobre a muralha, e ele estava com uma pequena lanterna entre os dentes, e naquele momento eu soube o que ia acontecer.

Com sorte, seria uma reprise de Baltimore.

Ele virou a cabeça, e o fecho de sua lanterna passou sobre as minhas costas. Olhou para baixo, balançando a cabeça afirmativamente, e então passou por cima da muralha e ficou ali em pé, esperando.

Fez um sinal com a cabeça mais uma vez. *O caminho está livre, rapazes.*

Meu coração batia como um tambor de guerra, eu podia sentir a mão que segurava a arma tremer; podia ouvir o sangue latejando em meus ouvidos. A escada se moveu: Dante estava subindo. Num segundo senti frio, no outro uma leve tontura. Quase ri bem alto: esses sujeitos eram uns idiotas, de certa maneira tão idiotas quanto aqueles garotos que eu havia enfrentado na rua havia muito tempo. Eu sabia o que ia acontecer dez segundos antes de cada movimento. O batedor iria estender respeitosamente a mão para o próximo homem, deixando ambos vulneráveis por um instante. Eu poderia empurrar os dois da muralha: poderia chegar perto o bastante para chutá-los para o espaço. Provavelmente não seria uma queda fatal, a menos que Dante caísse sobre o rabo, mas era alto o suficiente para fazer um bom estrago, e pelo menos eles ficariam atordoados por um momento. Então talvez começariam a atirar, e esse era o meu tipo de ação; assim eu poderia matar todos eles e dormir bem no dia seguinte. E no calor da hora me vi realmente desejando que aquilo acontecesse, saboreando o que estava por vir.

Vi Dante passar pela muralha. Ele era um alvo tão evidente que um defensor confederado com um rifle Whitworth poderia ter arreventado a cabeça dele de algum esconderijo a mais de um quilômetro de distância na ilha Morris. O tempo parou por um momento: recuei um pouco, esperando algum movimento definidor que me incentivasse.

A escada fez barulho de novo. Eu sabia que era o terceiro homem que estava subindo, e isso era algo que eu não podia esperar acontecer.

Aproximei-me deles pelo lado, ficando a um passo, mas ainda nas

sombras. Os dois estavam olhando por cima da muralha: nenhum deles segurava arma e isso me dava uma enorme vantagem. Engatilhei a minha e mesmo no vento aquilo pareceu o som do juízo final. Vi que os dois ficaram rígidos. “Não se mexam”, eu disse. “Mato os dois bem aí onde estão.”

Quase no mesmo instante o terceiro sujeito começou a passar por cima da muralha. Ele ainda não sabia que alguma coisa havia acontecido, e seu momento de lucidez veio lentamente. Ele disse: “Ei”, e foi só isso, a expressão lacônica de sua consciência repentina, quando o chutei na cabeça. Ele tropeçou no espaço, tentando desesperadamente agarrar-se a alguma coisa. Ouvi quando atingiu a areia, e depois quando a escada caiu em cima dele. Durante todo esse tempo mantive o foco da lanterna nos olhos de Dan: “Você não aprende as coisas direito, não é, idiota?”

O batedor começou a recuar, afastando-se da borda. Não é por aí, seu bosta”, eu disse, ergui o pé e o empurrei muralha abaixo. Ele gritou ao cair, como se eu o tivesse jogado num abismo de trezentos metros de altura. Dante e eu nos encaramos, inimigos mortais, primitivos. Ele olhou para minha arma, e depois para mim. Zombei dele. Queria que tentasse alguma coisa.

“Vai, gorducho, você não é durão? Por que não vem tirar a arma de mim?”

“Você ia gostar, né? Precisa de uma desculpa. Não tem coragem de atirar.”

Essa foi sua única tentativa de bravata. Inclinei-me na luz e disse: “É isso o que você acha?”, e naquele momento me tornei um só com o assassino: qualquer diferença que eu achasse que existia entre nós agora havia desaparecido. Eu ia matá-lo, não havia uma única sombra de dúvida na minha mente, e naquele segundo ele percebeu também. Vi no rosto dele: o intimidador profissional, que passara a vida vendo as pessoas se encolherem de medo, nunca havia encarado a possibilidade de sua própria morte. Até agora. A pele dele ficou frouxa em volta da boca e dos olhos. Ele tentou recuar, mas o agarrei pela camisa, puxando-o com força. “Você perdeu, imbecil”, eu disse, e bati na boca dele com o cano da arma. Ele soltou um grito curto e tentou se afastar, tropeçou e caiu. Mais uma vez enfiei a arma na boca entreaberta, que agora sangrava pelos dois dentes quebrados. Minha mão tremia, qualquer movimento podia me fazer atirar, e eu não me importava.

“Espere”, ele disse.

Forcei a arma para a frente, quase até as amídalas dele. “Esperar o quê?”

Ele gorgolejou alguma coisa que soava como: “Espere um pouco”.

Cheguei mais perto do rosto dele. “Esperar o que, imbecil? Esperar o quê? Se tem alguma coisa a dizer, diga agora.” Puxei a arma com força. “Diz agora. Diz. O que tem para dizer que possa me interessar?”

“A gente pode fazer um trato.”

“Não me faça rir. O que você tem que eu quero? Estou com os seus bagos no meu bolso, Dante, quanto você me dá por eles? Para começar, quero o caderno de Burton. Quem sabe eu te deixo viver mais uns cinco minutos.”

De repente ele pareceu um bicho ferido, uma ratazana encurralada em um cano de esgoto que estava inundando. Seus olhos tinham o mesmo olhar morto do Pequeno César,¹ que não conseguia acreditar que estava morrendo mesmo quando isso era verdade. Mãe de misericórdia, esse é o fim de Rico? Os mesmos olhos mortos. O mesmo rosto incrédulo.

Apontei a arma na altura dos olhos dele, e ele tremeu, achando que aquele seria seu último minuto na terra.

“Está com medo, Dante?”

Mesmo naquela circunstância, ele não conseguia responder.

“Está com medo?”

Seu lábio inferior tremia. A cabeça encolheu entre os ombros e ele fechou os olhos.

“O que está se passando nesse cérebro de ervilha que você tem? É medo? Você está com medo?”

Anda, para de falar, pensei. Mate-o.

Mas que diabo, para de brincar e manda ver. Dane-se a história e o diário, manda ver. Respirei fundo. “Tchau, estúpido...”

Então ele desmontou. As palavras saíram dele com um tom lamurioso, patético. “Por favor... não faça isso...”

“Por favor? Você disse por favor?”

Encostei-lhe a arma no ouvido, ele gemeu um: “Não... por favor...”, e pela segunda vez recuei.

Enfiei a arma no cinto. Ele podia ter tentado pegá-la: não ousou. Nem mesmo chegou a tentar pegar a própria arma. Revistei-o, tirei-a dele e a joguei no mar.

Agarrei-o pela camisa, enrolei-a no meu punho e o puxei para perto. “Você tem uma última chance de viver, Dante. O que vai acontecer é o seguinte. Logo mais, ainda pela manhã, você vai colocar essa sua bunda gorda num avião para Baltimore. Lá você vai aguardar outras instruções.

Pode levar uma semana ou um mês, mas em algum momento um amigo meu vai te visitar. Ele vai garantir que você me entenda desta vez. Você vai ficar dolorido por muito tempo depois dessa visita dele, mas se tentar resistir, ou se arrumar guarda-costas, será muito, muito pior. É melhor ouvir o que ele tem a dizer porque não vai haver mais chance. Estou lhe dizendo a verdade agora e é melhor você acreditar. Ele vai te dizer o que fazer de uma maneira que você nunca vai esquecer. Você vai ficar sabendo o que tem que fazer para continuar vivo. A escolha é sua, babaca. Aceite ou morra agora.”

Peguei a arma de novo e engatilhei, e ele choramingou um lacrimoso: “O.k.”.

“O.k. o quê?”

“... Qualquer coisa... qualquer coisa que você disser.”

“Parece que você entendeu, Dante. Agora vá embora do meu forte.”

Rolei-o pela borda e empurrei para baixo. Ele abanou os braços no ar, e o ouvi atingindo o chão com um forte grunhido. Ele rolou de um lado para o outro, sugando o ar desesperadamente, sem fôlego, talvez com alguns ossos quebrados; não dava para saber e eu não me importava. Fiquei sentado na escuridão, as pernas cruzadas e invisível, e depois de um tempo espiei sobre a muralha e os vi carregando Dante para o barco. Ele parecia bem machucado. Eles empurraram o barco para a água, os remos gemeram e a embarcação sumiu lentamente na madrugada. Deslizaram pela água e desapareceram. Poucos minutos depois ouvi o motor sendo ligado enquanto eles voltavam para Charleston.

¹ Referência ao personagem principal de *O pequeno César* (1929), um dos primeiros gângsteres da literatura. (N. E.)

Eu ainda estava sentado lá quando o sol começou a aparecer sobre o mar. A enseada estava vazia no crepúsculo, com apenas alguns veleiros saindo da marina. Erin apareceu.

Eu estava olhando para o outro lado, mas ouvi alguém subindo a muralha e sabia que era ela. Ela recolheu minha jaqueta embolada no chão e sentou-se ao meu lado.

“O que aconteceu?”

“Nada”, respondi. Mas olhei para o rosto dela e percebi que não conseguiria convencê-la daquilo e que era melhor nem tentar. “Eles vieram atrás de nós durante a noite. Joguei três de cima da muralha. É possível que Dante esteja bem machucado.”

Erin continuou sentada. “Puxa”, disse ela, e mais nada! foi dito durante certo tempo.

“Se isso não o intimidar...”, disse eu, dando de ombros.

“Eu queria ter podido te ajudar.” Ela passou um braço por cima do meu ombro. “Dormi como um bebê.”

“Que bom.”

“Cliff?”

“Fala.”

“Sobre a gente...”

“Que tem a gente?”

“Eu não sei.”

Ficamos olhando o sol, ouvindo as ondas baterem contra o forte.

“E agora?”, disse ela.

“Agora vamos para Charleston e pegamos nosso carro.”

“Ainda estamos em perigo?”

“A longo prazo, quem sabe? Nunca se pode saber quando se trata de um cara desses.” Dei de ombros. “Acho que pelo menos por hoje estamos

salvos.”

“E quanto a Archer?”

“Faremos o que você quiser. Se quiser passar pelo hospital, tudo bem.”

Ela recostou a cabeça em mim. “Deve ter sido uma bela briga.”

“Poderia ter sido melhor. Eu tinha o terreno a meu favor.”

“Como os confederados.”

“É. Este velho forte ainda é um lugar difícil de ser tomado.”



Luke saiu e hasteou as bandeiras. Da janela, Libby observava, pensativa. Tomamos um café da manhã simples com os Robinson. Eu estava sem a jaqueta agora, as mangas da camisa enroladas e havia colocado a arma no meio do saco de dormir enrolado. Nós três fizemos um último passeio pelo forte, prometi a Libby que manteríamos contato e pegamos o barco da manhã de volta para a cidade.

Um táxi nos levou até o hospital Roper. Subimos todos juntos. Não fiquei surpreso por encontrar Dean Treadwell sentado na cadeira dos visitantes.

“Se vocês vieram ver Archer, ele ainda não pode falar. Está dopado e com muita dor.”

“Eu só passei por aqui para dizer que estamos indo embora”, disse Erin. “E para ver se alguma coisa mudou.”

“Para falar a verdade, sim. Ele vai te dar o livro.”

A primeira reação dela foi não ter nenhuma reação. A medida que o momento se estendia, Erin finalmente disse: “É mesmo?”, mas ela ficava imperturbável mesmo quando a notícia era sensacional.

“Algumas coisas simplesmente não valem a desgraça que causam, não interessa quanto dinheiro esteja envolvido”, disse Dean. “Naturalmente estamos esperando que a oferta do juiz ainda esteja de pé.”

“Tenho certeza de que sim. Vou ligar para ele e posso dar alguma coisa por escrito, se você quiser.”

“Ele não acha que seja necessário.”

“Então diga-lhe para não se preocupar. Lee vai fazer tudo certo.”

“Vamos lá pegá-lo, então”, disse Dean. “Queremos nos livrar dele.”

Era como o escaravelho de ouro de Poe, enterrado na areia da ilha Sullivan. Archer embrulhou-o três vezes em plástico, colocou-o em uma caixa de metal, encheu a caixa com sacos plásticos e enterrou-a na areia seca debaixo da escadaria dos fundos.

“Ele tinha um pressentimento”, disse Dean. “Que cedo ou tarde aquele palhaço iria vir atrás de nós.”

Fiquei me perguntando por quê.

“Não era pelo livro. Eles estavam procurando vocês. Archer cometeu um erro, disse a coisa errada. Vocês sabem como ele é, às vezes ele fala as coisas sem pensar.

Dessa vez ele nem teve a chance de se desculpar. Eles nem perguntaram pelo livro.”

“E se o tivessem matado? Ninguém jamais saberia onde o livro estava.”

“Àquela altura, o que isso importaria para ele?”

Olhamos um para o outro sob o sol quente do meio-dia, dois livreiros de mundos diferentes unidos brevemente pela mesma busca. Dean acendeu um cigarro e achei uma forma desajeitada de me desculpar por tê-lo ridicularizado na cidade. “Estive pensando no que você disse.”

“Eu disse muita coisa. Às vezes falo demais.”

“Estive pensando sobre uma coisa em especial.”

Eu não precisava dizer-lhe, ele sabia o que era. “Hal Archer nunca me contou uma mentira de espécie alguma, não que eu saiba. Quantos amigos você teve sobre os quais pode dizer isso?”

Não muitos, pensei. Talvez nenhum.

Ele arrastou os pés, pouco à vontade. “Se está tudo certo, vamos sair daqui.”

Quinze minutos depois estávamos do outro lado do rio Cooper, rumando para a zona norte de Charleston. Nenhum de nós disse uma só palavra no trajeto.

Meu carro alugado ainda estava no mesmo lugar em que eu o havia estacionado. Dean não se ofereceu para apertar a minha mão nem eu a dele. Ele saiu do estacionamento e voltou para Charleston, e um momento depois nós estávamos no sentido contrário, indo para o norte, para Florence.

Havia cidades ao longo de todas as estradas agora. Agrupamentos de casas que nunca tinham pertencido a nenhuma cidade. Havia longas faixas de comércio, lojas de conveniência e conjuntos habitacionais onde nos primeiros tempos existiram apenas florestas, pântanos e terras cultivadas. Naquela época havia postos avançados eventuais para apoiar os viajantes na região despovoada; agora havia hotéis e postos de gasolina, Dairy Queen e Burger King, supermercados Piggly Wiggly e Winn-Dixie e lojas de antiguidades. Havia bancas de revistas pornográficas e armeiros, e templos de qualquer deus para o qual um homem quisesse orar. Lugares para encher a cara calmamente ou para consertar o carro depois de alguma pane repentina. Ninguém ficaria com fome ou com sede, ninguém se veria destituído sexual ou espiritualmente por mais de alguns minutos em qualquer direção. A viagem que, em 1860, durava dois dias, agora durava duas horas com o conforto do ar-condicionado. Mas ainda havia faixas despovoadas com espessos pinheiros dos dois lados da estrada, que se pareciam com túneis a céu aberto. Imagine isso em uma estrada de terra batida à noite: imagine duzentos quilômetros daquilo. À medida que viajávamos pelo interior, eu seguia a odisseia de Richard Francis Burton e Charles Edward Warren em minha cabeça. Recostado no banco de trás do carro, lendo as palavras de Burton, eu quase podia vê-los descendo do norte, e podia ainda ter uma tênue e remota noção da jornada.

Chegamos a Florence no começo da tarde. Dali em diante, nossa viagem foi encantadora. Para dizer o mínimo, foi tudo muito fácil.

Uma bibliotecária soube imediatamente o que estávamos procurando. Aquela junção onde as duas estradas se cruzavam ainda se chamava Ponto de Encontro do Wheeler.

Ficava a uma certa distância da cidade e agora não havia mais nada lá. Uma placa à margem da estrada nos mostraria o local exato.

A biblioteca possuía diversos documentos de Wheeler: cartas, alguns dos livros-razão do velho proprietário e até alguns cardápios com a caligrafia de Marion Todos os Wheeler tinham sido enterrados em um velho cemitério perto da junção. A mãe de Marion Wheeler fora enterrada antes dela; o pai, que sobreviveu às duas, morreu em 1881. “Vejam isso”, disse Koko. “Ela morreu no parto, como sua mãe... exatamente nove meses depois da passagem de Richard e Charlie por aqui. O pai dela não fez nenhuma tentativa de acobertar os fatos.”

O filho dela havia sobrevivido. O pai havia honrado seu último desejo, dando à criança o nome de Richard e criando-o como seu próprio filho.

Richard Wheeler. Havia um relato incompleto de sua juventude: não mais do que umas poucas linhas em uma carta escrita no fim da vida do velho Wheeler. Sua escolaridade, três anos em uma sala de aula, era provavelmente a média da época. Ele era razoável com números, mas brilhante com línguas. Havia aprendido latim sozinho, tornando-se fluente em seis meses, e vinha estudando espanhol. Dançava bem e com entusiasmo, e as garotas o adoravam. Naquela passagem, ele era descrito como alto e moreno com agudo senso de humor.

Um destruidor de corações.

Foi para o mar com dezesseis anos e isso era tudo o que se sabia dele.

Chegamos ao local da hospedaria dos Wheeler no final daquela tarde. Agora ficava em uma curva na estrada, marcada por uma simples placa de rodovia estadual que dizia PONTO DE ENCONTRO DO WHEELER. O cemitério ficava em uma estrada de terra não muito longe. Já estava quase anoitecendo quando encontramos os locais onde os Wheeler tinham sido enterrados: o pai e a mãe um ao lado do outro, e Marion perto deles. A lápide simples dizia aqui jaz

**MARION WHEELER, FILHA AMADA,
QUE PARTIU DESTA TERRA EM
30 DE JANEIRO DE 1801,
COM A IDADE DE VINTE E QUATRO ANOS,
ONZE MESES E QUATORZE DIAS.**

Koko tomava notas e tentou desesperadamente tirar fotos na luz que já estava fraca.

Tive que arrancá-la de lá.

Agora, pela primeira vez, ela perguntou minha opinião sobre o diário de Burton. Parecia real, eu disse. Àquela altura, eu não precisava acrescentar a frase sobre eu não ser um especialista. Mais impressionante era a enorme quantidade de *spirituals* e canções de escravos que Burton havia registrado, palavra por palavra, em dialeto, à medida que ele e Charlie viajavam pelo Sul. Ele enchera páginas e páginas com as canções, acrescentando extensos comentários sobre onde as havia ouvido e a quais origens africanas ele desconfiava que poderia atribuí-las.

Havia um relato completo do primeiro encontro de Burton com Charlie. Estava de acordo com o que sabíamos e acrescentava cores à história de Charlie. Havia uma descrição detalhada do dia em que passearam por Charleston. Burton havia feito um esboço do forte Sumter visto de Battery, e descreveu com um misto de diversão e carinho a indignação de Charlie diante do leilão de escravos. O melhor de tudo, ele contou sobre a fotografia que tiraram do lado de fora do consultório de um dentista na rua East Bay.

Já era noite quando rumamos para oeste.

Em Camden viramos para o norte, pegando a Interestadual 77. Dali era uma reta só até Charlotte, mas paramos em Rock Hill e pegamos dois quartos em um hotel que tinha vista para o rio. Erin telefonou para Lee em Denver e contou-lhe as novidades. Ela ligou para o meu quarto e sugeriu que fôssemos beber alguma coisa.

“Lee está em êxtase”, comentou ela.

“Que bom”, disse eu, sem entusiasmo.

“Qual é o seu problema? Caso você não tenha notado, nós vencemos.”

Dei a desculpa óbvia: estava cansado após a noite anterior. Mas havia mais alguma coisa e ela percebeu.

“É Denise, não é? Ela ficou esquecida no meio de toda esta confusão.”

“Não por mim.”

“O que você vai fazer a respeito?”

“Ainda não sei. Alguma coisa.”

“Você teve uma oportunidade com Dante e a deixou passar. É isso que está te incomodando?”

“Não, já disse, eu estou cansado.”

Mas era mais que isso.



Nós nos recolhemos, mas eu ainda não conseguia dormir. À meia-noite pensei em Dean Treadwell, e pela centésima vez em sua estranha amizade com Archer. Mais uma vez pensei o impensável, descartando a ideia imediatamente, mas ela estava lá agora e me manteve acordado. Devo ter dormido pelo menos algumas horas porque abri os olhos de repente e percebi que estivera sonhando. Eu sonhara com Archer e sua mãe Betts, e levei algum tempo para lembrar que Betts não tinha sido a mãe de Archer.

Logo cedo tomamos um café da manhã tranquilo. Lee já telefonara para Erin, e eles haviam conversado sobre passagens aéreas. “Podemos pegar um voo para Atlanta às sete da noite. Vai ser apertado, mas podemos conseguir tomar o voo de conexão para Denver. Lee quer que eu coloque as três passagens no meu cartão de crédito e depois ele me reembolsa.”

“Não”, eu disse. “Você paga a sua e eu pago a minha e a de Koko.”

Ela insistiu. “Cliff, ele quer fazer isso.”

“Bom, não vai dar.”

Chegamos a Charlotte e encontramos Orrin Wilcox. Libby tinha sido exageradamente precisa em sua descrição do velho e fantasmagórico alfarrabista e da incrível desordem de sua livraria. Ele dava a impressão de ser um sujeito que não dava a menor importância para nada, mas reagiu avidamente à visão do meu dinheiro.

“Creio que o senhor pediu à Sra. Robinson o valor de mil dólares.”

“Ela deveria ter aceitado na ocasião. Agora é mil e quinhentos. Sabe como é, eu tenho despesas.”

“Duas cópias”, eu disse.

“Duzentos e cinquenta pela segunda cópia. Mais as despesas do laboratório.”

Fomos a um estúdio não muito longe de sua livraria. Eu queria ter a minha continuidade inalterada. Precisava manter aquela chapa fotográfica diante dos meus olhos e ver as cópias serem feitas. O fotógrafo gostou da cor do meu dinheiro e eu fiquei ao lado dele na câmara escura, vendo Burton e Charlie voltarem à vida no tanque de revelação. Burton materializou-se lentamente... primeiro um formato vago, depois a rua, uma árvore e alguns

moleques atrás deles. As cicatrizes de Burton apareceram de repente como dois cortes sobre uma folha de papel. Depois apareceu o chapéu, em seguida os olhos... e lá estava Charlie ao lado dele, o homem que eu nunca vira, mas que sempre imaginei ter exatamente aquela aparência. Os contrastes eram definidos, a claridade, soberba. Estavam em pé na rua, apreciando um dia há muito desaparecido, mas agora imortalizado, a afeição entre eles quase palpável. Burton tinha um olhar que misturava condescendência e diversão, e o de Charlie expressava alegre camaradagem.

Duas crianças negras estavam paradas perto de uma palmeira na calçada, olhavam apalermadas para o fotógrafo e seu estranho equipamento, e a meio quarteirão dali um cachorro estava atravessando a rua. À distância, um cavalo puxava uma carroça vindo em nossa direção, e pessoas iam e vinham, entrando e saindo da Casa de Câmbio.

Eu via tudo isso, mas meus olhos acabavam voltando para Burton. Seu rosto era tão nítido como se tivesse sido fotografado no dia anterior. E em sua mão, por cima do ombro de Charlie, estava o diário que havia pouco eu estivera lendo.

Coloquei uma das cópias em um envelope e enderecei-a a Libby Robinson no forte Sumter. Algumas horas depois devolvi o carro alugado, paguei uma tarifa extra e pegamos um avião para Atlanta, esperando pegar o voo das 9h38 para Denver.

Denver

O avião estava lotado e tivemos sorte em conseguir lugares depois de ficar na lista de espera. Nossos assentos estavam espalhados: sentei-me três filas atrás de Erin, espremido contra a janela por uma gorda mal-humorada que se espalhava pelos três bancos, e Koko estava fora do alcance da visão, em algum lugar perto da frente.

Assim que decolamos, Erin passou dez minutos no telefone da companhia aérea falando com Lee de novo, segundo fiquei sabendo depois. “Ele quer nos ver hoje à noite, se vocês não estiverem muito cansados”, disse ela enquanto saíamos pelo abarrotado terminal de Denver. “Não é nada urgente, por isso por favor não encarem como abuso de autoridade. Ele só quer agradecer e nos oferecer uma bebida. E talvez convencê-lo a deixar que ele pague as passagens.”

“Um drinque seria ótimo”, disse eu.

Um voo de três horas cheio de turbulências havia nos deixado no Aeroporto Stapleton às onze e meia, horário local. Pegamos um táxi e chegamos a Park Hill pouco depois da meia-noite. Olhei para as casas e ruas passando pela janela do táxi e, por algum motivo, elas pareciam diferentes. Abaixei a janela e respirei o ar seco. Lar: parecia que fazia muito tempo desde a última vez em que eu tinha estado aqui.

Paguei o taxista diante das objeções de Erin e nos dirigimos para a frente da casa do juiz. Eu podia ver sua silhueta no vão da porta. Ele acendeu a luz da entrada, iluminando a área da frente, e nos esperou no último degrau que levava à varanda.

“Meu Deus, como é bom ver vocês.” Ele abraçou Erin e apertou minha mão com força. Apresentei-o a Koko e fomos levados à biblioteca, onde nos sentamos em cadeiras macias no ambiente agradável de grandes livros. Ele foi até o bar e perguntou o que queríamos beber. Erin tomou alguma coisa doce, Koko pediu água e eu preferi um *bourbon* com gelo.

“Miranda pediu desculpas por não descer”, disse Lee. “Recebemos um velho amigo ontem que ficou até tarde, e ela estava morta de cansada. Não era a melhor hora, mas estava planejado havia semanas. Ultimamente não tenho tido descanso: ainda estou atolado em um caso que está testando toda a minha paciência, e eu acho — espero — que ela vá gostar de me ter de volta quando isso acabar. Aí poderemos estar todos juntos.”

Erin tirou o diário de Burton da bolsa e o entregou a ele.

“Ora, você conseguiu”, disse ele. “Não consigo imaginar como vocês o convenceram.”

“Não fomos nós”, eu disse. “Dante bateu muito nele. Erin não lhe contou?”

“Sim, é claro. Ainda acho difícil de acreditar.”

Conversamos amenidades por um tempo. Lee e eu falamos sobre livros, enquanto Erin mostrava a biblioteca para Koko.

“Você é um bom detetive, Cliff. Eu sempre soube disso.”

“Eu era muito bom”, disse com minha modéstia de sempre. “Tinha um bom gás, um bom faro para aquele trabalho. Talvez eu ainda tenha. Talvez não tenha deixado tudo entre as estantes de livros.”

“Não sei exatamente o que isso significa, mas se é um pedido para...”

“Significa que você tem uma intuição. E continua atrás dela mesmo quando os fatos que você reuniu não exatamente corroboram a sua intuição. Mesmo quando você não gosta daquilo que está descobrindo.”

Quase deixei que as coisas ficassem nesse pé. Eu queria fazer isso, mas Lee fez mais uma pergunta e o impensável assomou entre nós.

“O que você faz quando isso acontece?”, ele perguntou. “Como você simplesmente ‘continua atrás’ quando a intuição parece não se encaixar em nada?”

“Sempre se encaixa, Lee. Geralmente quando ela parece não se encaixar é porque está faltando alguma coisa. Aí você continua fazendo perguntas, vira um pé no saco para todo mundo. Na maior parte do tempo, você pensa a respeito, dia e noite. Você continua fazendo perguntas até o derradeiro fim.”

“Isso quase me faz pensar que você ainda está fazendo isso.”

“E estou. Não consigo evitar. Quero relaxar, quero que tudo acabe. Seria tão fácil largar mão, mas não posso.”

Ele desviou o olhar.

“Lee?”

“Desculpe, acabei perdendo a minha concentração. É esse caso, que me

deixa esgotado.”

“Eu estava pensando se poderia te fazer algumas perguntas.”

“Você quer dizer agora? Esta noite?”

“Não vai demorar muito. Se não der, não vou conseguir dormir, e se tem alguém em Denver que está tão cansado quanto você, provavelmente sou eu.”

De repente a atmosfera da sala mudou e ficou carregada de conflito. Lee disse, “Então, por favor, vá em frente”, mas suas costas haviam enrijecido e a pele em volta de sua boca estava tensa. Eu tinha visto aquele olhar muitas vezes, quando um homem diz uma coisa mas está querendo dizer exatamente o oposto.

“Archer diz que o livro era dele o tempo todo”, disse eu. “Ele defendeu essa ideia muito bem para um livreiro de Baltimore que conhecemos. Mas a maneira pela qual Erin estava negociando, é quase como se vocês soubessem que ele havia roubado o livro.”

“Erin lhe contou isso?”

“Erin me contou o mínimo possível.”

“O que exatamente ela disse?”

Eu me vi perdendo a paciência. Era tarde, eu estava cansado e não tinha disposição para argumentos que só serviam para o interlocutor ganhar tempo. “Você e Archer têm algum tipo de parentesco?”

Ele arregalou os olhos. “O que é que isso tem a ver com...”

“É só algo que me ocorreu nas últimas vinte e quatro horas. Archer tinha uma avó chamada Betsy Ross. Em algum momento algo foi mencionado sobre a sua avó, Betts. Isso seria bem incomum, duas avós com nomes tão parecidos.”

“Nós somos primos. Mas isso não é exatamente um grande segredo.”

“Mas nenhum de vocês fazia muito esforço para divulgar.”

“E por que faríamos? Que diferença faz?”

“Talvez nenhuma.” Mas forcei mais ainda. “Betsy Ross casou-se com o velho Archer, mas foi o segundo casamento dela, certo? O primeiro foi com seu avô.”

Ele não confirmou nem negou apenas continuou olhando para mim.

“E quando os Archer morreram jovens, vovó Betts ganhou o controle da propriedade. O que incluía os livros.”

Erin havia percebido a direção que a conversa tomava e agora se aproximara.

“Isso leva a algum lugar?”

Sorri para ela. “Isso soou como se você estivesse num tribunal, advogada. Acalme-se. Lee e eu estamos apenas tentando resolver uma questão definitivamente.”

“Pensei que estivesse resolvida.”

“Não está enquanto houver uma pergunta não respondida.”

“E qual seria essa pergunta?”

“Quem matou Denise, e por quê.”

Lee se virou e foi para o bar. “Bem, Cliff”, disse ele, servindo-se de novo. “Eu não sei o que mais posso lhe contar. Eu nem mesmo sei o que você está procurando.”

“Estou procurando um assassino, Lee.”

“Este é um estranho lugar para procurar”, disse Erin.

Ignorei-a e olhei para Lee. “Acordei esta manhã pensando em Archer e na avó dele, Betts. Então lembrei-me de que, na verdade, vovó Betts era sua avó. Levou algum tempo, mas eu finalmente me lembrei... na primeira noite em que o encontramos, Archer contou como você havia herdado os livros de sua avó Betts. Que boazinha ela foi. Mas o modo como ele disse isso não era carinhoso. Era amargo, quase como se não suportasse pensar nela.”

“Hal é amargo com qualquer coisa. Nada de novo nisso.”

“Então na Carolina do Sul descobri sobre a avó dele, Betsy Ross, quando fazia uma verificação nos antecedentes dele. Isso era novo.”

“Então eles eram primos”, disse Erin. “O que você está tentando fazer com isso?”

“Você sabia que eles eram primos?”

Ela não disse nada, mas percebi uma resposta e era “não”.

“Isso pode lançar uma nova luz sobre esses livros.”

“Não vejo como.”

“Eu estive pensando, Lee, que tipo de mulher era Betsy Ross?”

“Ela era...” Ele deu uma risadinha. “Ah, Deus, ela era formidável. Ninguém dizia a ela o que fazer, nem os Archer, nem ninguém. E ela realmente amava a filha.”

“Do primeiro casamento. E imagino que amava o neto também.”

“Amava, sim.” Ele sorriu. “Todos eles diziam que eu era a menina-dos-olhos dela.”

“E a mãe?”

“A mulher mais doce do mundo. Não havia uma única pessoa que não a amasse. Só lhe faltava a força de Betsy.”

“E o que vovó achava de seu neto do outro lado?”

“Hal sempre foi um desajustado para todos eles, principalmente para ela. Não é que Betts não o amasse à sua maneira, ela apenas não demonstrava. Aos olhos dela, ele nunca tomou uma decisão certa. Era desajeitado, preguiçoso. Ela não fazia ideia de quanto ele trabalhou duro para aquilo que queria fazer.”

“Cliff, deve haver alguma coisa na qual você esteja pensando”, disse Erin. “Por favor, podemos voltar para o aqui e agora?”

“Certo, vamos fazer isso. Apenas cinco de nós sabíamos que Denise estava com aquele livro. Você disse que foi para as montanhas no dia seguinte e não contou a ninguém. Mas isso não é verdade, é?”

“Ela discutiu o assunto de passagem comigo”, disse Lee.

“E que diferença isso faz?”, perguntou Erin. “Eu contei a ele confidencialmente. Aonde você está querendo chegar?”

“É, qual é a sua pergunta?”, disse Lee.

“O velho Archer contratou Treadwell para roubar da mãe de Josephine aqueles livros de Burton? O que aconteceu com todas aquelas cartas e papéis?”

“Como vou saber?”

“Como você não saberia?”

“Essa é uma pergunta muito desagradável”, disse Erin.

“É mesmo. Fico muito magoado por fazê-la.”

Uma expressão de impaciência apareceu momentaneamente no rosto de Lee. “Isso quase soa como se você estivesse me acusando de alguma coisa.”

Estávamos todos em silêncio agora: até mesmo Koko havia se aproximado para escutar, e o único som que se ouviu por meio minuto foi o tiquetaque do relógio.

“Meu Deus”, disse Lee. “Você acha que matei aquela mulher?”

Não respondi.

“Cliff!”, gritou ele. “Meu Deus, Cliff! Olha só o que você está dizendo!”

O clima ficou pesado. Eu queria desesperadamente ouvir alguma coisa que fizesse a pergunta desaparecer.

Nossos olhos se encontraram, mas ele virou a cabeça para o lado.

“Lee”, disse eu em voz baixa.

Ele se forçou a olhar para mim.

“Quando vovó Betts morreu, os livros foram deixados para você. Só para você. Os velhos Archer estavam todos mortos: ela havia sobrevivido a

todos eles, tinha o controle completo do patrimônio. O jovem Archer era um pária, e ela deixou tudo para você: dinheiro, livros, uma estrada tranquila para uma gloriosa carreira no direito. Mas você sempre foi um sujeito decente, Lee, e estou sendo sincero. Então você dividiu aqueles livros com Archer, deu-lhe os dois melhores do lote, tudo debaixo dos panos para que a família não ficasse sabendo. O problema sempre foi o fato de vocês dois saberem a procedência dos livros. Era o grande segredo sombrio da família, que todos sabiam, mas que ninguém colocava em discussão. Todos vocês tinham uma noção comum de que o velho Archer, o primeiro, ficara sabendo sobre os livros e contratara os Treadwell para comprá-los por uma ninharia. Vocês sabiam que havia pelo menos uma herdeira dos Warren, e, quando o procuraram, essa teria sido a sua chance de fazer a coisa certa. Mas você deixou passar a oportunidade e ficou com os livros. Foi aí que tudo começou.”

Olhei para Erin, esperando alguma objeção.

“Você e Archer tinham essa conspiração do silêncio. Você tinha esses livros maravilhosos, mas não podia fazer nada com eles — não enquanto houvesse qualquer pessoa que tivesse sequer um direito remoto a reivindicá-los. O problema começou quando as fontes de Archer secaram — a de sua conta bancária e a de sua criatividade, ao mesmo tempo. Então ele mandou um daqueles Burton a leilão, esperando que pudesse vendê-lo e ainda manter o segredo.”

De repente, o ar da sala onde estávamos esquentou.

“Agora tenho que perguntar uma coisa”, eu disse. “Queria ser bem cauteloso, mas não posso. Não há jeito de fazer isso com tato.”

Senti os olhos de Erin queimando meu rosto, mas encarei Lee. Ele desviou o olhar ostensivamente, indo buscar mais bebida, mas eu conhecia aquele olhar, já o vira muitas vezes e em muitas pessoas. Aquilo me levou para o fundo: por fim eu dava voz ao impensável e acabava com toda a enrolação.

“Diga-me, Lee. Você matou Denise?”

Ouvi Erin gritar em protesto, mas meus olhos não saíram do rosto de Lee, e ele não conseguia olhar para mim, e de repente não havia mais a necessidade de responder à pergunta.

“Oh, Lee”, eu disse, e minha voz estava fraca.

Ele tentou se recuperar. “Eu não matei ninguém, Cliff. Como você pode pensar isso?”

“É uma pergunta que eu precisava fazer. Preferia ter cortado minha língua.”

Lee fez um esforço enorme e forçou-se a me olhar nos olhos. “Então me diga, em nome de Deus, por que você pensou uma coisa dessas.”

“Em algum momento no caminho comecei a acreditar na história de Archer. É simples assim. A história dele e a sua não podem existir lado a lado. Elas não batem.”

“Exatamente qual é a história dele? Ajude-me a entender.”

“Nada muito complicado. Ele diz que o diário de Burton é dele. Ele contou isso a um livreiro que o conhece há quase quarenta anos. Um sujeito que pode ser seu único amigo.”

“Mostre-me um ladrão que não acredita ser dono do que rouba. Tem que haver alguma coisa além disso.”

“Agora existe. Agora existe você. Existe o olhar no seu rosto e o fato de você não poder olhar nos meus olhos e negar.”

Ele finalmente olhou para mim. Foi necessário um esforço enorme, mas seus olhos encontraram os meus e ele disse: “Eu não preciso me justificar com você. Que droga, você sabe com quem está falando?”

Ele olhou para Erin e disse “Pelo amor de Deus, você não acredita nisso!”

“Claro que não.” Mas a voz dela não tinha a certeza que deveria estar lá. Ela estava aturdida: pela primeira vez, aquela postura calma e profissional havia desaparecido.

“Conte-lhe o que ele quer saber”, ela disse. “Conte e vamos todos dormir e acabar com isso.” Ela olhou para mim com frieza, e seu olhar dizia: *E eu vou acabar com você.*

Em vez disso, Lee disse: “Eu gostaria de lhe perguntar uma coisa, Cliff, e em seguida gostaria que você saísse da minha casa, por favor. Você realmente acredita que eu mataria alguém por um livro? Você acha que sou tão idiota assim, tão desesperado para possuir um livro, quando eu poderia simplesmente comprar aquela porcaria? Ou será que foi o dinheiro que me deixou louco? Você me diz isso, e então nós dois vamos saber”.

“Vou lhe dar o meu palpite. Muito tempo atrás você e Archer deveriam ser os herdeiros em conjunto dessa maravilhosa biblioteca de itens de Burton. Você ficou com tudo, mas partilhou-a com Hal em segredo. Você fez aquela terrível aliança com Archer, na qual você lhe daria alguns livros, inclusive o diário de Burton, que você sabia mesmo na época que valia muito mais

dinheiro do que a maioria dos outros juntos. Você e Archer fizeram um pacto de que nunca seriam vendidos até que a última herdeira real estivesse morta, porque vocês dois sabiam a procedência dos livros, e a fraude que sua família havia elaborado para tirá-los da família Warren por um valor irrisório. A coisa fácil de fazer, a coisa certa, teria sido procurar a Sra. Gallant e pagar. Um bom valor no atacado poderia ter feito toda a diferença na vida dela. Mas você não fez isso; estava com medo de admitir que tinha esses livros porque isso colocaria todos eles em risco. Uma vez em toda a sua vida você foi contra seu próprio senso de decência e do que era certo. Você e Archer decidiram não contar a ninguém. Os livros eram legalmente seus, você não tinha que pagar nada àquela velhinha nem a ninguém. Mas se você tivesse pagado, se tivesse sido tão justo com aquela senhora quanto foi com Archer, talvez nada disso tivesse acontecido. Em vez disso, você decidiu ficar quieto, não se arriscar. Era só ficar quieto e ela ia embora, desapareceria, morreria, ou sei lá o quê. Você deveria ter pagado àquela mulher, Lee. Sei que é isso que seu instinto dizia, para pagar e apagar essa mancha da sua vida. Mas o tempo passou e aquela janela de oportunidade se fechou. Você se tornou juiz, e depois um juiz importante. O verdadeiro ponto sem volta foi sua entrevista com Reagan. Naquela ocasião, você teria se livrado dos livros com prazer, teria dado todos eles. Eram como um fardo ao redor de seu pescoço quando o presidente começou a pensar em você para a Suprema Corte. Esse foi seu motivo, Lee. Você faria qualquer coisa para uma chance de conseguir o cargo, e mesmo um pequeno escândalo, mesmo uma situação assim, na qual você estava legalmente certo, teria sido suficiente para anular por completo aquela possibilidade.”

Terminei minha bebida.

“Lee?”

Era Erin, e o tom de voz dela implorava para que ele negasse. “Diga que ele está louco.”

“Ele não pode fazer isso”, eu disse.

“Eu não a matei”, disse Lee. “Eu não a matei.”

Então ele disse “Ela simplesmente... morreu”.

“Oh, meu Deus.” Erin afundou no sofá. “Oh, meu Deus.”

“Erin, Cliff, me escutem”, disse Lee. “Eu não matei ninguém. Eu fui até a casa dela. Não devia ter ido, sei disso. Mas eu estava tão certo de poder tirar o livro dela... Eu sabia que eles eram pobres, você me contou isso, e as pessoas traem qualquer um se você pagar o suficiente. Achei que, se pagasse

o suficiente, ela diria a você que havia perdido o livro. Meu Deus, não sei o que eu estava pensando. Só fiquei lá alguns minutos. Mas alguma coisa saiu errada... ela se sentiu ameaçada por algo que eu disse... Porra, não foi nada, só uma ameaça velada, o que poderia acontecer se ela contasse a alguém que eu tinha estado lá. Eu não tinha intenção de machucá-la, ou o marido dela, mas ela ficou apavorada. Tentei fazer com que se calasse... *Por favor*, eu disse, *por favor!* Ela começou a gritar e então tudo ficou claro. Peguei o travesseiro, não para sufocá-la, pelo amor de Deus, apenas para fazê-la ficar quieta até que eu pudesse convencê-la. Deus sabe que eu não tinha motivo para matá-la. Tudo o que eu queria naquele momento era fazê-la ficar quieta e sair dali. Vocês têm que acreditar nisso.”

“Eu acredito, Lee”, eu disse. “Apenas gostaria que tivesse acontecido assim.”

“Tentei argumentar com ela. Disse para simplesmente esquecer que eu havia estado lá. Ela podia ficar com o livro, ficar com o livro e com o dinheiro, ela podia ficar com todo o dinheiro, eu não me importava mais. Tentei empurrar o dinheiro para ela...”

“E deixou uma parte dele enroscado na roupa de cama dela. A polícia tem as notas, Lee.”

“Eu queria fazer o que era certo. Isso é tudo o que eu queria. Discuti com Hal desde o começo. Precisávamos encontrar aquela senhora e pagar alguma coisa a ela, uma quantia considerável que apagasse aquela mancha da nossa vida. Pergunte ao Hal, ele vai contar o que tentei fazer.”

Coloquei meu copo vazio na mesinha de centro e fui para a porta. Em algum lugar atrás de mim ouvi Lee dizendo: “Isso não foi crime, Cliff. Foi um acidente. Foi um acidente, juro. Não havia intenção malévola. Você sabe que eu não poderia fazer isso. Eu não mataria ninguém”.

Coloquei a mão na porta.

“Cliff, por favor... Eu vi fazer do marido dela um homem rico.”

Eu me virei e disse: “Você tirou dele tudo que ele queria”.

“Vou fazer tudo certo, juro.”

“Não, você não consegue.”

“Consigo! Ninguém precisa saber disso.”

“Precisa, sim. Lamento, Lee. Você nunca vai saber o quanto lamento.”

“Erin. Fale com ele. Fale com ele! Isso não precisa sair daqui.”

Olhei para Erin, que estava sentada estarelecida com lágrimas escorrendo no rosto.

“Adeus, Lee”, eu disse.

Fui embora. Um momento depois ouvi Koko correndo pela calçada atrás de mim.

“Diante dessas circunstâncias, acho melhor ficar com você esta noite. Se você tiver espaço para mim.”

Coloquei o braço no ombro dela. “Eu sempre vou ter espaço para você, Kokinha.”

Em algum momento na madrugada daquele mesmo dia, Lee Huxley trancou-se na garagem e ficou lá sentado, com o motor do carro ligado, até morrer. Foi assim que terminou.

Durante dois dias ele foi notícia de primeira página e assunto quente nos programas de rádio. Todos os tagarelas de plantão se manifestaram e a especulação correu solta: Denver foi inundada com as costumeiras bobagens de mau gosto ditas por retardados mentais idiotas que tinham tempo de sobra. Dê um microfone a um idiota e ele se torna apenas uma versão amplificada do mesmo idiota.

Houve alguns poucos pontos altos. Para seus colegas, Lee era o melhor e o mais brilhante, um homem que avaliava cada julgamento e sempre se esforçava para fazer a coisa certa. A juíza Arlene Weston foi entrevistada e disse coisas boas. Ele era uma excelente pessoa, tão culto e benquisto. Ninguém imaginaria que ele viria a fazer isso consigo mesmo. Aquilo só provava que mesmo um grande poeta como John Donne podia estar errado. Todo homem é, na verdade, uma ilha, e os tormentos pessoais mais profundos podem coexistir com todos os ingredientes de uma vida feliz.

Vazou um rumor de que o presidente estivera interessado em Lee como um possível juiz da Suprema Corte, e os fofoqueiros correram a afirmar que o desapontamento fora um motivo provável. A Casa Branca não quis comentar. O porta-voz Marlin Fitzwater confirmou que Lee havia tido duas reuniões com o Sr. Reagan, mas nada foi revelado do que foi dito ou o quão sério seria o interesse de Reagan.

Seu enterro foi tumultuado. Toda a comunidade jurídica apareceu: a igreja estava abarrotada, pessoas ficaram em pé na rua e depois se dirigiram como um enxame para o cemitério, e a procissão de um lugar para o outro congestionou o tráfego por vinte quarteirões.

Assisti a tudo pela televisão com Koko. Lee foi enterrado no cemitério Crown Hill e instantaneamente se tornou uma lembrança passageira.

Com que rapidez até mesmo um homem proeminente é esquecido.

No sábado, depois do funeral, um carro parou na frente da minha

livraria. Encolhi quando Miranda desceu dele. Havia umas vinte pessoas na loja, mas a única que ela viu fui eu. Ela abriu a porta com força, gritando Seu FILHO DA PUTA! Seu filho da puta desgraçado, eu te odeio. Eu queria nunca ter colocado os olhos em você, eu quero que você morra!. Ela atravessou o salão e me bateu com os punhos até cair no chão, exausta.

Aparentemente Lee havia lhe deixado um bilhete. Eu posso imaginar o que estava escrito.

Uma semana depois recebi uma carta desagradável. Se pudesse me matar, ela faria isso com prazer. No final, ela disse “Você nunca vai ver aquele livro de novo. Eu o queimei”.

Quem sabe se ela realmente fez aquilo? Miranda sempre teve um profundo interesse por dinheiro, ela devia ter pelo menos uma ideia do valor do livro, mas tenho uma sensação lúgubre e vazia a esse respeito. Penso naqueles livros e em toda aquela correspondência manuscrita, e às vezes me pergunto onde Lee guardava aquelas cópias assinadas, e se Miranda teria ficado brava o suficiente para destruir todas elas. A ironia de que ela possa ter queimado o diário de Richard cem anos depois de Isabel ter queimado os papéis dele me dá dor de cabeça.

A verdade ainda não veio à tona. Talvez em seu desespero, era isso que Lee estava esperando: que, pelo menos, eu o deixasse com seu bom nome. Pelo que eu sabia, Whiteside não ia a parte alguma com sua investigação sobre a morte de Denise: o caso ficara em segundo plano à medida que apareciam novos assassinatos. Eu sabia que Lee deve ter deixado alguma evidência naquele quarto — afinal de contas, o que ele sabia de encobrir um crime, especialmente no calor da hora? —, mas um investigador não sai por aí pedindo amostras aleatórias de cabelo ou impressões digitais de um jurista proeminente que não tinha uma ligação óbvia com a vítima. Se Whiteside tivesse um nome, um motivo para suspeitar, ele podia fechar o caso em poucas horas. Se Denise tivesse sido uma das chamadas pessoas importantes de Denver, ele podia ser forçado a considerar o impensável, mas não é provável que isso aconteça agora. Continua sendo um daqueles casos sem culpado provável, e Ralston ainda é o único suspeito. Quem sabe onde começa uma cadeia de acontecimentos? Alguns diriam que a tragédia de Lee Huxley havia começado muito antes de ele nascer, quando Richard Burton veio para os Estados Unidos e conheceu Charlie Warren. Quanto a mim, não consigo realmente ir tão longe, não sou esse tipo de pensador cósmico. Para mim começou quando Lee e Archer fizeram seu pacto maldoso. Todos os

desdobramentos vêm daí.

Não importa onde tudo começou, foi acabar na garagem de Lee.

Há mais uma coisa: Reagan indicou Anthony M. Kennedy do 9º Tribunal Federal de Recursos, e Kennedy entrou para a Suprema Corte em fevereiro de 1988.



Nas semanas seguintes à morte de Lee, a maioria dos acontecimentos relacionados foi resolvida. Recebi um telefonema de Vinnie Marranzino. Ele nem me cumprimentou, apenas disse: “Ei, Cliff, está tudo acertado. Fale comigo se tiver mais algum problema em relação ao caso”.

Tentei agradecer, mas ele me descartou. “Não precisa agradecer um velho amigo, Cliff. Devíamos nos encontrar algum dia. Tomar umas pelas velhos tempos.”

Mas ele sabe que isso não vai acontecer.



Chegaram trabalhadores para limpar o terreno da casa de Koko em Ellicott City. Misteriosamente a casa começou a se erguer novamente das cinzas, e Janet, a amiga dela, dava-lhe relatórios quase diários sobre o progresso da obra. O dinheiro do prêmio do seguro ia ficar para ela guardar, dar a alguém ou atirar no rio Potomac: não sei o que as cláusulas do seguro dizem a esse respeito. Ninguém recebeu nenhuma conta para pagar, e aposto que nem vai receber. “Se me deixarem ficar com o dinheiro, talvez eu faça uma doação a alguma biblioteca”, disse Koko. “Eles podem montar uma Sala Charles Warren, mesmo sem ter os livros dele nem saber quem ele era.”

Ela ficou comigo durante um mês.

Não sei para onde foi Erin.



Dirigi até Vegas e encontrei Ralston trabalhando como crupiê em um cassino. Eu havia pagado as despesas do funeral de Denise e não sobrara muito para dar a ele, mas inventei um pouco a favor dele no livro fiscal. “Há dez mil no banco a hora que você quiser, mas você vai ter que voltar a Denver para buscar. Não vou mandar para cá, e você precisa me dar sua palavra de que não vai desperdiçar nem com jogo nem com bebida.”

“Você não acha que está pedindo muito?”

“Apenas o que Denise pediria, Mike.”

Contei-lhe o que havia acontecido, toda a triste história do juiz Lee Huxley. Mike ainda não apareceu, mas ele é jovem e tem tempo para se encontrar de novo.

A vida realmente continua. Voltei a trabalhar, farejando livros na parte leste da avenida East Colfax.

Eu pensava em Lee quase que constantemente naqueles dias e noites quentes. Às vezes pensava na derradeira promessa que eu fizera a Josephine Gallant e sabia que aquilo sempre me deixaria com uma sensação de vazio.



Em uma noite no começo do outono eu estava sentado na livraria olhando as luzes da rua se acenderem uma a uma. Se houve algum vencedor em todo esse negócio lamentável, pensei, provavelmente era eu. Eu tinha duas das maiores obras de Burton em impecáveis primeiras edições assinadas, livros que poucos livreiros podem imaginar possuir ou manusear, mas não estava dando muita importância. Boa parte da alegria de possuí-los havia desaparecido; talvez os vendesse, afinal. Eu teria aberto mão deles em um segundo se nada daquilo tivesse acontecido, e sei que Lee teria feito isso em diversos pontos na trajetória dos acontecimentos. Eu ainda acreditava nele, no fundo ele era um homem decente, enredado naquilo menos por sua própria mão do que pelos pecados do avô. Uma vez na vida ele se colocou contra sua própria boa índole e pagou um preço terrível.

Fiquei olhando a rua. Aquela noite ia ser bem comprida, cheia de fantasmas.

Eu sabia que tinha que voltar à boa forma. Fazia semanas que não corria e tinha começado a beber demais. Evitava as pessoas, não comia direito e minha aparência estava sofrível. Eu me via em um futuro distante, um velho maluco como o livreiro de Charlotte, escondido em meu próprio mundo doido, sendo grosseiro com as pessoas, tentando extrair delas cada centavo. Será que isso era uma fantasia ou uma profecia? Eu não sabia dizer, mas aquilo criou uma atmosfera ainda mais sombria naquela noite. Do lado de fora, as pessoas noturnas saíam e andavam pela rua. Era hora de dar o dia por encerrado. Então o telefone tocou, e alguma coisa relacionada ao dia me fez atender.

“Oi”.

Reconheci imediatamente a voz dela, e lhe disse o quanto lamentava.

“Eu sei disso”, disse ela com delicadeza. “Eu também lamento.”

“E então, o que você tem feito ultimamente?”

“Tentando terminar meu livro. Não é um livro muito bom, mas acho que vou acabá-lo assim mesmo.”

“O autor provavelmente não é o melhor juiz de seu texto.”

“O autor é o único juiz.”

Houve uma longa pausa diante da palavra juiz.

“Mesmo que isso seja verdade”, eu disse finalmente, “você não está terminando esse livro em circunstâncias ideais.”

“Estou cansada de me enganar. Não vou nem mesmo tentar publicá-lo.”

“Dê um tempo, Erin. Dê um tempo.”

“Claro.”

Então ela disse: “Um sábio uma vez me disse que alguns de nós não foram feitos para serem escritores.”

“Mesmo um sábio não pode saber tudo.”

“O velho Janeway de sempre. Você tem uma resposta para tudo.”

“E tenho mais uma: talvez você tenha tudo o que é necessário para ser livreira.”

“Já pensei nisso.”

“E sempre dá para continuar escrevendo quando a inspiração voltar.”

“Se voltar.”

Isso soou depressivamente como o fim da conversa. Mas depois de um

período de silêncio, ela perguntou: “Por acaso você sabe que dia é hoje?”.

É claro que eu sabia, era por isso que eu havia atendido o telefone. Eu havia pensado naquilo o dia todo. Era o quadragésimo dia.

Fiquei ouvindo os ruídos do telefone por um tempo. Então ela disse: “Não saia, eu vou até aí”.

FIM

Os leitores que quiserem saber mais sobre Richard Burton devem procurar três excelentes biografias. A de Fawn Brodie, *The devil drives* (Norton, 1967), foi o primeiro relato sobre a vida de Burton a separá-lo de sua reputação de salafrário, e continua a ser um texto muito apreciável. *Captain Sir Richard Francis Burton*, de Edward Rice (Scribner, 1990, edição brasileira: trad. Denise Bottmann, Companhia das Letras, 2008), capta admiravelmente os detalhes e mistérios da vida de Burton. *A rage to live* (Londres: Little, Brown, 1998), de Mary S. Lovell, é uma sólida e bem pesquisada biografia dupla de Richard e Isabel.

Um romance biográfico de William Harrison, *Burton and Speke*, foi transformado em um filme que vale a pena ser visto, *As montanhas da Lua*, 1990.

A Annotated bibliography of Sir Richard Francis Burton (Londres: 1923), de Norman Penzer, ainda é a melhor fonte de informação sobre a vasta produção literária de Burton.

Table of Contents

[Contracapa](#)

[Prólogo](#)

[Livro um](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[5](#)

[6](#)

[7](#)

[8](#)

[9](#)

[10](#)

[11](#)

[12](#)

[13](#)

[Livro dois](#)

[14](#)

[15](#)

[16](#)

[17](#)

[18](#)

[Burton e Charlie](#)

[19](#)

[Livro três](#)

[20](#)

[21](#)

[22](#)

[23](#)

[24](#)

[25](#)

[26](#)

[27](#)

[28](#)

[29](#)
[30](#)
[31](#)
[32](#)
[33](#)
[34](#)
[35](#)
[36](#)
[37](#)
[38](#)
[39](#)

[Denver](#)

[40](#)

[Epilogo](#)

[Nota final](#)